



**UAA**

**UNIVERSIDAD AUTÓNOMA DE ASUNCIÓN FACULTAD DE  
CIENCIAS HUMANÍSTICAS Y DE LA COMUNICACIÓN  
DOCTORADO EN CIENCIAS DE LA EDUCACIÓN**

**RELEVÂNCIA DOS CONTOS DE FADAS NA CONSTRUÇÃO DA  
PERSONALIDADE INFANTIL DE ALUNOS DE ESCOLAS  
MUNICIPAIS DE EDUCAÇÃO INFANTIL DO BAIRRO SAN  
MARTIN RECIFE-PE**

**ELAINE FERREIRA BANJA FERNANDES**

**Asunción-Paraguai  
2018**

**ELAINE FERREIRA BANJA FERNANDES**

**RELEVÂNCIA DOS CONTOS DE FADAS NA CONSTRUÇÃO DA  
PERSONALIDADE INFANTIL DE ALUNOS DE ESCOLAS MUNICIPAIS DE  
EDUCAÇÃO INFANTIL DO BAIRRO SAN MARTIN RECIFE-PE**

Tese a ser apresentada para Universidad Autónoma de Asunción (UAA) como requisito final para a obtenção do Título de Doctora en Ciencias de la Educación.

**Orientador:** Professor Dr. Diosnel Centurión, Ph.D.

**Asunción-Paraguai  
2018**

Fernandes, Elaine Ferreira Banja

**Relevância dos contos de fadas na construção da personalidade infantil de alunos das escolas municipais de educação infantil do bairro San Martin Recife-PE.** Elaine Ferreira Banja Fernandes. 2018.

Universidad Autónoma de Asunción - Paraguay, 2018. Páginas:144

Orientador: Dr. Diosnel Centurión, Ph.D.

Tesis de Doctorado en Ciencias de la Educación

Áreas: Contos de fadas. Afetividade. Personalidade. Educação infantil.

Código de biblioteca: .....

ELAINE FERREIRA BANJA FERNANDES

**RELEVÂNCIA DOS CONTOS DE FADAS NA CONSTRUÇÃO DA  
PERSONALIDADE INFANTIL DE ALUNOS DAS ESCOLAS MUNICIPAIS  
DE EDUCAÇÃO INFANTIL DO BAIRRO SAN MARTIN RECIFE-PE.**

Esta tesis fue evaluada y aprobada en fecha \_\_/\_\_/\_\_\_\_ para la obtención del título de Doctora en Ciencias de la Educación por la Universidad Autónoma de Asunción – UAA.

Avaliador -1. Prof. Dr.....

Assinatura.....

Avaliador -2. Prof. Dr.....

Assinatura.....

Avaliador- 3. Prof. Dr.....

Assinatura.....

Avaliador- 4 .Prof. Dr.....

Assinatura.....

Avaliador- 5. Prof. Dr.....

Assinatura.....

**Asunción - Paraguai**

**2018**

## **DEDICATÓRIA**

Dedico este estudo a Deus em primeiro lugar, por ter me concedido força e persistência para chegar ao término deste trabalho, e principalmente pela coragem de assumir meus sonhos e torná-los concretos.

## **AGRADECIMENTOS**

Sem algumas pessoas que estiveram ao meu lado o tempo todo, ora como anjos protetores, ora como fadas e duendes mágicos esta tese não seria possível. Muitos foram aqueles que deram sua contribuição incontestável ao conteúdo deste estudo.

Alguns pela boa vontade em escutar o que me inquietava e o que ocupava a minha mente, assim encorajaram-me a projetá-los para o exterior. Outros me ajudaram com perguntas e sugestões. Outros ainda, com críticas, causaram-me o desejo de registrar meus pensamentos e questionamentos para ser capaz de analisar e interpretar com maior propriedade essas indagações.

Em primeiro lugar, a minha querida mãe, a meus filhos, em especial a Filipe pelo incentivo e pela grande luz, e por todos estarem próximos em todos os momentos de minha vida, enfrentando e compartilhando junto comigo as dificuldades e alegrias.

Grata à Universidade Autónoma de Asunción que possibilitou este estudo, notadamente ao Doutor Antonio Torres e ao Doutor Tomás Campoy este par docente de excelência no auxílio e a condução deste projeto de pesquisa, principalmente no que se refere a coordenação do doutorado. Aos amigos e amigas. Pelo incentivo e acolhimento nos muitos momentos na elaboração desta Tese.

Aos demais professores e colegas do doutorado que discutiram comigo estas e outras ideias, gente igualmente generosa e envolvida pelo encantamento da pesquisa a respeito da Psicanálise da Educação infantil

Ao meu orientador Dr. Diosnel Cinturión que me passo muito a competência e zelo acadêmico.

Por fim, agradeço a todos os funcionários da Universidade pessoas incríveis pelo carinho e atenção pelos esclarecimentos de cada contato dos quais falo com emoção e saudades.

Muito Obrigada! Que Deus abençoe a todos!

**EPIGRAFE**

“O sonho é a estrada real que conduz ao Inconsciente”  
*Sigmund Freud (2017)*

## RESUMO

O presente estudo teve por objetivo geral analisar a relevância dos contos de fadas na construção da personalidade infantil como valor integrador de vínculos afetivos nos alunos nas Escolas Municipais de educação infantil do Bairro San Martin de Recife, estado de Pernambuco. O trabalho teve o enfoque qualitativo, do tipo fenomenológico descritivo, os dados foram coletados por meio de Observação nas escolas, Entrevistas a 5 professoras e os Questionários a 100 alunos de 5 anos de idade da educação infantil. Pode-se dizer que as histórias de contos de fadas possui grande relevância no cotidiano escolar e nas atividades pedagógicas, pois, estes contribuem para o desenvolvimento das crianças nos mais variados aspectos desde o aspecto afetivo, cognitivo, psíquico e social, ainda, as crianças conseguem lidar melhor com seus diferentes estados emocionais, conseguindo fazer juízo ou, ter discernimento entre o bem e o mal, favorecendo na formação da personalidade na aquisição de valores éticos sociais, bem como, na contribuição para a melhoria do processo ensino aprendizagem. Porém, se percebeu problemas como a omissão escolar, a falta de materiais para a prática, assim, como a necessidade de mais profissionais dispostos a trabalhar com os contos de fadas em sua práticas. Assim sendo, os contos de fadas se apresentam como de fundamental importância no ambiente escolar uma prática efetiva para diceminar a formação integral das crianças.

**Palavras-chave:** Contos de fadas; Construção da personalidade; Valores éticos; Educação infantil.



## RESUMEN

El presente estudio tuvo por objetivo general analizar la relevancia de los cuentos de hadas en la construcción de la personalidad infantil como valor integrador de vínculos afectivos en los alumnos en las Escuelas Municipales de educación infantil del Barrio San Martín de Recife, estado de Pernambuco. El trabajo tuvo el enfoque cualitativo, del tipo fenomenológico descriptivo, los datos fueron recolectados por medio de Observación en las escuelas, Entrevistas a 5 profesoras y los Cuestionarios a 100 alumnos de 5 años de edad de la educación infantil. Se puede decir que las historias de cuentos de hadas tienen gran relevancia en el cotidiano escolar y en las actividades pedagógicas, pues, estos contribuyen al desarrollo de los niños en los más variados aspectos desde el aspecto afectivo, cognitivo, psíquico y social, aún, los niños y en el sentido de que el hombre no es un ser humano, sino un ser humano, un ser humano y un ser humano. Sin embargo, se percibió problemas como la omisión escolar, la falta de materiales para la práctica, así, como la necesidad de más profesionales dispuestos a trabajar con los cuentos de hadas en sus prácticas. Así, los cuentos de hadas se presentan como de fundamental importancia en el ámbito escolar una práctica efectiva para diceminar la formación integral de los niños.

**Palabras clave:** Cuentos de hadas; Construcción de la personalidad; Valores éticos; Educación infantil.

## SUMÁRIO

RESUMO.....	vii
RESUMEN.....	ix
LISTA DE QUADROS.....	xiii
LISTA DE TABELAS.....	xiv
LISTA DE FIGURAS.....	xv
<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>2</b>
<b>1. O CONTO DE FADAS E SUA LONGA VIAGEM.....</b>	<b>7</b>
1.1 Contos de Fadas.....	7
1.1.1 Charles Perrault (1628-1786).....	11
1.1.2 Irmãos Grimm (1785-1863).....	15
1.1.3 Hans Cristian Andersen (1805-1875).....	17
1.2 Evolução Histórica dos Contos de Fadas.....	18
1.3 Uma História a parte aos Contos de Fadas.....	21
1.3.1 A oralidade dos contos e o povo Celta.....	23
1.4 A Presença de Monteiro Lobato.....	24
1.4.1 A literatura infantil.....	27
1.4.1.1 A literatura de Charles Perrault .....	27
1.4.1.2 A literatura dos Irmãos Grimm .....	28
1.4.1.3 Literatura de Hans Cristian Andersen.....	29
<b>2. A LITERATURA INFANTIL: CONTOS DE FADAS NA FORMAÇÃO INTEGRAL DA CRIANÇA.....</b>	<b>31</b>
2.1 Psicanálise: A contribuição para a construção de valores das crianças.....	41
2.2. Um breve histórico da Psicanálise.....	41
2.2.1 Um pouco das teorias psicanalíticas.....	50
2.2.2 A psicanálise e os contos de fadas.....	53
2.3 O Significado do lúdico para o desenvolvimento da criança.....	54
2.3.1 A ludicidade dos Contos de fadas e suas reflexões psicanalíticas.....	59
2.4 A Personificação nos Contos de Fadas.....	60

2.4.1 O Significado das ilustrações nos Contos Infantis.....	63
2.4.1.1 A bela adormecida de Charles Perrault.....	63
2.4.1.2 As Ilustrações sob o ponto de vista Psicanalítico.....	65
2.4.1.3 O Conto de Fadas numa abordagem Psicanalítica.....	67
2.4.1.4 Teoria Freudiana e os contos de fadas de (entrada).....	68
2.4.1.5 A relação da psicanálise Freudiana com os contos de fadas.....	75
2.5 A criança os (contos de fadas) e o desenvolvimento do seu Psíquico.....	77
2.5.1 Jean Piaget e o Desenvolvimento do Psiquismo Infantil.....	83
2.5.1.1 Valores importantes para a formação da criança.....	87
2.5.1.2 Os Contos de Fadas na Construção dos Valores da Criança.....	89
2.5.1.3 Os contos de fadas e os benefícios para a educação.....	94
2.5.1.4 Contos de fadas como uma didática significativa na educação infantil.....	94
2.5.1.5 Os contos de fadas x aprendizagem Lúdica.....	99
2.5.1.6 Benefícios terapêuticos dos contos de fadas.....	100
2.5.1.7 Atividade escolares e o desenvolvimento infantil.....	102
2.5.1.8 A Contação das Histórias Infantis.....	104
<b>3. ASPECTOS METODOLÓGICOS.....</b>	<b>108</b>
3.1 Procedimentos metodológicos.....	107
3.2 População da pesquisa.....	109
3.3 Amostra da pesquisa.....	110
3.4 Desenho, tipo e enfoque da pesquisa.....	110
3.5 Técnicas e instrumentos de coleta de dados.....	111
3.5.1 Local e época das pesquisa.....	112
3.6 Validez e Confiabilidade.....	113
3.6.1 Técnicas e procedimento de coleta de dados.....	114
3.6.2 Triangulação dos dados.....	115
<b>4. RESULTADOS: ANÁLISE E DISCUSSÃO .....</b>	<b>116</b>
4.1 Procedimento das análises .....	116
4.2 Observação da pesquisa de Campo.....	117
4.2.1 Observação: Objetivo Específico nº 1.....	118

4.2.2 Observação: Objetivo Específico nº 2.....	121
4.2.3 Observação: Objetivo Específico nº3:.....	124
4.2.4 Discussão dos resultados da Observação.....	126
4.3 Análise entrevista com os professores.....	127
4.3.1 Primeiro objetivo Específico: Entrevista.....	127
4.3.1.1 Segundo objetivo Específico: Entrevista.....	130
4.3.1.2 Terceiro objetivo Específico: Entrevista.....	133
4.3.1.3 Discussão dos resultados das entrevistas.....	135
4.4 Análise dos questionários aplicados aos alunos com (5) anos de idade.....	136
4.4.1 Primeira categoria/Desenvolvimento cognitivo.....	136
4.4.2 Segunda categoria/Fortalecimento da personalidade.....	138
4.4.3 Terceira Categoria/ Relevância da formação Psicológica.....	139
4.4.4 Discussão dos resultados dos questionários.....	141
<b>5. CONCLUSÃO.....</b>	<b>143</b>
<b>6. RECOMENDAÇÕES.....</b>	<b>147</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>149</b>
<b>APÊNDICES.....</b>	<b>158</b>
Apêndice A: Validação dos Instrumentos por expertos.....	159
Apêndice B: Pesquisa etnográfica (Observação campo).....	165
Apêndice C: Entrevista aplicada a (05) professores Regentes I.....	166
Apêndice D: Questionário aplicado a (100) alunos.....	167
Apêndice E: Teatro Chapeuzinho Vermelho alunos da Prof. Regente (P1).....	169
Apêndice F: Plano de aula semanal da (P1).....	170
Apêndice G: Atividades contextualizadas Contos de fada “A chapeuzinho Vermelho.....	176
Apêndice H: Imagens de “Contos de fadas” descritos na pesquisa.....	177
Apêndice I: Descrição e análise do Conto de fadas na visão psíquica da B. Adormecida.....	181

## LISTA DE QUADROS

Quadro nº 1: Observação de Campo: Escola (1), (2), (3), (4), (5).....	119
Quadro nº 2: Observação de Campo: Escola (1), (2), (3), (4), (5).....	122
Quadro nº 3: Observação de Campo: Escola (1), (2), (3), (4), (5).....	125
Quadro nº4: Entrevista: Contos de fadas e o desenvolvimento cognitivo.....	129
Quadro nº5: Entrevista: Contos de fadas e o fortalecimento da personalidade.....	132
Quadro nº6: Entrevista: Quanto a relevância dos contos de fada na formação Psicológica.....	134

## LISTA DE TABELAS

Tabela nº1: Sobre o desenvolvimento cognitivo.....	136
Tabela nº2: Contos de fadas e a relevância na formação psicológica.....	138
Tabela nº3: Contos de fadas e a relevância na formação psicológica.....	139
Tabela nº4: Objetivo 1. Contos de fadas e a contribuição/desenvolvimento cognitivo.....	139
Tabela nº5: Análise geral da triangulação dos resultados.....	145
Tabela nº5: Análise geral da triangulação dos resultados.....	146
Tabela nº7: Análise geral da triangulação dos resultados.....	148

## **LISTA DE FIGURAS**

Figura nº2: Localização do local da pesquisa.....	113
Figura nº2: Triangulação de dados.....	116

## INTRODUÇÃO

Contos de fadas uma lembrança significativa que nos transporta a infância “era uma vez...” e as muitas histórias vivenciadas, durante dez anos de vida docente junto aos alunos da educação infantil da cidade de Recife. Crianças de zero a cinco anos de idade, nessa faixa etária, geralmente apresentam necessidades de um trabalho mais lúdico e prazeroso o qual estimule a motivação e a alegria para participar do processo de maneira mais lúdica e prazerosa. A qualidade dos contos de fadas pode favorecer muito o desenvolvimento emocional e psicológico das crianças através da contação de história, poderá proporcionar a mais profunda essência do ser, desde a magia, a fantasia, a imaginação e conduz as crianças a uma dimensão além do salutar entretenimento.

Deste modo, este estudo busca compreender e refletir um pouco mais sobre a importância do estatuto da psicanálise aplicada aos contos de fadas, com grande possibilidade de diálogo com outros saberes na prática pedagógica. Algumas crianças ainda não são estimuladas, sensibilizadas para com a beleza dessas histórias, incapazes de construir uma visão do certo e do errado e muitas vezes, crescem, sem noção e princípios de moral. A família por inúmeras vezes ainda se apresenta de forma omissa, não propiciando aos filhos o contato com histórias que trabalhem conceitos e valores, muitas vezes por falta de tempo ou até mesmo por falta de conhecimento, condições financeiras ou de estrutura.

Assim sendo, a contação de histórias (contos de fadas) pode ser uma alternativa lúdica e construtora caráter as crianças, dentro de uma perspectiva positiva para a construção de conceitos do bem e do mau. Uma história realmente prende a atenção da criança, pode entretê-la e ainda despertar várias curiosidades. Mas, para que estão enriqueça sua vida, deverá estimular a imaginação; ajudá-la a desenvolver o seu intelecto tornando claras a emoção, ainda, deve estar “harmonizada com sua ansiedade, suas aspirações e reconhecer suas dificuldades e, ao mesmo tempo, sugerir soluções para os problemas que a perturbam” (Bettelheim, 2007, p. 13).

Ao analisarmos a assertiva do autor confrontamos com algumas questões que se tornam pertinentes na discussão do papel dos contos de fadas no processo de desenvolvimento da criança, destacamos alguns **questionamentos**:



Como e de que forma os contos de fadas favorecem o desenvolvimento cognitivo da criança?

Quais os fatores dos quais os contos de fada contribuem para a construção e o fortalecimento da personalidade e dos valores sociais na criança?

Qual a relevância dos contos de fada na formação psicológica das crianças?

Essas questões alavancaram a **problemática**: Qual a relevância dos contos de fadas na construção da personalidade infantil enquanto valor integrador de vínculos afetivos dos alunos das 5 Escolas Municipais de Educação Infantil do bairro San Martin Recife-PE?

Entretanto, muitas situações que a criança vivencia no seu cotidiano, e que muitas vezes interferem no seu aproveitamento escolar, dentre elas, podemos fazer menção a agressividade, ao preconceito, a rejeição, a inveja, a discórdia entre amigos e irmãos, dentre outras dificuldades emocionais.

Diante deste panorama elencamos o **Objetivo Geral**: Analisar a relevância dos contos de fadas na construção da personalidade infantil enquanto valor integrador de vínculos afetivos dos alunos das 5 Escolas Municipais de Educação Infantil do bairro San Martin Recife-PE.

Para melhor delinear da pesquisa os **Objetivos Específicos** que buscam:

- 1) Verificar de que forma os contos de fadas favorecem o desenvolvimento cognitivo das crianças; 2) identificar os fatores dos quais os contos de fada contribuem para a construção e o fortalecimento da personalidade e dos valores sociais na criança; 3) especificar a relevância dos contos de fada na formação psicológica das crianças.

Essa pesquisa se **justifica** devido a esses aspectos relevantes desde a construção do social, emocional, cognitivo e psicológico da criança. Uma vez que os contos de fada conquistam os sujeitos emocionalmente transformando-os em seres mais preparados para a vida em sociedade. Assim sendo, o professor deve estar atualizado para sua prática pedagógica a partir da formação continuada para oportunizar momentos diversos, significativo de aprendizagem, fazendo com que as experiências pedagógicas sejam prazerosas partindo do cotidiano da criança.

Neste sentido Freire (1982) afirma que não existe ensinar sem aprender. Ensinar e aprender se vão dando de tal maneira que quem ensina aprende de um lado, porque reconhece

um conhecimento antes aprendido e, de outro, porque, observa a maneira como a curiosidade do aluno trabalha para aprender o ensinado.

Esta pesquisa visa a contribuir para os estudos da psicanálise no que tange ao entendimento analítico dessas preciosas histórias da literatura infantil, em especial quanto à sua aplicabilidade educacional nas classes iniciais quando são usados como uma forma de expressão e simbolização do sofrimento. Neste sentido nos propomos a apreender elementos teóricos científicos que possibilitem o entendimento dos efeitos dos contos de fadas para as crianças de maneira a responder se na relação criança contos fadas, o conto de fadas favorece no desenvolvimento da criança.

Com base em nossa vivência, podemos considerar que os contos de fadas sobrepujam às histórias reais de vida, já que, além de exercerem fascínio nas crianças, também refletem suas sensações, emoções, temores e situações com as quais muitas vezes defrontam-se em seus cotidianos.

Uma vez que a criança vive frente a instabilidade de que um processo em construção, formam os mais variados processos complexos desde a separação individualização, com isso, a criança aumenta seu repertório e conhecimentos sobre o mundo e transfere para os personagens seus principais dramas, por ser na infância que aparecem os temores dentre os quais a separação dos pais.

Neste sentido, a pesquisa busca entender os efeitos dos contos de fadas para as crianças, enquanto condição imprescindível para a construção de um adulto mais saudável um embasamento pertinente à luz dos pilares teóricos das áreas da psicanálise, da psicologia, da filosofia e da educação, dentre outras.

Os contos de fadas já não se reservam apenas à função de distração ou de acalanto ao sono das crianças, mas seu poder se expressa na magia e na fantasia que despertam no infante. Tornam-se, assim, alvo do estudo científico de diversas ciências do conhecimento e do desenvolvimento infantil, como a Pedagogia, a Psicologia e, em especial, a psicanálise (Schneider & Torossian, 2009, p. 134).

Os contos de fadas, que têm seduzido gerações em diferentes países, ao longo dos séculos, até mesmo antes de serem registrados pela escrita, a forma de conhecer, as histórias eram pela formação coletiva da espiritualidade e da cultura de inúmeros povos.

Nesse universo do imaginário pode se entender que as crianças mergulham no intuito de aproximar sua realidade aos contos de fadas e se descobrem enquanto sujeitos da leitura que se apropriam. Nesse sentido, os contos de fada permitem as crianças a se identificarem ou não com as dificuldades ou alegrias de seus heróis, cujos feitos narrados expressam a condição humana frente às provações da vida. Sendo assim as crianças encontram por intermédio do universo dos contos de fadas a melhor maneira de viver.

A pesquisa traz em seu marco teórico a história dos contos de fadas, a Psicanálise e suas contribuições para a construção dos valores da criança, os contos de fadas e suas reflexões psicanalíticas, A criança e o desenvolvimento de seu psíquico, valores importantes para a formação da criança, os contos de fadas e os benefícios para educação infantil.

Diante do contexto, pode-se considerar que os contos de fadas podem exercer um papel fundamental para a formação da personalidade da criança, neste caso a literatura se mostra de extrema importância para auxiliar nessa construção nela, a criança ocupa o espaço privilegiado de acesso à leitura, sendo imprescindível que se crie possibilidades para esse desenvolvimento, bem como, suscitar o gosto pela literatura por intermédio de livros significativos do universo da criança.

A literatura por meio dos (os contos de fadas) podem favorecer a construção social afetiva numa nova relação experimentando tipos diferentes de emoções com diferentes sentimentos, bem como, uma proporcionar um sabe expectativa de mundo melhor, adequado com condições para o desenvolvimento intelectual partindo dos princípios individuais, aos quais podem ir se aprimorando com seus próprios sentimentos e ações.

Neste sentido, Bettelheim (2007) afirma que a criança desenvolve por meio da literatura tanto no potencial crítico, reflexivo, social, afetivo destacando que a partir do contato com um texto literário, a criança é capaz de refletir, indagar, questionar, escutar outras opiniões, articular e reformular seu próprio pensamento.

O estudo foi baseado no design não experimental, tipo descritivo e enfoque misto – qualitativo e quantitativo. A população esteve composta por professores e alunos da instituição. Os dados foram coletados através de questionários e entrevistas.

O estudo está dividido em capítulos. No primeiro capítulo se apresenta O conto de fadas e sua longa viagem. Os sub - tópicos são: Contos de Fadas; Evolução Histórica dos Contos de Fadas; Uma História a parte aos Contos de Fadas; A Presença de Monteiro Lobato.

O capítulo 2 trata da Literatura infantil: contos de fadas na formação integral da criança. O capítulo consta de: Psicanálise: A contribuição para a construção de valores das crianças; um breve histórico da Psicanálise; O Significado do lúdico para o desenvolvimento da criança; A Personificação nos Contos de Fadas; A criança os (contos de fadas) e o desenvolvimento do seu Psíquico;

O capítulo 3 aborda Aspectos metodológicos. Ele inclui: Problema e objetivos; Variáveis; Unidade de análise, população e amostra; Design, tipo e enfoque do estudo; Técnicas e instrumentos de coleta de dados; Técnicas de análise de dados.

O capítulo 4 apresenta os Resultados: análise e discussão. Ele consta de: Observação da pesquisa de Campo; Discussão dos resultados da Observação; Análise entrevista com os professores; Discussão dos resultados das entrevistas; Análise dos questionários aplicados aos alunos com (5) anos de idade.

Por último, se apresentam as conclusões e recomendações.

## 1. OS CONTOS DE FADAS E SUA LONGA VIAGEM

Neste capítulo o destaque é para as histórias (contos de fadas) que encantaram e continuam encantando a todos, crianças, adolescentes, adultos e idosos. Se busca explicações do que são contos de fada? O que representa os contos de fadas? Como surgiram? Sua origem? Relatos de fatos da vida misturados a suas fantasias, que transmitidos como algo realmente vivido.

### 1.1 Contos de Fadas

Para Franz (1995) os Contos de Fadas se originam a partir de uma história particular, de um devaneio um sonho ou alucinação em estado de vigília ocorrido a uma pessoa. Após a história ser contada e recontada ela vai perdendo seus elementos particulares e se tornando mais geral. Com a perda, por exemplo, da definição do tempo, lugar, nomes específicos dos personagens dentre outros, a história deixa de ter raízes presas à um lugar e ganha novas fronteiras sendo recontadas sob a influência da cultura por onde passa adquirindo, assim, elementos do inconsciente coletivo.

Desta forma, a história vai sendo alterada e suas características de saga local se transformam em Contos de Fadas Franz (1995, p. 33), “os Contos de Fadas são abstrações de uma saga local condensada, e cuja forma se cristalizou, o que permite ser mais facilmente contada e retida na memória, tocando mais diretamente as pessoas”.

[...] o maravilhoso, o imaginário, o onírico, o fantástico... deixaram de ser vistos como pura fantasia ou mentira, para ser tratados como portas que se abrem para determinadas verdades humanas [...] A visão mágica do mundo deixou de ser privativa das crianças, para ser assumida pelos adultos. [...] O que nelas parece apenas “infantil”, divertido ou absurdo, na verdade carrega uma significativa herança de sentidos ocultos e essenciais para a nossa vida (Coelho, 2003, p. 9).

Muito além de fantasia tem a diversão, essas histórias dialogam com o interior de cada pessoa ajudando a superar algumas dificuldades da vida. É como se fosse um suporte

de coragem ao indivíduo quando este necessita ultrapassar um obstáculo, mas nem mesmo faz ideia de como o faz. Uma das mensagens que mais é assimilada nos contos de fada é:

[...] uma luta contra dificuldades graves na vida é inevitável, é parte intrínseca da existência humana, mas, que se a pessoa não se intimida, mas se defronta de modo firme com as opressões inesperadas e muitas vezes injustas, ela dominará todos os obstáculos e, ao fim, emergirá vitoriosa (Bettelheim, 2007, p.14).

Esse contexto encorajador, que o autor aponta, vem muitas vezes em forma de dificuldades extremas para os personagens principais dos contos de fadas, tais como a morte e a velhice - assuntos difíceis de lidar em qualquer que seja a idade. Porém, mesmo sendo necessário que o protagonista passe por tais problemas, também é necessário que este aprenda como lidar com a situação. Somente assim ele sairá vitorioso. O que é válido também na vida real. Bruno Bettelheim exemplifica sua ideia quando nos relata que

[...] muitas histórias de fadas começam com a morte da mãe ou do pai; nestes contos a morte do progenitor cria os problemas mais angustiantes, como isto (ou o medo disto) ocorre na vida real. Outras histórias falam sobre um progenitor idoso que decide que é tempo da nova geração assumir. Mas antes que isto possa ocorrer o sucessor tem que provar-se capaz e valoroso (Bettelheim, 2007, p. 15).

As crianças que por ventura sofreram perdas de um ou outro progenitor, ou ainda, ambos os progenitores, podem vivenciar suas dificuldades, apesar das perdas. Desde que estas estejam inseridas em suas realidades de vida, como um prognóstico que faz parte do ciclo da vida, facilitando dessa forma o seu enfrentamento.

Outro aspecto identificado nas histórias infantis destacado por Coelho (2003) são as características fundamentais dos contos de fadas é a realização pessoal no próprio personagem, do herói, dando forma existencial, ou seja, a realização interior, com ou sem a presença de fadas (mas sempre com o maravilhoso) argumento se desenvolvem dentro da magia férrea de (reis, rainhas, príncipes, princesas, fadas, gênios, bruxas, gigantes, anões, objetos mágicos, metamorfoses, tempo e espaço fora da realidade conhecida etc.) com um eixo gerador ou uma problemática existencial “[...] a realização essencial do herói ou da heroína [...] que, visa as regras, está visceralmente ligada à união homem mulher” (Coelho, 2003, p. 13).

Um dos atributos mais notórios sobre esses contos é que seus personagens são caricatos. A autora supracitada nos afirma que “[...] todos os personagens são mais típicos do que únicos” (*op. cit.* p. 15). Se esses personagens possuíssem aspectos generalizados seria porque desde a sua origem eles continuam a caminhar nessa direção.

Como foi dito na introdução do trabalho, a origem dos contos de fadas se deu na oralidade, somente depois passou para a escrita. Portanto, cada pessoa que ouvia e contava as histórias, neste caso os contos de fadas, o fazia de modo natural sem atribuir significados ou dar respostas, o que mantinha o personagem caricato e contribuía para que a história perdurasse.

Entretanto, Coelho (2003) coloca que facilita mais a memorização das narrativas que um sério laconismo o que evita análises psicológicas dos textos. Quanto maior a naturalidade com que o narrador renuncia às sutilezas psicológicas mais facilmente a história se gravará na memória do ouvinte, mais completamente ela se assimilará a sua própria experiência e mais irresistivelmente ele cederá à inclinação de recontá-la um dia.

Quanto menos aspectos específicos um personagem tiver, maiores serão os níveis de identificação do leitor ouvinte com este personagem. Dessa forma a história se torna mais abrangente, conseqüentemente mais resistente ao esquecimento que vem através dos tempos. Isso talvez nos explique um dos motivos dos contos de fadas estarem entre nós até a atualidade.

Outra particularidade dos contos de fadas é o gênero maravilhoso. Nem tudo que compõe o gênero maravilhoso são contos de fadas, mas todos os contos de fadas trazem esse atributo. De acordo com os dicionários Houaiss (2009) e Ferreira (2010), podemos dizer que maravilhoso é algo extraordinário, admirável, sobrenatural; que encerra maravilha ou que é inexplicável racionalmente. O maravilhoso na literatura segue a mesma ideia, é o gênero literário que se destina a abrigar narrativas que contenham seres sobrenaturais dentro de um mundo de fantasia.

Para que se explique melhor o gênero maravilhoso, é necessário esclarecer o que significa exatamente esse mundo de fantasia. De imediato, pode-se dizer que é o mundo de representação no qual as suas realidades não são familiares ao mundo real.

Nesse sentido, elas acontecem somente nesse mundo fictício. E neste mundo de fantasia é natural que isto aconteça. Nenhum personagem é pego de surpresa com os acontecimentos a sua volta, por mais extraordinários que sejam.

No passado, esses seres poderiam tanto pertencer à cultura pagã (greco-romana e celta, por exemplo) quanto à cultura cristã, deste modo, nos contos de fadas vemos a combinação dessas duas culturas, com a presença tanto de fadas e ninfas quanto de anjos e demônios. A razão pode ser pelo fato de os contos de fadas não possuírem uma única origem, não temos como definir precisamente nem suas datas, nem o local onde surgiram. É provável que essa fusão entre as culturas pagã e cristã nos contos de fadas tenha iniciado na Idade Média, quando as histórias ainda eram passadas através da oralidade.

Na Idade Média, sua função conto de fadas era a de expressar, de forma simbólica, os conflitos dos camponeses camada inferior extremamente explorada com os senhores feudais, que eram os donos da terra e viviam como reis naquele tempo (Aguiar, 2001).

No entanto, muito antes da Idade Média já se observava uma grande importância na oralidade, Levy (1995) destaca que:

Antes da invenção da escrita, a palavra tinha como função básica a gestão da memória social, e não apenas a livre expressão ou a comunicação entre as pessoas [...] O conhecimento tinha como seu fundamento de base a sabedoria transmitida na interação social entre pessoas e, portanto, sua origem era sempre um saber coletivo mais amplo, um saber transmitido de geração em geração (Levy, 1995, p. 38).

Pode-se dizer que a origem dos contos de fadas foi dada aos povos antigos que ainda não possuíam escrita, passando seus ensinamentos de geração em geração, através de histórias que transmitissem sabedoria ao povo. Neste universo o antigo e misterioso povo chamado celta, bem como, sobre sua cultura. Coelho (2003) faz um percurso histórico dos contos de fadas, para uma retrospectiva do que contribui significativamente para esta investigação.

Conforme a autora a maioria das vezes os Celtas eram extremamente evoluídos em se tratando de sua espiritualidade e tinham muito respeito para com a natureza. Além de frequentemente atribuírem poderes mágicos a objetos como martelos, machados e espadas, também divinizavam seus líderes e seus heróis, acreditavam na vida após a morte, eram pacíficos e praticavam rituais que celebravam a troca das estações com festas em gratidão à deusa. A deusa como Deus para os cristãos, assim, acreditava que a deusa se manifestava a eles através da natureza, desta forma o profundo respeito e devoção por ela (Coelho, 2003).



Para essa autora foi seu espírito pacífico que fez com que algumas características da cultura se infiltrassem e permanecessem na cultura ocidental até os nossos dias. Os países de maior influência cultural celta foram a Grã Bretanha, o País de Gales e a Irlanda. Um desses elementos permaneceu até a atualidade “a fada” mulher de extraordinária beleza, dotada de poderes sobrenaturais que frequentemente auxilia os humanos na solução de alguma dificuldade. Destacou-se aos irlandeses a fada que era “[...] uma mensageira do outro mundo, que viajava, muitas vezes, sob a forma de um pássaro” (*op. cit.*, p. 34).

O fato de os contos de fadas estarem presos ao mundo real, não deve uma explicação racional, enriquece-os com a pluralidade de significados que para cada leitor ouvinte pode ser diferente. Aguiar (2001, p. 80-81) relata a importância “[...] porque trabalham com uma linguagem simbólica, não se prendendo à contingência do real e veiculam mais de uma significação”.

Entretanto, pode-se aqui fazer a primeira relação com uma das duas versões de Cinderela e os pássaros auxiliares (versão dos Irmãos Grimm). Apesar de não aparecer nenhuma fada na 2ª história, aparece um pássaro mágico que concede à personagem todos os seus desejos, agindo como se fosse fada. E ainda, de existir bastante referências a esses ser mítico, não há como se afirmar com exatidão o seu local ou a sua época de origem.

Sob a ótica lúdica, o que é provável é que as fadas tenham nascido na fronteira entre o real e o imaginário. Segundo Coelho (2003, p. 33) “as primeiras referências às fadas, como personagens ou figuras reais, aparecem na literatura cortesã-cavaleiresca surgida na Idade Média, nos Países da Bretanha e nas novelas de cavalaria do ciclo asturiano, ambos de origem céltico-bretã”.

A partir dessa literatura surgiu o amor espiritual, eterno, mágico e indestrutível, conceito esse que se aplica à maioria dos contos de fadas (inclusive à da Cinderela), se não a todos. Além disso, as fadas estão intimamente ligadas e não vinculadas ao cristianismo.

Fada Madrinha que aparece em uma das versões de Cinderela (versão de Charles Perrault) tem como papel principal auxiliar a personagem com a descoberta de seu grande amor, o príncipe, na literatura cavaleiresca, citada logo acima, encontramos muitas das características que também marcaram a presença nos contos de fadas. De acordo com Coelho (2003), algumas delas: O grande espiritualismo, delírio amoroso, grande importância à figura feminina, misticismo, atração por regiões longínquas, brumosas, lagos misteriosos e devoção pela natureza, tida como a dona de estranhas forças, os heróis invencíveis ou

submetidos a encantamento, mulheres divinas ou diabólicas, fadas, anões, gigantes, monstros e reinos fantásticos...

Deste modo, as fadas foram as auxiliadoras da humanidade, ainda que de maneira simplória pode-se dizer que elas são do bem. No entanto, Coelho (2003) aborda fadas em sua forma maléfica, a bruxa, que seria a fada do mal. A figura da bruxa trata-se de outro personagem que aparece em muitos dos contos de fadas conhecidos na atualidade, caracterizando uma personagem denominada de intifada: a Baba-Yaga, velha, feia e corcunda, que geralmente se multiplica em três figuras exatamente iguais e mora em uma cabana, na floresta, que gira para todos os lados e se ergue sobre quatro pés de galinha

As bruxas que mais conhecidas dos contos de fadas possuem muito das características dessa antifada o ideal é que mencionemos um atributo marcante a essas histórias: a presença do Bem e do Mal. Não somente por meio de fadas e bruxas, mas também por meio de outros personagens e elementos.

Alguns exemplos: A personificação da bruxa na figura da madrasta malvada, os cenários escuros, sombrios, e ameaçadores, o príncipe como sinônimo de valentia e determinação, bem como, a personificação da bondade na figura da própria personagem principal. “Há mais de uma definição para a palavra bruxa” (Coelho, 2003, p. 43), a palavra é usada denota um sentido corriqueiro e comum “mulher dotada de muitos poderes sobrenaturais e que os usa para praticar o mal”<sup>1</sup>.

Pode-se dizer que os contos de fadas não possuem uma única origem, iniciaram como histórias orais entre os povos celtas e bretões, fundiram-se com a cultura cristã medieval e, por fim, chegaram até nós através de três principais escritores: Charles Perrault, Irmãos Jacob e Wilhelm Grimm citados por ordem de idade.

Apesar das diferentes abordagens de cada escritor, o ponto em comum entre eles é o fato de que todos os três pesquisaram contos de fadas orais antigos e os puseram escritos em suas obras literárias. Todos os três ouviram histórias folclóricas de seu povo (muitas de origem comum) e a princípio as transcreveram.

Algo inerente e importante de se mencionar sobre a relação entre a origem oral do conto de fadas e sua forma escrita é que a experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte a que recorrem todos os narradores. E, entre as narrativas escritas, “as melhores são as que

---

<sup>1</sup> A figura acima foi retirada do site [www.google.com.br](http://www.google.com.br). Chama-se Imagem e casa de Baba-Yaga

menos se distinguem das histórias orais contadas pelos inúmeros narradores anônimos” (Benjamin, 1994, p. 198).

Porém antes que esses contos se inserissem nas obras dos escritores acima citados, eles passaram por muitos outros escritores apaixonados pelo gênero maravilhoso. Cabe a esta investigação trazer apenas as principais pessoas responsáveis por essa incrível travessia dos contos de fadas através das gerações até os dias de hoje.

Dois escritores italianos os mais antigos ganharam destaque: Giovanni Francesco Straparola da Caravaggio e Giambattista Basile. Ambos considerados as principais fontes europeias dos contos de fadas, uma das primeiras versões de Cinderela encontra-se na obra de Basile (Figura nº.2)<sup>2</sup>.

Na sequência uma breve biografia dos três principais escritores dos contos de fadas: Perrault (1628-1786), Irmãos Grimm (1785-1863) e Andersen.

### **1.1.1 Charles Perrault (1628-1786)**

Charles Perrault é um dos escritores de contos de fadas mais conhecidos dos dias de hoje, ainda muito apreciado na empresa de animação Walt Disney baseou-se em sua versão de Cinderela para fazer o desenho animado de longa metragem com mesmo nome. Sua importância rendeu-lhe o título de “Pai da Literatura Infantil”.

De acordo com Tatar (2004), Charles Perrault nasceu na França em uma família de alto grau social no ano de 1628, além de literário, o escritor também trabalhou com Direito e Arquitetura, inclusive foi ele que projetou o Museu do Louvre e o Palácio de Versalhes, em seu país.

Entretanto, para a humanidade os contos de fadas podem ser considerados uma herança encantadora, obras, histórias e, ou contos de outrora, também conhecida como Contos da Mamãe Gansa, sua obra ainda conta com um dos mais conhecidos contos de fadas como: *A Bela Adormecida*, *O Gato de Botas*, *Chapeuzinho Vermelho*, *Cinderela*, dentre outros.

Os contos, ainda traz a presença da moral uma característica marcante que nasceu a expressão “moral da história”, o que fez com que elas se tornassem altamente educativas.

---

<sup>2</sup> Cinderela versão Giambattista Basile. [www.google.images.com.br](http://www.google.images.com.br)

Observa-se que ao final de cada conto, o escritor dá seu parecer sobre o que o conto ensina a respeito da moral e dos bons costumes.

Perrault sem se dar conta privou, seus leitores da livre interpretação. “A imaginação do ouvinte não entra em ação para dar um significado pessoal à história, como uma interpretação racionalista demonstrando a finalidade daquela história (Bettelheim, 2007, p. 205).

Em controvérsia, Benjamin (1994, p. 203) já analisa “o extraordinário e o miraculoso, narrados com a maior exatidão, mas, o contexto psicológico da ação não está explícito enquanto já elaborado ele é livre para interpretar a história como quiser, e com isso o episódio narrado atinge maior amplitude”.

Por mais que trouxesse uma interpretação válida, a moral inserida por Perrault ao final de cada história impunha um pensamento único, além disso, os elementos das histórias que o escritor porventura considerasse vulgar ou inapropriado, ele o tirava fora ou o substituíva, manipulando a interpretação do leitor/ouvinte.

Charles Perrault não desejava apenas entreter o público, mas dar “uma lição de moral específica com cada um de seus contos. Por isso é compreensível que ele os modificassem de acordo com o que desejava” (Bettelheim, 2007, p. 204). Deste modo, as histórias eram contadas para as crianças com a função principal de educar.

Um dos motivos prováveis dessa adaptação dos contos originais para algo mais suave é que o escritor estava inserido num círculo social nobre de costumes refinados, ao contrário dos contos orais com características camponesas e rústicas.

Pode-se entender perfeitamente que ele tenha eliminado esta vulgaridade, dando-a como improvável, já que seu livro se destinava à diversão da corte de Versalhes. [...] nos comentários e preceitos morais que Perrault acrescentava às histórias, ele falava como se estivesse piscando para os adultos por cima da cabeça das crianças. (Bettelheim, 2007, p. 205).

Portanto, como consideração de analisar a influência dos valores morais presentes na sociedade da época, o que justificaria as alterações nas narrativas orais, no entanto, desvirtuava a proposta original de repasse de suas vivências, a manipulação dos contextos afastava o imaginário do real, e não era isto que se propunham os contos infantis.

### 1.1.2 Irmãos Grimm (1785-1863)

Os Irmãos Grimm ainda, considerados como os difusores dos contos de fadas, junto a Charles Perrault, e Hans Christian Andersen, sobre quem adiante se falará mais sobre o seu legado.

De acordo com Tatar (2004), os irmãos Jacob e Wilhelm Grimm nasceram na Alemanha nos anos de 1785 e 1786 e faleceram em 1863 e 1859, respectivamente, além de literários, foram “filólogos e grandes folcloristas, estudiosos da mitologia germânica e da história do direito alemão” (Coelho, 2003, p. 73).

O trabalho literário destes irmãos para a Alemanha foi algo semelhante ao que Charles Perrault havia feito na França, no entanto, de modo mais completo. Eles coletaram grande número de contos folclóricos e contos maravilhosos orais de origem alemã e os compilaram em duas edições da obra *Contos de fadas para o lar e as crianças*, em 1812 e em 1815. A diferença mais evidente entre os contos de fadas escritos por Perrault e os escritos pelos Irmãos Grimm é que estes procuraram despojar os contos “da erudição com que haviam sido tratados até então” (Coelho, 2003, p. 73).

Nesse sentido os irmãos Grimm estavam engajados em outros objetivos de captação de histórias orais: pesquisar contos, histórias e escritos alemães a fim de produzir um rico arquivo cultural folclórico. Duas mulheres teriam sido as principais testemunhas de que se valeram os Irmãos Grimm para essa homérica coleta de textos: a camponesa Katherina Wieckmann, de prodigiosa memória, e Jeannette Hassenpflug, descendente de franceses e amiga íntima da família Grimm (Coelho, 2003).

No entanto, esta nova realidade não atendia aos anseios da sociedade literária, alguns estudiosos criticaram fortemente o tom “rude e cru dos contos e recomendaram um pouco mais de astúcia para que esses contos populares se tornassem mais atraentes” (Tatar, 2004, p. 343). A recomendação aos irmãos Grimm, veio do conselho aos pais: que afastassem suas crianças de tais histórias. Por algum motivo, os comentários puseram os irmãos de volta à escrivaninha para revisar, modificar o que fosse necessário e reescrever esses contos de fadas.

A partir de então, a obra dos Grimm passa a se tornar literatura destinada às crianças, o que fez surgir a segunda edição do livro “*Contos de fadas para o lar e as crianças*”, em 1815. Os mais conhecidos contos publicados pelos Irmãos Grimm:

*Branca de Neve e os sete anões;*

*Os Sete Anões;*

*Chapeuzinho Vermelho;*

*Rapunzel;*

*João e Maria;*

*Cinderela;*

Dentre outros.

Uma história de grande destaque foi a de **Chapeuzinho Vermelho**, mostra a forte ideia da criança que, aparentemente enganada consegue perceber as artimanhas do Lobo Mau e consegue salvar a si mesma e a avó de uma morte terrível. Tudo isto nos remete ao que a psicanálise busca mostrar as possibilidades que todos nós temos de enfrentar os “lobos” da vida, que são as pessoas difíceis, as frustrações e de ter força interior suficiente para sair da dor, do medo, da insegurança e nos tornarmos mais saudáveis.

Em situação semelhante está a história de **Rapunzel**, destaque é o elemento da criatividade, mostrando que podemos vencer os obstáculos com inteligência e atitudes que podem nos retirar de situações difíceis

Em **João e Maria** as duas crianças se colocaram em situação de perigo, entretanto, mais uma vez, a inteligência, a criatividade e a solidariedade fazem com que elas encontrem alternativas para sair das dificuldades em que se encontraram e que poderiam ter um triste fim. Assim, os contos de fadas apresentam saídas para as dificuldades da vida as crianças ouvem e aprendem, com as histórias dessa natureza fortalecendo-se, inconscientemente, para a resolução de suas próprias dificuldades.

Na história da **Cinderela** é possível identificar a importância e a paciência, a bondade, a perseverança como as possibilidades de mudanças para uma vida melhor. Entretanto, nem sempre as crianças conseguem introjetar todas as nuances dos personagens, porém, o processo da escuta e de reflexão sobre os valores aos poucos podem ser incorporados a vida como parte importante da moral e da ética da criança.

### 1.1.3 Hans Cristian Andersen (1805-1875)

Apresentaremos um pouco da vida do poeta e novelista Hans Christian Andersen. Este nasceu em uma família pobre na Dinamarca, em 1805, quando o espírito romântico de igualdade entre as pessoas fazia-se presente do ideário de boa parte da sociedade.

Segundo Guimarães (2012) Hans Andersen ouvia de seu pai histórias populares e era incentivado por ele a usar a imaginação e a criatividade para interpretar as narrativas, e ainda, construiu um teatrinho de marionetes para estimular seu espírito criativo, assim, Andersen pode desenvolver o gosto pelas histórias e transferi-las para as marionetes. No entanto, o fato de ter sido muito pobre, somente iniciou seus estudos aos 17 anos, mas, isso não abalou o espírito forte de Andersen, ele era “determinado em se tornar um escritor de sucesso no cenário nacional” (Tatar, 2004, p. 336).

Com o tempo e sua enorme contribuição com a literatura destinada para a infância, é homenageado com o Dia Internacional do Livro Infanto-Juvenil exatamente na data de nascimento dia 2 de abril. Além disso, o mais importante prêmio internacional do gênero, considerado o Nobel da Literatura Infantil, leva seu nome Prêmio Hans Christian Andersen, um dos nomes mais consagrados da literatura infanto-juvenil, pela organização mundial “On Books for Young People”.

De acordo com Guimarães (2012) o contista mixava contos populares voltando estes para os costumes da época. Contos infantis de sua autoria com destaque para os célebres:

*O Patinho Feio;*

*Soldadinho de Chumbo;*

No Brasil, além desses, outros muito famosos:

*A Sereiazinha;*

*A Roupa Nova do Imperador;*

*A Rainha das Neves;*

*Os Sapatinhos Vermelhos;*

*O Alfaiate Valentão;*

*O Jardim do Paraíso.*

Desta forma Andersen se imortalizou com as histórias infantis, escrevendo ainda relatos de suas viagens, romances e poesias para adultos.

Para se entender melhor se faz necessário um aporte a evolução história dos contos infantis.

## 1.2 Evolução Histórica dos Contos de Fadas

Os contos de fadas foram reunidos em coletâneas por iniciativa dos autores italianos como Giovanni Francesco Straparola da Caravaggio com *Noites Prazerosas*, no século XVI e Giambattista Basile com *O Conto dos Contos*, século XVII. Giambattista Basile reconta as histórias da tradição popular napolitana, dos quais, mais tarde, seriam eternizados por Charles Perrault ao reescrevê-los, por exemplo: *Cogluso* (publicado em 1634) é base de “O Gato de Botas”; no mesmo ano Basile publicou *Sole, Luna e Talia* de onde surgiu “A Bela Adormecida”; *Zezzolla* deu origem “A Gata Borralheira”.

Das narrativas mais antiga assim declara Maysa Assis:

O texto mais antigo que se sabe foi produzido na China, no século IX, embora o autor, Tuan Ch'eng Shih, indique que a história é antiga mesmo para aquela época. Yeh-hsien, a Cinderela chinesa, é descrita como “muito inteligente”, “muito bonita” e “boa em cerâmica”. Sua mãe morre e seu pai também, sendo deixada para ser criada pela co-esposa de seu pai e sua filha, ambas destratam Yeh-hsien. Seu único amigo é um peixe dourado, que lhe aparece na poça. A madrasta detecta essa fonte de conforto e mata o peixe. Yeh-hsien recupera os ossos da pilha de estrume e os oculta em seu quarto. Os ossos são mágicos, e o peixe continua a ajudar-lhe mesmo após a morte, oferecendo a comida e a bebida e a cordialidade que é negada da família de Yeh-hsien. Quando a menina é deixada para trás no dia festivo, os ossos lhe fornecem roupas: um manto, penas e sapatos minúsculos de ouro. Correndo de volta para casa, a menina perde um sapato. Ele é recolhido e vendido a um senhor de guerra, que começa uma busca maciça para encontrar a mulher cujo pé encaixará no sapato. (Lembre-se que se trata de uma cultura em que pés minúsculos foram altamente valorizados e na qual era praticada a arte brutal de esmagamento dos pés). Yeh-hsien revela-se e se torna esposa chefe da família do senhor de



guerra. A madrasta e a filha são apedrejadas até a morte – mas seus túmulos, “A Tumba das Mulheres em Perigo”, torna-se em um santuário local (Assis, 2009, p. 1)

O texto da autora considera como o conto mais antigo o de Cinderela (chinesa) e é repleto de maldades, no entanto, mesmo que a Cinderela tenha um “final feliz” as vilãs são recompensadas com um santuário, ou seja, o mal é beneficiado.

Retornando ao século XVII, em 1690, temos os *Romances Preciosos* em que mulheres da nobreza reuniam-se em seus salões pessoas da alta corte para verem encenações de Contos, tendo como representante a preciosa Madame D’Aulunoy. Assim, podemos entender que essas histórias passam da cultura popular à nobreza.

Em 1691, Charles Perrault começa a escrever as narrativas folclóricas em busca da defesa da literatura francesa e da causa feminista, que tinha sua sobrinha Mlle. Hérítier como líder, em 1696, começa a escrever para crianças orientando sua formação moral com a adaptação de:

*Pele de asno.*

Ainda o autor, em 1697, publicou Contes de Ma Mère l’Oye:

*Contos de Minha Mãe Ganso.*

Segundo Vieira (2003, p. 24) “seu material foi recolhido diretamente da oralidade popular e sua principal fonte, provavelmente, foi a babá de seu filho, mas realizou adaptações, pois escrevia para a corte francesa”. Apesar dessas adaptações, eliminou algumas partes e lhes acrescentou uma lição moral, o autor conservou a crueldade dos contos de fadas não desviando da linha original da história, daí surgiu a primeira configuração dos contos de fadas para crianças tal como conhecemos hoje.

Mais tarde, no século XIX, em meio a um romantismo alemão, os irmãos Grimm Jacob e Wilhelm, buscaram descobrir a evolução das diversas línguas e dialetos de seu país passam a investigar histórias populares.

Os irmãos Grimm, além de recolherem os contos de camponeses, escutaram de sua vizinha Jeannette Hassenpflug boa parte dos contos, que ela ouvira narrados por sua mãe. Essa vizinha nascera em uma família francesa Huguenote que fugira da perseguição religiosa de Luiz XIV no século anterior para a Alemanha levou um repertório de contos dos livros infantis franceses de Perrault, Marie Cathérine d’Aulnoy e outros. Percebe-se a natureza

literária afrancesada desses contos, Grimm retirou da segunda edição dos “Contos para que as crianças pudessem ler no seu lar” com exceção de *Chapeuzinho Vermelho*, porque sua vizinha lhe enxertara um “final feliz”, passando assim, a fazer parte da tradição literária alemã (Andersen, 2008).

A partir dos Irmãos Grimm os Contos de Fadas se popularizaram graças aos mascates (vendedores ambulantes) que viajavam de uma região para outra levando pequenos livros com as histórias a um preço acessível ao povo.

Pode-se notar mais uma vez, seja com a babá que Perrault investigou, seja com Jeannette Hassenpflug ou por Marie Cathérine d’Aulnoy a importância da figura feminina, como narradoras, a contribuição destas aos contos populares puderam ser recolhidos por seus compiladores e conservados por meio de livros.

Hans Christian Andersen ao adaptar os contos para a linguagem infantil tomou emprestada a visão da criança adotando uma narrativa mais pueril, em seus diversos contos parte foi retirada da cultura popular, parte de sua própria criação. Em suas histórias Andersen buscava mostrar os confrontos entre poderosos e desprotegidos.

Ainda no século XIX outros autores escreveram voltados para o público infanto-juvenil, como Carrol e Collodi. Lewis Carroll autor de:

*Alice no País das Maravilhas (1865)*

*Alice através do Espelho (1872)*

Contos especificamente para uma criança chamada Alice com quem costumava passear de barco juntamente com suas irmãs, apaixonado por jogos e lógica, sua obra é repleta de jogos matemáticos e lógicos, ocultos em seu texto.

Ainda, Carlo Collodi ficou muito conhecido pela obra:

*Aventuras de Pinóquio.*

Como escritor e jornalista escreveu um jornal voltado para crianças, o primeiro italiano, e foi nesse que começou a publicar os primeiros capítulos das Aventuras de Pinóquio no ano de (1881).

Os contos foram ainda explorados em outras fontes além do texto escrito, foram adaptados desenhos e filmes como dos estúdios da Walt Disney e Dream Works nos Estados

Unidos alcançou um vasto público e o mundo todo ficou conhecendo as aventuras de Pinóquio em contos de fadas.

### 1.3 Uma História a parte aos Contos de Fadas

Na Idade Medieval a criança não era vista como um ser individualizado, a concepção de infância, enquanto um olhar diferenciado sobre a criança teria começado a se formar com o fim da idade Média (Abrão, 2009).

A morte de crianças pequenas fazia parte do cotidiano, seja por falta de higiene, pela fome ou várias doenças. Deste modo, o mais “recomendado” era que não houvesse tanto apego a elas, até que alcançassem condições necessárias para sobreviver sem os cuidados de sua mãe ou amas estas, eram inseridas na vida pública, eram incorporadas como adultos em miniaturas e, por volta dos seis ou sete anos começavam a desenvolver um ofício, ajudando os pais. Crianças e adultos compartilhavam o mesmo mundo, sem diferenciações, ouvindo as mesmas histórias e executando as mesmas tarefas.

Em relação ao infanticídio a literatura esclarece que no século XII houve uma grande crise demográfica, em que camponeses tiveram que enfrentar a peste e a fome, e que as mães abandonavam os bebês porque não podiam alimentar para eles adoecerem e morrerem. Por trás dos Contos de Fadas é revelado a História de uma época, por isto é relativamente comum identificar diversas histórias relatando situações em torno da comida, em que muitas crianças são expostas a fome e abandonadas para morrer, como

*João e Maria;*

*O pequeno Polegar.*

A partir da Idade Moderna século XV ao século XVIII a criança passou a ser vista como fonte de diversão para a classe burguesa, recebendo paparcos e mimos por parte dos adultos. Com o modelo nuclear de família, inaugurado juntamente com a burguesia, a criança passa a ter um lugar central na mesma, requerendo um tratamento especial, diferenciado do adulto.

Os primeiros livros feitos para crianças foram adaptações de histórias escritas para adultos, os Contos de Fadas folclóricos. Com a criação de uma formação específica para crianças, os contos de fadas foram bem aproveitados como transmissão, de certa maneira, de uma ideologia e valores burgueses, éticos e religiosos, assim, moldando as crianças. A

preocupação dos adultos era em relação às crianças era que esta ficasse vinculada às escolas e se tornasse uma reprodução dos valores ideológicos do meio adulto.

Neste sentido pode-se dizer que os Contos de Fadas foram os primeiros conselheiros das crianças Bettelheim (2007) os contos, de modo geral, começaram de forma muito próxima a realidade apresentando os problemas existenciais universal, não importa o início e o meio do conto o importante é acabar sempre em um final feliz.

Os exageros fantasiosos foram considerados os melhores para a compreensão das crianças, tornando as reações dos personagens plausíveis e aceitáveis. “A criança consegue entender as histórias com pessoas reais, as quais considera uma história divertida, alegre e, ou triste ao modo como as pessoas realmente pensam” (Bettelheim, 2007, p. 41).

Enquanto nomenclatura, os Contos de Fadas surgiram no fim do século XVII, após os primeiros compiladores as narrativas de tradição oral começarem a ser publicadas em coletâneas, dentre os autores Charles Perrault, os Irmãos Grimm e Hans Andersen, Reiter derivados dos Contos Populares e, estes, por sua vez, da tradição oral, se perpetuaram por milênios, transpondo o tempo e o espaço frente os costumes de narrar suas histórias aos outros. Não se pode precisar onde se distingue o mito do conto folclórico. Como ressalta Bettelheim:

[...] apenas afirmar-se que ambos provêm de uma sociedade pré-literata. Os países nórdicos usam a palavra saga para ambos: mito e conto folclórico; os alemães usam Sage para os mitos e Märchen para os contos. Ingleses e franceses enfatizam o papel das fadas em histórias em que elas não aparecem na maior parte das vezes. Mitos e histórias de fadas atingem a sua forma final apenas quando estão redigidos, não mais sujeitos a mudanças contínuas (Bettelheim, 2007, p. 34).

O autor abstraiu a transmissão oral das narrativas subjugada aos valores e a cultura de quem as ouve, adaptando-se deste modo a interpretações individuais, encontrando o mérito nos autores que transcreveram a oralidade, mesmo que mantendo valores e cultura de cada povo, ao perfazerem os Contos em literatura.

Assim sendo, os contos fornecem percepções profundas que “sustentaram a humanidade nas longas trajetórias de sua existência, uma herança que não é transmitida de outra forma simples e diretamente, ou de modo tão acessível, às crianças” (Bettelheim, 2007, p. 34).

Por meio da leitura dos Contos de Fadas pode-se perceber questões que permeavam os pensamentos de nossos antepassados. Vivências e experiências que ampararam os povos passadas através das histórias, hoje nos contos de fada numa linguagem simples que desperta a curiosidade de todas as idades.

### 1.3.1 A oralidade dos contos e o povo Celta

Contudo, a perpetuação dos Contos de fadas se deu através dos tempos decorrência da oralidade e da repetição, de um povoado para outro, atravessando fronteiras. Assim, foram deixando rastros nas diversas localidades pelos quais passaram, sendo narradas de forma correspondente ao entendimento da cultura local, sofrendo algumas modificações, mas, preservando seu conteúdo principal. Estas histórias estão carregadas de sentimentos universais, tais como de: o amor, ódio, inveja, tristeza, alegria, paixão, medo, admiração e, por onde quer que passem sempre encontraram a acolhida de um coração que floresça um destes sentimentos.

As histórias Celtas foram propagadas em forma de lendas de modo que não se apagassem com o tempo. A oralidade também produz, de certa forma, registros, mesmo que não palpáveis. O povo Celta pertencia à Gália (atual França) transmitindo a história oralmente, raramente escrevendo-a, por isto, hoje, se diz o que se tem é uma Mitologia Celta ao invés de História, fato de não possuir documentação que a registre.

No Panteão Celta as mulheres tinham grande poder na sociedade sendo reconhecidas por sua sabedoria e domínio sobre a natureza, através do conhecimento sobre trovões e tempestades, sabiam a melhor época para plantios e colheitas; conheciam as plantas podendo manipulá-las como ervas medicinais administrando através de chás ou remédios feitos destas ervas para curar enfermidades, as mulheres consideradas em sua cultura como as Fadas madrinhas.

Em 1155 temos o *Le Roman de Brut* de autoria de Robert Wace, (crônica sobre os reis da (Grã-Bretanha) este inseriu a figura da fada Viviane, protetora do Rei Arthur nas novelas de Cavalarias. Esta obra continha elementos retirados da tradição oral e refere-se à história da realeza Bretã ligada aos cavaleiros e as tradições Célticas de onde surgiu as lendas dos “Cavaleiros da Távola Redonda”.

Da Idade Média tem-se histórias com presença de fadas e novelas de cavalarias. No século VII se tem o primeiro Poema Épico Anglo Saxão “Bewulf”. Entretanto, o primeiro registro Fadas se deu com um texto Galês “Mabinogion” no século IX, ocorrendo a transformação das aventuras em realidades dando início a um Ciclo Arturiano, Rei Artur, o qual defendia a igualdade entre os povos, segundo historiadores se dá no início da Era Cristã.

Com a Cristianização da Europa, na época medieval (século IV), a Igreja Católica proíbe todas essas histórias por não serem conhecidos por eles, sendo condenada a Santa Inquisição (1186 durante o Concílio de Verona Itália) qualquer pessoa que conhecesse os fenômenos da natureza e tentasse transmitir esses costumes eram acusados de bruxarias e queimados na fogueira, como castigo divino aos pecadores. No século XII, Louis da Marie de France suavizou a cultura céltica Bretã ao narrar as histórias contribuindo, para a aceitação por parte da Igreja Católica.

Com as adequações dos Contos, para burlar os ditames da Igreja Católica, as histórias perderam seu caráter místico e sua linguagem deixou de ser uma ameaça aos ensinamentos da Igreja, com isto, as fadas tomam-se o centro dos salões da corte europeia ganhando força com o romance *Melusine*, de autoria de Ernest Nazareth, no século XIV, fazendo sucesso ao longo de cem anos.

A literatura infantil chegou ao Brasil no fim do século XIX quando a preocupação com a educação e com a criança se tornaram realidade. A escola passa a exercer um papel de extrema importância na transformação da sociedade rural e urbana, nesse contexto os livros infantis e escolares se entrelaçam no viés educacional.

#### **1.4 A Presença de Monteiro Lobato**

Com a vinda de Dom João VI para o Brasil, se abriram novos horizontes para a educação. A partir de então, leituras para as crianças contos maravilhosos e a literatura de ficção, começaram a ser adaptados ao gosto infantil para distrair e instruir. A partir daí a criança passou a ser preocupação constante de psicólogos, pedagogos e mestres.

José Bento de Monteiro Lobato nasceu em 18 de abril de 1882 (Taubaté-SP) e faleceu em 4 de julho de 1948, em São Paulo. Jornalista, romancista e contista imortalizou-se por suas narrativas infantis, sendo considerado o precursor da literatura infantil brasileira.

Vera Aguiar coloca a grande virada literária ocorreu com a publicação, em 1921.

*A menina do narizinho arrebitado.*

Monteiro Lobato, o qual revelava a preocupação em escrever histórias para a criança numa linguagem compreensível e atraente para ela, o objetivo foi alcançado pelo autor, cuja obra, um dos pontos mais altos da literatura infantil brasileira. Uso de uma “linguagem criativa, Lobato rompeu a dependência com o padrão culto. Introduziu a oralidade tanto na fala das personagens como no discurso do narrador” (Aguar, 2001, p. 25). Uma característica marcante das suas obras, destaque foi:

*O Sítio do Pica-pau Amarelo.*

Esta obra foi publicada em 1939, chegou a televisão, na década de 1970 como seriado, para o divertimento do público infantil. Nas obras de Monteiro Lobato encontramos ainda os clássicos:

*O Marquês de Rabicó (1922),**Reinações de Narizinho (1931),**Memórias de Emília (1936),**Histórias de Tia Nastácia (1937).*

Com a chegada do movimento modernista brasileiro, Monteiro Lobato foi um dos mais influentes escritores brasileiros do século XX, quebrando padrões europeus literários, pois os seus livros esboçavam as questões sociais, trazendo um novo olhar crítico para a literatura infantil. Lígia Cademartori (2010) afirma que a literatura infantil brasileira viveu por muitas décadas à sombra de Lobato.

Seus livros mostravam um olhar nacionalista dos problemas da sociedade brasileira com denúncias literárias que escandalizou o Brasil naquela época. A literatura para Lobato tinha uma finalidade social, trazia na linguagem o instrumento mais poderoso e expressivo da vida para a criança, um meio de comunicação e conseqüentemente um meio de socialização, assim, tornou-se evidente e óbvio o valor desta literatura. “Estimula o leitor a ver a realidade através de conceitos próprios. Apresenta uma interpretação da realidade nacional nos seus aspectos social, político, econômico, cultural, mais deixa, sempre, espaço para a interlocução com o destinatário, a discordância é prevista” (Cademartori, 2010, p. 54).

Monteiro Lobato considerado educador intuitivo, faz com que as pessoas entendessem as coisas através do riso. Em seus livros, trazia as questões morais muito presentes, pois, a literatura despertava bons sentimentos e logo se aperfeiçoada com o tempo,

conduzindo a criança a realizar boas ações, produzindo na criança o amor pela justiça, estimulando o valor e a verdade.

Os livros de Monteiro Lobato, muitas características, uma delas era a maneira de misturar a fantasia com a realidade, como um viés para a criança comparar a sua vida, entre o saudável e o não saudável para uma convivência possível entre ambos lados, podendo ser considerado muito saudável desenvolver a autossuficiência natural.

Os estudos de Pimentel (1999) sobre a literatura infantil demonstraram que, por iniciar o homem ao mundo literário, se utilizara-a como instrumento para a sensibilização da consciência, servindo como meio de transmissão de valores e ideias sobre submissão. Explica ainda que, quando são desvendadas as ideias que existem subjacentes as histórias dos contos de fadas, torna-se possível expandir a capacidade da pessoa de pensar, refletir e raciocinar. Este entendimento possibilita ao leitor canalizar as ideias de maneira nova de ver o mundo “é fundamental perceber que a literatura precisa ser encarada sempre, por professores, psicóloga e estudiosa em geral, de modo global e complexo, em toda sua ambiguidade e pluralidade” Pimentel (1999 p. 25).

Contudo, pode-se considerar que escrever é tornar-se uma criança e conhecer seus reais problemas infantis, pois elas sempre esperam que os livros infantis tenham um início, meio e fim, que mexa com a sua imaginação, e resolva seus problemas e, sobretudo tenham uma dramatização do bem com o mal e que o bem sempre vença no final. Deste modo, entendemos que a arte de escrever livros literários é uma tarefa delicada e quando é destinada para criança se torna mais complexa, pois, a criança é exigente e seletiva, assim, poderá criar toda uma atmosfera especial para proporcionar a criança um atrativo à leitura.

A primeira coletânea infantil brasileira foi publicada, em 1896, por Alberto Figueiredo Pimentel (1869-1914) sua obra principal:

*Os Contos da Carochinha.*

Pimentel reuniu 61 contos de autores clássicos como Perrault, Grimm e Andersen. A literatura infantil trouxe o como objetivo maior, atrair o pequeno leitor para o processo de descoberta do mundo, levando-o a participar do ato de leitura, da realidade e da imaginação oferecendo-lhe estórias vivas e bem-humoradas que buscam diverti-los e ao mesmo tempo torná-los conscientes de si mesmos e do mundo com quem devem entrar em relação dinâmica e afetiva.



### **1.4.1 A literatura infantil**

Ao falar da influência da literatura infantil na construção dos valores e seu papel na constituição da personalidade considera-se relevante buscar um pouco da origem dos Contos de Fadas e dos Mitos.

A literatura infantil teve sua origem na chamada Idade Oral do Mito, ou seja, por meio da oralidade, as tradições dos antepassados, lendas, fábulas, mitos eram transmitidas pelas "amas de leite" e os educadores das crianças (Figueiredo, 2013).

Os mitos nasceram da necessidade de o homem explicar a si próprio, bem como, o mundo e seus fenômenos, a maioria, sobre figura de deuses. O primeiro estágio da arte foi de narrar sobre os mitos e o caráter pessimista era o destaque e na maioria das vezes um final trágico.

Os Contos de fadas foi uma evolução do mito, sua principal característica era a presença do maravilhoso e de poucos personagens, onde estes possuíam uma característica mais elevada. Exemplo: ou são muito bons ou muito maus, muito feios ou muito bonitos.

Até o século XIX a escola praticamente não existia, assim como não havia formação de professores, nem mesmo livros de textos para a sala de aula. Desta forma, a oralidade era o registro, hoje os Contos de Fadas estão presentes na vida das crianças, seja acompanhando por adultos quando contadas em torno da fogueira, não importando a faixa etária, ou livros específicos a elas, ou ainda recriando-as em rodas de conversa. Essas histórias fazem parte do patrimônio cultural da nossa sociedade e estão sempre despertando a curiosidade e a fantasia de todos que se envolvem.

A palavra literatura tem como significado básico a "arte de escrever" e a sua origem vem do latim, porém, a palavra literatura infantil, Lajolo & Zilberman (2003), surgiu no continente europeu em meados do século XVIII, com Charles Perrault

#### **1.4.1.1 A Literatura de Charles Perrault**

Autor francês não foi apenas responsável pelas primeiras obras da literatura infantil, como também pelos contos de fadas encantaram crianças e adultos da época. Seus livros eram uns dos mais preferidos da literatura francesa, sofrendo menos crítica dos estudiosos em obra literária.

O seu primeiro livro, foi publicado em 11 de janeiro de 1897, antes dos setenta anos, ficou conhecido com:

*Contos da Mamãe Gansa,*

*O Pequeno Polegar,*

*As Fadas*

*O Mestre Gato*

Seus livros romperam os limites literários da época e alcançaram públicos de todas as idades e lugares, surgindo assim um novo gênero ‘a literatura infantil’. Os contos de Perrault sempre trouxeram consigo um cunho moral e foi a partir disso que os contos de fadas ficaram conhecidos pelas crianças, tornando-se também grande divulgador das histórias tradicionais folclóricas europeias daquela época.

Esse escritor relatou a cultura do seu povo através dos contos de fada, e ao mesmo tempo, proporcionou uma reflexão popular para a época, da qual as crianças eram vistas como um pseudo-adulto em potencial, apresentou então um novo olhar. A partir deste, a criança passa a ser mais valorizada e protegida pela sociedade. Neste contexto, surge a escola para se preservar e fazer a mediação entre a criança e mundo.

Deste modo, Charles Perrault, o primeiro compilador de contos maravilhosos, apesar de não ter muita experiência em ver os problemas do seu povo, apresentou uma nova literatura voltada para o imaginário infantil, oferecendo ao mundo elementos populares que proporcionaram o enriquecimento cultural das tradições, gerando então uma ambientação propícia para o mundo infantil ao seu imaginário.

#### **1.4.1.2 A Literatura de dos Irmãos Grimm**

No século XIX, os irmãos Grimm, suas obras foram fundamentadas nas histórias orais, populares, folclóricas dos camponeses. Através da conversação e da convivência com pessoas simples e humildes, buscaram descrever a realidade germânica, aprenderam seus costumes, suas linguagens, e procuraram transmitir de forma singela e fiel toda sua tradição popular, sem modificar ou deturpar sua simplicidade.

Através desse material, os irmãos Grimm escreviam seus contos de fada, que os tornaram conhecidos ao mundo todo.

### 1.4.1.3 A Literatura de Hans Cristian Andersen

Esse autor dinamarquês do século XIX, escreveu diversos tipos de literatura, dedicou-se as obras literárias voltadas as crianças, jovens e adolescentes. Seus contos encantavam a todos, com boa aceitabilidade em todo mundo até os tempos atuais.

Andersen, quando criança, adormecia embalado pelas velhas lendas narradas pelo seu pai, e ainda, muitas vezes, ele visitava os abrigos dos pobres, para escutar dos velhinhos e suas extraordinárias histórias, tudo isso lhe proporcionou um enriquecimento de sua alma, dos sonhos, fantasia, criatividade e imaginação, apesar de seu pai ter sido sapateiro e de família humilde mostrava grande vocação para a literatura.

O escritor nasceu na Dinamarca, perdeu o seu pai aos 11 anos e teve necessidade de ir trabalhar numa fábrica de tecido. Sua mãe se casou pela segunda vez, mas, como não compreendia bem o seu filho o entregou a uma senhora que lhe acolheu com muito amor e carinho e era chamado por todos que o conhecia como “o poeta”. A primeira obra de Andersen:

*Histórias Maravilhosas*

A primeira composição poética foi:

*O menino moribundo.*

Esse conto abriu as portas a imaginação e a criatividade para muitas as crianças. Muitas dessas histórias a sua própria infância retratando as alegrias e tristezas de sua vida do menino ao adulto. Pode-se analisar que os contos literários de Andersen relatam a sua vida e de outras pessoas no seu contexto, porque sua literatura é dotada de realismo, pois ele mostra perfeitamente os obstáculos que a vida um dia lhes impôs.

Neste contexto, pode-se afirmar que mesmo antiga a literatura está próxima da criança está da fantasia, do seu imaginário, confundindo a fantasia com a realidade. Ainda, a literatura clássica oferece um campo maravilhoso para as adaptações da simplicidade da vida da criança para seu encantamento com clássicos. Enfim, a literatura infantil possui o poder de resgatar sonhos e fantasias que estão incrustadas no inconsciente tão logo a criança começa a explorar o mundo à sua volta ela se depara com problemas complexos para a formação de sua identidade.

A literatura chega a criança como alguém semelhante a si mesma, segundo Bettelheim (2007) uma figura que está colocada atrás do vidro do espelho, assim cria formas de descobrir quem a está olhando e admirando, busca entender a outra criança se é como ela, movendo-se no mesmo ritmo e fazendo as mesmas coisas e travando o primeiro contato com o dilema de sua identidade.

O autor explicita que a partir desta imagem nascem outras dúvidas relativas à vida, sobre a criação de homens e mulheres, pessoas e animais, sobre a bondade e a justiça, e até uma preocupação sobre o que a vida lhe reserva. Bettelheim (2007) essas são questões que deixam confusa a criança e para as quais apenas os contos de fadas oferecem respostas, pois toma consciência delas ao acompanhar a narrativa do adulto.

## **2. A LITERATURA INFANTIL: CONTOS DE FADAS NA FORMAÇÃO INTEGRAL DA CRIANÇA**

É válido referirmos que para o adulto que se ocupa em contar a história dando-lhe vida, no entanto, as respostas das crianças aos contos de fadas oferecem situações fantasiosas que não correspondem à realidade, pois suas soluções sob o ponto de vista do adulto podem ser equivocadas. Bettelheim (2007) comprova por meio de experiências com crianças de idades variadas que as explicações realistas, com cunho científico pode ser incompreensível para criança, porque elas ainda não dominam conceitos abstratos.

Na concepção dos adultos devem entrar em detalhes científicos quando estão explicando algo à criança, mas Bettelheim (2007, p. 63) enfatiza que “as explicações científicas necessitam de pensamento objetivo, algo que a criança ainda não tem”. A literatura infantil e, principalmente, os contos de fadas podem ser fundamentais para a formação da criança em relação a si mesma e ao mundo à sua volta. Como destaca Coelho (2003, p. 33) de que "o maniqueísmo que divide as personagens em boas ou más, belas ou feias, poderosas ou fracas, facilita à criança a compreensão de valores básicos da conduta humana ou convívio social".

Bettelheim (2007, p. 15) coloca que é “uma característica presente nos contos de fadas de se colocar dilemas existenciais de maneira categórica”. Esta forma de apresentar os problemas simplifica todas as coisas para a criança, menos complexa, embora bem ou mal sejam onipresentes estejam constantemente gerando conflito as pessoas. Essa dualidade existente durante toda a existência envolve o conceito de moral e exige do ser humano uma tomada de atitude posição a ser tomada.

Nos contos de fadas o mal comporta uma sedução, atrai as pessoas, e por um espaço de tempo ele se manifesta vitoriosamente (o poder maléfico da madrasta, que engendra o seu mal no intuito que o príncipe não encontre Cinderela para que experimente os sapatinhos de cristal).

[...] o respeito os elementos do conto, suas facetas de crueldade, angústia, pois entende que essa é uma maneira de se considerar a integridade dos contos,

sua inteireza, o corpo da narrativa, pois é inadmissível para a autora, que o contador ou o leitor (no caso o professor ou a mãe) tente adocicá-lo retirando de sua essência conflitos necessários (Abramovich, 2005, p. 122).

O interessante é que não se mutile a obra alheia, pois se removem dela todos os conflitos essenciais, transformando sua densidade, bem como, seu significado. Abramovich (2005) aponta para a expressão, a convicção e a dicotomia que é transmitida através de uma linguagem simbólica, contudo, não prejudica a formação da consciência ética da criança e o que as crianças encontram nos contos de fadas são categorias de valor perenes. Pode-se dizer que os contos nesse processo histórico também possuem ensinamentos em sua base, hoje vinculadas à educação.

Abramovich (2005, p. 20) aborda a importância de se contar num clima de encantamento envolvendo a criança em magia e sedução”. E ainda, enfatiza que até então, os contadores de história precisam estar atentos à importância das pausas, dos intervalos de leitura, do respeito que se deve ter ao imaginário infantil, pois, contar histórias é uma arte que pode ser aprendida e levada a sério.

É esse cuidado ao narrar o conto, para Abramovich (2005) permitirá à criança criar os cenários em sua imaginação, visualizar aquilo que está sendo relatado, muitas vezes, de forma muito viva, que chega a dar oportunidade de experimentar os mesmos sentimentos que os personagens estão vivendo. Nesse clima, a criança, a autora produz um cenário especial, veste suas princesas de encantamento e magia, pensa nos rostos que estão sendo descritos, dando-lhes feições e características e chega a sentir o vento que o galope do cavalo traz aos seus ouvidos.

Nesse pormenor, um detalhe é importante para a autora, a mesma salienta a atenção que deve ter o contador de histórias em evitar um detalhamento longo e muito elaborado, pois, esses devem ficar restritos à imaginação infantil, à criação da mente da criança, permitindo voos necessários. Além disso, é importante que o professor tenha conhecimento que o processo de criação das estórias nasceu da palavra viva e animada fornecida pelo mito, e deste evoluiu para o conto.

Ainda, o conhecimento fornecido pelos mitos e ou pelas analogias permitem formular novas possibilidades, resgatar emoções e novas formas, permanecendo camuflados na própria pessoa. Problemas como a riqueza, o trabalho e os poderes são elementos que se situam a base de todos os contos. Isso demonstra que essas histórias não são apenas criações

da imaginação, nascem de acontecimentos reais que o povo recolheu, guardou formando a base moral da sociedade.

É importante lembrar que, historicamente, os contos de fadas atuam como um veículo de transmissão de ensinamentos de valores morais e éticos ou como concepções de mundo na tradição oral dos povos, sendo fortalecido na memória das gerações passadas como uma espécie de legado que passava de pai para filho. Nesse contexto, torna-se difícil estabelecer, precisamente, quantas e quais funções o conto deveria servir na estrutura das sociedades primitivas.

Muitos contos se fundamentava na religião, passando a noção do bem e do mal, estimulava dessa forma a formação de um senso de justiça natural com o qual as crianças eram alimentadas. Nesta época havia nitidamente uma ação de ordem educativa, consciente e ao lado desta, uma necessidade básica de sonho e fantasia aos quais os contos de fadas correspondiam.

Por outro lado, torna-se fácil conhecer um conto de fadas, pois, em suas histórias os animais falam, as fadas madrinhãs realizam desejos e os reis e as rainhas estão presentes, muitas vezes transpirando maldades. Os contos quase sempre começam pelo bordão "Era uma vez...", acontecendo em lugares longínquos, com os nomes dos personagens de fácil memorização, o que faz com que a narrativa seja apropriada à oralidade.

Essa fantasia pertence, segundo os estudiosos, ao gênero literário do imaginário popular e como mecanismo psicológico auxilia o ser humano a vencer suas reais dificuldades, pois apresenta soluções para elas. Assim, quando uma pessoa lê o conto *Cinderela* a personagem representa o desejo que cada indivíduo tem de que o mais fraco vença as disputas e até inconscientemente possa urdir uma vingança contra quem a maltrata, por ser a pessoa menos favorecida e mais frágil.

Ainda, as crianças se identificam como os heróis e experimentam múltiplas emoções quando ouvem um conto de fadas, sentem medo ao ver as irmãs maltratarem *Cinderela*, manifestam ódio à madrasta que impede *Cinderela* de ir ao baile, e vivem a mesma angústia detalhada no conto quando a personagem se vê sozinha em casa à noite.

Contudo, pode-se dizer que a sociedade atual valoriza o momento do conto de fadas como uma atividade essencial para a criança, promover o processo de mudança de um estágio para outro, superando a instabilidade que vive. Entretanto, o professor que deseja levar seus alunos a experimentar os sentimentos e as emoções dos personagens das histórias

precisa Abramovich (2005, p. 20), modular sua voz ao dar vida às falas e representações “sussurrar quando o momento leva o personagem a falar baixinho, ou mesmo estar pensando em alguma coisa extremamente importante para a condução do foco narrativo”. Também nos momentos de dúvida e de reflexão a entonação de voz deve acompanhar o movimento da história, o importante é o uso das onomatopeias, os espantos, o susto, a expressão facial que acompanha o relato. Tudo deve concorrer para levar a criança ao encontro da magia expressada nos contos de fadas.

Com essa conduta pode-se relatar os contos, confeccionando máscaras que permitam a reconstituição da história torna-a acessível no reconhecimento da voz e das outras manifestações da própria personalidade, resgatando outros potenciais que se desmembraram ao longo da vida.

Além da riqueza literária que representam os contos de fadas eles são essenciais para a formação da personalidade infantil, pois, as crianças experimentam sentimentos negativos durante seu crescimento, e com o auxílio do “Mágico” aumentam seu repertório sobre o mundo ampliando a força de suas emoções enquanto interiorizam as normas convivência social.

Abramovich (2005) elenca os contos de fadas como envoltos no ambiente necessário para possibilitar a criança perceber que não pode viver indefinidamente no mundo da fantasia. Por isso, eles mantêm uma estrutura fixa, parte de um problema que está ligado à realidade vivida pelo personagem (penúria, carência afetiva, conflitos familiares) algo que causa um desequilíbrio ao clima de tranquilidade com que se iniciou a narrativa. O desenvolvimento da história caminha em busca de uma solução, ainda, no plano da fantasia entrando em cena elementos mágicos anões, bruxas, magos, duendes e fadas que ou auxiliam ou atrapalham o seu desenrolar. Deste modo, a história segue para o desfecho quando acontece à restauração da ordem e se volta ao real. Partindo dessa trajetória os autores vão ao encontro do potencial imaginativo da criança, mas também demonstram a impossibilidade de permanecer indefinidamente no mundo da fantasia.

Neste sentido, Abramovich (2005, p. 121) enfatiza o saber "lidar com conteúdo da sabedoria popular, com conteúdo essencial da condição humana, com a relevância dos contos de fadas, perpetuando a vida das crianças". Todavia, os contos de fadas têm uma singularidade são diferentes das demais histórias.



Essa ideia ganhou corpo após os estudos de Bettelheim (2007) ao explicitar o tipo de leitura desde o mais enriquecedor e satisfatório para ensinar ação infantil. Nesse sentido, o autor salienta que os contos de fadas fazem as pessoas aceitarem suas diferenças intrínsecas apresentando soluções aos conflitos que estão inerentes à cada indivíduo.

Bettelheim (2007) argumenta que para a criança aceitar essa diferenciação, que o auxilia, a crescer como pessoa, construindo sua própria identidade, precisa encontrar na leitura uma definição para as situações que acontecem no cotidiano, através das trocas de papéis que são experimentadas e vividas por ela ao se imaginar no lugar da personagem da história.

Alguns autores hoje utilizam elementos como estrelas, sinos, torres, gatas com óculos, lira no telhado para passear na imaginação dos leitores, com sugestões que devem ser digeridas devagar, dando perspectivas inteligentes ao olhar que se renova através do roteiro criativo e bem feito (Abramovich, 2005, p. 30).

Ainda, Bettelheim (2007, p. 161) demonstra que as reações das crianças ao ouvir histórias promovem “segurança e conforto, pois elas sentem que estão superando dificuldades que não compreendem quais são e onde se localizam, apenas sentem uma sensação de bem-estar”. Por isso, estas histórias possuem méritos definitivos, conseguindo contrabalançar o impacto difícil vivido na realidade muitas vezes árduo.

Por vezes, a realidade da vida é demasiada cruel para uma criança que pode estar atravessando momentos difíceis de perdas de entes queridos, novos relacionamentos, entrada de elementos estranhos em uma relação estável e com isso separação, divórcio, e que são momentos dolorosos, como demonstrado no conto de Cinderela, o falecimento de seu pai, a crueldade de sua madrasta e suas filhas ao encarar uma nova realidade tão severa, mas, que por seus doces méritos consegue lutar e vencer a crueldade. Fugir para a magia dos contos de fadas e se refugiar neles significa sentir renascer da esperança, viver através de convicções e certezas que sustentam e dão força.

Neste sentido, entende-se que a criança em contato com o mundo dos contos de fadas encontra-se com mais facilidade e sua identidade possa ser melhorada e estimulada, podendo se sentir mais confortável para “exercer as múltiplas e diferentes aprendendo formas de comportamento que permitirão que interaja em sociedade, com os diversos tipos de indivíduos” (Bettelheim, 2007, p. 162).

No contexto, Abramovich coloca que os contos de fadas falam dos medos que cada pessoa enfrenta na vida, daquilo que realmente a assusta o diferente que causa medo, “medos dos silêncios imensos que abafam os gritos” ou então daquele medo que permite “procurar a pessoa amada atrás de uma máscara, mesmo tendo sido solicitado que ela nunca fosse retirada, acaba revelando ou provocando um momento de horror” (Abramovich, 2005, p. 123).

Com isso, também os contos retomam a eterna busca que move o ser humano na sua caminhada como lembra o conto de Andersen *Os sapatos vermelhos*, publicado em 1948. Na história a criança ao ficar órfã é recolhida por uma velha e enganando-a consegue comprar os sapatos vermelhos que sempre desejou a vida toda. Mas os sapatos (que parecem de baile) a faz dançar interminavelmente, sobre os mais diferentes pisos, destruindo os seus pés.

O final não é feliz, característica em Hans Andersen, que muitas vezes, aproxima-se mais da tragédia grega do que do típico conto de fadas, porque se assim fosse segundo a visão do senso comum, poderia haver a restituição de seus pés, já que nesses contos a magia se faz presente.

Muito importante e válido considerar o que diz Fanny Abramovich sobre a fábula de Andersen quando contextualiza:

O horror só termina quando um anjo se compadece dela e corta seus pés. De muletas, inválida e doente ela descobre que conquistou o perdão da aldeia, de sua mãe adotiva e com medo (da cobiça, do desejo, e também da culpa que carrega) ela jamais pergunta pelo sapato vermelho. A angústia causada por seu próprio medo oriundo da posse do objeto desejado (a culpa envolvida deve ser trabalhada pelo professor ao relatar o conto), assim como os valores que ela perde e encontra no interior da própria família, são elementos fortes que devem ser utilizados no momento do conto (Abramovich, 2005, p. 124).

Esses momentos permitem à criança entender e processar seus sentimentos, seus medos e suas fobias, num processo de estimulação de um conjunto de soluções adaptativas de conflitos.

Outra análise de Andersen encontramos em Daniele Dias e Fernanda Souza:

Há a presença de valores sociais, tais como: valorização do indivíduo por suas qualidades próprias e não por seus privilégios ou atributos sociais; ânsia de

expansão do eu, pela necessidade do conhecimento de novos horizontes e da aceitação do eu pelo outro; crença na superioridade das coisas naturais em relação às artificiais; incentivo à fraternidade e à caridade cristãs, à resignação e à paciência com as duras provas da vida (muito forte nas características do texto analisado); valorização da obediência, da pureza, da modéstia, da paciência, do recato, da submissão, da religiosidade como virtudes básicas (Dias & Souza, 2008, p. 142).

Os contos de fadas abrem a possibilidade de a criança perceber que a madrasta (a bruxa) que tem em casa é melhor que a bruxa (madrasta) do conto que ouve e esta sensação fortalece seus sentimentos dando-lhe valores que a sustentam. A satisfação fantasiada fornece combustível para a esperança de dias melhores, que “embora essas esperanças fossem limitadas e provisórias elas darão mecanismos compensatórios importantes para paz familiar” Bettelheim (2007, p. 161).

Ao afirmar essa possibilidade o autor está foca no fato de que, no decorrer de sua vida, a criança vive fases de inconstância que vão se formando e levando os processos de separação e ou individualização, com a possibilidade de a criança aumentar seu próprio repertório com conhecimentos sobre o mundo, transferindo suas energias a seus personagens e seus dramas. Porém, na infância, o que a criança mais teme é a separação dos pais. Esse drama existencial surge combinando e tecendo teias onde a agressividade, o descontentamento com irmãos e com os pais é vivenciado de uma forma mais amena pela fantasia.

Podemos considerar que os sentimentos como rejeição, rivalidade são vistos e trabalhados nos contos como *Cinderela* Perrault (1697), mostra que os sentimentos vão se modificam com o tempo, aponta padrões sociais de comportamentos que estão cristalizados em uma personalidade, sendo substituídos por outras atitudes e comportamentos com características novas, diferentes das anteriores. Ou então abordam os anseios, conforme Abramovich (2005, p. 126) “momentos densos, de carência, de entendimentos silenciosos que as pessoas atravessam até chegar à plenitude do amor verdadeiro”.

Desde os objetivos das moças ingênuas como *Cinderela* é encontrar seu príncipe encantado e viver feliz para sempre, uma recompensa devida, pois, ela é do bem, paciente, meiga e amiga. Já os personagens maus (madrasta e suas filhas) se deparam com situações difíceis, dramáticas, onde os finais nem sempre são muito agradáveis.

Os contos para Bettelheim (2007, p. 161) mostram a criança “que não é necessário suprimir a fantasia, ainda que sejam fantasias de vinganças dos pais”. Quando está em seus momentos mais lúcidos, onde suas ideias de vingança são reconhecidas como injustas, pois seus pais lhes fornecem carinho, abrigo, proteção.

O interessante é que a criança se permita viver através dos contos de fadas as fantasias repreensíveis contra os pais, neste caso, não teme a retaliação e nem viver sentimentos considerados imorais. Por isso, por tantos séculos a ideia dos contos de fada vão mantendo um canal aberto para a criança vivenciar sentimentos que não consegue ou não pode expressar.

No século XVII quando esses contos foram criados voltados para a vida camponesa, como na atualidade, as histórias mostraram às jovens que não deviam andar sozinhas, pois, se colocam à mercê do “Lobo Mau”. Nessa afirmação ele destaca que os contos servem para instruir e educar, muito mais que divertir.

Abramovich (2005, p. 137) explicita que os contos de fadas demonstram que “imaginar é também recriar realidades”, em momentos que eternizam o humor, a ironia, e o engraçado. A autora enfatiza que existem escritores que em sua criação permitem um ritmo frenético, uma agitação que contaminam o leitor, fazendo-o seguir o compasso da história sem conseguir desligar-se.

Este processo físico e psicológico acontece de modo desigual em cada criança por e em períodos indeterminados de tempo e os papéis que absorvem nas histórias se cristalizam em inter-relações. Esta forma de proceder vai estar diretamente ligada à possibilidade de a criança adquirir novos conhecimentos, buscando sua própria identidade no firmamento da sua personalidade, vão se apropriando da composição, do verso, da rima, do ritmo tornando parte integrante da história.

No entanto, a riqueza de elementos auxilia a compor ou a descompor as expectativas de comportamento, além disso, é preciso que levemos em conta que, os conflitos são únicos, da construção da individualidade onde os seres humanos estejam continuamente avaliando suas relações de equilíbrio existente entre a unidade familiar e o crescimento individual, favorecendo a compreensão geral da situação.

Pode-se dizer que esses fatores acontecem numa mistura entre a fantasia e a lógica assim como acontece na vida e na essência familiar, demonstrando formas diferentes, que, também na família há múltiplas maneiras de interação estando continuamente ocorrendo,

por vezes de forma simultânea, como podendo desencadear formas com que os pais se relacionam, como se tratam, como tratam os filhos. Isto vai desde o aspecto da modernização vivido pelos membros dos familiares.

Relacionamentos percebidos nos laços familiares, que assumem diversificações ocorrendo entre as pessoas. “Para a criança as ações dos pais velhos são incompreensíveis e ilógicas” (Abramovich, 2005, p. 58). Muitos escritores conseguem fazer com que a entrada e a saída dos personagens, a mistura de pessoas e de animais os quais convivem desde os preconceitos, as formas como essas personagens falam, resmungam, comem, cansam demonstram para as crianças que a vida pode comportar essa mistura sem que se percam os caminhos que existem para serem trilhados.

Para Bettelheim (2007, p. 155) "à medida que a criança cresce conseguindo satisfações emocionais com pessoas, que não fazem parte de sua família e essa sensação supre a desilusão que ela tem com seus pais". O autor enfatiza que a criança se desencanta com os pais porque eles não suprem suas fantasias e expectativas infantis, o que faz com que sozinha ela se torne capaz de suprir necessidades que possui. Demonstra ainda, que o papel do conto de fadas hoje “centrado para a aprendizagem das relações afetivas, sejam elas de amor e ódio, pois são elas que preparando o indivíduo para estabelecer um tipo de laço afetivo da maturidade” (p. 161).

Entende-se, portanto, que a criança vai adquirindo mais habilidade e pode realizar coisas que antes não conseguia. Embora faça parte do crescimento a mudança de relações causa um grande desapontamento na criança e fica ainda mais grave quando é causada pelos pais que até o momento eram os seus grandes provedores. Por isso, os sentimentos de frustração, desespero e decepção são experimentados por essa criança que se manifesta em explosões temperamentais, demonstrando assim que não consegue sozinha mudar as difíceis condições que atravessa.

O ideal é valorizar o momento em que “a criança começa a fantasiar e acreditar nas fantasias que forma e vive mais presa ao futuro, fugindo das angústias de um presente que não a agrada” Bettelheim (2007, p. 157) Nesse momento, ela começa a manejar os acontecimentos como deseja e antecipa as vitórias que quer alcançar.

Na esteira de seu entendimento esse autor indica que a pessoa passa por diferentes etapas, onde suas relações com o mundo físico e social são determinadas pela vivência familiar, tendo os contos de fadas como um mundo fantástico em sua formação, Bettelheim

(2007) a criança experimenta avanços e retrocessos em seu desenvolvimento particular e os diferentes ritmos até se constituir de forma sadia o seu desenvolvimento e, que muitas vezes ao sentir as insatisfações que surgem quando se vê dominada e cercada por adultos é comum que ela construa para si um reino imaginário, ali permaneça com suas próprias ordens com autonomia.

Assim sendo, considera-se atitudes importante para o desenvolvimento desde que processe ou de forma integrada na interação com o adulto, pois, nessas relações sua personalidade se constrói de forma gradativa. Na medida em que ela expressa seus pensamentos através de símbolos representando objetos e atividades ausentes, acrescentando novos valores, opiniões, atitudes à sua maneira de se expressar e aos comportamentos e valores que tenha desenvolvido fazendo uma correlação combinando, o velho e o novo, modificando assim as estruturas da personalidade individual.

Neste sentido, Schneider e Torossian (2009, p. 139) afirmam que “o conto é vivido como personificação de formações e evoluções interiores da mente, pois usam a mesma linguagem que o inconsciente”. Para tanto, o professor tem que saber trabalhar com os contos, tradicionais e também com os atuais, pois, desta forma, a imaginação é uma característica essencial no desenvolvimento cognitivo da criança para sua formação, proporcionando capacidade intelectual para resolver melhor seus problemas futuros, que ao serem generalizados permite que a criança não se sinta só no seu sofrimento, pois, ao relembrar a história que ouviu, pode sentir-se reconfortada.

A contação de histórias infantis para os autores aqui abordados é compreendida como recurso terapêutico psicanalítico, ao analisarem que o exercício de ouvir, dialogar a respeito de uma ideia, de um sentimento e dar expressão às imagens por intermédio de traços de desenhos é, sem dúvida, um precioso meio de reordenação e transformação pelo fato de essas histórias falarem de dificuldades humanas e tornarem mais fácil a expressão das suas angústias.

Considera-se que o encantamento dos contos de fadas mexe com a criança e sua intimidade relacionando o fato do “encantado” pela voz da mãe, pode-se entender que a narração oferece uma proteção ao psiquismo da criança facilitando assim um reviver sua história por meio do *faz de conta*.

## **2.1 Psicanálise: A contribuição dos contos de fadas para a construção de valores**

Diferente de outros animais o ser humano não nasce biologicamente completo, determinando um desenvolvimento orgânico e qual é submetido a uma contínua interferência social prevista, ou seja, à medida que vai tendo o complemento do seu desenvolvimento orgânico, vai sendo socialmente formado.

Fato de o ser humano se desenvolver de forma diferente, aparecem os distúrbios de conduta os quais são tratados pela Psiquiatria e, no caso das psicoses a Psicanálise se preocupa em compreender os distúrbios incomuns que se encontram ocultos em cada mente. De acordo com Lins (2009, p. 1) “a história da Psicanálise é na realidade um relato sobre como os grandes pesquisadores, filósofos, sociólogos e principalmente médicos da Europa chegaram à descoberta do inconsciente humano”.

E, para conhecer melhor o funcionamento da mente da criança precisamos dar um mergulho na Psicanálise, para a partir de aí construir um entendimento mais aprofundado que nos leve a identificação das bases psíquicas em que a criança foi formada.

## **2.2 Um breve histórico da Psicanálise**

Psicanálise a nomenclatura surge do renomado neurologista austríaco Sigmund Schlomo Freud (1856-1939) considerado o Pai da Psicanálise, por ser o criador de tratamentos dos desequilíbrios psíquicos, em uma época na qual o comportamento social exigia o silêncio dos indivíduos, como também a evocação da sexualidade humana era considerada um tabu.

Esses valores socioculturais, da época, fizeram eclodir um forte acirramento às teorias freudianas na sociedade científica, por outro lado, suscitaram e formularam novos pensamentos, conceitos e procedimentos terapêuticos, o que fez com que a Psicanálise assumisse um papel de suma importância para os estudos da mente.

O pensamento freudiano para Osborne (2001) pode ser considerado sob 4 pontos:

- Suas investigações sobre a histeria em parceria com Josef Breuer, primeiro com a técnica de hipnose aprendida com Charcot, depois com o seu entendimento sobre como tratar a histeria para obter um resultado melhor;

- A autoanálise e a formulação dos princípios básicos de sua teoria;
- O desenvolvimento do primeiro sistema de Psicanálise, com estudos sobre o Id;
- O desenvolvimento da Psicologia do Ego, o que motivou o psicanalista a ampliar e modificar suas idéias anteriores.

Ao analisarmos o primeiro ponto deve-se lembrar que as experiências de Freud com a psicose da histeria tiveram início em Paris (1885) quando trabalhou com o neurologista francês Jean-Martin Charcot, na época adotava a hipnose como tratamento para a cura de mulheres com histeria. Vale destacar que a histeria era considerada uma doença própria de mulheres e convém lembrar que muitas eram aprisionadas e perseguidas, ou ainda, as pessoas histéricas no passado costumavam ser queimadas como se fossem bruxas. O neurologista Charcot conseguira provar que os sintomas histéricos não tinham uma origem anatômica, nem biológica e nem mecânica, mas neurológica, as quais poderiam desaparecer ao mostrar seus sintomas ao serem hipnotizadas Freud (1987).

Após um longo período ao lado de Charcot, Freud retornou a Viena ainda sob a influência das descobertas sobre a possibilidade de cura das pacientes histéricas, através da hipnose. Associou-se, então, ao médico vienense Josef Breuer (1842-1925) que também se interessava pelo tratamento das pessoas histéricas.

As descobertas de Josef Breuer ocorreram durante os anos de 1880 a 1882, ao utilizar um novo método por meio do qual curou uma paciente, que vinha sofrendo de grave histeria, o resultado obtido com o método levou-o a analisar que os sintomas estavam ligados a impressões recebidas durante um período de agitação enquanto cuidava do pai enfermo. É válido referirmos que o sucesso do método ocorreu numa data anterior às investigações de Jean-Martin Charcot, a origem dos sintomas histéricos, deste modo, podemos dizer que a descoberta de Breuer não foi de modo algum influenciada por eles.

O tratamento adotado por Josef Bauer consistia de indução, enquanto a pessoa se encontrava num estado de sonambulismo hipnótico, de modo a procurar essas ligações em sua memória a viver através das cenas “patogênicas” mais uma vez, sem inibir, os afetos que surgiam no processo. Ele verificou que quando ela fizera isso, os sintomas histéricos desapareceram para sempre Santos (2007).



Sigmund Freud entusiasmado com o resultado desse método e com a experiência adquiridas com Charcot sobre hipnose procura o neurologista para ampliar suas investigações e, de acordo com Osborne (2001), Josef Breuer ofereceu apoio financeiro e acadêmico a Freud, e juntos descobriram que a histeria podia ter uma origem psicológica e ainda, que os pacientes não se lembravam das crises, como igual a dos sonhos.

Nesse período, o resultado de suas novas investigações muda sua abordagem psicanalítica com a hipnose, e passou a usar, inicialmente, o hipnotismo não como sugestão hipnótica e sim como um meio de fazer o seu paciente ir buscar a gênese do problema, informações estas que não eram adquiridas ou penetradas em seu estado normal de consciência.

As observações de Freud e Breuer sobre o comportamento de seus pacientes resultaram no livro *Estudos sobre a histeria*, publicado em 1895. O mesmo explicitava sobre a origem dos sintomas histéricos, estes surgiam através da energia de um processo mental que era afastada da influência consciente e desviada para a inervação corporal (conversão). Com essa análise, os neurologistas afirmaram que um sintoma histérico seria assim um substituto de um ato mental omitido a uma reminiscência que se deu a esse fato.

Com base nesse ponto de vista, a recuperação seria o resultado da liberação do afeto que se extraviara sua descarga por um caminho normal (ab-reação). Segundo Santos (2007) o tratamento catártico deu excelente resultado terapêutico, no entanto, os estudiosos verificaram que não eram permanentes e que não eram independentes da relação pessoal entre o paciente e o médico.

O pensamento Freudiano veio na defesa do novo, acreditando-se nos resultados que Freud apresenta a comunidade científica sua experiência com Ana O. (Bertha Pappenheim) uma jovem de 21 anos de idade, histérica, que teve os seus sintomas diminuídos quando, hipnotizada, conseguindo externar as razões de sua enfermidade que, entre elas, tinha relação com os seus desejos recalçados em relação ao pai, que já morrera, mostrando que as memórias são reprimidas e distorcidas. Com esse entendimento o psicanalista elaborou a noção de recalque<sup>3</sup>, aliada a sexualidade.

Essa nova concepção, segundo esse autor, conduziu Freud a considerar que a resistência ao controle da histeria pela hipnose, derivava de desejos sexuais reprimidos, e

---

<sup>3</sup>O recalque é um dos mecanismos de defesa utilizados pelos seres humanos. Todos os sentimentos são regulados pelo Ego e quando este decide não manifestar um determinado comportamento ou ação, o mesmo vai para o inconsciente onde fica armazenado. A sua manifestação se dá em forma de neurose.

que os pacientes não queriam admitir. Algumas ideias passaram a incomodar cada vez mais o pensamento do psicanalista, entre elas, a maioria das neuroses agudas nas mulheres teria sua gênese no leito conjugal; no bissexualismo, onde todo indivíduo é masculino e feminino ao mesmo tempo; na vida controlada por fenômenos periódicos ligados a essa estrutura bissexual.

Sigmund Freud acreditando nestas análises conclui que todas as neuroses eram consequências de algum abuso sexual sofrido na infância, cometido em grande parte das vezes pelo pai, a qual denominou de Teoria da Sedução Freud (2004). Contudo, Breuer e a maioria dos especialistas da época não concordaram com essa posição de Freud, uma vez que, viviam em uma sociedade em que a sexualidade era recalcada, e não era assunto popular Osborne (2001).

De acordo com esse autor, Freud desistiu dessa teoria em 1897, ao reconhecer que sua análise sobre o comportamento neurótico, sobre a origem abuso infantil praticado pelo pai, significava dizer que todas as neuroses tinham apenas uma causa, e isso não era admissível, assim, deparou-se, com o segundo ponto, a autoanálise e a formulação dos princípios básicos de sua teoria Osborne (2001).

Deste modo, Freud chegou à conclusão de que o inconsciente do adulto era formado pela criança que se escondia dentro de cada um, e o caso de Anna, exerceu grande influência no delineamento desse novo pensamento de Freud, já que o tratamento com a hipnose parecia curar os sintomas, mas que muitas vezes o problema voltava, ainda que de outra forma, tese defendida pelos estudiosos que o criticaram na época.

Em sua investigação ele analisou que os distúrbios neuróticos tinham raízes mais profundas do que se acreditava. Nesse sentido, Santos (2007) refere que Freud troca o método da hipnose pela técnica da associação livre que permitia um exame cada vez mais penetrante da mente de seus pacientes, percebendo que essas forças eram inconscientes, e de acordo com a literatura, Freud deixou de lado a fisiologia e a neurologia, e passou a adotar a terapia pela autoanálise e a cura pela palavra, o que o levaram à criação de modelos da mente e a uma noção de padrões psíquicos universais.

O novo pensamento freudiano baseou-se na interpretação dos sonhos e, segundo Osborne (2001, p. 43), Freud teria afirmado: “A interpretação dos sonhos, na verdade, nada mais é que uma via que rege o conhecimento do inconsciente, o alicerce mais firme da

psicanálise”, assim ele demonstrou que as análises dos sonhos confirmavam as suas teorias sobre a mente inconsciente, mostrando como essa técnica funcionava.

Para Freud (1974) todos os sonhos teriam um significado e uma causa, e uma relação complexa entre ambos, que só poderiam ser descobertas através da associação livre, pois o que estava latente (oculto, a parte recalcada, ou inconsciente) seria a sua causa. Desta forma, só se poderia trazer à tona o que estava enterrado no inconsciente por meio da análise cuidadosa dos fragmentos que se encontravam na superfície, a técnica da associação livre é que poderia revelar as conexões ocultas entre ideias e imagens.

Esta técnica passou a ser considerada a marca registrada da Psicanálise. Com esse entendimento, Santos (2007, p. 4) referiu-se que a Psicanálise então criou dois significados: “(1) um método específico de tratar as perturbações nervosas e, (2) a ciência dos processos mentais inconscientes, que também é apropriadamente descrita como psicologia profunda”.

Salientou-se então outro fenômeno que envolvia um acontecimento marcante e podia ser representado por uma memória recente, mas sem importância, nesse caso, a associação livre podia revelar a ligação oculta. O psicanalista considerava também que memórias esquecidas há muito tempo eram representadas por ideias triviais recentes, deslocamento profundo que só podia ser revelado através da Psicanálise Freud (1987).

Suas teorias a origem dos sonhos, tinha a ver com as principais informações contidas nos mesmos e, derivavam de acontecimentos recentes e fatos emocionais óbvios, como algo que causava algum tipo de irritação. Como também, várias ideias eram misturadas pelo sonho, fenômeno também conhecido como condensação Freud (2004).

De acordo com Osborne (2001) o pensamento freudiano apresentou o funcionamento dos sonhos com os seus mecanismos de trabalho. A condensação, que ocorre quando uma única imagem pode representar várias associações, podendo-se calcular a complexidade do conteúdo latente de um sonho ao se analisar como ideias antigas, recalcadas ou não-reconhecidas, além de associações imprevistas, ao estarem ligadas à imagem condensada que forma a fachada do sonho.

É interessante destacarmos a questão da elaboração secundária, que ocorre ao acordar, a pessoa lembra o sonho e começa a imaginar o que ele significa. Em síntese, podemos dizer que os sonhos são versões distorcidas, disfarçadas, de desejos ocultos e recalcados, na esteira da teoria freudiana.

E ainda, que esses sonhos pudessem significar uma espécie de relatório sobre o que acontece no Inconsciente, mas que a mente Consciente só os recebe depois que passarem por um processo mental. Ao abstrair esse entendimento, em 1899, Sigmund Freud lançou o livro *A interpretação dos sonhos* apresentando sua nova teoria com os resultados de suas experiências.

Com sua forte característica inquisitiva, os estudos de Freud sobre a vida sexual de seus pacientes o leva a romper com as noções tradicionais a respeito de sexualidade. Assim, *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905), o pensamento apresentado por ele foi de que os fenômenos da vida sexual humana consistiam em externar os próprios órgãos genitais ao contato com alguém do sexo oposto, e a esse ato se associava, aos fenômenos introdutórios como beijar o corpo estranho, contemplá-lo e ou tocá-lo Freud (2004).

No entanto, mais uma vez, essa teoria gera polêmica, pois foram detectados certos fatos que não se coadunavam com essa teoria, entre eles, destacavam-se a questão de que algumas pessoas só se sentiam atraídas por indivíduos do mesmo sexo e seus órgãos genitais; como também, a existência de algumas pessoas cujos desejos pareciam funcionar da mesma maneira, mas que ao mesmo tempo, desprezavam os órgãos sexuais ou o seu emprego normal, o que foi denominado de pervertidos, e ainda, era surpreendente que aquelas crianças, consideradas degeneradas pela sociedade, tinham um interesse precoce por seus órgãos genitais e com sinais de excitação Osborne (2001).

Este último fato fez com que Freud aprofundasse investigações nas fases de desenvolvimento emocional da criança, estudos esses compartilhados pelo seu amigo o médico alemão Wilhelm Fleiss (1858-1928) passando a considerar a fase oral início, que correspondia à boca, como zona erógena de prazer, em razão de que, quando o bebê sugava o seio materno teria um duplo prazer e o da amamentação em si e o prazer sexual localizado na boca.

Com esse entendimento Freud afirmou que sugar o seio da mãe era o ponto de partida de toda a vida sexual, era o primeiro objeto de amor; depois a fase anal, considerando que o ânus seria a segunda zona erógena, tendo por prazer esvaziar o intestino, o que explicaria o fato da criança ter satisfação ao dar aos pais suas fezes, como um presente ou, por outro lado prender as fezes como forma de desafiá-los; e por fim, a fase fálica, quando a criança tomava consciência de sua zona erógena baseada nos órgãos genitais deixaria para trás a fase oral e a fase anal, nesse sentido Freud afirmou que a criança só conhecia um órgão genital, o falo,

e que a oposição entre meninos e meninas se daria em termos de fálico (meninos) e, castrado (meninas). Assim, o falo seria o fator mais significativo dessa fase e, que as meninas possuíam inveja do pênis Osborne (2001).

O resultado desses estudos direciona as teorias freudianas para o terceiro e quarto pontos destacados por Osborne (2001), ou seja, o desenvolvimento do primeiro sistema de Psicanálise, com estudos sobre o Id em conjunto com o desenvolvimento da Psicologia do Ego, o que motivou o psicanalista a ampliar e modificar suas ideias anteriores.

Segundo Santos (2007), em 1914 Freud apresentou em detalhes o que passou a ser conhecida como a primeira topografia, segundo a qual a mente seria formada por três sistemas: o Inconsciente, propriamente dito, reunindo os conteúdos recalçados pelos processos primário ou secundário; o Pré-Consciente que abrangia os conteúdos ainda não conscientes, isto é, não eram recalçados, assim, podiam emergir para a consciência; e o sistema Percepção da Consciência com todos os conteúdos conscientes num sentido descritivo. Pode-se dizer que o recalque ocorria na fronteira entre os sistemas Inconsciente e Pré-Consciente.

No entanto, o psicanalista inquieto não ficou restrito a essa teoria. A partir de 1920, com a ampliação de seus estudos Freud elaborou sua segunda topografia da mente, ele propôs uma revisão da estrutura do aparelho psíquico que ele havia apresentado, reformulando-a da seguinte forma:

O Id (Inconsciente): Regido pelo princípio do prazer; desejo x ação, enquanto o Ego procurava manter a coerência do todo;

O Ego (Consciente): Regido pelo princípio da realidade, bloqueava o poder do Id e procurava mediar as necessidades complexas derivadas do padrão de desenvolvimento psicosssexual do indivíduo;

O (Superego): Regido por suas origens, internalização dos limites externos, teria a função, o poder e os métodos do agenciamento parental, seu desenvolvimento acompanharia a resolução do complexo de Édipo que chamou a atenção para que este não fosse bem resolvido, o crescimento do Superego seria interrompido.

A importância do Superego, neste estudo, é pelo fato de que determina a teoria de Freud (1987, p. 57) onde “a criança recalçada de seu desejo monta sua defesa, estando sempre a exigir a perfeição do Ego, enquanto a função a auto-observação, da consciência e da manutenção de um ideal a ser atingido”.

Não podemos deixar de analisar alguns aspectos psicanalíticos, como o complexo de Édipo, (nome relacionado ao mito grego no qual Édipo mata o pai, casa-se com a mãe e soluciona enigmas) Freud defendia que todo o desenvolvimento da sexualidade infantil, existe uma busca por um objeto e estaria relacionado aos pais. O desejo secreto de relações sexuais com o progenitor do sexo oposto estaria na base de tudo, como também um ódio aquele progenitor que barrasse o seu caminho, Freud, coloca que na fase edípiana é que as meninas se tornariam futuras mulheres e os meninos, futuros homens como um momento em que a questão de gênero estivesse bem resolvida.

As fixações infantis da libido, segundo Santos (2007) é o que determina a forma de qualquer neurose ulterior, as neuroses devem ser consideradas como inibições no desenvolvimento da libido. Não existem causas específicas de perturbações nervosas, a questão se deve a um conflito que encontra uma solução saudável ou conduz a uma inibição neuróticas de funções depende em considerações quantitativas.

Para Osborbone (2001) Freud ainda, destacou os mecanismos de defesa do Ego contra os acontecimentos do mundo externo ou interno percebidos enquanto constrangedores, dolorosos, desorganizadores, e com a finalidade de evitar esses múltiplos desprazeres, os indivíduos deformariam ou suprimiriam a realidade. Por esse motivo deixariam de registrar percepções externas, afastando-se de determinados conteúdos psíquicos, que interferissem no pensamento.

Pode-se referir sobre a importância da atenção dos professores durante a contação de histórias infantis, pois a reação adversa da criança ouvinte de contos de fada é um indicativo que pode levar a detecção de algum problema, pois como destacam Schneider e Torossian (2009), crianças que já passaram por infortúnios ao escutaram uma trama que apresente dores e sofrimentos, revivem as angústias por eles vivenciadas.

Desta forma, vários mecanismos de defesa seriam utilizados para realizar uma deformação da realidade, tais como: recalque, quando o indivíduo “não via”, “não ouvia” o que estava ocorrendo consigo. Nessa condição, estaria havendo a supressão de uma parte da realidade, pois aquilo não era percebido pelo indivíduo fazia parte de um todo, e ao ficar invisível, alterava, deformava o sentido do todo, o recalque seria o mais radical dos mecanismos de defesa Freud (2004).

Outros mecanismos de defesa seria a formação reativa, que ocorreria quando o Ego procurasse afastar o desejo que estaria indo em determinada direção e, em dado momento, através de uma atitude do indivíduo, oposta a este desejo, ocorresse o desvio Freud (2004).

A nova teoria outros instrumentos foram referidos por Freud como: recalque, projeção e racionalização:

\*Ao explicar o recalque ele destacou que no caso o indivíduo retornaria a etapas anteriores de seu desenvolvimento, como exemplo, uma pessoa enfrenta situações difíceis com ponderação e, por outro lado, ao ver uma barata ela se descontrola;

\* A projeção aconteceria quando o indivíduo transferisse algo de si para o mundo externo, não percebendo que aquilo é algo seu que considera indesejável;

\* Por fim, a racionalização, ocorre quando o indivíduo constroem uma argumentação intelectualmente convincente, capaz de justificar os estados deformados da consciência Freud (2004).

Além destes mecanismos de defesa do Ego, Freud também elaborou outros instrumentos de defesa mental como a identificação, o isolamento, e a anulação retroativa. Destacou ainda que, de alguma forma esses mecanismos seriam utilizados no cotidiano ocorrendo a deformação da realidade como meio de defesa dos perigos internos e externos, reais ou até imaginários Lins (2009).

De acordo com Osborne (2001, p. 111) “Freud estava sempre revisando os aspectos de suas teorias”, um exemplo, é a introdução de outro mito grego Narciso, um belíssimo jovem, que olha para o lago e se apaixona por sua imagem refletida nas águas, no entanto, ele não pode se possuir, assim definha, morre transformando-se numa flor, o narciso, para explicar o fato do Ego que se volta para si mesmo e não consegue mais se comunicar com o mundo externo.

O conceito Narcisismo surge em 1914, como resposta aqueles pacientes que não respondiam a terapia da palavra, a cura pela linguagem, por não haver nenhum estímulo externo a receber uma reação, assim a pulsão sexual se tornaria o próprio Ego.

Freud estudou ainda, a sensação de angústia, conceito considerado muito importante para a Psicanálise por indicar problemas de personalidade, referindo-se ao medo que poderia

variar entre leve e fobia aguda. Assim, descreveu três tipos: real (guerra, crime etc.); neurótica (sentimentos instintivos desagradáveis do Id realização imediata); moral (atuação do Superego em que o indivíduo se sente ameaçado de ser punido por causa de uma transgressão moral) e, concluiu que o estado de angústia podia ser criado por uma mistura de todos os tipos referidos Freud (2004).

Na sequência, o surgimento dos conceitos de angústia, Id, Ego e Superego, o modelo da Psicanálise estava pronto, e o ser humano desenhado por Freud (2004) como um sistema dinâmico, altamente complexo, formado de energia, controles, recalque e catarse, elementos que pré-determina o ser humano comum, Osborne faz um resumo de Freud, quando destaca.

[...] Ele possui uma visão extremamente radical e dinâmica do ser humano, calcada no desenvolvimento sexual (em seu sentido mais amplo), tomando como base a dinâmica da personalidade. Para Freud, a interação entre Id, Ego e Superego apoiada na biologia é a realidade essencial da psicologia humana (Osborne, 2001, p. 121).

Deste modo, o entendimento Santos (2007, p. 4) reflete “o futuro e que provavelmente atribuirá com maior importância na psicanálise como na ciência do inconsciente de um procedimento terapêutico”. Concorda-se com esta reflexão, uma vez que os psicanalistas seguem uma prática de adotar a psicoterapia como uma via de tratamento de seus pacientes, o que é coerente com a proposição da disciplina, no entanto, é fundamental também, a prospecção do inconsciente a fim de detectar a gênese do desvio de conduta.

É válido considerar que a análise resumida de alguns dos pensadores sobre as obras do psicanalista pode-se acompanhar os discursos polêmicos acerca do pensamento freudiano.

### **2.2.1 Um pouco das teorias psicanalíticas**

Ao longo da vida profissional Freud conquistou amigos e inimigos, seguidores e críticos que, ao contrário de se sentir agredido serviram para estimulá-lo a encontrar mais respostas para contrapor os adversários.

Alfred Adler (1870-1937). Médico, Psicólogo e Psicoterapeuta austríaco foi um dos primeiros a se afastar do grupo ortodoxo. Era membro da Sociedade Psicanalítica de Viena parecia ser protegido de Freud. Em 1907, quando publicou “Estudo de inferioridade



orgânica”, em que afirmava que os impulsos eróticos primitivos não eram sexuais, mas agressivos, confrontando-se com o pensamento freudiano, afastou-se de Freud.

Carl Jung (1875-1947). Psiquiatra suíço, foi presidente da Associação Internacional de Psicanálise, sendo considerado mais um dos céticos na avaliação de Freud, pois em 1913, Jung publicou um artigo afirmando que ia livrar a Psicanálise de sua ênfase exagerada na sexualidade presentes nas teorias e nos livros publicados, o que provocou um afastamento de Sigmund Freud.

Para defender sua tese criou a “Psicologia Analítica”, na qual aborda o que chamou de “inconsciente coletivo”, em que os fenômenos da mente (psique), libido (dinâmica) não estariam apenas concentrados nos órgãos genitais; mas que existiam também progressão, regressão, símbolos (fato psíquico), supressão, inconsciente pessoal, complexos (conscientes parcialmente conscientes), arquétipos (imagens primordiais e misticismo, mito). Se contrapondo a tudo que Freud defendia, ou seja, inconsciente, sexualidade infantil, complexo de Édipo, sonhos (realização de desejos), associação livre, ciência (determinismo), castração/inveja do pênis, amnésia infantil, sublimação, narcisismo, instintos pulsões.

Donald Winnicott (1896-1971) Pediatra e Psicoterapeuta americano e seguidor das teorias da psicanalista austríaca Melanie Klein, conseqüentemente a favor do pensamento freudiano. Sua obra esteve focada nos processos de maturação, especialmente em relação aos momentos constituintes do si mesmo e da relação com o outro. Sua visão é a de que cada ser humano traz um potencial inato para amadurecer, para se integrar. O fato dessa tendência de ser inata, não garante que realmente ela vá acontecer. Isso dependerá de um ambiente facilitador que forneça cuidados que se tornam necessários.

Jacques Lacan (1901-1981), filósofo e Psicanalista francês produziu uma obra de difícil compreensão. Nunca deixou de ser freudiano, mas de estilo diferente. Afirmou que o Inconsciente tem a estrutura de uma linguagem, e enquanto Freud tendia mais para a Biologia e o determinismo, Lacan estava mais interessado na linguagem e nas estruturas; enquanto Freud procurava examinar a inter-relação entre a Biologia e a mente, Lacan preferia estudar a cultura, a linguagem e as estruturas mentais. Pode-se dizer que Lacan modernizou as teorias de Freud com a ajuda da linguística e procurou criar uma Psicanálise universal, que a livrasse do legado do século XIX. Ele concordou com Freud ao afirmar que o mundo infantil é o alicerce da identidade do adulto. Para Lacan, não se vive em um mundo

de realidades, mas num mundo de símbolos, de significantes (o significante é algo que representa outra coisa).

Melanie Klein (1882-1960), a psicanalista austríaca e seguidora do pensamento freudiano, em suas teorias apresentava conceitos muito claros a respeito da evolução emocional e psicosexual do ser humano, a partir do estudo do desenvolvimento da criança desde o seu nascimento à sua vida adulta, sinalizava no sentido de se poder compreender o processo de formação do caráter do indivíduo e sua maneira de ser quando adulto. Ao lado de Otto Rank, Klein aceitava que a criança enfrentava o seu primeiro estado de angústia durante o nascimento, quando terminaria a vida aconchegante no útero da mãe, passando da plenitude para o mundo real que se apresentaria de forma cruel, despertando sensações como o frio, a fome, e necessidades como urinar, defecar e outras.

Ao perceber a dependência do ser humano para sobreviver, nasceria a frustração, uma experiência sentida como causada por forças e objetos externos, em impulsos destrutivos, então, seriam dirigidos para estes objetos, para ataques sádicos ao corpo da mãe, enquanto parte destes impulsos permaneceria ligada à libido no interior do organismo. Ainda, tudo isto ocorreria, portanto, quando a criança sentisse o equivalente a um ataque de forças hostis, um tipo de perseguição que a levaria à ansiedade persecutória que é um desdobramento da própria agressividade e, desde o início estaria latente nas relações estabelecidas com os objetos.

Otto Rank (1884-1949), escritor, Professor e Psicanalista austríaco afastou-se do grupo da ortodoxia freudiana e pagou um preço por isto. Rank foi um dos protegidos diretos de Freud, que desde 1905 reconhecia seu potencial, assim auxiliou na sua educação acadêmica e o tratava como um filho. A decepção de Freud surgiu quando Rank e Ferenczi publicaram em 1924 “O desenvolvimento da psicanálise” onde defendiam a idéia de reduzir o tempo do tratamento terapêutico, através do entendimento de que as experiências infantis não eram tão importantes e que o paciente adulto poderia lidar rapidamente com os seus problemas. Em síntese, Rank afirmava que o trauma do nascimento era mais importante do que o Complexo de Édipo e que a origem da angústia era este acontecimento assustador.

Sándor Ferenczi (1873-1933), psicanalista húngaro nunca chegou a ser expulso do grupo de psicanalistas da Sociedade Psicanalítica de Viena, mas, com Otto Rank, demonstrou grande interesse pela versão mais curta da terapia. Freud não aprovava essa posição, mas nunca chegou a haver um rompimento entre os dois.

Wilhelm Reich (1897-1957), psiquiatra e psicanalista austríaco era um dos mais polêmicos pensadores da história da Psicanálise. Pertenceu a Associação Psicanalítica de Viena de 1920 a 1934, onde provocou muitas controvérsias, da qual veio a ser expulso por afastar-se da ortodoxia freudiana. Entre suas obras de fundamental importância para entendimento de seu pensamento, está “A Análise do Caráter”, texto editado em 1933, que engloba as orientações técnicas formuladas pelo autor durante sua trajetória institucional na Psicanálise.

O texto foi dividido em duas partes, Reich fez, na primeira, uma discussão sobre a técnica psicanalítica; na segunda abordou especificamente a teoria da formação do caráter, com a finalidade de extrair da experiência analítica, as lições que possibilitassem a formulação de preceitos técnicos de forma mais universal.

Wilhelm Stekel (1888-1940), psicólogo e psicanalista austríaco foi considerado por Freud um bandido, quando afirmou: “Depois de trinta anos de experiência analítica, não acredito mais na importância fundamental do inconsciente”. Freud considerou essa declaração uma heresia, e afirmou “[...] quanto menos se falar dele, melhor!” (Osborne, 2001, p. 102).

Pode-se considerar que o Pai da Psicanálise, Sigmund Freud, merece sua alcunha, uma vez que sua teoria provocadora de acirrava polêmicas, no meio científico, resultavam em novos pensamentos, conceitos e procedimentos terapêuticos, o que fez com que a Psicanálise assumisse um papel de suma importância para os estudos da mente.

Observou-se ainda a inquietação científica na busca de respostas para tratamentos eficazes dos distúrbios mentais e comportamentais, incansavelmente Freud criava novas terapias, após testar e abandonar teorias anteriores, por não alcançarem os resultados esperados, como o caso do tratamento da histeria pela hipnose, podendo se referir ao dinamismo de pensamento.

### **2.2.2 A psicanálise e os contos de fadas**

Por outro lado entender o dinamismo do pensamento foi muito importante para reconhecer a utilização dos conto de fadas como meio de afagar a mente, adotada por muitas linhas terapêuticas, conhecidas hoje usadas como medicamentos certos para promover a criação de imagens libertadoras do inconsciente (Medeiros, 2012).

Diante desse entendimento, podemos considerar que as histórias infantis, mesmo que por uma via, possibilitam e incentivam o acesso as fantasias e aos desejos inconscientes, e por outra via, intensificam os padrões de repressão sexual, já que os transgressores são punidos e mostram o momento adequado e almejado para a revelação das expressões sexuais, em algumas vezes, formando estereótipos de feminilidade e masculinidade.

Nesse sentido, os contos podem significar um rito de passagem, como defendem alguns estudiosos, ao auxiliarem a criança a administrar o presente, a preparar-se para adversidades futuras e a separar-se do seu mundo familiar, por consequência, seu ingresso no âmbito adulto, de modo saudável, pois é na ação lúdica que o indivíduo cria o que facilita o seu desenvolvimento.

Entende-se que as histórias infantis prevalecem como um instrumento para diminuir a angústia persecutória, proporcionando a criança uma maior aproximação de seus conflitos, através dos personagens.

Os contos e as estórias constituem-se ótimo canal transicional, podendo ser usados como uma forma de brincar, de acordo com a teoria winnicottiana os contos fazem reviver aspectos mais primitivos a partir de um contexto lúdico.

### **2.3 O Significado do lúdico para o desenvolvimento da criança**

As contribuições do pediatra e psicanalista inglês Donald Woods Winnicott (1896-1971) trouxe inovação a concepção psicanalítica sobre as bases do desenvolvimento emocional precoce, essencialmente o seu conceito acerca de fenômenos e objetos transicionais, quando destacou que ao serem produzidos em uma área intermediária situa-se entre o mundo interno desconsiderando a teoria passional de Freud e o mundo externo Santos (1999).

Deste modo, os estudos de Donald Winnicott versavam, à priori, da relação mãe e filho, no contexto de espaço, tempo e condições que facultam o surgimento do brincar no desenvolvimento emocional infantil, enfatizando as condições ambientais adversas que o bloqueiam (Dias *et al.*, 2012).

Nesse sentido, foi possível entender a importância do ambiente para a formação emocional e, conseqüentemente, do amadurecimento do adulto referido por Donald Winnicott, nos seguintes termos:

[...] cada ser humano traz um potencial inato para amadurecer, para se integrar; porém, o fato de essa tendência ser inata não garante que ela realmente vá ocorrer. Isto dependerá de um ambiente facilitador que forneça cuidados suficientemente bons, sendo que, no início, esse ambiente é representado pela mãe. É importante ressaltar que esses cuidados dependem da necessidade de cada criança, pois cada ser humano responderá ao ambiente de forma própria, apresentando, a cada momento, condições, potencialidades e dificuldades diferentes (Espaço Winnicott, 2013, p. 1).

Neste caso, muito importante ressaltar que a transacional idade marca o início da quebra da unidade mãe-bebê, ou seja, significa que a independência nunca é absoluta. “O indivíduo sadio não se torna isolado, mas se relaciona com o ambiente de tal modo que pode se dizer que ambos se tornam interdependentes” (Winnicott, 1995, p. 193), ou seja, um ser social.

Dentre as atividades da criança que visa a formação de uma personalidade saudável, é o brincar, sendo essencial porque é através dele que se manifesta a criatividade. A grande obra de criação, segundo Winnicott, é o próprio eu (*self*), adquirido através de um conjunto de brincadeiras, de contrastes, de associações de partes que antes estavam dissociadas. Para esse pesquisador quando o ambiente não é o da brincadeira a criança não pode construir seu *self* por inteiro (Winnicott, 1995).

A construção do *self* na criança, no pensamento winnicottiano, objetivando alcançar o desenvolvimento completo, parte da fase de dependência até chegar a independência, na fase adulta, nesse percurso defronta-se com o desafio de imitar os pais e, por outro lado, formar uma identidade pessoal.

Nesse sentido, os estudos de Donald Winnicott apontaram três razões para que a formação do *self* tenha por base a família, principalmente a mãe:

1ª: Esta tem (ou deveria ter) uma disposição e condição maior de favorecer o desenvolvimento. Analisou-se que, em princípio é a mãe que sabe a hora certa para favorecer a ilusão e, em seguida, a desilusão.

2ª: A suposição de que a família seja uma constante que não varie muito, essencial para uma criança que precisa, especialmente no seu início, que o seu entorno seja constante, regular, amigável e não caótico. Abstrai-se que para o desenvolvimento completo do *self* é importante que a criança tenha um ambiente familiar agradável.

3ª: A família deveria ter (embora nem todas tenham) uma condição maior de tolerância para lidar com períodos em que o ambiente é testado, em que a criança precisa experimentar algum tipo de confronto Winnicott (1995).

A fim de melhor entendermos as afirmações, voltou-se ao conceito formulado por Winnicott sobre a área transacional, na qual aparecem representações que estão no limite entre o interno e o externo, em que há objetos (por exemplo: a mãe) que estão em transição, objetos que estavam dentro e agora estão passando pouco a pouco para fora.

Nesse cenário podemos analisar que o princípio da ilusão e desilusão é fundamental para a transição das fases de dependência absoluta (de 4 a 6 meses de vida) e independência. A ilusão é criada quando a mãe se adapta às necessidades do bebê e este projeta o que ele mesmo criou daquilo de que ele necessita, idealizando a mãe como sendo parte sua, o que Winnicott (1995, p. 89) pode-se dizer que “a mãe, no começo, adapta-se quase completa, propicia ao bebê, a oportunidade para a ilusão de que o seio dela faz parte do bebê, de que está, por assim dizer, sob o controle mágico do bebê.” É interessante destacar que o bebê não tem percepção dessa situação, mas adquire uma sensação de onipotência.

Em continuidade a análise winnicottiana deve-se referir, a sua importância, na literatura quando destaca que a partir dos sete meses, a fase de desilusão deve ser iniciada pela mãe, não atendendo tudo tão prontamente, é fundamental que a criança comece a vivenciar algumas frustrações, pois de conflitos em conflitos, “o desenvolvimento do ego da criança será facilitado e ela passa a esperar certas atitudes que anteriormente queria na hora” (Franco, 2003, p. 3).

Assim, a fase de desilusão objetos transicionais são fundamentais e, estariam no espaço entre o mundo interno e o externo, sendo os dois ao mesmo tempo teorizado por Sigmund Freud.

Uma etapa importante, indica que o bebê está a lidar com a separação da mãe, saindo de um estado uno em relação a ela e percebendo o mundo de fora, sem deixar de manter um elo entre os dois mundos. O valor do objeto transicional é tão importante, que quando os pais se dão conta do seu valor, até levam consigo em viagens. É o caso, por exemplo, de um cobertor. A mãe permite que fique sujo e até mesmo malcheiroso, pois, sabe que se lavá-lo pode destruir o significado e o valor do objeto para a criança. E, quando eles o usam

para dormir, caso seja lavado, a criança pode ter dificuldades maiores para cair no sono (Franco, 2003, p. 3).

Já a figura paterna passa apenas a ser considerada a partir da adolescência, em razão de sua autoridade. Contudo, não devemos esquecer que se as frustrações vivenciadas no desenvolvimento do ego infantil tiverem sido incipientes, o jovem irá querer que o ambiente faça aquilo que não fez na infância, confrontando-se com os pais e, também com outras autoridades, resultando em um comportamento arredo e antissocial, e mais além, psicótico.

De acordo com Santos (1999) um quadro psicótico pode, também, se apresentar na fase adulta. Vale ressaltar que, para Winnicott, (1995) somente o ambiente familiar é o responsável por formar um ser humano de forma saudável e que faça de a vida valer a pena ser vivida. Os problemas psíquicos serão, portanto, resultados de falhas graves nas etapas iniciais do desenvolvimento.

A questão espacial é referida por Sérgio Franco que explicita as abordagens contextualizadas por Sigmund Freud e Donald Winnicott, com diferentes propostas.

A noção de espaço que Winnicott introduz está imersa em um paradoxo do ponto de vista de uma lógica clássica. Enquanto a realidade psíquica proposta por Freud tem uma localização dentro do corpo, é intrapsíquica, e a realidade externa está localizada nas tramas sociais intersubjetivas, Winnicott quer falar de um espaço que fica *entre* um espaço que não pode ser localizado pela lógica do terceiro excluído, segundo a qual ou seria intrapsíquico ou intersubjetivo. O espaço winnicottiano é os dois, está lá e cá. Winnicott diz claramente que não pretende questionar a noção de espaço interno e espaço externo de Freud. A ideia de Winnicott complementa esta noção, acrescentando este espaço especial que fica fora e dentro ao mesmo tempo, espaço construído pelo bebê e, recriado pela mãe na relação analítica (Franco, 2003, p. 4).

Observou-se a questão do espaço e dando prosseguimento a análise sobre o brincar, destacamos que para Winnicott (1995, p. 139), “o lugar em que a experiência cultural se localiza está no (espaço potencial) existente entre o indivíduo e o meio ambiente (originalmente, o objeto)”. Com esse mesmo sentido ocorre o brincar, pois a experiência criativa principia quando se desenvolve essa criatividade e isso se manifesta primeiro através da brincadeira.

A forte relação da mãe com sua prole aguça as experiências de confiança, que por sua vez é a base para a atividade criativa que se manifesta na brincadeira. E é no brincar apenas no brincar que a criança experimenta liberdade suficiente para criar e criar-se (Winnicott, 1995).

Neste caso, reforça a recomendação winnicottiana de que não haja interferência do adulto nesse momento, pois, o amadurecimento através das descobertas desenvolve-se durante o processo será fundamental para o início de sua atividade cultural. No entanto, devemos entender que o não interferir não significa abandono, mas sim, permitir liberdade de ações, pois, como assegura Winnicott (1995) será necessário que um adulto esteja sempre próximo, sem, no entanto, invadir ou retaliar a brincadeira, pois a autonomia e a capacidade criadora são desenvolvidas em longo prazo, e para isso o adulto deverá estar presente sempre que solicitado.

A importância do brincar da mesma forma é reiterada por Silva e Santos (2009, p. 32) dizendo que “independentemente do local, dos brinquedos disponíveis e de quem o pratica, sempre será positivo e sempre gerará aprendizado, tanto como atividade dirigida quanto livre” e ao ouvir o pensamento do outro entendemos que, suas experiências e a realidade em que cada um vive, interfere na sua maneira de olhar o mundo e de conviver nele. Transportando-se o pensamento winnicottiano para a Educação Infantil, considera-se a afirmação de Gomes (2006, p. 22) de que a mesma “deve ser pensada e baseada em uma pedagogia centrada na infância e em suas especificidades, considerando-se e contemplando o prazer que o brincar proporciona”.

Com esse mesmo entendimento pode-se considerar que os Contos de Fada os quais trabalharam os conflitos da criança de forma indireta, utilizando-se de um enredo com personagens variados dos contos de fada, nesse momento ela usa simbolismos para dar realidade aos materiais mais arcaicos e sem nome, para seus medos básicos, assim, o brincar da criança se torna viável a psicoterapia infantil.

De acordo com Miliavaca (2013, p. 5) Monteiro Lobato “viu a necessidade de estabelecer uma proposta renovadora no tratamento das relações familiares, dando lugar da criança no seu contato com o mundo exterior e com os adultos”. Pode-se dizer que a afirmação é válida, em razão de que os textos de Lobato expressavam o cotidiano, e aproxima a literatura do universo infantil transmitindo valores expondo conflitos sociais, usando numa linguagem e caricaturas que a criança pode entender e apreender.



Para validar nosso entendimento sobre a importância da contação de histórias infantis na construção do psiquismo da criança, é possível se valer da concepção do psicólogo bielorrusso Lev Vygotsky (1896-1934) de que é por meio da brincadeira que a criança consegue vencer seus limites, conseguindo assim, vivenciar experiências que vão além de sua idade e da realidade, fazendo com que ela desenvolva sua consciência. Em síntese, o brinquedo é um fator muito importante do desenvolvimento decorrente de uma predominância de situações imaginárias para as predominâncias de regras, mostrando as transformações internas das crianças em consequência do brincar Vygotsky (1984).

A literatura coloca que a contação de histórias: Contos de fadas, polêmicos, com a existência de duas correntes: de um lado, educadores que eram favoráveis a utilização em suas aulas, considerando o mundo fantástico das fantasias; de outro lado, pedagogos que rejeitavam a prática da contação de histórias para as crianças, ponderando os aspectos de uma possível perturbação e morbidez, em seus contextos ao apresentarem sofrimento, morte, maldades, ou seja o lado negativo do ser humano.

Contudo, a validade para o desenvolvimento do psiquismo da criança é concebida como importante para sua formação afirmando que a criança que teve liberdade para brincar, criar, recriar, com certeza será um adulto bem-sucedido.

### **2.3.1 A ludicidade dos Contos de fadas e suas reflexões psicanalíticas**

Nesta abstração com base na literatura visitada nas histórias infantis, em seu contexto, são representações simbólicas que não apresentam dificuldades para o entendimento da narrativa, contudo, intrinsecamente conseguem transmitir experiências subjetivas complexas e vivências emocionais perspicazes às crianças.

Muitas histórias de contos de fadas estão inclusas na literatura infantil como uma saga de herói e heroína, vilão e vilã, Vieira (2003) se conflitam e se perdoam no desenvolvimento da narrativa.

[...] se delineando na luta do herói que não se apresenta, inicialmente, como uma proposta em que todos os elementos da situação lhe estão naturalmente apresentados; ao contrário, no decurso da sua própria ação ele tem de descobrir os elementos que lhe faltam para compreender o processo em que

está inserido e, assim, poder construir situações novas que possam vir a lhe favorecer na luta pelos seus objetivos (Vieira, 2003, p. 5).

Por esta razão que Isabel Vieira coloca a batalha que os heróis travam ao se inserem, existindo, deste modo, grandes obstáculos, o que demanda que o herói mostre habilidade para contornar e por fim, vencê-los, “esta é a saga do herói, de cada um de nós, que, ao final, deveria ser culminada pela possibilidade de vencer todas as dificuldades” (Vieira, 2003, p. 5), a seguir ao destacar o final, o vilão é castigado e o herói é consagrado, ou seja, ocorre sempre a vitória do bem sobre o mal.

#### **2.4 A Personificação nos Contos de Fadas**

A literatura faz uma distinção entre contos de fadas e outras histórias infantis, esta pode ser sinalizada um núcleo problemático existencial no qual os heróis buscam uma realização pessoal e, que comumente, se deparam com obstáculos a serem enfrentados por eles, provocados pela maldade de bruxas, lobos, ou outro vilão, mas, que serão destruídos ao final, nos contos de fadas o bem sempre vence o mal.

Com esse mesmo entendimento, Schneider e Torossian (2009, p. 136) ressaltam que “os aspectos mais agressivos ainda se mostram presentes, personificados principalmente na figura do Lobo e da Bruxa, porém, ao final, impera a esperança, a confiança na vida e o indispensável final feliz”. O que temos é uma narrativa em que o Mal dá o início a história e em seu decorrer o bem vai transmudando o cenário até alcançar a vitória.

Bettelheim (2007), uma característica dessas narrativas se dá pela presença de um dilema existencial e complementa sua análise referindo ao inverossímil, vez que nessas histórias galinhas põem ovos de ouro, tapetes voam, pés de feijão crescem até o céu, animais falantes, ogros, ou seja, é essa magia e encantamento que estimula a mente humana.

Autores célebres da literatura infantil como Hans Andersen, Irmãos Grimm e Charles Perrault, entre outros, em suas obras infantis utilizaram-se da farta imaginação a fim de levar a criança ao mundo do encantamento, mas também disso inseriram em seus textos simples de compreensão, mensagens de cunho moral e social.

Como exemplo, vemos na obra o *Patinho feio* de Andersen (1843/2008) a criança retratada por meio dos personagens, brinquedos que ganham vida e histórias nas quais o papel principal a ser ocupado por uma criança. Esses personagens infantis que falam pelas

crianças expressando seus sofrimentos e temores têm nessa obra sua representação mais significativa, uma autobiografia.

Em outra obra famosa publicada em 1838, o *Soldadinho de Chumbo*, segundo Schneider e Torossian (2009, p. 137), Hans Andersen “traz a animação de objetos como os brinquedos, caracterizando a impotência dos pequenos, cheios de desejos, porém não escutados e não compreendidos”. A saga do valoroso soldado repleta de desafios e conquistas, o vilão da narrativa, um feiticeiro e a personagem boa, uma bailarina que se funde ao soldadinho e transformam-se em um coração, num final feliz.

Nos contos de fadas Schneider & Torossian (2009) colocam que Andersen encontra sereias, fadas e animais fantásticos, em seus 156 contos, percebeu-se os valores morais inseridos sutilmente nas narrativas, contribuindo para uma construção benéfica do *self* da criança e sua relação crítica com a sociedade.

Nos contos infantis publicados pelos Irmãos Grimm, dentre outros personagens singulares presentes: Madrastas malvadas e príncipes encantadores abordaram *Branca de Neves e os Sete Anões* (1812) referindo-se aos aspectos interessantes, como a beleza exterior (o bem) e a feiura interior do ser humano (o mal), a magia má sendo destruída por um ato de amor, um beijo. Neste, os aspectos comportamentais de bondade e piedade, como ainda, de superioridade, desprezo pelo outro e a soberba são destacados no conto da *Gata Borralheira*, além, do significado dos animais: Os animais também são encontrados no conto *Os Músicos de Bremen*, no qual os personagens: Um burro, um cão, um gato, um galo todos falantes e desprezados por seus donos pela idade avançada e a impossibilidade de continuar servindo a eles, o que significa a relação social e a probabilidade de amizade se diferem entre o idoso e a criança.

O conto de fadas o *Chapeuzinho Vermelho*, criação de Charles Perrault publicado pela primeira vez em 1697 é a mais conhecida, versão dos Irmãos Grimm publicada em 1812, na trama a insinuação moral é sobre a obediência das recomendações feitas pelos pais, que o perigo pode estar em qualquer lugar.

Devemos considerar, também, que por mais que os contos originais tragam conteúdos cruéis e falsos, eles contribuem para fantasia, escape, recuperação e consolo da criança. Os contos foram sendo contados e repassados por gerações oralmente através dos anos até o dia em que escritores, em princípio os europeus, Perrault, Andersen, Grimm e outros, colocaram por escrito.

Em síntese, como ouvintes dos contos de fadas as crianças serão colocadas, desde o início da escolaridade, no lugar de leitores que interagem e pensam sobre a linguagem que se escreve, tendo o professor como um modelo de leitor que os auxiliará nessa conquista. Os educadores ao desconsiderar os desejos ruins e os males do mundo da criança, sem ponderar que ela precisa expor seu pensamento a respeito das coisas, como ainda e mais importante, ela dizer o que deseja para si. Maia *et al.* (2011, p. 11) diz que deste modo é possível se “adotar uma atitude paternalista que camufla conflitos e dificulta o desenvolvimento da reflexão sobre si mesmo e sobre o mundo”.

Em harmonia com a afirmação acima, Maliavaca (2013) complementa, a criança precisa, desde pequena ter o contato com o livro infantil para aprender a viver em seu contexto social. Zilberman (2004, p. 48) analisou que as manifestações externadas pelas crianças “podem ser caracterizadas como formas de linguagens presentes nas modalidades orais e escritas, em diferentes gêneros linguísticos, que circulam nas interações sociais em sociedade”. Desta forma, é importante a transmissão de emoções verdadeiras na leitura do conto para a criança.

Para que isso ocorra, Maia *et al.* (2011) pontuam a importância da ação docente nessa atividade, uma vez que é o professor quem escolhe a narrativa e o modo como irá apresentá-la, mediando o processo. Quando o professor lê para as crianças, contribui para que se familiarizem com o universo letrado. Por isso, é fundamental que haja, preparação da leitura ensaiando em voz alta, planejando intervenções para fazer antes, durante ou depois da leitura, antecipando a organização do espaço e a disposição das crianças, e, ainda, determinar os momentos estratégicos em que interromperá a leitura (para continuar num momento seguinte), a fim de alcançar seu objetivo pedagógico.

Nas histórias infantis de Monteiro Lobato, encontramos a magia das bonecas que falam e sabugos de milho se transformam em geniais cientistas, presentes em *O Sítio do Pica-Pau Amarelo*. A sua coletânea é estimada em 26 títulos direcionados ao público infantil, influenciando autores contemporâneos como Ana Maria Machado, Ruth Rocha e Ziraldo Schneider & Torossian (2009). Glória Radino (2003) enfatizou Monteiro Lobato conceituava os contos de fadas como aspectos vividos e experienciados pelas crianças atuando como um agente transformador, auxiliando-as na construção de sua crítica, de sua criatividade e, sobretudo, de sua liberdade de aprender brincando.

### **2.4.1 O Significado das Ilustrações nos Contos Infantis**

As ilustrações contidas nos livros também são muito importantes, pois de acordo com Lajolo e Zilberman (2003, p. 13) toda literatura infantil se destina às crianças, e acreditando “na qualidade dos desenhos como elemento a mais para reforçar a história e a atração que o livro pode exercer sobre as crianças, ficando patente a importância da ilustração nas obras a elas dirigidas”.

Os desenhos e caricaturas transmitem mais informações que o próprio texto, de modo subliminar, estimula o imaginário da criança, que, correlacionando suas experiências com as imagens decodificam-na de maneira particular.

Compactuando com essa assertiva analisamos em alguns contos de fadas, as figuras que transmitem às crianças o seu contexto e estimulam a formação do leitor crítico e analítico, como destacamos a seguir.

#### **2.4.1.1 A bela adormecida de Charles Perrault**

Uma narrativa que se refere a uma farpa de linho que entra sob a unha da princesa Tália e ela imediatamente cai adormecida. O rei então coloca sua filha em uma cadeira de veludo do palácio, tranca e parte para sempre, para apagar a lembrança de sua dor. Algum tempo depois, o príncipe Felipe estava caçando e encontra Tália, apaixonou-se por sua beleza, e consegue acordá-la com um beijo de amor.

Uma segunda inferência sobre o poder que essas ilustrações exercem no universo nem sempre infantil, dentro de uma construção de um mundo onde a imagem pode influenciar sua vida e seus interesses. Assim, a possibilidade de desprender embora pareça que a leitura da imagem não é imediata. Ela resulta de um processo onde a intervenção, mediações na esfera do olhar produtor da imagem, mas, também presentes na esfera do olhar das que as recebem.

Para isso, os elementos podem configura a imagem, como o tamanho, a moldura, o enquadramento entre outros, são elementos fundamentais que determinam e especificam a relação do espectador entre seu próprio espaço e o espaço plástico da imagem. Nesse contexto, é importante ter consciência que toda imagem foi produzida para situar-se em um

meio, e nesse meio determina-se a possibilidade da visão dela. Sendo assim é possível compreender a imagem partindo do seu próprio princípio e do meio em que ela está inserida.

Scareli e Andrade (2008) descrevem uma pintura do século XIX sobre o conto de fadas “Chapeuzinho Vermelho”. Vários elementos que compõem a pintura podem nos dar características do local onde se passa a cena. No entanto, há sempre elementos que ficam de fora e obrigam o leitor a complementar a imagem dada com sua imaginação e com base na história escrita, contada. Assim, a importância de o educador explorar a capa, do conto de fadas, bem como, as imagens

A imagem simboliza uma produção de um ponto de vista, do sujeito observador, ou seja: “objetividade”, já a simulação é representada a partir do que o sujeito pressupõe, portanto, o processo de simulação não é o da imagem em si, mas, o da sua relação com o sujeito.

Ao analisarmos uma imagem que nos é colocada diante dos olhos estamos observando apenas a parte que o ilustrador quis transmitir, somos induzidos a ver apenas a intenção do autor da imagem. Sendo, possível observar a imagem a partir, do enquadramento em que foi representada sob a forma mais habitual, e muitas vezes é concebida e representado numa porção e em um espaço muito mais vasto e ilimitado.

Portanto, enquadrar é deslizar-se sobre o mundo uma pirâmide visual imaginária, ou seja, todo enquadramento estabelece uma relação entre um olho fictício de quem produz e o de quem observa a imagem dentro de um espaço escolhido. Assim, a imagem passa ser um veículo condutor de uma determinada situação pela qual somos partícipes nunca determinantes.

Para essa afirmação nós apoiamos em alguns fatores determinantes para a formação desse espaço, como o “plano”, isto é um modo convencional de se enquadrar a figura da qual o condutor quer que apareça. Esse espaço se divide em: plano geral, plano de conjunto, plano de meio de conjunto, plano médio entre outros.

Retomamos nossa análise sobre os contos de fadas que utilizam em grande quantidade ilustrações, que auxiliam a magia e o encantamento, atendendo à finalidade de provocar o prazer estético indo além da imaginação. As substâncias cognitivas, que contribuem para a tomada de decisões do indivíduo, perante seus problemas. Daí a importância que a concepção utilitária da arte confere a análise dos significados míticos, simbólicos e ideológicos que a obra literária encara.

#### 2.4.1.2 As Ilustrações sob o Ponto de Vista Psicanalítico<sup>4</sup>

Ainda, os contos de fadas podem ser considerados sonhos, que mesmo sem interpretação determinada, se dirige aos problemas mais intensos do ser humano naquele momento, desenvolvendo sua ação no inconsciente, onde se aprofunda e se fortalece. Assim, a criança adequa o conteúdo inconsciente às fantasias conscientes, retirando seus próprios conceitos, sempre em consonância com o momento em que estão vivendo, mesmo que a consciência esteja num primeiro estágio, o qual pode acontecer as coisas normais, e o inconsciente como um mundo fantástico, de onde vêm as fantasias, no qual aquilo que antes parecia inaceitável torna-se possível. Nesse confronto entre consciência e inconsciência os contos de fadas agem no universo, infantil.

Nesse sentido Bettelheim (2007) destaca a possibilidade de os contos de fadas transmitirem mensagens à mente consciente, pré-consciente, e inconsciente, os contos de fadas dirigem-se ao ego em formação, dando força para o desenvolvimento da criança, acalmando as pressões pré-conscientes e inconscientes.

Assim, os contos de fadas podem ajudar enfrentar o mundo que sucede nele de forma não objetiva, sob a perspectiva do herói, este é sempre uma pessoa em desenvolvimento. “Como os ouvintes se identificam com Branca de Neve, enxergam os acontecimentos como ela os vê, e não como realmente são vistos” (Bettelheim, 1997, p. 53).

Contudo, os contos infantis se constituem em um espaço transicional, como já referido, como base na teoria winnicottiana, não unicamente uma realidade objetiva, uma vez que podem ser operados pela imaginação da criança, tampouco são produtos isolados do mundo interno, sendo obras da arte provenientes da cultura, ocupando, desta maneira, o espaço virtual e o espaço intermediário. A área das experiências transicionais, bem como, o espaço da imaginação e simbolização.

Nesse sentido, os contos fornecem matéria prima para a fantasia infantil, os personagens e suas características, bem como, o enredo, possibilitam à criança externalizar aspectos do seu mundo interno, transformando-os a partir de suas necessidades e possibilidades. Assim sendo, a criança faz uso dos contos de fadas, e das fantasias como um

---

<sup>4</sup> Todas as imagens de contos de fadas, abordados nesta subtítulo se apresentará as ilustrações nas “apêndices” (p. 144-146-146).

meio para examinar e ou se apropriar do mundo externo, sentindo-se no conforto do *faz de conta*, se deixando levar assim, em segurança até o sentido da realidade.

Bettelheim (2007) avalia que os contos de fadas ao serem escutados, despertam imagens, símbolos e metáforas no imaginário infantil, essas estórias se comunicam com as crianças através de personagens que existem no palco de sua imaginação, possibilitando a ilusão, que vem a ser um ingrediente indispensável ao canal da comunicação e de encantamento que estabelece com o psiquismo das crianças que as escutam.

O que se deseja dizer é que os contos de fadas não ignoram as ansiedades e dilemas existentes, tais como a necessidade de ser amado, o medo de não ter valor, o amor pela vida e o medo da morte, encarando-as diretamente, oferecendo soluções de modo que a criança possa aprender no seu nível de compreensão.

Por esta razão, Bettelheim (2007) explica que, quando a criança escuta ou lê histórias vazias, elas não têm acesso a um significado mais profundo de relações e de experiências e não apreende nada realmente significativo que possa ajudá-la nas etapas de seu desenvolvimento. Ou seja, a história deve relacionar-se com todos os aspectos da personalidade e dar créditos às qualidades das crianças, promovendo, ao mesmo tempo, confiança em si mesma e no futuro. Ele afirma ainda que, apenas a história em sua forma original, permite um verdadeiro impacto e significados que possam ser apreciados, e seus encantamentos experimentados.

Nessa linha, os contos de fadas funcionam como forma de a criança se comunicar entre seu mundo interior e o mundo exterior, dentre esses trabalhos destacamos Dias (2003), que demonstrou que os contos podem ser utilizados na sessão terapêutica como mediadores entre o mundo interno e a realidade externa da criança, sendo, ainda, uma possibilidade de intervenção em seu processo de desenvolvimento. Dessa forma a criança não necessitará se refugiar em uma organização defensiva patológica ou mesmo desenvolver um sintoma através do qual o corpo siga sofrendo em lugar da mente.

Ainda, aborda-se a função dos contos de fadas serem usados como estímulo à vida imaginária com à capacidade de simbolização, enfocando como estímulo sendo pertinente à função do pensar, enfatizando a capacidade de continência que o conto é capaz de operar sobre o arcaísmo da criança, estimulando, sobretudo, o pensamento psicanalítico que vai explicar a função dos contos de fadas como se fosse um jogo, abordando-o como uma



possibilidade de contenção ao arcaísmo da criança com uma possibilidade de compartilhar com outras pessoas os seus próprios medos.

Por outro lado, devemos destacar a importância das ilustrações sempre presentes nos contos de fadas, e a forma como a ilustração realizou nos interessa, seu aspecto plástico, para isso, nós apoiamos nos estudos relacionados às imagens com o intuito de ampliar nossa capacidade de observação das ilustrações verificando quais símbolos são evidenciados.

A busca pelo simbolismo referenciamos os estudos de Aumont (1995, p. 17) que afirmam “que olhar uma imagem é entrar em contato, a partir do interior de um espaço real que é o do nosso universo cotidiano, com um espaço de natureza bem diferente”, o que nos faz compreender que a imagem tem um poder surreal.

Dessa forma, pode-se considerar que as imagens dos contos de fadas colaboram no desenvolvimento intelectual e emocional das crianças, favorecendo uma integração psicológica. Uma vez que a criança pode aprender, por meio deles, a identificar-se, a reconhecer-se, nos outros e em si mesma, desde seus pensamentos, sentimentos que ajudam ou atrapalham sua relação consigo mesmo e com os outros, podendo ajudar na aprendizagem e a conviver com fortes elementos do inconsciente e humanidade e do seu próprio inconsciente, estaremos lhe oferecendo melhores condições para crescer e amadurecer por meio da narrativa e da reflexão dos contos de fadas.

Amplia-se deste modo o entendimento que os adultos possuem sobre a criação e a educação da criança. Professores, orientadores, psicólogos possuem um papel muito importante, podendo favorecer ou não o encontro das crianças com seu mundo interno.

#### **2.4.1.3 O Conto de Fadas e numa abordagem Psicanalítica**

Ao se retornar as teorias freudianas o diferencial são as fases da sexualidade infantil, pode-se observar que a repressão atua nos contos seguindo essas mesmas fases: Crianças são punidas se muito gulosas (fase oral), se perdulárias ou avarentas (fase anal), se muito curiosas (fase fálica ou genital). Neste sentido, Chauí (1984), os contos operam com a divisão estabelecida por Freud, entre o princípio do prazer (excesso de gula, de avareza ou desperdício, de curiosidade) e o princípio de realidade (aprender a protelar o prazer, a discriminar os afetos e condutas, a moderar os impulsos).

Para facilitar a exposição, se pode dividir os contos em dois grandes "tipos": aqueles que asseguram à criança o retorno à casa e ao amor dos familiares, depois de realizar aventuras em que se perdeu tanto por desobediência quanto por necessidade, e aqueles que podem lhe assegurar a chegada a hora da partida, dentro do bom e do desejável e definitivo.

Nos contos de fadas designamos como contos de retorno, a sexualidade aparece nas formas indiretas ou disfarçadas da genitalidade, que são apresentadas como ameaçadoras, precisando ser evitadas porque a criança ainda não estava preparada. Isto não significa que a criança seja assexuada, pelo contrário, mas, que a sexualidade permitida seja somente oral ou anal. Em contrapartida, os contos de fadas, podem ser designados como contos de partida, a sexualidade genital as quais vem todas misturadas, e podendo ser aceitas depois de passarem por várias provas que testem sua maturidade.

#### 2.4.1.4 Teoria Freudiana e os contos de fadas de (entrada)

No *Chapeuzinho Vermelho* (a canção infantil, é chamado "Chapeuzinho cor de fogo", o fogo sendo um dos símbolos e uma das metáforas mais usados em nossa cultura para referir-se ao sexo), o lobo é *mau*, prepara-se para *comer* a menina ingênua que, muito novinha, *confunde* com a vovó, precisando ser salva pelo caçador que, com um *fuzil* na canção: "com tiro certo", mata o *animal* agressor e a conduz em segurança para casa.

Neste conto, pode-se perceber duas figuras masculinas antagônicas: o sedutor animalesco e perverso, que usa a *boca* (tanto para seduzir como para comer) e o salvador humano e bom, que usa o *fuzil* (tanto para caçar quanto para salvar). E há três figuras femininas: a mãe (ausente) que previne a filha dos *perigos* da floresta; a vovó (velha e doente) que nada pode fazer, e a menina (incauta) que se surpreende com o *tamanho* dos órgãos do lobo e, fascinada, cai em sua lábia.

A sexualidade do lobo aparece não só como animalesca e destrutiva, mas também "infantilizada" ou oral, visto que pretende digerir a menina o que poderia sugerir, de nossa parte, uma pequena reflexão sobre a gíria sexual brasileira no uso chulo do verbo comer. Nos contos, em geral, as meninas adormecem ou viram animaizinhos frágeis e os meninos adoecem, viram animais repugnantes ou viram pássaros o pássaro sendo considerado um símbolo para o órgão sexual masculino, mostrando um período de espera, entre o Mal e o Bem como a Gata Borralheira na cozinha, a Branca de Neve semimorta no caixão de vidro,

a Bela Adormecida em sono profundo, Pele de Burro sob o disfarce repelente, ou seja, heróis e heroínas se escondem, se disfarçam, adoecem e adormece metamorfoseados.

Desta forma, sob esteira do tempo de espera pode-se lembrar de uma expressão, muito usada antigamente, "esperar pelo príncipe encantado" ou "pela princesa encantada", o que não queria dizer apenas a espera por alguém muito bom e belo, mas também a necessidade de aguardar os que estão enfeitiçados porque ainda não chegou a hora do desencantamento.

Como ocorre no conto da Gata Borralheira, que vai ao baile (primeiros jogos amorosos, como a dança dos insetos), mas não pode ficar até o fim (a relação sexual) sob pena de perder os encantamentos antes da hora. Deve retornar à casa, deixando o príncipe doente (de desejo) e com o par de sapatinhos que na fuga Borralheira perde os sapatos ainda encantados, o Príncipe acha e fica com eles, mantendo-se *escondido sob suas roupas*, o que representa o sentido de intimidade corporal.

Com o desenrolar do conto da Borralheira o príncipe aguarda que os emissários do rei-pai a encontre e calce os sapatos, completando o *par*. Sapatos que são presente de uma mulher boa e poderosa (fada) e que pertencem apenas à heroína, de nada adiantando os truques das filhas da madrasta (*cortar* artelhos, calcanhar) para deles se apossarem. As filhas da madrasta querem *sangrar* antes da hora e, sobretudo querem *sangrar* com o que não lhes pertence, de direito (relação sexual ilícita, repressivamente punida pelo conto).

No conto Branca de Neve e os 7 Anões, a heroína será vítima da *gula* e da *sedução* da madrasta-bruxa, permanecendo imóvel num *caixão de cristal* (seus órgãos sexuais) com um pedaço da maçã encantada atravessada na garganta, sem poder engoli-la. Além da simbologia religiosa (Adão, Eva, a Serpente e a Maçã) em torno da tentação pelo fruto proibido (o sexo), o vermelho trazido pela bruxa liga-se também à simbologia medieval onde as bruxas fabricavam filtros de amor usando esperma e sangue menstrual, bruxaria que indica não só a puberdade de Branca de Neve, mas também a necessidade de a expelis para poder reviver.

Para Freud destaca-se, para efeito de análise, alguns aspectos comportamentais presentes nesse conto, por exemplo, a maldade acontecendo por um descuido dos anões vigilantes a casinha na floresta, os pequenos seres trabalhadores que penetram *em* túneis escuros no fundo da terra (que na simbologia sexual é imagem da mãe fértil); entre os anões encontramos características que as crianças identificam, pois temos um que dita ordens,

denominado de Mestre. Um dos anões a ter sono permanente (Soneca), um deles vive a espirrar (Atchim). Existe no grupo o que não quer falar (Dengoso), um outro é sempre muito alegre (Feliz), um outro é bem brincalhão (Dunga), e aquele que não gosta de brincadeiras e vive com jeito de aborrecido (Zangado). Mesmo com todos esses atributos não desenvolveram proteção suficiente para evitar a maldade da rainha-bruxa e a morte aparente de Branca de Neve. No âmbito sexual devemos observar a necrofilia do belo príncipe, que pretendia levar a morta em sua companhia.

O encantamento da Bela Adormecida foi decorrente da curiosidade, que a fez tocar num objeto proibido, o fuso, onde se fere (fluxo menstrual), mas sem ter culpa, visto que fora mantida na ignorância da maldição que sobre ela pesava. Sangrando antes da hora, adormece, devendo aguardar que um príncipe valente faz o enfrentando vencendo provas, graças à espada mágica (também símbolo do órgão fálico), venha salvá-la com um beijo. Em sua forma genital, o sexo aqui aparece de duas maneiras: prematuro e ferida mortal, no fuso; oportuno e vivificante, na espada.

Além da questão sexual, observamos que, de modo geral, heróis e heroínas são órfãos de pais (os heróis) ou de mãe (as heroínas), vítimas do ciúme de madrastas, padrastos ou irmãs e irmãos mais velhos. Uma armação com a finalidade, preservar as imagens de pais, mães e irmãos *bons* (pai morto na guerra, mãe morta no parto, irmãos menores desamparados), enquanto a criança pode lidar livremente com as imagens más.

Assim, a relação familiar há um desdobramento de cada membro da família em duas personagens, o que permite à criança realizar nas fantasias a elaboração de uma experiência cotidiana e real, isto é, a divisão de uma mesma pessoa em "boa" e "má", e dos sentimentos de amor e ódio que também experimenta, lutar contra padrastos, madrastas e seus filhos é mais fácil do que lutar com pai, mãe e irmãos.

Assim sendo, os contos de fadas se estruturam de modo mais complexo, A *Bela Adormecida*, por exemplo, há várias figuras femininas superpostas como a mãe ausente; a fada má que maldiz a criança; a fada boa que substitui a morte pelo sono e promete um salvador; a velha fiandeira, desobediente, que conservou o fuso proibido; a menina curiosa que, andando por lugares *desconhecidos* e subindo por uma *escada* (símbolo da relação sexual) se fere e adormece, à espera da *espada* e do beijo. O sono da menina decorre da curiosidade que a faz antecipar com um *objeto errado* (masturbação) a sexualidade.

A fada má pune assim o rei que uma vez no passado por ter de tê-la excluído de uma festa dedicada à fertilidade (o nascimento da princesa), a punição consistindo em decretar a morte da menina quando esta apresentar os sinais da fertilidade (maldição que simboliza o medo das meninas diante da menstruação e da alteração de seus corpos).

A fada boa estão se encarregada de contrapor o equívoco, o descuido masculino (que não suprimiu todos os fusos) colocando a menina na tranquilidade sonolenta da espera e entregando a espada ao príncipe que, portanto, recebe o *objeto mágico* de uma mulher, pois todos nascem de mulheres. O beijo final ameniza o medo que a espada poderia provocar, pois é instrumento de guerra e morte (o beijo simboliza, em muitas culturas, não só amor e amizade, mas também um pacto ou uma aliança).

Na maioria dos contos de fadas, o pai é indiretamente responsável pela maldição ou pelas desventuras da filha. Mas em *A Bela e a Fera* o pai é diretamente responsável ao arrancar *de um jardim que não lhe pertence*, uma rosa *branca*, despertando a *Fera*. Há no roubo da flor a simbolização do desejo e do medo inconsciente das meninas de serem raptadas ou violentadas.

Nesse conto encontramos ainda implícito o Complexo de Electra, e a figura masculina se divide: há o pai-bom e o homem-fera, divisão que obriga Bela a viver com o segundo para salvar o primeiro. Contudo, desejando rever o pai doente, Bela deixa que Fera, abandonado, também adoça (de desejo).

Assim, a imaturidade de Bela, seu medo da Fera, seu desejo de permanecer junto ao pai só é superado quando, pela piedade e pela sedução, retorna ao castelo da Fera, dedica-se a ele e, ao fazê-lo, *quebra* o encanto, surgindo o belo príncipe com quem viverá. O conto se desenvolve como processo de amadurecimento e enfrentamento de seus temores da heroína e de constituição da imagem masculina através de seus desejos, do pai à fera, da fera ao príncipe.

Em *Pele-de-Burro*, o desejo incestuoso do pai é o cerne do conto de fadas. A primeira tentativa da filha para evitar o incesto fracassa: pede vestidos feitos de Natureza (sol, mar e lua), mas a Natureza não é contrária ao incesto e permite que o rei consiga os vestidos. A princesa deve, então, fugir, mas seu disfarce indica os efeitos do desejo incestuoso do rei, cobre-se de uma pele de burro, animalizando-se.

Ao chegar em *outro reino* (que não o da Natureza) a princesa irá aos bailes da corte, mas, como na *Gata Borracheira* não pode ficar até o fim para não correr o risco de ser

descoberta. Porém, o príncipe apaixonado ficará doente e o remédio virá no bolo feito pela princesa. Bolo que possui o mesmo sentido e o mesmo efeito que a espada mágica, porém com a marca do feminino é no *interior* do bolo que se encontra o remédio salvador, o anel.

Embora os contos reforcem estereótipos de feminilidade e masculinidade e preconceitos sobre mulher e homem, eles são ambíguos e ricos e por isso não são sexistas, a salvação pode ser trazida tanto pelo herói quanto pela heroína. Aliás, as fadas possuem sempre um objeto mágico supremo, talismã dos talismãs que é a vara de condão, são seres excepcionais porque reúnem atributos femininos e masculinos, sonho e fantasia de todas as crianças.

Em *Os Três Cisnes*, obra de autoria de João José dos Santos [s.d], é a menina quem quebra o encantamento dos irmãos, tudo dependendo de sua força de vontade (ficar em absoluto silêncio durante sete anos) ou moderar *o princípio de prazer*, e de sua coragem e destreza para acertar as setas, no momento exato, nos corações dos três cisnes, matando-os para que vivam os irmãos.

A heroína é portadora de um objeto viril, arco e flecha, sabendo usá-lo. Sua destreza é ímpar ela usa o arco tendo os olhos vendados, e a venda nos olhos é símbolo medieval para a morte. Este conto, portanto, realiza uma verdadeira crítica da relação sexo-morte, pois morte dos cisnes é nascimento de sua virilidade, por obra de uma mulher, observamos neste caso o incesto inserido no contexto.

Nesse mesmo contexto, compreende-se que a fada tenha a vara e a princesa dos *Três Cisnes*, o arco. É colocado em mãos femininas algo que poderia ser fonte de temor para as meninas, o falo. Além de não serem sexistas e de contornarem o incesto, os contos não condenam o sexo com animais, a premissa é de que o amor e o afeto pelos animais é que permitirá desencantá-los.

Freud e outros consideram que as primeiras manifestações da sexualidade estão ligadas ao que denominam escolha de objeto e objeto parcial. A mãe (ou quem faz o papel de mãe para a criança) seria o primeiro objeto escolhido e seus seios seriam o primeiro objeto parcial. Por outro lado, como a mãe não está permanentemente presente, acarinhando, alimentando a criança, esta desenvolve fantasias sobre o objeto parcial, se ausente ou faltando torna-se um *mau* objeto, se presente e satisfatório torna-se um *bom* objeto.

A criança pode desenvolver fantasias de agressão e ou de ternura com relação a esses objetos, sobretudo a da perseguição, no caso do mau objeto. Assim, nos contos, frutas,

plantas, flores e alimentos venenosos ou arditos seriam objetos parciais maus ou persecutórios, mas contrabalançados por bolos, filtros, poções, joias que trazem saúde e quebram feitiços, sendo objetos parciais bons, com os quais a criança e os contos realizam a *reparação* do objeto escolhido, amado e odiado.

O objeto parcial persecutório mais perfeito, porém, é aquele que não é devorado pela criança, mas que ameaça devorá-la. Nos contos os dragões, os lobos, os ogros, as tempestades, as florestas sombrias, os castelos cheios de armadilhas simbolizam perigos. E para compensar tamanha perseguição e reparar o objeto amado, nos *contos de retorno*, adultos salvam as crianças da perseguição e, nos *contos de partida*, a sexualidade amadurecida e vencedora das fantasias persecutórias mais antigas aparece no próprio herói ou na heroína cujos objetos mágicos, oferecidos por um bom adulto, lhes permitem, sozinhos, vencer a perseguição.

São raros os casos, nos *contos de retorno*, em que a criança consegue voltar à casa sozinha, sem auxílio de algum adulto, mesmo porque a finalidade do conto é mostrar o despreparo da criança para sair pelo mundo.

Uma das exceções é o *Pequeno Polegar* (Charles Perrault) por ser uma criança excepcional em tudo. Como seu nome indica Pequeno Polegar é uma anomalia, e talvez por isso o entusiasmo das crianças por ele, o tamanho compensado pela inteligência fora do comum. As botas de sete léguas, que com astúcia consegue, além de terem capacidade mágica para vencer o espaço e o tempo (a pouca idade), são também meio de assegurar à criança que seus órgãos sexuais pequenos não exigem renúncia dos desejos, mas imaginação para satisfazê-los. É interessante observar que, se nos *Três Cisnes* a menina empunha o arco, aqui o menino entra num enorme e protetor "recipiente", as botas.

Nos chama a atenção é que *O Pequeno Polegar* é um dos contos onde melhor aparece tanto o medo que a criança tem da rejeição (ou seja, ser afastada pelos pais) quanto a necessidade de reparação, isto é, de recompor a bondade dos pais depois da fantasia de sua imensa maldade.

Ao se analisar o pequeno Polegar este incorpora para si próprio o pai e a mãe por pais ideais, as botas acolhedoras e salvadoras do menino, não abandonaram os irmãos, protegendo-os contra os perigos da floresta e contra o gigante e, ainda, os trouxe de volta à casa com fortuna, garantindo a sobrevivência da família. Nesse conto não há príncipes nem princesas, tudo depende da inteligência e da imaginação da criança pobre e minúscula, ou

seja, evidencia que mesmo não estando dentro dos padrões sociais, os diferentes podem alcançar a concretização de suas vontades.

Observa-se que existe contos de fadas que continuam a intervenção de bons adultos, mas que não intervêm de modo casual ou arbitrário e sim de acordo com várias regras, entre as quais se destaca a escolha dos mais fracos (o caçula, o órfão, a vítima) e dos que têm senso de justiça, além da coragem. O uso dos talismãs também está submetido às regras, os transgressores sendo punidos com a perda da *potência* do objeto mágico, retorno do objeto contra o usuário, ou protelada a chegada à meta através de uma sequência de provas recomeçando ou tornando-se mais árdua. No entanto, heróis e heroínas precisam demonstrar que são dignos do talismã, seja por suas qualidades anteriores à recepção do objeto, seja pelo uso que dele faz, seja pela obediência às regras de seu emprego.

Em síntese as condutas estão reguladas por normas e valores, a finalidade do conto é persuadir a criança de que tais normas são boas e verdadeiras e que o sofrimento decorre apenas de sua desobediência situando-se entre o lúdico e a repressão. Na maioria dos contos, o talismã é dom de um adulto para uma criança, mesmo que esta não o saiba.

O que nos remete a referir que a exemplo do Pequeno Polegar o conto de *João e o Pé de Feijão*, obra inglesa original de Benjamin Tabart, publicada em 1807 e popularizada por Joseph Jacobs, em 1890, o protagonista (criança) é que encontra as soluções para os problemas vivenciados.

Na narrativa, João troca uma vaca (de grande valor) por alguns grãos mágicos de feijão (considerados de pouco valor) desobedecendo as determinações de sua mãe que tinha ordenado que ele fosse a feira para vender a vaca. Ao retornar com os grãos de feijão a mãe (que não sabia que eram mágicos) joga-os pela janela. Esta transação pueril é que os adultos não entendem e castigam.

Entretanto, os *grãozinhos* de feijão, bom sêmen, plantado em boa terra, crescem durante uma única *noite*, seu *gigantesco* caule (fálico), sobe, sobe, eleva-se até às nuvens, rijo e duro, e o menino pode *trepá* (outra expressão chula de nossa gíria) nele e encontra um castelo de um ogro. Como era inevitável, João penetra no castelo do gigante malvado, figura masculina ameaçadora, e pega o que o ogro possui em segredo, ou seja, uma sacola com moedas de ouro (simbolismo monetário); uma galinha que bota ovos de ouro (imagem feminina da fertilidade); e uma harpa de ouro (símbolo de sedução). João consegue se apoderar, a cada dia, dos pertences do ogro, no último que é a harpa, o ogro descobre e João,



fugindo pelo caule, perseguido pelo gigante é mais rápido e para salvar-se, o menino *corta* o belo pé de feijão.

O conto procura lidar com um elemento repressivo complicado, presente em diversas passagens, como a galinha chocadeira de riquezas obtida por um furto (justo, pois o gigante é mau e a família, pobre), esse ato tem clara significação incestuosa e pode ser um risco para a vida da família e do menino, pois o *gigante* se põe a descer pela árvore, a *mesma* por onde o menino *trepara*. É preciso cortar o pé de feijão depois que o essencial foi conseguido, isto é, a fertilidade. O *sexo* cresce livremente é como um elemento da natureza, um vegetal, mas essa liberdade deve encontrar um limite e ser freada, cortada.

Não devemos relevar que os contos de fadas, tais como os conhecemos, são resultado de muitas reelaborações na sociedade europeia, fixados nos séculos XVIII e XIX, carregando as concepções desses séculos sobre a sexualidade (e sobre outras coisas também).

É interessante observar que, no século XIV, ao lado desses contos, surge, na Inglaterra, outro tipo de estória, em certo aspecto semelhante ao maravilhoso dos contos, mas com uma diferença fundamental: o mundo adulto não é apresentado com divisões e ambiguidades, bom e mau, difícil e desejável, mas como mal e indesejável.

#### **2.4.1.5 A relação da psicanálise Freudiana com os contos de fadas de (partida)**

Neste caso, *Peter Pan* o menino que recusou cresceu, na Terra do Nunca e *Alice* a menina cujo autor não desejou que ela crescesse, fazendo-a conhecer a luta mortal e absurda com a Rainha do Baralho num tabuleiro de xadrez.

Muitos comentadores, de formação psicanalítica, afirmam que o medo de Peter Pan o faz preferir a imaturidade sexual, o homossexualismo e a masturbação (o pó de pirlimpimpim e o voo), e que as "perversões" de Lewis Carrol (o autor de *Alice*) os fazia sentir atração sexual pela menina, não desejando que ficasse adulta. Aqui, não significa refutar e ou concordar, mas, de apenas lembrar que essas histórias fossem imaginadas num período conhecido como o da "moral vitoriana", quando a Inglaterra, passou pela Segunda revolução industrial, mantinha o controle capitalista sobre o mundo.

A sociedade desse período foi narrada e descrita por inúmeros autores como uma das sociedades mais repressivas da sexualidade. Assim sendo, podíamos considerar a recusa do mundo adulto por Peter Pan e por Alice, em vez de "anormal", talvez muito saudável e lúcida.

A Terra do Nunca, apesar do Capitão Gancho, é perfeita, mas o País das Maravilhas é feito de ameaças e de frustrações.

O romance da escritora inglesa Virgínia Woolf, *Orlando* (publicado em 1928) narra a estória de um homem-mulher que vive em dois períodos diferentes da história da Inglaterra, a romancista descreve o momento em que, adormecendo como rapaz no século XVII, a personagem desperta como mulher, em pleno século XIX, e vê por toda parte casais com trajes cinza e negro, o céu é tenebroso e opressivo, e a moça despertada sente uma dor inexplicável no dedo anular esquerdo (isto é, onde se coloca a aliança de casamento).

Na repressiva de Eros e Psique (poema de Fernando Pessoa, publicado em 1933) pela sua conotação contundente do desejo (Eros) e da alma (Psique), narrou sobre dois seres, enclausurados num cubículo e em suas vestes, sem corpo e sem rosto, enlaçados pelas convenções. Encontro sem contato (as bocas não se beijam, beijam trapos) e sem intimidade, pois, no cubículo fechado e sob os panos que cobrem seus corpos e rostos, se descobrem com a presença da sociedade inteira, vigiando e controlando o casal.

As figuras míticas foram entendidas por Sigmund Freud não como dois entes conforme a mitologia grega separada perpetuamente que se buscavam um ao outro, mas, um só o mesmo ser no desejo habitando a alma. Como no poema de Fernando Pessoa, o príncipe destemido busca a princesa encantada para descobrir que ele era ela. Desejo de indivisão e de fusão perpétua (impossível), o laço que enlaça em terno e fundo abraço, é a sexualidade humana, perpetuamente reprimida.

As reflexões permeiam a compreensão da interface entre a psicanálise e os contos infantis, a fim de entender a genuinidade os contos de fadas na vida das crianças, os quais podem ser apresentados como uma ferramenta indispensável para seu processo de formação dos seus valores. A arte de ouvir histórias é um treino para a imaginação no qual as crianças podem dar vazão natural à organização de seus pensamentos, desenvolvendo e construindo sua maturidade, este é um processo físico e psicológico que se estende de uma maneira desigual, um período longo e indeterminado de tempo, Mudança significam, novas experiências que ampliam sua criatividade e, auxiliam a harmonia para o seu desenvolvimento.

## 2.5 A criança os (contos de fadas) e o desenvolvimento do seu Psíquico

A literatura faz uma ponte entre o conhecimento e o psiquismo humano, sua relação com os contos de fadas, numa visão psicanalítica que busca o entendimento como muito importante para a vida mental das crianças. Assim, pode-se considerar os elementos do mito, da fantasia, do inusitado como formadores da personalidade humana, pois é através da simbologia que a pessoa representa e exprime seus pensamentos desde muito nova.

Nesse sentido os contos infantis podem contribuir para que a criança conviva harmoniosamente consigo mesmo compreendendo seus conflitos e superando-os na medida em que crescem cognitivamente os conhecimentos narrados estruturam sua personalidade. Deste modo, se torna quase que fundamental a compreensão do potencial que está sendo resguardado pela simbologia dos contos de fadas, podendo se converter em um precioso instrumento do desenvolvimento psíquico infantil.

Entretanto, se entende que os contos de fadas podem tocar em profundidade o público infantil e inferir no seu desenvolvimento, pois, a criança assim, passa a ter contato com os contos de fadas iniciando, desta forma, um processo de construção do *self*, ao despertarem a fantasia e a imaginação permitindo que ela tenha seu processo de autovalorização da consciência, por meio da fantasia e situações inconscientes.

Esse processo construtivo Veludo e Viana (2012) apontam mais para as fases iniciais do desenvolvimento emocional do bebê paulatinamente a separação entre o não-eu e o *self* se efetua, e seu ritmo varia de acordo com o bebê e com o meio ambiente. Quem melhor discute a influência familiar é Donald Winnicott (1995, p. 153) quando refere que “as modificações principais realizam-se quanto à separação da mãe como aspecto ambiental objetivamente percebido”. O que significa dizer que na ausência da mãe neste processo do desenvolvimento emocional é complexo e demorado.

Por esta razão precisa-se da compreensão de regularidades para o desenvolvimento psíquico da criança, desde o seu conhecimento as suas particularidades emocionais e intelectuais, bem como, suas inclinações, encontra-se aspectos a qual pode-se intervir (se necessário) para a promoção do desenvolvimento. Ainda, o relacionamento escolar com outras crianças e com o professor ocorre na dependência, portanto, suas experiências têm um papel imprescindível para intervenção positiva dos educandos.

Entretanto, para que haja uma intervenção adequada deve-se reconhecer, primeiramente, que o desenvolvimento do psiquismo compreende a progressão das formas humanas de conduta que a criança não as possui ao nascer, fato de que é somente através da apropriação cultural que se desenvolve, mais uma vez, destaca-se os contos de fadas com esta função, de aperfeiçoar os processos psíquicos das crianças.

Para Sanchez (2004) significa que o cérebro da criança, não possui traços das qualidades psíquicas inerentes à conduta humana, entretanto, o cérebro possui a faculdade de adquirir tudo aquilo que lhe transmitem as condições de vida e a educação.

Nessa perspectiva, segundo Venguer (1986, p. 26), “as propriedades naturais da criança não criam qualidades psíquicas, mas sim, as condições necessárias para sua formação. As qualidades psíquicas surgem graças à herança social”. Para a criança o mundo se divide em dois grupos: um grupo de pessoas com as quais se relaciona, que compreende o seu núcleo familiar, e outro com outras pessoas mediam relações como participantes de seu primeiro grupo.

Pode-se pensar que, o amadurecer representa alcançar o desenvolvimento do que é potencialmente intrínseco possível, um exemplo de dificuldades a mãe ao olhar o filho como diferente dela e que pode alcançar certa autonomia, pode tornar o ambiente não suficientemente bom para aquela criança amadurecer. Não basta, apenas a mãe olhar para o seu filho no intuito de realizar atividades mecânicas, mas que estas possam suprir as necessidades dele. “É necessário que ela perceba como fazer para satisfazê-lo e possa reconhecê-lo em suas particularidades” Winnicott (2013, p.23).

A fim de clarear os processos psíquicos se buscou os estudos de Lev Vygotsky (1984) o que ele denominou de funções psíquicas superiores, dividindo-as em dois grupos:

\*Os processos de domínio dos meios externos do desenvolvimento cultural e do pensamento, ou seja, a linguagem oral e escrita, o cálculo e o desenho;

\*Os processos e desenvolvimento das funções psíquicas superiores especiais que se desenvolvem a partir das funções psíquicas naturais, ou seja, a percepção, a atenção, a imaginação, a memória, os sentimentos e as formas primárias de direção da conduta.

Para Sanchez (2004, p. 3) apesar da existência desta divisão, “as funções psíquicas superiores têm em comum o seu surgimento da personalidade que se dá a partir da relação do homem com seu mundo histórico-cultural, como teorizado por Vygotsky”.

A concepção tradicional sobre o desenvolvimento das funções psíquicas superiores é, sobretudo, errônea e unilateral porque é incapaz de considerar esses fatos como fatos do desenvolvimento histórico, porque os enjuiza unilateralmente como processos e formações naturais, confundindo o natural e o cultural, o natural e o histórico, o biológico e o social no desenvolvimento psíquico da criança; falando brevemente, tem uma compreensão errônea dos fenômenos que estuda (Vygotsky, 1984, p.12-3).

O destaque dado por Lev Vygotsky corresponde aos estudos que foram desenvolvidos, em colaboração com Alexander Luria e Alexei Leontiev, para formular a sua teoria que denominou de psicologia histórico-cultural e que teve como resultado a criação de uma *escola científica*.

Alexei Leontiev *et al.* (1991) afirmaram que, no decorrer do processo de desenvolvimento, o lugar que a criança ocupa nas relações humanas se altera a posição que ocupa e, é determinante para seu desenvolvimento, podendo influenciar positiva ou negativamente.

Desse modo, pode-se considerar o que diz Sanchez (2004) que aponta para o desenvolvimento cultural da criança no contexto da escola da Psicologia Histórico-Cultural da seguinte forma:

\* Outras pessoas atuam com respeito a ela, para depois produzir a interação da criança com o seu contexto;

\* A própria criança quem atua sobre os demais e somente ao final começa a atuar com relação a si mesma.

Esse desenvolvimento Veludo & Viana (2012) ocorre a partir da interação com a vida concreta, mediada pelas pessoas as quais convive, a figura da mãe é preponderante, sendo que a sociedade observa a base winnicottiana, uma apropriação maior nos cuidados com o bebê por parte ou, em outras palavras, uma presença maior da mãe, isso se explica, em parte, pela prática da amamentação e outros cuidados básicos que, costumeiramente, ficam sob responsabilidade materna

Assim, a capacidade das mães em dedicar aos filhos a atenção atendendo as necessidades de alimentação, higiene, acalento ou no simples contato sem atividades, cria condições para a manifestação do sentimento de unidade entre duas pessoas. Da relação

saudável transcorrida entre a mãe e o bebê, emerge fundamentos de constituição da pessoa e do desenvolvimento emocional-afetivo da criança Winnicott (1977).

Os desenvolvimentos das qualidades psíquicas precisam de atividade enquanto papel essencial, permiti e garante a apropriação da experiência social. Neste processo de assimilação da atividade humana a criança desenvolve ações internas e externas, sendo as internas fundamentais para o desenvolvimento psíquico da criança, garantem sua orientação face à realização das ações práticas, que são consideradas ações de orientação Winnicott (1977).

Segundo Winnicott (2013), a transacional idade marca o início da desmistura, da quebra da unidade mãe-bebê, ou seja, significa que a independência nunca é absoluta. O indivíduo sadio não se torna isolado, mas se relaciona com o ambiente de tal modo que pode se dizer que ambos se tornam interdependentes. Cada nova internalização, a criança assimila a ação externa, sob influências do ensino e da educação, o que conduz ao surgimento e aperfeiçoamento das ações psíquicas internas, bem como aos progressos que possibilitam lidar com problemas cada vez mais complexos.

Na formação do psiquismo da criança, estudiosos analisam que durante os sete primeiros anos de vida, a criança assimila atividades que expressam sua crescente necessidade e interesse. Integrante desse grupo Venguer (1986) cita as três fases da infância utilizadas pela escola da Psicologia Histórico-Cultural de Vygotsky e a atividade principal característica a cada uma delas:

- \*Lactância (nascimento até 1º ano), relação emocional com os adultos;
- \*Infância inicial (1 a 3 anos), atividade com objetos;
- \*Infância pré-escolar (3 a 7 anos), jogo.

Deste modo, pode-se considerar que os estágios do desenvolvimento psiquismo na criança não são determinados unicamente por um conteúdo estabelecido, mas também por uma sucessão no tempo, isto é, por uma relação com a idade da criança.

Leonid Venguer explica o pensamento de Lev Vygotsky da forma seguinte:

A passagem de uma atividade principal à outra é determinada pela mudança na relação da criança para com a realidade. O papel do adulto é essencial, e a ele normalmente estão relacionados os interesses e necessidades da criança,

porém, o avanço a uma nova atividade principal ocorre também em dependência das condições de vida da criança (Venguer, 1986, p. 83).

Arioli (2007) defende a ideia de que o que realmente determina o desenvolvimento infantil é a própria vida da criança, quanto mais oportunidades são dadas a elas de desenvolverem as suas atividades principais, no decorrer de sua infância, maiores serão as chances de se apropriarem da cultura humana criada historicamente.

A caracterização psicológica geral da criança numa determinada idade só é possível com o conhecimento de suas condições tanto de vida como de educação. Em resumo, mesmo que possamos identificar os estádios do desenvolvimento do psiquismo da criança, “o seu conteúdo não é de modo algum independente das condições históricas concretas em que se desenrola o desenvolvimento; depende mesmo, antes de mais nada, de todas estas condições.” (Leontiev *et al.*, 1991, p. 293-4).

Com base neste entendimento Arioli (2007) analisa a influência que a criança recebe pelas condições sócio históricas, culturais, econômicas e políticas do local no qual nasceu e irá se desenvolver. A autora considera equivocada a afirmação de que a criança se adapta ao mundo em que vive, pois, não é este o caso, mas se apropria dele.

Ainda, Arioli (2007) complementa sua análise explicitando que, com o processo de apropriação são formadas funções e habilidades especificamente humanas no homem e na criança, pois a relação dialética entre a objetivação e a apropriação é o núcleo de humanização do homem. Estas funções e habilidades não são, portanto, inatas na criança, mas sim criadas ontogenicamente em estreita ligação com as características biológicas disponíveis na criança, que são puramente condições para que essas funções e habilidades se desenvolvam. O desenvolvimento humano está para além do biológico, nossas construções sócio históricas interferem diretamente em nossa constituição fisiológica e psíquica.

A diferença entre o processo de adaptação, no sentido em que este termo é empregado para os animais e o processo de apropriação é a seguinte: a adaptação biológica é um processo de modificação das faculdades e caracteres específicos do sujeito e do seu comportamento inato, modificação provocada pelas exigências do meio. A apropriação é um processo que tem por resultado a reprodução pelo indivíduo de caracteres, e faculdades e modos de comportamento humano formados historicamente. Por outros termos, é o

processo graças ao qual se produz na criança o que, no animal, é devido á hereditariedade: a transmissão ao indivíduo das aquisições do desenvolvimento da espécie (Leontiev *et al.*, 1991, p. 320)

Neste sentido, conhecer as leis que regem o desenvolvimento psíquico e as regularidades gerais desse desenvolvimento não é importante só para a pedagogia científica, mas para a prática diária da educação. Dessa forma, é na atividade dominante que se formam os traços mais importantes da personalidade da criança.

Na transição de um estágio do desenvolvimento para o outro a atividade principal (ou dominante) muda e, conseqüentemente, mudam o lugar que a criança ocupa na sociedade, bem como a relação que ela estabelece com a realidade. É importante lembrar que, quando uma atividade principal é substituída por outra, aquela não deixa de existir, mas vai perdendo força, dando início a um novo estágio de desenvolvimento e, a partir do amadurecimento das particularidades da criança, em decorrência da ampliação dos seus conhecimentos e da contradição existente entre este amadurecimento e o meio em que ela vive, são geradas as chamadas crises.

Em períodos críticos Arioli (2007), podem durar vários meses ou até anos, sendo produzidas mudanças bruscas e grandes rupturas na personalidade infantil. Um grande número de crianças que vivem esta fase, geralmente, são difíceis de educar, podem apresentar conflitos com outras pessoas ou consigo mesma. Muitas vezes apresentam um negativismo marcante e podem tornar-se desobedientes, contestadoras e até caprichosas.

Deste modo, pode-se entender que a criança, ao nascer, é inserida em um ambiente social e cultural construído historicamente por aqueles que a antecederam e só se humaniza quando se apropria dessa cultura. Assim, a apropriação da experiência acumulada pela humanidade ao longo da sua história social é essencial para o desenvolvimento do psiquismo da criança.

Alexei Leontiev *et al.* (1991) discute ainda que a questão dos estágios de desenvolvimento do psiquismo infantil ao afirmarem que:

As condições históricas concretas exercem influência tanto sobre o conteúdo concreto de um estágio individual do desenvolvimento, como sobre o curso total do processo de desenvolvimento psíquico como um todo. (...) não é a idade da criança, enquanto tal, que determina o conteúdo de estágio do desenvolvimento; os próprios limites de idade de um estágio, pelo contrário,



dependem de seu conteúdo e se alteram *pari passu* com a mudança das condições histórico-sociais. (Leontiev *et al.*, 1991, p. 65-6).

Estes estádios do desenvolvimento do psiquismo infantil, temática central nos discursos de Jean Piaget, em sua autoridade científica apresentou explicações quanto aos processos e as características que se vão se formando ao longo do seu desenvolvimento.

### **2.5.1 Jean Piaget e o Desenvolvimento do Psiquismo Infantil**

O renomado psicólogo e estudioso da Educação, o suíço Jean William Fritz Piaget (1896-1980) formulou várias teorias, em diversas áreas do conhecimento, desde as ciências humanas até às ciências exatas. Dentre elas, encontra-se a Teoria da Cognição em que Piaget conceituou que a capacidade cognitiva nasce e se desenvolve, não vem pronta.

Significa dizer que a criança, à medida evolui vai se ajustando à realidade circundante, superando de modo cada vez mais eficaz, as múltiplas situações com que se confronta. Por exemplo, se uma criança de 3 anos resolve determinado problema, suscitado pelo meio, que não conseguia aos 2 anos, é porque possui, a partir de agora uma determinada estrutura mental diferente da anterior e, de certo modo, superior, porque lhe permite resolver novos problemas e ajustar-se a nova situação.

Esses ajustamentos ao meio vão se ampliando sendo manifestado ao longo do seu desenvolvimento cabendo, interpreta-los sob a luz dos estádios concebidos por Piaget (2003), o qual configurou de construtivismo sequencial.

Ainda os estádios de Piaget, Terra (2005) colocaram à tona a função intelectual do desenvolvimento, o pesquisador não nega a existência e a importância de outras funções, mas delimita especificadamente no domínio da epistemologia genética.

As diversas etapas da construção da inteligência comportam complexidades crescentes e sucessivas, de modo a construir o psiquismo infantil e preparar a criança para o mundo adulto. As fases descritas e explicitadas por Piaget (2003), apresentou-se aqui apenas aquelas que analisam a criança até os 7 anos de idade, por serem importantes para este estudo:

\*Fase sensório-motor (do nascimento aos 2 anos), nessa fase a inteligência se desenvolve por meio das percepções (simbólico) e das ações (motor) através do

deslocamento do próprio corpo. A linguagem está sendo formada e vai da repetição de sílabas à formação de palavras frase, já que a criança não possui a representação mental do objeto e das ações.

Este estágio indica-se o contato da criança com o mundo, dando início a exploração, isto é, a criança adquire um conhecimento prático do mundo que a rodeia. Terra (2005) este estágio ao contrário do que se pode pensar é de extrema importância para o desenvolvimento intelectual futuro, porque quanto mais estimulada for a criança, mais possibilidades ela terá de se desenvolver intelectualmente. Ao nascer a criança dispõe de um conjunto de reflexos, sendo a sucção um deles, porém, os reflexos só se revelam na presença do estímulo que o consolida e exige seu funcionamento.

Nesse estágio a criança desenvolve a sua motricidade e os seus mecanismos sensoriais, ou seja, ela desenvolve os mecanismos locomotores (engatinhar e andar) e de preensão que lhe permitiram explorar o meio em que se encontra, no mesmo tempo que desenvolve a visão, a audição, o tato etc.

Nessa evolução terra (2005) aos 6 meses o bebê já é capaz de procurar os objetos escondidos, e com um ano de idade a criança experimenta ativamente novos comportamentos, como exemplo, a criança tendo atirado um boneco que tinha na mão, ao chão, ela repete várias vezes e em várias posições esse mesmo comportamento para verificar e feito obtido.

Cabalos e Mazaro (2011) entendem que as primeiras sensações que a criança percebe vêm de seu próprio corpo, a satisfação, dor, sensações sensoriais, movimentações e deslocamentos. Deste modo, seu corpo reage em meio as ação, conhecimento e relação com o mundo exterior. O desenvolvimento da criança, portanto, está intimamente ligada ao esquema corporal, o qual depende da maturação do sistema nervoso, neste sentido, a elaboração do “seu corporal”, cada nova sensação leva a uma resposta motriz diferente assim, não há possibilidade de separar a motricidade do psiquismo. Até um ano e meio a criança desenvolve problemas por meio de ação, movimento e tateio.

Fase do simbólico (dos 2 aos 4 anos), nesse período surge a função semiótica, etapa em que a criança pode criar imagens mentais na ausência do objeto ou da ação é o período da fantasia, do *faz de conta* e do jogo de símbolos Piaget (2003). Considera-se que é o momento propício para inserir a criança no mundo dos Contos de Fada.

Nessa perspectiva Cabalos & Mazaro (2011) a criança é capaz de evocar e representar os movimentos sem executá-los. Mediante a ação mímica ela representa os acontecimentos que a interessam. Por exemplo, imitando o barulho do motor, faz um objeto girar pelo chão, tal como o pai faz ao dirigir o carro. Ao lado da mímica aparece o jogo representativo, o qual funciona de forma compensatória, de acordo com os desejos e temores da criança. Assim, a boneca apanha, chora, é operada, toma injeção.

Uma das características deste período é o fato da criança diferenciar o significante do significado, nesta fase a criança desenvolve a linguagem, estando muito ligada à função simbólica. Muitos são os comportamentos presentes neste período de desenvolvimento, Piaget (2003), no entanto, o “*egocentrismo*” manifesta na criança pela dificuldade de se colocar no lugar do outro.

Analisando o egocentrismo, de acordo com Terra (2005), a criança se considera que é mais importante para os outros e, que é mais importante para ela, isto varia desde objetos a pessoas. Neste estágio, a criança afirma, mas nunca demonstra, porque o carácter social da sua conduta, devido o egocentrismo, não lhe permite provar as coisas perante os outros, porque ela não sente necessidade de se justificar.

O jogo é observado por Jean Piaget (2003) como fundamental no constructo da criança, enquanto jogo simbólico, no sentido do *faz de conta*, com o predomínio da cultura assimilada, assim a criança fala sozinha porque o seu pensamento ainda não está organizado, só com o decorrer deste período é que começa a se organizar, associando os acontecimentos com a linguagem na sua ação.

Quando brincam de *faz de conta* Cabalos & Mazaro (2011) as crianças analisam aspectos da vida cotidiana e conquistam espaços de poder que as auxiliam a confrontar o mundo e os adultos. E é o *faz de conta* uma das principais marcas da entrada da criança no jogo simbólico, no universo da cultura e da sociabilidade

Márcia Terra (2005) analisa esta fase da criança como necessidade de experimentar que ao jogar está organizando e conhecendo o mundo, por outro lado, o jogo também pode funcionar como terapia na libertação das suas angústias. Além disto, através do jogo também podemos perceber a relação familiar da criança, por exemplo, quando a criança brinca com as bonecas pode mostrar a falta de amor por parte da mãe através da violência com que brinca com elas.

Segundo Cabalos e Mazaro (2011); Jean Piaget (2011, p. 5).

[...] a criança de dois anos a quatro anos não forma conceitos, e sim pré-conceitos. Por meio das experiências, ela elabora informações a respeito do mundo, mas como ainda não consegue discriminar as propriedades essenciais dos objetos, nem generalizá-las adequadamente, a formulação de conceitos só ocorrerá no período seguinte.

Significa que as formas primitivas da mente, biologicamente constituídas, são reorganizadas pela psique socializada, ou seja, existe uma relação de interdependência entre o sujeito conhecedor e o objeto a conhecer.

Enfim, a fase do *intuitivo*, que ocorre dos 4 aos 7 anos, período da investigação dos fenômenos, que é reconhecida como a fase dos por quês, neste momento a criança começa a distinguir a fantasia do real, e o pensamento continua centrado no próprio ponto de vista Piaget (2003).

Nessa esteira de pensamento pode-se inferir que a situação social de desenvolvimento é o ponto de partida para todas as mudanças dinâmicas que se processarão no desenvolvimento durante aquela determinada idade e formulam as formas e a trajetória que permitem à criança adquirir novas propriedades da personalidade. Ficando evidente ao considerarmos que a situação social de desenvolvimento se refere, antes de tudo, à relação da criança com a realidade social, em vista que essa relação se realiza precisamente por meio da atividade humana.

O lúdico é significativo para a criança poder conhecer compreender e construir conhecimentos, o desenvolvimento pessoal que o universo lúdico proporciona, associados aos fatores sociais e culturais, colabora para uma boa saúde física e mental, facilitando o processo de socialização, comunicação e construção de conhecimento e, nessa perspectiva, quando as crianças são estimuladas a vivenciar brincadeiras e jogos, mediante um processo organizado, respeitando cada etapa do seu desenvolvimento elas têm a oportunidade de desenvolver capacidades indispensáveis para a formação da criança e do futuro adulto.

Marilena Chauí, nessa perspectiva, analisa que:

Quando uma criança brinca, joga e finge, está criando um outro mundo, mais rico e mais belo, mais cheio de possibilidades e invenções do que o mundo onde, de fato, vive. Mas sabe, mesmo que não formule explicitamente tal saber, que há uma diferença entre imaginação e percepção, ainda que, no caso infantil, essa diferença seja muito tênue, muito leve, quase imperceptível –

tanto assim, que a criança acredita em mundos e seres maravilhosos como parte do mundo real de sua vida (Chauí, 1984, p.112).

Diante das considerações apresentadas pode-se avaliar que a atividade lúdica desempenha um papel fundamental na continuidade da inserção da criança no mundo material e simbólico das produções humanas, ou seja, das objetivações genéricas do *self*, já que esta esfera se constitui no ponto de partida do processo de formação de todo e qualquer indivíduo.

### **2.5.1.1 Valores importantes para a formação da criança**

O processo de formação de valores começa na infância, pois nesta fase, como focado pela literatura tudo parece ser mais intenso devido à falta de experiências anteriores, portanto, ao entender que os eventos são registrados com mais força na memória, passando a compreender como funciona a relatividade humana ou como surgem os distúrbios é possível considerar que se torna mais simples a identificação de problemas psíquicos, já que se baseiam nos valores que os indivíduos carregam consigo.

Assim sendo, pode-se assinalar que os valores vão sendo construídos e sedimentados de acordo com o tipo de resultados de modo que a pessoa seja instruída a conseguir. O ambiente tem muita influência sobre os resultados, por isto, que em se tratando da relatividade humana o requisito do ambiente é citado como um dos principais fatores que interferem na formação de valores humanos. Nada impede que, através de novas experiências ou conhecimentos, a pessoa comece a adotar um novo conjunto de valores, em sua evolução.

A ascendência daqueles valores que provém à sobrevivência da criança é muito forte, assim como a ingerência daqueles que ela considera com alto poder instintivo, e é esta influência que induz o tipo de interpretação que a criança irá assumir diante das novas experiências. Como as experiências são marcadas com mais força, a criança tende regamente a continuar esta interpretação até sua fase adolescente ou resto da vida, se nada acontecer e seu instinto se adaptar a boa experiência.

Deste modo, é possível contextualizar o significam e o conjunto de valores, morais, intelectuais ou estéticos, que a criança aprende a valorizar durante seu desenvolvimento, e isto não ocorre de forma aleatória, e sim pelo processo chamado formação de valores

humanos. Neste sentido Leontiev *et. al.* (1991) apontam que o reflexo consciente do mundo não surge em cada homem como resultado da projeção direta em seu cérebro das representações e conceitos que lhe são deixados pelas gerações anteriores, pois, é necessário que haja uma atividade no mundo, em vista que sua consciência é produto desta atividade. A atividade no mundo, da qual referem os autores, só se torna possível através de outros homens.

Nesta perspectiva pode-se entender que um bom processo educacional é excelência para se conseguir essa apropriação, Leontiev *et al.* (1991, p. 272) afirmam que “as aquisições do desenvolvimento histórico das aptidões humanas não estão simplesmente dadas aos homens nos fenômenos objetivos da cultura material e espiritual que os encarnam, mas, sim postas e impostas”. Entretanto, para se apropriar destes resultados, para fazer deles as suas aptidões, ou sejam, instrumentos da sua individualidade, a criança deve entrar em relação com os fenômenos do mundo circundante através dos adultos, em um processo de comunicação com eles, assim, a criança aprende a atividade adequada, em um sentido mais amplo, pela sua função, inserida no processo de educação.

No entanto, as pessoas que convivem com a criança direta ou indiretamente agem sobre o seu desenvolvimento é imprescindível para que a aprendizagem aconteça, o que torna o espaço educativo, um espaço de aprendizagem.

No trabalho com crianças, Venguer (1986, p. 32) salienta a necessidade de considerar “o nível de complexidade das ações que lhes são apresentadas, pelo fato de que as crianças assimilam primeiro as ações mais simples para depois paulatinamente desenvolverem condições psíquicas para a assimilação de ações mais complexas”.

Outro ponto de destaque é o que diz respeito à preocupação com as novas experiências a serem disponibilizadas às crianças e que devem corresponder aos seus interesses e necessidades, para que possam abrir espaço para outras atividades.

[...] as necessidades e os interesses das crianças estão constantemente relacionados com os adultos; ainda que esta relação adquira novas formas em dependência do aumento das possibilidades da criança, aparecem novas necessidades, que servem de base para o surgimento de novos tipos de atividade (Venguer, 1986, p. 35).

Os valores éticos humanizam (Corso & Corso, 2006) e constroem o sujeito cognitivo elaborador de conhecimentos válidos, tendo como consistência a formulação do objetivismo

e do subjetivismo, que por um lado privilegia dados externos. Deste modo, o conhecimento vem da experiência, e o subjetivo calcado no substrato psíquico, que entende o conhecimento anterior à experiência, reconhecendo, portanto, a primazia do sujeito sobre o objeto. Desde modo, uma história infantil pode ilustrar temores dos quais padecem, encarnando ideais e ou desejos que nutrem, em certas situações podendo iluminar setores obscuros internos, de poder fazer as escolhas por esta ou aquela narrativa do que é mais representativo, não necessariamente de forma direta, pode ser uma identificação tangencial, enviesada.

Alguns comportamentos podem significar o reflexo da conduta dos adultos que se encontram em seu ambiente, cabe aos educadores alicerça-las nos valores morais e éticos para atuarem para a formação da personalidade. Assim, o conto de fadas pode ser usado como uma didática fundamental e lúdica para os ensinamentos dos valores, inferindo na construção de um adulto psicologicamente saudável. Os contos de fadas são vividos e experimentados pelas crianças como um agente transformador, auxiliando-as em sua criatividade e aprender brincando.

#### **2.5.1.2 Os Contos de Fadas na Construção dos Valores da Criança**

As narrativas infantis, podem levar ao mundo o universo da magia, por esta razão não trata de qualquer fantasia, ou uma visão meramente simplista, o ideal e necessário se ter uma relação de respeito com o caráter surpreendente de cada história.

A razão é que os contos de fada, em seu contexto, abordam diversos valores humanos, morais e éticos, sobejamente, foram evidenciados também por autores brasileiros, no século passado, uma vez que as histórias infantis tinham uma linguagem subjetiva a transmissão dos valores sociais, vigente da época, na atualidade valores estes caíram em desuso, no entanto, foram aperfeiçoados de modo a estimular a criança ao enfrentamento dos seus conflitos, em bases reais. Como exemplo, destacamos a questão da separação dos pais, o que antes significa um temor, hoje, de acordo com a faixa etária, as crianças conseguem entender a existência de duas moradias, uma casa que é do pai e outra casa que é da mãe, e ainda, elas consideram as duas residências como sua própria casa, o que representa a aceitação dessa situação como casual, e a narrativa infantil pode colaborar nessa concepção.

Por outro lado, o fenômeno do *Bullying*, seja a sua comunidade ou na sua escola, é considerado pela criança como o seu maior temor, pois, múltiplos aspectos comportamentais

estão presentes nessa prática, como a rejeição, a agressão, a vergonha entre outros, que são danosos a formação da criança.

Em outro sentido, verificou-se em Corso e Corso (2006) a narrativa infantil de *João e Maria* (Perrault) que aborda a escassez de alimentos e da expulsão do lar por essa contingência, as crianças que os escutavam entendiam bem do que se tratava, pois havia na realidade a falta de comida.

Na análise de Corso e Corso (2006) uma criança moderna, de uma família abastada, talvez nem saiba o que possa ser a falta de alimentos, entretanto se fascina com a mesma história, e provavelmente isso será devido às questões mais subjetivas. É provável que a empatia com os personagens desse conto ocorra em dois níveis (social e íntimo) a todas as crianças.

[...] afinal, há Joãos e Marias em todos os semáforos do país, então como não pensar em ser abandonado? Além disso, independentemente do quanto a realidade da pobreza se impõe para as diferentes camadas sociais, não há mãe que não faça questão de lembrar a seus rebentos, quando esnobam o alimento, que há outras crianças que passam fome (Corso & Corso, 2006, p. 5).

Diante dessa perspectiva pode-se compreender que uma criança moradora da periferia miserável dos grandes centros urbanos, ao escutar o conto de *João e Maria*, encontrem na narrativa uma fonte para traduzir a angústia concreta de ser expulsa de casa por seus pais e a dúvida diária sobre a possibilidade de eles conseguirem trazer comida ou não, mas, acrescido a esse sentido direto, talvez compartilhe com a criança de vida mais abastada a questão sobre a posição da mãe nutridora, cujo seio ela também teve de deixar Corso & Corso (2006).

Nesse sentido, pode-se referir que os valores contribuem para a construção da identidade da criança, e que estes podem ser encontrados nos Contos de Fada, um conto, pode facilitar a apropriação e ao mesmo tempo subjuga outros interesses. De acordo com Hillesheim e Guareschi (2006) a construção da infância e do sujeito se dá a partir da literatura infantil contemporânea, ocorre pela potencialidade de subjetivar as crianças uma vez que vão construindo conceitos que se conectam.

Para essas autoras os contos desenham configurações de infância, preceituando falas nas quais culpa, irracionalidade, inocência operam sobre o disciplinamento e o controle dos



corpos infantis e ainda, explicitam que por atuarem como um dispositivo artístico possibilitam ruptura, transgressão e resistência Hillesheim & Guareschi (2006).

Na esteira desse entendimento Zilberman (2004) destaca que a literatura infantil contemporânea se ocupa de uma linha narrativa que retrata personagens que internalizam várias crises do mundo social. Tais modificações denotam, inclusive, uma modificação na noção de infância que se configura numa imagem de criança crítica da contemporaneidade. Exemplo a autoestima, confiança na própria capacidade, coragem no enfrentamento de obstáculos adaptações, capacidade de ajustamento para lidar com as mudanças, convivência aceitação de diferentes pessoas, estilos, valores e crenças criatividade o uso da imaginação descobrir saídas para o problema.

Kieran Egan (2007) consideram que ouvir histórias é um exercício para a imaginação, além do que, a habilidade de acompanhar o contexto estimula e desenvolve o modo narrativo da mente e sua capacidade de criar sentido e significado, ao perceber que as histórias têm diferentes momentos, desenvolvem ações sequenciais entre si, no qual as crianças podem dar vazão natural à organização de seus pensamentos, desenvolvendo e enriquecendo sua expressão verbal e escrita.

Ainda, o autor embasa o conceito de que a criança entende que o contexto dos contos de fada promove segurança a ela e que um dia poderá construir seu próprio reino, sua própria vida onde irá necessitar de toda força de sua personalidade, alcançando o momento em que seus conflitos estarão se resolvendo. Neste caso, o mito e a fantasia fazem parte da formação da pessoa humana, pois é através da simbologia que a pessoa representa e exprime seus pensamentos, desde muito nova (Egan, 2007).

Deste modo, os contos infantis ajudam na aquisição do conhecimento e levando a criança a conviver harmoniosamente consigo mesmo compreendendo conflitos e superando-os na medida em que cresce ocorre a estrutura cognitiva estrutura-se sua personalidade, por isso é essencial compreendermos todo o potencial que está resguardado pela simbologia dos contos de fada como fundamental, pois esse momento converte-se em um precioso instrumento do desenvolvimento infantil.

Os conteúdo dos contos de fadas são de suma importância para a vida da criança, podendo se referir aos personagens como representações simbólicas do seu imaginário, subliminarmente. Radino (2003, p, 16) esclarece que a “palavra fada vem do latim *fatum*,

que significa “destino, fatalidade, oráculo”, e quando a aplicamos no universo dos símbolos ela significa poderes e capacidade mágica da imaginação”.

Fadas são entidades fantásticas, características do folclore europeu ocidental. Apresentam-se como mulheres de grande beleza, imortais e dotadas de poderes sobrenaturais, capazes de interferir na vida dos mortais em situações-limite. As fadas também podem ser diabólicas, sendo corriqueiramente denominadas bruxas em tal condição, embora as bruxas reais sejam usualmente retratadas como megeras, nem sempre os contos descrevem fadas do mal como desprovidas de sua estonteante beleza.

Para Glória Radino (2003) a fada é capaz de realizar transformações, satisfazendo ou decepcionando os mais ambiciosos desejos, muito embora, Branca de Neve mesmo sem poderes, como outras heroínas também não os tem, pois, o conto em si é quem tem poderes, é mágico, porque tem um poder de ordem subjetiva e subliminar, capaz de fazer com que as crianças satisfaçam seus desejos e se transformem à medida que evoluem no pensamento provocado pelo conto.

Os contos de fadas, assim, como as brincadeiras, podem ser usados como válvula de escape para que a criança possa enfrentar as dificuldades e conflitos. A resolução não se dá pela via racional, pois, a criança ainda não está cognitivamente pronta para lidar com esses conflitos como os adultos. As histórias infantis operam como um recurso para diminuir a angústia persecutória proporcionando uma maior aproximação de suas próprias dificuldades.

Por essa razão considera-se válida a análise de Sheldon Cashdan sobre os contos de fada, quando explicita que:

Cada um dos principais contos de fadas é único, no sentido em que trata de uma predisposição falha ou doentia do eu que passa do "era uma vez", descobre que os contos de fada falam de vaidade, gula, inveja, luxúria, hipocrisia, avareza ou preguiça os "sete pecados capitais da infância". Embora um determinado contos de fada possa tratar de mais de um "pecado", em geral um deles ocupa o centro da trama (Cashdan, 2000, p. 29).

Nesta perspectiva ao ouvirmos ou lermos uma história infantil a criança tem a predisposição de incorporar normalmente este ou aquele personagem. Daí o valor dos contos e fábulas, principalmente para a criança, pessoas com facilidade em se projetar inconscientemente no todo ou em parte, o que simplifica certos aprendizados.

Ao mesmo tempo que os contos divertem eles ensinam. Não um saber institucionalizado, mas uma sabedoria de vida eles ajudam as crianças e os adultos a perceberem o mundo e a prestarem mais suporte metafóricos para uma construção simbólica desse mundo. Dessa forma, os contos de fadas podem ser considerados um rico instrumento pedagógico que, além de prazeroso, auxilia no processo de simbolização (Radino, 2003, p. 39).

Cabe completar com Cashdan (2000, p. 41) de que "embora o atrativo inicial de um conto de fada possa estar em sua capacidade de encantar e entreter, seu valor duradouro reside no poder de ajudar as crianças a lidar com os conflitos internos que elas enfrentam no processo de crescimento".

Nesse sentido pode-se destacar que a contação de histórias deve primar pela formação das ações, das qualidades psíquicas e das qualidades da personalidade mais importantes para cada idade, utilizando as formas principais da atividade.

Com essa perspectiva observou-se que as atividades, correspondem sempre a uma necessidade do sujeito, em que o motivo coincide com o objetivo. Se o motivo não coincidir com o objetivo, o que se tem é uma ação. Como enfatizamos a mudança de uma atividade principal para outra ocorre quando a criança já domina a atividade anterior de modo que perde o interesse por esta, modificando assim suas relações com os adultos e buscando um novo tipo de atividade, e os educadores devem estar atentos a essas mudanças e buscar outras estórias infantis que resgatem o interesse da criança.

Contudo, se por um lado a atividade não pode ser ensinada, por outro pode ser motivada, buscando sempre a relação vital do sujeito com a atividade de modo que garanta a criança o trabalho com motivos reais que a levem a um efetivo desenvolvimento, pois, segundo Arcuri (2004, p. 121) "toda vez que a pessoa se abre ao inusitado, ao novo, dando asas à imaginação e ao seu poder criador ela se permite ser transformada em seu crescimento e no seu autoconhecimento".

Essa abertura não se esgota apenas em seu *self*, na sua própria existência, mas, estende laços que se entrelaçam como outras pessoas, caminhando até o infinito. Essa é segundo Arcuri (2004, p. 122), "uma maneira de se tecer o próprio destino, recompondo a vida no resgate dos arquétipos herdados dos ancestrais e permitindo-se se ver sem máscaras ou fantasias". Os contos de fada representam um instrumento que irá assegurar a formação

dos valores da criança e sua estrutura emocional e amadurecida para enfrentar o mundo adulto.

### **2.5.1.3 Os contos de fadas e os benefícios para a educação**

Com base em estudos ao longo da história, as crianças que desde cedo ouvem histórias, são estimuladas a desenvolver o gosto pela leitura, desenvolvendo a capacidade de melhor entender seus semelhantes, relacionando-se com eles de forma mais harmoniosa.

Para Mariotto (2003) é necessário que a Educação Infantil se reconheça como o dispositivo de transmissão de saberes, afirmando sua vocação educativa e sua responsabilidade no trabalho de prevenção. Dessa forma, atuar junto à escola, torna-se urgente quanto a disponibilização de práticas que estejam voltadas ao cuidado por inteiro, priorizando os aspectos básicos do desenvolvimento e oferecendo estratégias de continuidade.

### **2.5.1.4 Contos de fadas como uma didática significativa na educação infantil**

De acordo com Abrão (2007, p. 129) a criança que “ingressa na educação infantil ganha relevo uma vez que está iniciando sua vida social ao mesmo tempo rompe o convívio familiar constante, algo naturalmente difícil, que pode ser facilitado pela didática dos contos de fadas”, retornado a teoria da Psicologia Histórico Cultural de Lev Vygotsky que analisa a existência de três grupos teóricos discutidos por outros estudiosos e que apresentam visões diferentes da relação entre desenvolvimento e aprendizagem Vygotsky (1984).

A primeira teoria aborda à independência do processo de desenvolvimento da aprendizagem frente ao processo exterior paralelo que não participa da aprendizagem e nem o modifica. Vygotsky declara que a aprendizagem que se utiliza no processo desenvolvimento pode adiantar o seu curso e ou mudar sua direção.

O mesmo é explicitado por Jean Piaget, sua análise sobre a tendência do pensamento de forma pura e absolutamente independente dos conhecimentos, das experiências e cultura da criança, complementa ainda que o desenvolvimento precede da aprendizagem e que o desenvolvimento e a maturação seriam vistos como pressupostos e não como resultado da

aprendizagem por ser considerada superestrutura do desenvolvimento, existindo deste modo, intercâmbio entre aprendizagem e desenvolvimento Piaget (2003).

A segunda teoria é basicamente no sentido inverso, ou seja, que a aprendizagem e o desenvolvimento são atribuídos ao valor principal, Vygotsky leva a observar que a educação é definida a partir da aquisição de condutas de comportamento, assim, o desenvolvimento se vê reduzido a uma simples acumulação de reações e o indivíduo é visto como um conjunto vivo de hábitos segundo a teoria do desenvolvimento precede a aprendizagem do qual o desenvolvimento é visto como paralelo dos dois processos, em que cada etapa do desenvolvimento corresponderia a um estágio da aprendizagem e vice-versa, em um perfeito sincronismo Vygotsky (1979).

Por fim, na terceira teoria, conciliam-se os extremos dos pontos de vista das duas teorias anteriores:

\*O desenvolvimento é independente da aprendizagem, mas a aprendizagem coincide com o desenvolvimento.

\*E, contrariando as teorias citadas, ao falar da relação entre a aprendizagem e o desenvolvimento, Vygotsky (1984) enfatiza que a aprendizagem se inicia antes da criança chegar à escola, “não começa no vácuo”, pois a criança já possui conhecimentos dos quais se apropriou durante sua experiência de vida.

Portanto, Vygotsky vê a necessidade de se conhecer a teoria do desenvolvimento proximal e para defini-la aponta que a criança possui dois níveis de desenvolvimento:

\*O nível de desenvolvimento efetivo: que define o que a criança consegue realizar sozinha, mas que não indica o completo estado de seu desenvolvimento;

\*O nível de desenvolvimento potencial ou proximal define o que a criança é capaz de realizar com o auxílio de um adulto outra criança mais experiente Vygotsky (1984).

Diante disto, pode-se definir que a criança realiza hoje com auxílio poderá fazê-lo amanhã sozinha, desde que o ensino incida sobre a zona de desenvolvimento potencial, já que o bom ensino é aquele que se adianta ao desenvolvimento. Ainda, se deixa claro que todas as funções intelectuais aparecem primeiro no nível coletivo, depois no individual, na dependência de um complexo de inter-relações.

Nessa perspectiva pondera-se que a criança na escola descrita por Vygotsky (1984) como um período crítico, considerado como a crise dos 7 anos, pois marca o final de uma

etapa do desenvolvimento e o começo da seguinte. Os períodos de crise, em oposição aos períodos estáveis, se propagam por um espaço de tempo relativamente curto, mas produzem mudanças e deslocamentos bruscos e fundamentais na personalidade da criança.

Entende-se que os educadores devem estar atentos a presença dessas crises, por indicarem uma frustração que irrompe na criança em resposta à privação ou repressão das novas necessidades que aparecem ao final de cada etapa do desenvolvimento psíquico junto com a formação central.

Esse caráter de frustração, que toma a criança nessa etapa difícil, construiu para manutenção do entendimento das crises como pontos negativos no desenvolvimento infantil. Vygotsky (1984) se mostra oposto e mesmo que as crises se configurem como períodos de redução e extinção dos conteúdos psíquicos infantis, há nelas um significado positivo uma vez que despertam o desenvolvimento de novos conteúdos.

Por esta razão Radino (2003) enfatiza a extrema importância do uso da fantasia no decorrer de seu desenvolvimento emocional de forma geral na educação infantil.

Retomando a questão da entrada da criança na escola Leontiev *et al.* (1991), explicam que para haja uma transição da brincadeira para o estudo deve haver uma preparação que demanda tempo, “pois a criança precisa tornar-se consciente do lugar que ocupa nas suas relações sociais” (*op. cit.*, p. 53). Sendo assim, a mudança é uma atividade principal a transformação do sentido de tais atividades.

Desse modo, compreender o sentido que as crianças atribuem à atividade de estudo requer entender o significado atribuído socialmente para esta atividade, e ao estudar as etapas iniciais da evolução humana, Leontiev *et al.* (1991) conclui que a significação social tem sentido pessoal a qual se confundiam.

Atualmente, há uma lacuna entre o conteúdo objetivo e o conteúdo subjetivo da atividade humana, o que faz com que a atividade se torne “vazia de sentido para o sujeito” (Leontiev *et al.*, 1991, p. 79). A esta contradição entre significado e sentido esses autores chamaram de alienação.

Podendo então depender do processo que a alienação aparece no campo da educação quando se observa o objetivo pode garantir aos alunos a apropriação dos conhecimentos construídos historicamente pelo gênero humano. A fim de explicitar melhor Almeida e Freitas verificaram que:

A Literatura Infantil tem um grande significado no desenvolvimento das crianças de diversas idades, onde se refletem situações emocionais, fantasias, curiosidades e enriquecimento do desenvolvimento perceptivo. Para ele a leitura de histórias influi em todos os aspectos da educação da criança: na afetividade, desperta a sensibilidade e o amor à leitura; na compreensão, desenvolve o automatismo da leitura rápida e a compreensão do texto; na inteligência, desenvolve a aprendizagem de termos e conceitos e a aprendizagem intelectual (Almeida & Freitas, 2011, p. 6).

Além disso, segundo estudos desenvolvidos ao longo da história, as crianças que desde cedo ouvem histórias, são estimuladas a desenvolver o gosto pela leitura, desenvolvendo a capacidade de melhor entender seus semelhantes, relacionando-se com eles de forma mais harmoniosa.

Neste se afirmar que o contador ou narrador de contos, converte-se em um mediador privilegiado dentro do contexto da arte-educação quando leva o ouvinte a indagar-se sobre os personagens, sobre o significado da estória, incitando a pesquisa e a objetivação das mensagens do conto.

Neste sentido Fanny Abramovich ressalta:

Como é importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas, muitas histórias [...] escutá-las é o início da aprendizagem para ser leitor, e ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descoberta e de compreensão do mundo. Martins (2001, p.1) completa: “Ser leitor é o melhor meio para conhecer os diferentes tipos de textos, vocabulários e ampliar o universo linguístico” (Abramovich, 2005, p. 16).

Nesse entendimento o Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil (1998, p.15) destaca que desde seu nascimento, a criança observa a reação das pessoas que estão envolvidas em seu cotidiano e, “quanto mais ela participa de experiências afetivas, físicas, perceptivas e sociais, maior será o enriquecimento e também o desenvolvimento da sua inteligência”.

No entanto, mais valores são encontrados na contação de estórias infantis, como destacado por Giane Rodari:

Nunca poderemos captar o momento certo em que a criança, ao ouvir um conto, se apodera, por absorção, de uma determinada relação entre os termos

do discurso, em que descobre o uso de um modo verbal, a função de uma preposição: mas tenho certeza de que o conto representa para ela um abundante fornecimento de informações sobre a língua (Rodari, 2004, p. 2).

Para Bettelheim (2007) os contos de fadas foram desaprovados por alguns pais e educadores, com relação ao processo pedagógico e formativo, devido à interpretação equivocada feita pelos adultos, e ainda, como afirma Paolucci (2005, p. 4) com “medo de que as crianças não consigam fazer a distinção entre o real e o imaginário fantasioso”. Bruno Bettelheim contesta esse entendimento coletivo afirmando que a passagem ou distinção pode ser feita tranquilamente por crianças sadias, que encontram nos contos de fadas um suporte para elaboração da transposição, como um esquema de referência para aliviá-la. Nesta compreensão Giene Rodari acrescenta.

O seu esforço para compreender o conto, faz parte o esforço para compreender as palavras que o compõem, para estabelecer analogias entre elas, para efetuar deduções, alargar ou restringir, precisar ou corrigir o campo de um significante, os confins de um sinônimo, a esfera de influência de um adjetivo (Rodari, 2004, p.1).

Almeida e Freitas (2011, p. 8) que “por meio da história, a criança observa diferentes pontos de vista, vários discursos e registros da língua. Amplia sua percepção de tempo e espaço e seu vocabulário”. Nesse sentido “Ela pode pensar, duvidar, se perguntar, questionar” (Abramovich, 2005, p.143).

Ademais se pode afirmar que a Literatura Infantil é de grande relevância sob vários aspectos biopsicossociais. Quanto ao desenvolvimento cognitivo, ela proporciona às crianças, meios para desenvolver habilidades que agem como facilitadoras dos processos de aprendizagem, estas habilidades podem ser observadas no aumento do vocabulário, na interpretação de textos, na ampliação do repertório linguístico, na reflexão, na criticidade e na criatividade.

O que permite entender que estas habilidades propiciariam momentos de novas fonte de leituras, possibilidade de o leitor fazer inferências e novas releituras, agindo desta maneira, como o facilitador da ensino-aprendizagem não apenas da linguagem, mas também de outras disciplinas.



### 2.5.1.5 Os contos de fadas x aprendizagem Lúdica

Ao pensarmos na valorização do brincar, se pode ver que é uma atividade fundamental, brincando ela diverte-se, cria, recria, interpreta, relaciona-se com o mundo em que vive, e, de acordo com Anna Freud (1971, p. 116) vários autores afirmam que o brinquedo é tão importante para a criança quanto o trabalho é para o adulto.

Adriana Schiavo e Cristiane Ribó concebem que o lúdico é uma forma de aprender, que está encontra relacionada a brincar, jogos e ou brincadeiras, em que a criança mostra o seu jeito de ser, aprende regras, desenvolve seu social, sua inteligência, sua coordenação, sua autoconfiança, seu emocional, prazer e satisfação da realização. Estes objetos podem ser: fantasias, bolas, bichinhos, corda, bacias com e sem água, motoquinhas, chocalhos comprados ou feitos com garrafas descartáveis, com objetos diferentes dentro, fantoches, revistas, jornais, livros, brinquedos de encaixe, com peças grandes, pega-pega, cobrinha com corda no chão, quebra-cabeça, jogos de memória, esconde-esconde de objetos, pessoas ou de cobrir a cabeça com fralda, maquiagem, piquenique, carrinhos, bonecas, panelinhas, imitações, caretas no espelho e outras. “Brincar significa aprender, se desenvolver, é uma forma de relacionarmos com o mundo” (Schiavo & Ribó, 2007, p. 14).

Pode-se observar com mais cuidado o preconceito em relação à fantasia, como refere Radino (2003, p. 4) que a fantasia é reconhecida “como escape da realidade e não como instrumento de seu conhecimento e transformação”.

Segundo Radino (2003) os primeiros anos da criança são decisivos para o seu desenvolvimento posterior, portanto o ambiente que acolhe a criança, suas dificuldades, angústias relativas à separação dos pais e as fortes pressões sociais, deve fornecer estratégias de elaboração desses conflitos inerentes ao crescimento.

Na falta de um apoio significativo seja possível que a criança apresente dificuldades tanto emocionais quanto intelectuais. De acordo com a mesma autora, os contos de fadas atingem o inconsciente da criança, favorecendo então, a resolução de situações ansiogênicas, que em função de suas características internas, compreendem o mundo mais facilmente através de simbolismos que as histórias oferecem bem (Radino, 2003).

Com a ajuda da fantasia seja possível que a criança construa uma linguagem pré-verbal, fazendo uma ponte entre seus mundos interno e externo. Essas primeiras experiências estão em conexão com o processo de simbolização, e posteriormente, de sublimação, tão necessários para nossa inserção e um mundo cultural e social. Explicações científicas são

incompreensíveis para o pensamento infantil porque a criança ainda não tem condições intelectuais de abstrair.

Fazendo um paralelo entre o brincar infantil e os contos de fadas, Bruno Bettelheim afirma que:

Algumas pressões inconscientes nas crianças podem ser elaboradas, mas, muitas não se prestam, porque serem muito complexa ou contraditórias, devido ao seu conteúdo violento e destrutivo. Essas pressões inconscientes profundas estão presentes no universo simbólico dos contos de fadas, através das vitórias dos heróis e da crueldade que os vilões dos contos de fadas podem desempenhar (Bettelheim, 2007, p.9).

Não se pode esquecer de que a essência está na forma pela qual o estímulo é oferecido. Este deve vir sempre acompanhado com o brincar, com o carinho, afeto e a cumplicidade. Não necessitando de recursos sofisticados para desenvolver a criança como um todo, mas deve-se investir no desenvolvimento da inteligência, que a tornará, amanhã, uma pessoa confiante, segura e feliz. Além do entretenimento, podem transmitir, valores e costumes, ajudando a elaborar a própria vida através de situações conflitantes e fantásticas que contribuem significativamente para a diversão e para aprendizagem.

Uma educação intelectual, sem o elemento artístico do brincar, no sentido de criar e ouvir histórias, asfixia a imaginação (Almeida & Freitas, 2011). Pode-se considerar, então, que aquela criança que não tiver a experiência de sonhar acordada na infância, terá dificuldades, quando for adulto, quanto à flexibilidade e espontaneidade, ou seja, inabilidade para fazer contatos reais com outras pessoas, isolando-se. Nessa perspectiva, os contos estão também presentes em tratamentos, como recurso terapêutico.

#### **2.5.1.6 Benefícios terapêuticos dos contos de fadas**

Observa-se que os contos de fadas são metáforas de processos que as crianças vivem inconscientemente, ajudando a transformar desejo e angústias, tornando-as compreensíveis. Além disso, mostram questões humanas que a criança vivencia, mas não tem condições de verbalizar. Contos (dão forma) aos desejos, de tal maneira que a criança possa reconhecê-los e vivenciá-los sem culpa, exteriorizando seus impulsos de forma controlável (Radinho, 2003).

Para Gutfreind (2004, p. 28) deve-se considerar que “o desenho e o jogo já estão legitimados como mediadores na psicoterapia da criança, ainda não é o caso dos contos”. A terapêutica por meio dos contos de fadas, um campo ainda recente e poucas pesquisas, se comparadas a outros temas, foram publicadas até o momento.

Para que a história realmente prenda a atenção da criança, precisa entreter e despertar sua curiosidade. Contudo não só isto, mas para enriquecer a vida deve também atender os incrementos descritos por Bruno Bettelheim:

[...] estimular-lhe a imaginação; ajudá-la a desenvolver seu intelecto e a tornar claras suas emoções; estar em harmonia com suas ansiedades e aspirações; reconhecer plenamente suas dificuldades e, ao mesmo tempo, sugerir soluções para os problemas que a perturbam (Bettelheim, 2007, p. 11).

Neste sentido, os contos de fadas abordam as pressões interiores de um modo que ela inconscientemente compreenda e, sem menosprezar as lutas íntimas mais sérias que o crescimento pressupõe, oferecem exemplos tanto de soluções temporárias quanto permanentes para dificuldades.

Lacan refletiu sobre o lugar da psicanálise, que pode ser transmitida tanto por via das instituições psicanalíticas, pelo ensino ou testemunho que os analistas podem oferecer ao seu percurso, como também pela prática da psicanálise no âmbito das instituições públicas de assistência, onde através de laços sociais múltiplos, se defrontam com outros discursos que sustentam diferentes práticas no campo da saúde mental Rinaldi (2002), ainda acrescenta que o desejo do analista determinará o efeito do tratamento do sujeito,

O significado dos contos de fadas precisamente é diferente para cada pessoa em vários momentos da sua vida. Assim, a criança passa a extrair significados diferentes do mesmo conto, dependendo do seu interesse e de suas necessidades e é, por isso que ela o lê (ou escuta) várias vezes.

De acordo com Melanie Klein (1997), através do *faz de conta*, a criança consegue muitas vezes resolver suas questões, que na realidade são tão difíceis de enfrentar, sem se sentir culpada e ao longo da análise (ou no caso específico apresentação dos contos) a relação da criança com a realidade vai se fortalecendo, de forma gradual. Segundo a autora, as resistências ainda muito fortes e obstinadas têm sido superadas, onde a criança será capaz de ver que seus atos agressivos eram dirigidos ao objeto no mundo real.

Para Klein (1997) com a diminuição do sentimento de culpa diminui-se a pressão excessiva do superego que é muito mais pesada sobre o ego fraco da criança pequena do que o ego do adulto. Os contos fortalecem o ego e assim, substituem os processos de repressão pelos de rejeição crítica, apresentando uma melhoria no relacionamento com os pais, melhor adaptação social e uma educação mais eficaz.

Concordando com a análise de Melanie Klein, os estudos de Aiello-Vaisberg *et al.* (2013, p. 2) asseguram que “as intervenções objetivam propiciar condições suficientemente boas para um desenvolvimento emocional, tornando a criança capaz de expressar-se e posicionar-se de forma criativa diante da diversidade do mundo”.

Toda a história abre-se para inúmeras verdades e como sugere Gutfreind (2004, p. 13) uma delas, talvez a principal, é que todos nós, “um dia estive sem nome e aos poucos ganhando um sentido narrativo, por meio da família, contexto social, substitutos, escola ou mesmo alguma psicoterapia”. Os contos de fadas se configuram como uma possibilidade de reinvestir a vida psíquica e imaginária da criança quando utilizados numa intervenção terapêutica.

#### **2.5.1.7 Atividade escolares e o desenvolvimento Infantil**

Quanto ao desenvolvimento da atividade, parte-se da premissa de que as crianças de diferentes idades e de situações psicológicas, sociais se diferenciam, entre si, devendo ter acesso a distintos tipos de atividades que lhes são características e acessíveis. Inclui-se ao ficar atentos a cada período do desenvolvimento infantil para que corresponda a uma atividade que lhe é peculiar, a chamada atividade principal da qual trata “é, portanto aquela cujo desenvolvimento condiciona as principais mudanças nos processos psíquicos da criança e as particularidades psicológicas da sua personalidade num dado estágio do seu desenvolvimento” (Leontiev *et al.* 1991, p. 293).

Deste modo, a criança aprende quando desenvolve uma atividade da qual se pode apropriar-se do conhecimento. O conceito é fundamental não só para se compreender o desenvolvimento psíquico da criança, como também para que o adulto internacionalize suas ações para contribuir no desenvolvimento máximo das possibilidades e capacidades da criança.

Desta forma, as atividades são consideradas por Venguer (1986, p. 29) como “uma conduta determinada pela experiência sócia histórica que estejam inseridas nas condições sociais que desenvolvem na vida”. E isto acontece no processo de assimilação da atividade humana.

Pode-se dizer que é de aspecto amplo que se caracteriza pelo motivo a qual impulsiona. Se a criança realiza uma ação motivada pelo resultado do que está fazendo, está realizando uma atividade que favorece desde a coincidência ao motivo e o objetivo da ação que se realiza, ou seja, a criança realiza as atividades pensando em seu resultado, faz algo porque lhe é significativo.

Assim a interação entre adultos e crianças torna-se imprescindível para o desenvolvimento das funções psicológicas superiores, pois, o contato com os outros e com a cultura que a criança vai criando novas necessidades e interesses. O contato da criança com a cultura ocorre através dos adultos e por crianças mais velhas e, diante disso, o papel do professor como essencial, pois, da posse aos conhecimentos das regularidades do desenvolvimento infantil, das características psicológicas das crianças, estabelecendo atividades pedagógicas que possibilitem o desenvolvimento da criança em todos os seus aspectos: afetivo, social e cognitivo.

Para a psicologia as funções psíquicas, na idade pré-escolar é o período mais sensível. Devendo-se buscar a formação de ações que favoreçam a orientação que se iniciam de forma externa e depois se convertem em internas, psíquicas.

Cada período do desenvolvimento deve haver a preocupação não somente com a aceleração do processo, mas, com o seu enriquecimento, com o desenvolvimento das possibilidades da criança.

Por meio da psicanálise pode-se perceber e definir que o papel do professor e do aluno no processo educacional, cabe ao professor compreender a subjetividade presente em cada criança, sabendo aproveitar potenciais, para daí fazer emergir o desejo de aprender. Ao aluno a tarefa de ingerir, desarticular e digerir aqueles elementos transmitidos pelo professor, que se engancha em seu desejo, que fazem sentido para ele e que encontram eco na sua subjetividade de sujeito aprendiz.

No entanto, para se ter sucesso em sala de aula, busca-se sempre manter uma relação afetiva positiva com os educandos, compreendendo que esta atitude influencia mais do que se imagina na construção e aquisição do conhecimento uma vez que aprende com realmente

com quem transmite confiança e realmente significativo. Não podendo esquecer-se da dose de limite, extremamente necessária na relação professor aluno, onde o aluno deverá receber a quantidade exata de amor e ao mesmo tempo um grau eficaz de autoridade para que possa controlar seus impulsos e consolidar o aprendizado.

A Psicanálise nos faz compreender que cada aluno é único e tem seu tempo e forma de aprender. O reconhecimento da individualidade da criança leva o professor compreender que não existem métodos pedagógicos que sejam uniformemente bons para qualquer criança, defendendo, desse modo, a necessidade de se ter um olhar individualizado para nossos alunos, indo desde a prática de trabalhos em grupo, tão presente na sala de aula, como extremamente importantes na interação apresenta interesses, dificuldades, discussões e confronto de ideias tão necessários para a construção de seu próprio conhecimento.

Não se pode esquecer de Freud e outros autores da área psicanalítica, quando abordam o modo de as escolas trabalharem, indo além dos processos cognitivos, desde os aspectos relacionados com a afetividade, cidadania, ética e a sexualidade. Atualmente, a educação sexual vem “timidamente” no currículo escolar, com o objetivo de satisfazer a curiosidade dos alunos para que o desejo de saber, constituindo numa frustração que o acompanhará ao longo de sua vida. Segundo Freud, a curiosidade intelectual deriva da curiosidade sexual, a qual está ligada à formação da personalidade e surge antes mesmo da criança chegar à escola.

Pode-se dizer que o pensamento freudiano contribui para com o professor, não somente para que ele aproprie do desenvolvimento mental, mas também de uma compreensão interna de suas próprias vivências, podendo acrescentar mais elementos na elaboração de atividades, programa educacional, bem como, pode significar mais um dado para a compreensão do estudante. Entretanto, é preciso conscientizar que a psicanálise pode auxiliar na compreensão do funcionamento mental e do inconsciente dos sujeitos envolvidos no processo da educação.

### **2.5.1.8 A Contação das Histórias Infantis**

A história da vida é composta por acontecimentos subjetivos e vivências interiores criaram as histórias. A história aborda os acontecimentos conhecidos da realidade externa, do desenrolar dos fatos que foram sendo registrados nas comunidades explicando, em parte

se efetivaram nas realizações culturais, da mesma forma que se estabeleceram os grupos étnicos e como se definiram as nações. Entretanto, muitas histórias, falam da realidade interior na construção das nossas culturas, de como se constituíram as estruturas psicológicas das pessoas e dos grupos humanos.

Nesse cenário pode-se encontrar muitas histórias de ficção e, especialmente narrativas do folclore, mitos e lendas. Os contos de fadas são mais significativos para a humanidade, com condições de explicar o esquema lógico-formal da narrativa intencionalmente objetiva. A ficção objetiva dos fatos e das verdades que não podem ser expressos pela razão, assim, são identificados pela lógica. E é por isso que as histórias são tão temidas, por serem consideradas muito relevante a sociedades.

Neste contexto os contos de fadas aparecem como narrativas simbólicas extremamente simples, primitivas, capazes de transmitir experiências subjetivas complexas e vivências emocionais delicadas a todas as pessoas inclusive as crianças. As lendas e as histórias de contos de fadas são incluídas hoje no acervo básico da literatura infantil porque as crianças se apossaram delas, enquanto o público mais sofisticado as consideravam uma literatura de menor significado, pois, estas trazem novas e constantes manifestações entre o bem e o mal, para o desenvolvimento da criança nos aspectos afetivo-psico-social.

No entanto, existem alguns aspectos bem interessantes a considerar quando se pretende efetivar uma boa reflexão por meio dos contos de fada. Em primeiro lugar, o fato de que eles falam sempre de relacionamentos humanos primitivos, expondo sentimentos até arcaicos do psiquismo humano. Contudo, o fato de serem arcaicos não significa de que ser estes não sejam atuais, como exemplo: a raiva, a inveja, a mentira etc., no entanto, também falam de amor, de fidelidade e de generosidade o que enriquece e valida os contos infantil.

Todos os contos de fada giram em torno de um herói ou de uma heroína que apresenta em sua origem pai, mãe, terra, cultura, entre outros aspectos sociais, e esse herói ou essa heroína se apresentam em grandes dificuldades, que num dado momento de impasse alguma coisa extraordinária precisa acontecer para que haja uma solução satisfatória.

Neste caso, entram em ação múltiplos poderes naturais e sobrenaturais ou mágicos, tanto do lado do bem como do lado do mal, inimigos terríveis, companheiros fiéis, personagens imbuídos de insegurança, de esperteza, de coragem, figuras transcendentais como fadas, anjos, demônios e dragões. A luta é sempre extremamente difícil, mas, ao final, faz-se a justiça, encontra-se a paz, a harmonia, e invariavelmente vencem o bom e o bem.

Por esta razão que os contos de fadas se constitui como uma “saga de herói”. No desenvolvimento da história, vai-se delineando a luta do herói que não se apresenta, inicialmente, como uma proposta em que todos os elementos da situação estão naturalmente apresentados, ao contrário, no decurso da sua própria ação, assim, ele tem de descobrir os elementos que lhe faltam para compreender o processo em que está inserido e, deste modo, poder construir situações novas que possam vir a lhe favorecer na luta pelos seus objetivos.

E nessa luta titânica vão aparecendo dificuldades extraordinárias que exigirão muita disposição e astúcia para serem contornadas e vencidas, esta é a saga do herói, de cada um de nós, que, ao final, deveria ser culminada pela possibilidade de vencer todas as dificuldades.

Nesse sentido, cada uma dessas histórias pode ser um estímulo encorajador na luta da vida, em que se valorizam os princípios éticos na relação com o outro o Mal é denunciado, e o personagem mau é castigado; o bem é valorizado, e o personagem bom é premiado. A proposta e a realização básica são sempre de plena vitória final do bem.

Contudo, a aprendizagem escolar ainda considerada fundamental para o desenvolvimento das características humanas formadas historicamente, sendo, portanto, a aprendizagem fonte essencial de crescimento, A aprendizagem orienta e estimula processos internos de desenvolvimento o que concorda com a segunda teoria analisada por Lev Vygotsky, porém de forma sincronizada.

Para abordar a Psicologia Histórico Cultural de Vygotsky, faz-se necessário entender os contos de fadas no desenvolvimento e ou influência no ensino do qual uma atividade orientada e dirigida pode educar, e ou ajudar outros a adquirirem conhecimentos e habilidades de forma a desenvolvem suas capacidades.

Favorece, assim, o desenvolvimento para a criação de novas possibilidades, Vygotsky, a educação vai adiante e conduz o desenvolvimento, “o processo de desenvolvimento não coincide com o da aprendizagem, o processo de desenvolvimento segue o da aprendizagem, que cria a zona de desenvolvimento potencial” (Vygotsky, 1984, p. 116).

[...] o que a criança pode fazer hoje com o auxílio dos adultos, poderá fazê-lo amanhã por si só. A área de desenvolvimento potencial permite-nos, pois, determinar os futuros passos da criança e a dinâmica do seu desenvolvimento,



e examinar não só o que o desenvolvimento já produziu, mas também o que produzirá (Vygotsky, 1979, p.113)

Nessa perspectiva, a aprendizagem se torna intrínseca com a apropriação da cultura, resultando de um processo ativo por parte do sujeito que aprende. No entanto, para que ocorra a apropriação, o papel do adulto e de pessoas mais experientes torna-se essencial em vista que a criança se apropria do mundo dos objetos e relações através de outras pessoas. A relação da criança com o mundo não é, portanto, uma relação direta entre o sujeito e o objeto, mas sempre uma relação mediada por outra pessoa mais experiente.

Outro aspecto relevante se trata da imitação, que neste contexto, adquire um papel fundamental no processo de desenvolvimento, conforme vai se relacionando acontece o processo que parte da zona do desenvolvimento proximal. De acordo com Vygotsky a imitação e as ações que a criança realiza tem sempre a colaboração de seu semelhante que pode facilitar e, ou atrasar o progresso em seu desenvolvimento.

A diferença substancial no caso da criança é que esta pode imitar um grande número de ações, senão um número ilimitado que supera os limites da sua capacidade atual. Com o auxílio da imitação na atividade coletiva guiada pelos adultos, a criança pode fazer muito mais do que com sua capacidade de compreensão de modo independente (Vygotsky, 1979, p. 112).

Neste caso, o papel da imitação, ganha uma nova dimensão, não é considerado uma mera cópia ou repetição, mas oferece oportunidade para que a criança faça a reconstrução interna do que observa externamente. Na imitação, as crianças transpõem o limite de suas possibilidades, o que contribui para a ampliação de suas capacidades.

### 3. ASPECTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa científica de acordo com González, Fernández e Aranda (2011, p. 11) Trata-se da “aplicação do método científico, o qual tenta obter informações relevantes e confiáveis para compreender, corrigir, verificar ou aplicar, o conhecimento” assim esta pesquisa concentra-se em analisar os CONTOS DE FADAS e a relevância no processo educativo na construção da personalidade infantil enquanto valor integrador de vínculos afetivos dos alunos das Escolas Municipais de Educação Infantil do bairro San Martin Recife-PE. Dado que os contos de fadas, ainda se observa timidamente nas práticas pedagógicas; partindo das premissas didáticas pedagógicas que apontam para uma escola ainda aquém do desejado, quando a nulidade de didáticas significativas uma vez que no caso a criança pode imitar um grande número de ações, na buscando o envolvimento, comparações bem como, a superação de limites da sua capacidade emocional atual.

Todavia, as crianças acabam por criar sua própria concepção sobre os contos de fadas onde emergem em um mundo de fantasias buscando suporte emocional para resolver conflitos reais os quais geram muitas inquietações no ambiente escolar, deste modo, a responsabilidade de a escola desenvolver uma didática que aborde os contos de fadas como impotentes e necessário para a construção de adultos mais preparados para encarar a vida em sociedade.

#### 3.1 Procedimentos metodológicos

**As variáveis:** Para tanto, investigou-se as variáveis, segundo González, Fernández e Aranda (2011, p. 14) “trata-se da capacidade que os objetos e ou coisas podem ter de modificar o estado atual deles, ou seja, a capacidade de variar e assumir valores diferentes”.

Sobre as **variáveis** elenca a relevância dos contos de fadas, os fatores socioculturais e como influenciam as crianças da educação infantil a construírem novas percepções e valores para o firmamento de sua personalidade numa aprendizagem, intrinsecamente ligada à apropriação da cultura, resultando sempre num processo ativo por parte do sujeito que aprende, para facilitar a compreensão descreve-se a classificação das variáveis. Sampieri et al (2008, p.127) “as hipótesis es se utilizan a veces en estudios descriptivos para intentar predecir un dato o valor en una o más variables que se van medir u observar”.

A variável que alicerçou a investigação se trata da **variável independente**, pois, “trata-se da capacidade que os objetos e coisas podem ter de modificar o estado atual, ou seja capacidade de variar e assumir valores” Gonzáles, Fernández e Camargo (2013, p. 9). Deste modo, a variável não manipula a pesquisa nem seus efeitos sobre os contos de fadas no desenvolvimento cognitivo emocional das crianças da educação infantil, apenas se explica como ocorre este processo no âmbito escolar.

Pode-se dizer que a metodologia da pesquisa é a que mostra o caminho a ser percorrido para chegar a um resultado ou explicar uma questão inicial desde o ponto de partida, o problema que busca entender a importância: Qual a relevância dos contos de fadas na construção da personalidade infantil enquanto valor integrador de vínculos afetivos dos alunos das 5 Escolas Municipais de Educação Infantil do bairro San Martin Recife-PE?

Partiu-se de uma epistemologia dialética, pois a realidade não é estática, se configura em um processo de mudança, que se estabelece na interação do sujeito com a realidade sociocultural. Nesta perspectiva sociocultural, os contos de fadas se disseminaram por diversas culturas e fazendo parte do inconsciente coletivo de gerações em gerações. Todavia, como se reflete sobre as repercussões dos contos de fadas em cada época faz toda a diferença.

Contudo, o objetivo geral busca: Analisar a relevância dos contos de fadas na construção da personalidade infantil enquanto valor integrador de vínculos afetivos dos alunos das 5 Escolas Municipais de Educação Infantil do bairro San Martin Recife-PE.

Os objetivos específicos delimitam o que a forma de como investigar, primeiramente se buscou verificar de que forma os contos de fadas favorecem o desenvolvimento cognitivo das crianças; por segundo, identificar os fatores dos quais os contos de fada contribuem para a construção e o fortalecimento da personalidade e dos valores sociais na criança e; por fim especificar a relevância dos contos de fada na formação psicológica das crianças.

### **3.2 População da pesquisa**

A pesquisa teve uma população alvo de alunos da educação infantil, (05) Escolas municipais de educação Infantil de Recife Pernambuco. Sampieri, Collado e Lucio (2008, p. 236) População é um “[...] conjunto de todo los casos que concuerdan con determinadas especificaciones [...] de una pesquisa científica que sea el más exacto posible de la realidad”.

Universo = O universo da pesquisa cinco Escolas Municipais de Educação Infantil do Bairro San Martin no Município de Recife Pernambuco.

População = A população total da pesquisa 500 alunos e 20 professores do Grupo (5) da Educação Infantil.

### 3.3 Amostra da pesquisa

A se deu por critério e seleção da própria pesquisadora “**casos típicos**” deste modo, foram escolhidos turmas de alunos da Educação Infantil com idade igual a 5 anos.

Alvarenga (2013) este critério implica que o pesquisador conhece os integrantes da população e suas características, de acordo com Sampieri et al (2008) é uma essência do subgrupo da população, desta forma, foi delimitada a população e a amostra da investigação através [...] da amostra **não probabilística ou dirigida** a um subgrupo da população logo, a eleição dos elementos não dependem da probabilidade, simplesmente das características da investigação. Para Gonzalez, Fernández e Aranda é um procedimento de seleção informal [...] a eleição dos itens não depende da probabilidade mas sim das características do investigador (2011, p. 28).

A **amostra**: A unidade de análise, foi composta por uma (classe) de (20 alunos) por cada escola, totalizando uma amostra intencional dirigida de **(100) alunos** e (01) Professor Regente I de cada unidade escolar a totalidade de **(05) professores**.

Diante do contexto apresentado a amostra configurou-se numa pesquisa não experimental envolvendo 100 alunos e 05 professores da educação infantil do bairro San Martin Recife-PE.

Para o desenvolvimento se utilizou primeiramente o contato pessoal junto a direção da escola onde fora informado sobre a importância da pesquisa, em seguida a solicitação formal para a permissão quanto à aplicação das observações, das entrevista aos professores e dos questionários aos alunos da educação infantil.

### 3.4 Desenho, tipo e enfoque da pesquisa

O desenho da investigação delinea-se pela pesquisa **não-experimental**. Para Alvarenga (2013, p. 49) “Los estudios se realizan en ambientes naturales donde se halla el problema a investigar sin manipular las variables. No suponen técnicas experimentales”

Sampieri, Collado e Lúcio Afirman que na investigación “no experimental estamos más cerca de las variables formuladas hipotéticamente como reales y en consecuencia, tenemos mayor validez externa posibilidad de generalizar los resultados a otros individuos y situaciones comunes” (2008 p.10).

A Pesquisa, se utilizou do método “**qualitativo**” para Alvarenga (2013) ambos não se excluem se completam.

Para Alvarenga (2013) o método qualitativo son formas de geração e produção de novos conhecimentos que se fundamentam en concepções epistemológicas profundas [...] se realiza com um número reduzido de sujeitos, mas, em profundidade, envolvendo todos os aspectos psicosociales que podem afetara conduta dos casos estudados.

A pesquisa se utilizou do enfoque “**fenomenológico**” este enfoque trata de verificar a vida social como se gera e ou se mantém tanto pelas interações entre os sujeitos como por seu comportamento em comunidade não se pode explicar sem as interpretações particulares dos sujeitos, Gonzalez, Fernández e Aranda (2011), do tipo “**descritivo**”, o qual consiste fundamentalmente em descrever as características de como apresentam as variáveis do estudo, Alvarenga (2013). González, Fernández e Camargo (2013) Este se interessa em descrever, não de explicar as características do grupo investigado. González, Fernández e Aranda destacan las características del método descriptivo como algo que permite marcar o carácter multifatorial.

### 3.5 Técnicas e instrumentos de Coleta de Dados

Os instrumentos e as técnicas foram necessários para coletar os dados juntos aos sujeitos, os alunos da Educação Infantil e os professores Regentes I.

Observação: A observação se realizou nas (05) no ambiente escolas de educação infantil sobre como os contos de fadas estavam sendo trabalhados enquanto didática, e quais os impactos observáveis para a vida cognitiva afetiva emocional esse recurso desenvolveu. González, Fernández e Camargo (2013, p. 30) “é um procedimento seguido quando os dados são obtidos em contextos naturais com o mínimo de controle interno”.

Assim, a observação foi desenvolvida no ambiente escolar, para Alvarenga (2013), consiste numa uma técnica que requer muita objetividade do investigador, o investigador deve estar incluso na realidade da pesquisa de campo, assim convivendo é possível

investigar; observando maneiras reais de acontecimentos, comportamento que diz respeito à observação seja sistematizado ou controlado, se observou comportamentos falas dos alunos e professores das escolas.

Entrevista: A entrevista envolveu (05) professores da educação infantil se desenvolveu por meio de questões estruturadas, Alvarenga (2013) diz que são questões preparadas, alternativas pré-definidas que se combinam com as perguntas abertas, onde o entrevistado pode responder com liberdade. Para González, Fernández e Camargo (2013), consiste num diálogo entre duas ou mais pessoas, uns que interrogam outros que respondem.

A entrevista se aplicou a (05) professores da Educação Infantil, sendo gravada via áudio de um aparelho de celular para posterior transcrição das respostas

Questionário: Os questionários perguntas fechadas aplicados a 100 alunos da educação infantil às quais seguiram cautelosamente alguns critérios, que buscaram respeitar as características e dificuldades epistemológicas dos sujeitos investigados, para Sampieri, Collado e Lúcio (2008, p.310) “[...] el cuestionario tal vez sea el instrumento más utilizado para recolectar los datos, consiste en un conjunto de preguntas a respecto de una o más variables a medir”.

### **3.5.1 Local e época da pesquisa**

A pesquisa foi realizada do mês de setembro a novembro de 2017 em (05) escolas de Educação Infantil do Bairro San Martin Entre os meses de setembro a novembro de 2017. O Bairro San Martin é pertencente ao município de Recife, no estado de Pernambuco. O nome do bairro se deu pelo fato de uma Avenida chamada General San Martin cortar o Bairro. O bairro Integra a 5ª Região Político-Administrativa do Recife/PE.

- Área territorial: 204,9 ha.
- População residente é de aproximadamente 26.959 habitantes.
- Densidade demográfica: 94,12 hab./ha.

No entanto, é um bairro onde se concentra índice de violência chega ser assustador. População de baixa renda e o tráfico de drogas envolve a grande maioria das famílias, umas como usuárias e outras como distribuidores e ou comandantes do tráfico.

**Figura 1:** Localização do Lugar da pesquisa.

Fonte: [www.imagens.google.com](http://www.imagens.google.com) (2018).

### 3.6 Validez e Confiabilidade

Para provar os instrumentos se aplicou a “**prova piloto**”, a um grupo semelhante, porém em número menor (01) professor e (05) crianças da Educação infantil, as dúvidas quanto as questões todas ajustadas para sua aplicação efetiva junto aos sujeitos. Desse modo, a pesquisa também adotou e aprova piloto a uma população que não seja a amostra de estudo”.

A **validez** dos instrumentos estes serão submetidos a análise de Espertos González, Fernández e Camargo (2014, p. 40) e a validade de expertos o (face validity) “[...] La cual se refiere al grado en que aparentemente un instrumento de medición mide la variable en cuestión, de acuerdo con “voces calificadas” (Hernández Sampieri Collado e Lúcio, 2008, p. 284). Assim sendo, doutores em Ciências da Educação: Dr. Elson Gluckesber-UEP-Py; Dr<sup>a</sup>. Vanice Paula dos Santos UA-Py; Dr<sup>a</sup> Josiane Rodriguês-UFMT-Br; Em Antropologia Dr<sup>a</sup> Margarida de Oliveira Lima-UEP-Py; Em História Social-UNEMAT-Br. Os instrumentos foram enviados via e-mail, os quais foram sugerindo ajustados a modificações as quais iam sendo acatadas e conforme os apontamentos sanados e, estando em acordo o (a) Experto, então assinava o termo de validação em (anexo, p. 162)

Para a confiabilidade d se aplicou o “**Test retest**” duas vezes ao mesmo grupo as 100 crianças da educação infantil, neste caso a confiabilidade é uma média que determina a

precisão do que estamos medindo, sendo possível determinar a consistência dos resultados de que estamos obtendo pelos mesmos indivíduos quando dão resposta ao questionário em distintas ocasiões. Gonzalez, Fernández e Aranda (2011)

### 3.6.1 Técnicas e procedimentos de coleta de dados

Para analisar e discutir os dados qualitativos e qualitativos “[...] las ideas constituyen el primer acercamiento a la realidad objetiva que habrá de investigarse (desde la perspectiva cuantitativa), o la realidad subjetiva (desde la perspectiva cualitativa Sampieri (2008, p.34), estipulamos “estándares descriptivos” “[...] son útiles para mostrar con precisión los ángulos o dimensiones de un fenómeno, suceso, comunidad, contexto o situación” Sampieri (2008, p.102) onde expomos os motivos que determinam e delimitam os fundamentos de cada pergunta a ser respondida. Através do processamento das técnicas utilizadas se investigou:

- Escola 1: (P:1) e (20) alunos
- Escola 2: (P:2) e (20) alunos
- Escola 3: (P:3) e (20) alunos
- Escola 4: (P:4) e (20) alunos
- Escola 5: (P:5) e (20) alunos

A observação: Se realizou no ambiente de (05) escolas observando as práticas sobre contos de fadas, o envolvimento e a interação entre professor x aluno, aluno x professor e aluno x aluno com a didática aplicada.

As entrevistas: Estas foram gravadas para posterior transcrição, para melhor esclarecimento as respostas dadas por cada professor se pontou com as seguintes siglas: (P:1), (P:2) (P:3), (P:4) e (P:5) transcritas na íntegra.

Os questionários: Estes foram aplicados a 20 alunos de cada escola da Educação Infantil totalizando 100 alunos em questionário com questões abertas e reaplicadas no Test retest para confirmação dos dados coletados.

Por se tratar de crianças e os mesmos ainda não sabiam escrever chamou-se de uma a um para um lugar à parte, eu não houvesse interferência externa, assim, os alunos eram questionados pela pesquisadora e crianças iam respondendo oralmente as questões, as respostas dadas eram registradas pela própria pesquisadora.

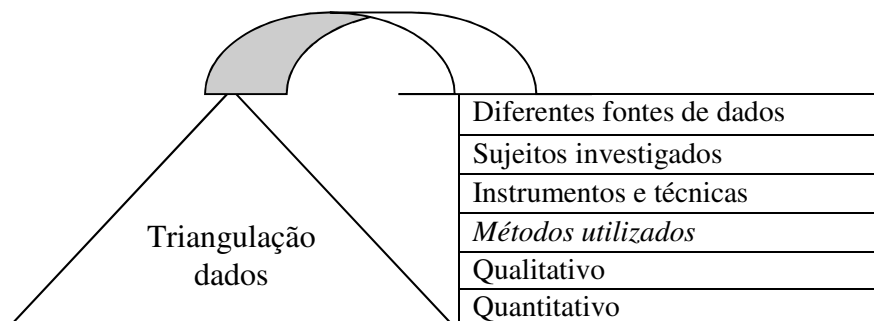


Não houve perdas de amostras para a coleta dos dados, uma vez que os alunos faltosos de um dia foram questionados no dia seguinte pela investigadora a qual frequentou a mesma escola em média por duas semanas de cada escola.

### 3.6.2 Triangulação dos dados

A triangulação dos dados segundo Gonzáles, Fernández e Aranda (2011, p. 32-33) “consiste na utilização de diversas estratégias de coleta de dados, o objetivo é verificar as tendencias detectadas dentro de um grupo determinado de Observações”.

**Figura 2:** Triângulação de dados.



**Fonte:** Gonzáles, Fernández e Aranda (2011, p. 33).

Partindo da triangulação analisou-se as relações dos contos de fadas enquanto influência na constituição psíquica, na identidade, nos valores sociais e do desenvolvimento emocional da personalidade dos alunos das (5) Escolas Municipais de Educação Infantil do Bairro San Martin Recife-PE.

Para esta análise usou-se as observações realizadas na (5) escolas sobre a didática dos contos de fadas e a influência que os mesmos propiciam as crianças enquanto subsídio sócio afetivo emocional.

A entrevista aplicada ao professor regente I de cada unidade escolar totalizando (05) professores regentes da educação infantil.

Os questionários aplicados a (20) alunos de cada escola do Grupo (5) de cada unidade Escolar totalizando (100) alunos da Educação Infantil I.

## 4. RESULTADOS: ANÁLISE E DISCUSSÃO

Neste capítulo a investigação buscou analisar os dados coletados à luz das teorias consultadas, de maneira pudessem responder o problema formulado contemplando os objetivos estabelecidos para a pesquisa.

### 4.1. Procedimentos das análises

A fim de melhor conduzir a investigação escolhemos como objetivo geral de: Analisar as relações dos contos de fadas enquanto influência na constituição psíquica, na identidade, nos valores sociais e do desenvolvimento emocional da personalidade dos alunos das 5 Escolas Municipais de Educação Infantil do Bairro San Martin Recife-PE.

Na sequência se faz em três categorias conforme os objetivos Específicos para as análises e discussão dos resultados: Verificar de que forma os contos de fadas favorecem o desenvolvimento cognitivo das crianças; Identificar os fatores dos quais os contos de fada contribuem para a construção e o fortalecimento da personalidade e dos valores sociais na criança; Especificar a relevância dos contos de fada na formação psicológica das criança

Pelo fato de identificar a importância dos contos de fadas no processo educativo e da relevância na construção da personalidade quanto aos aspectos: Afetivo, cognitivo e social, no entanto a escola não propicia o contato com histórias de contos de fadas que trabalhem conceitos éticos sociais por falta de tempo ou de conhecimento ou de estrutura.

Para análise dos dados usou-se o seguinte paradigma: Gonzalez, Fernandez e Camargo (2013) Paradigma significa um sistema de atitudes e crenças, compartilhado por um grupo de teorias pesquisadas que fundamentam as suposições epistemológicas da pesquisa.

“**Paradigma Interpretativo**” este paradigma se denomina também como fenomenológico, construtivista indutivo, neste caso, o “paradigma interpretativo não pretende fazer generalizações a partir do objeto estudado, seu propósito culmina na elaboração de uma descrição ideológica a seu respeito, de acordo com as características que o identificam e o individualizam González, Fernández e Aranda (2011, p. 57).

Contudo, busca-se analisar, descrevendo o passo a passo da coleta dos dados para a discussão dos resultados, podendo assim buscar um novo conhecimento sobre os contos de fadas no ambiente escolar na educação infantil; avaliando a função dos conto de fadas para a formação da moral e construção da personalidade; identificar a contribuição dos conto de fadas no contexto psicanalítico e psicológico se facilitaram e ou contribuíram para a aprendizagem da criança; e por fim, verificar quais os enredos obtiveram melhores resultados no ensino aprendizagem.

#### **4.2 Observação da pesquisa de Campo**

Os dados da observação foram registrados em caderno de campo e posteriormente transcritos e discutidos em capítulo próprio. Para tanto, Sampieri, Collado e Lúcio (2008, p. 374) coloca que a observação é o “registro sistemático, válido y confiable de comportamiento o conducta manifesta”. Os passos para construir um sistema de observação para definir com precisão o universo de aspectos, eventos e condutas, ao observar e especificar as circunstâncias da investigação.

Título da pesquisa: CONTOS DE FADAS: Relevância do processo educativo na construção da personalidade infantil enquanto valor integrador de vínculos afetivos dos alunos das Escolas Municipais de Educação Infantil do bairro San Martin Recife-PE.

Objetivo Geral: Analisar as relações dos contos de fadas enquanto influência na constituição psíquica, na identidade, nos valores sociais e do desenvolvimento emocional da personalidade dos alunos das 5 Escolas Municipais de Educação Infantil do Bairro San Martin Recife-PE.

Realizada na data: setembro a novembro de 2017.

Local: (05) Instituição de ensino do Bairro San Martin Recife-Pernambuco.

Horários: matutino e vespertino em horários de aulas.

Participantes: 05 escolas: Envolvidos na pesquisa (05) professores e 100 alunos.

#### 4.2.1 Observação: Objetivo Especifico nº 1

Este o objetivo consistiu em: Verificar de que forma os contos de fadas favorecem o desenvolvimento cognitivo das crianças.

**Quadro nº 1:** Observação de Campo: Escola (1), (2), (3), (4), (5).

<b>Escola 1:</b>	<b>Professores x alunos</b>
<p>É uma escola que tem alguns materiais pedagógicos disponíveis, o ambiente é espaçoso, as salas são grandes, o pátio amplo, o ambiente favorece a brincadeiras e a ludicidade. Nesta as crianças já tinham o hábito de escuta e de leitura, as crianças ficaram muito à vontade com o tema, até mesmo aquelas mais caladas e tímidas. Após a cotação foi feito uma grande roda para reflexão, a professora explicou que todo trabalho desenvolvido em sala tem o objetivo de desenvolver interação entre os alunos e propiciar a todos um espaço de fala e compreensão do que foi lido. Durante a semana, houve várias sequências didáticas e dramatização do conto. Todos se envolveram, inclusive, nesta sala tem uma criança com necessidades especiais, autismo, foi muito emocionante, essa criança fez questão de participar da dramatização do conto e o fez com muita desenvoltura o personagem do lobo mal. Foi muito lindo!<sup>5</sup></p>	<p>A professora, já trabalhava com frequência contos de fadas na sala, e quando foi solicitada para participar da pesquisa trabalhou com muita seriedade e envolvimento com os contos de fadas. Fez rodas de conversas e reflexões, construiu com os alunos uma sequência didática das fotos relacionadas ao conto de fadas, trabalhos de desenhos e pinturas, e culminou com uma encenação teatral do conto chapeuzinho vermelho. A turma sorriram muito, bateram palma, colocaram para fora seus sentimentos, alguns se encolhiam com medo, outros se atiravam para defender a chapeuzinho vermelho e a vovozinha, cada um acompanhou do seu jeito com entusiasmo e atenção, na turma tem um aluno especial, tem autismo, que também participou ativamente, imitando os sons do lobo mal e demonstrando sua indignação com o lobo mal, mexia as mãos e os braços, batia palmas e fazia cara de mal, com a vovozinha ele afagava os cabelos da vovó e demonstrava cuidados e carinho. “A interação foi de envolvimento, alegria e entusiasmo”.</p>
<b>Escola 2:</b>	<b>Professores x alunos</b>
<p>Essa escola é grande e tem muito espaço para brincar e alguns materiais a disposição. Porém, professora se mostrou mais resistente a pessoas estranhas e notadamente não tinha o hábito de utilizar a contação de história e as crianças se mostraram mais ariscas e alienadas, não respeitava as falas nem da professora, nem dos colegas da turma e não conseguiam se concentrar para escutar, foram necessárias várias intervenções, para pedir silêncio e explicar a necessidade de respeitar o momento do outro. Após a contação da história observou-se que apenas 20% haviam escutado a história houve várias pausas e foi muito difícil, conseguir a atenção do grupo. As crianças não tinham a prática da escuta e nem sensibilidade. Não percebi nenhum envolvimento e na preparação para a contação, houve muitos atropelos até acalmar a turma.</p>	<p>A segunda professora, não tem hábito de trabalhar com literatura, trabalha de forma tradicional, argumentou que tinha muitas tarefas para corrigir e que não tinha tempo para explorar o conto, apenas contou a história e resgatou com muita falta de vontade, entregou lápis e papéis ofício para as crianças desenharem. A interação foi apática e sem nenhum entusiasmo entre os alunos.</p>
<b>Escola 3:</b>	<b>Professores x alunos</b>
<p>Essa escola não tem quase nenhum espaço, todo trabalho pedagógico é feito em sala de aula, muito apertada e quente, as crianças mal podem se locomover, a sala fica no 1º andar é muito precário o espaço de</p>	<p>A terceira professora, apesar de não ter muito espaço na sala nem na escola, já tinha vivenciado junto com os alunos contos de fadas e não ofereceu nenhuma objeção, fez o trabalho com</p>

<sup>5</sup> Fotos da dramatização Chapeuzinho vermelho na (apêndice nº. )

<p>trabalho. Mas, observei grande envolvimento das crianças pelo contação de história. Elas pediam contar e depois para repetir a história, comentavam o tempo todo sobre os personagens até mesmo associando às pessoas que eles conheciam às atitudes dos personagens. Inclusive, teve comentários do tipo: - meu pai é o lobo mal ele bate na minha mãe e tranca dentro de casa e ainda diz que vai matá-la. A professora muito envolvida conta com entusiasmo e alegria, mudando a entonação da voz, para dar ênfase aos personagens e em muitas ocasiões, para o lobo, ela faz suspense, para a vovozinha ela repassa na voz, medo e constrangimento, existe um modelo de voz para cada personagem. As crianças se envolvem muito com os personagens, tanto, que é possível ver nos olhos e nos corpos das crianças as emoções sentidas.</p>	<p>conto e em seguida resgatou confeccionando máscaras dos personagens e fazendo uma roda para cantar e dançar as músicas infantis relacionadas aos contos. A interação com os alunos foi de entusiasmo, envolvimento, curiosidade e alegria.</p>
<p><b>Escola 4:</b></p>	<p><b>Professores x alunos</b></p>
<p>Nessa escola senti um clima de preguiça por parte da professora, e descompromisso, ela não se envolveu em nada, nem estimulou as crianças. Muitas crianças já conheciam os contos de fadas da televisão e por outros meios. E quando a prof. pediu para eles falassem o que sabem e quais são os contos de fadas que gostam mais, eles se empolgaram e falaram com muito entusiasmo e alegria. Alguns até desenhavam os personagens para me mostrar. Havia notadamente uma grande preferência pelos contos de fadas. Algumas crianças, inclusive, na frente da professora, se queixaram porque a professora não lhes contavam histórias.</p>	<p>A quarta professora, ofereceu resistência em receber a pesquisadora e só depois de algumas conversas permitiu, dizendo que não tinha tempo, fez a contação e alegou que já tinha muitos projetos e o tempo era curto para explorar o conto, apenas fez a contação da história e pediu para as crianças desenhar o que percebeu na história e entregar para ela. Após a entrega não fez nenhum comentário, mas observei que as crianças ficaram muito inquietas e angustiadas porque queria falar sobre os personagens. Entretanto, não o foi dada oportunidades para eles.</p>
<p><b>Escola 5:</b></p>	<p><b>Professores x alunos</b></p>
<p>Essa escola tem um espaço muito bom, tem alguns materiais disponíveis para os professores trabalharem, a professora é comprometida e faz com frequência uso de literatura infantil, contudo sua clientela é muito agressiva, essa escola fica localizada próximo a uma comunidade muito carente, onde tem muito tráfico de drogas e a maioria dos pais ou são usuário, ou traficantes. Entretanto, ao iniciar o trabalho, notei as crianças pedindo silêncios umas às outras e um grande envolvimento, a professora comentou que tinha assumido a turma há apenas alguns meses e que no início foi muito difícil obter a atenção das crianças. Mas, que sente que o comportamento deles aos poucos está mudando, já para escutar e a agressividade entre eles está melhorando muito. Observei um carinho e uma atenção muito especial da professora para com os alunos. Comentou que desde o início sempre trabalhou com contos de fadas, trouxe, inclusive, os livros de um sobrinho dela. E procura trabalhar a cada semana uma história</p>	<p>A quinta professora, fez a contação da história e em seguida, fez um debate sobre o que perceberam e aprenderam, fez desenho e pintura. A interação foi muito boa e produtiva.</p>

**Fonte:** A própria pesquisa (2017-2018).

**Escola nº1:** Esta escola notadamente possui muitos materiais pedagógicos disponíveis, o ambiente é espaçoso, as salas são grandes, o pátio amplo, o ambiente favorece a brincadeiras e a ludicidade, a professora e os alunos se interessaram muito pelos contos de

fadas. A contação das histórias sempre com muito prazer e alegria, houve grande envolvimento inclusive de um aluno especial (Autista) fez questão de participar ativamente, professora x alunos possuíam a prática da leitura e contatos frequentes com contos de fadas, as crianças ficaram eufóricas e falantes quando souberam que era a hora da contação de história.

Nesta escola há riqueza nas práticas pedagógicas: rodas de conversas e reflexões, fotos relacionados ao conto de fadas, trabalhos de desenhos, pinturas, encenação teatral de contos de fadas. A turma muito alegre, batendo palma, alguns se encolhiam com medo, outros se atiravam para defender a chapeuzinho vermelho e ou a vovozinha, cada um acompanhava à sua maneira com entusiasmo e atenção, o aluno especial participou ativamente imitando os sons do lobo mal, mexendo as mãos e os braços, batendo palmas e fazia cara de mau, quando era a vovó aflagava os cabelos demonstrando cuidados e carinho.

**Escola nº 2:** Uma escola grande, muito espaço para brincar e alguns materiais a disposição. No entanto, a professora se mostrou mais resistente a pessoa estranhas e notadamente não tinha o hábito de utilizar a contação de história e as crianças se mostraram mais ariscas e alienadas, não respeitava as falas nem da professora, nem dos colegas da turma e não conseguiam se concentrar para escutar, foram necessárias várias intervenções, para pedir silêncio e explicar a necessidade de respeitar o momento do outro.

**Escola nº 3:** Esta escola, se percebeu pouco material e espaço, a prática pedagógica sempre feito em sala de aula, muito apertada e quente, as crianças mal podiam se locomover, sala muito precário para o espaço de trabalho. Mas as crianças demonstraram um ótimo envolvimento pela contação de história, sempre buscando a repetição e, outros contos mais, as crianças incorporavam a fantasia com a realidade exemplo: Lobo mau foi associado ao seu pai por uma criança, houve envolvimento se transferindo aos personagens, vivenciaram medo temores, alegrias e satisfação, muitas expressões presenciadas diante das emoções sentidas

**Escola nº4:** Nesta havia um clima de comodismo por parte da professora, demonstrando falta de compromisso, ela não se envolveu em nada, nem estimulou as crianças. No entanto, muitas crianças conheciam alguns contos de fadas vistos pela televisão e ou por outros meios, as crianças falavam o que sabiam e com muito entusiasmo e alegria, alguns até desenhavam os personagens para mostrar, demonstravam o gosto pelos contos de fadas e, mesmo a frente da professora, se queixavam por ela não contar histórias.

**Escola nº5:** Esta possui espaço e um pouco de materiais disponíveis para os professores trabalharem, a professora muito comprometida, mesmo diante de uma clientela muito agressiva por se tratar de uma comunidade muito carente afetivo, social e econômico principalmente afetivamente. Crianças gritavam pedindo silêncio umas às outras, a professora ainda novata, assumido apenas alguns meses, colocou que no início foi muito difícil obter a atenção das crianças, mas, que o comportamento deles aos poucos tem mudado para melhor inclusive estavam menos agressivos que estava conseguindo através dos contos de fadas, o carinho e a atenção da professora para com os alunos e suas necessidades, ponto fundamental.

As crianças em média cinco anos de idade, o aspecto interessante é que na maioria falta material (livros de contos de fadas), espaço, a falta de compromisso e ou ainda demonstram satisfação ao receber qualquer pesquisador, inclusive, relato de uma coordenadora pedagógica: “muitas professoras possuíam dificuldades ao serem observadas na sua prática”. Em uma escola, das tive que retornar mais vezes para que a professora se dispusesse a realizar o trabalho de contação de história, se mostrava muito resistente, não queriam deixar a rotina tradicional.

Contudo, pode-se verificar a necessidade do trabalho com os contos de fadas, os mesmos podem trazer inúmeros benefícios os alunos principalmente nos aspectos afetivo cognitivo- social, aprendem a lidar com a vida real traumas e as mais variadas emoções. No entanto, algumas professoras pareciam estar engessadas, na mesmice dos livros didáticos, caderno e lápis, seguem no trabalho tradicional, não conseguiam, por acomodação se deixar envolver-se pelo novo. A falta de compromisso, ficou bem evidente, na maioria falta livros, faltam materiais didáticos, a escassez de livros infantis “contos de fadas”, muitos professores até compram os livros com seus próprios salários.

#### **4.2.2 Observação: Objetivo Específico nº 2**

Neste tópico específico se objetiva: Identificar os fatores dos quais os contos de fada contribuem para a construção e o fortalecimento da personalidade e dos valores sociais na criança.

**Quadro nº 2:** Observação de Campo: Escola (1), (2), (3), (4), (5).

<b>Escola 1:</b>	<b>Professores x alunos</b>
Nessa escola houve grande envolvimento, a professora e os alunos se interessaram muito pelos contos de fadas. A professora contou a história com muito prazer e alegria. Observei que a professora e as crianças já tinham a prática de leitura e contatos frequentes com contos de fadas, as crianças ficaram eufóricas e falantes quando souberam que era a hora da contação de história	O trabalho fluía com muita clareza pedagógica. Pareceu-se que não tinha lugar para medos, ou quaisquer empecilhos para aprendizagem e ou liberação dos sentimentos. Tudo fluía com muita espontaneidade e respeito. A expressão era legítima e todos se envolviam e se emocionava com o depoimento e expressão do outro.
<b>Escola 2:</b>	<b>Professores x alunos</b>
Nesta escola a maioria das crianças se mostraram bastante apáticas, só se animava quando a professora relembra algumas histórias e fazendo alusão aos personagens do conto. Mas, como não conheciam os contos, não conseguiram mergulhar nem se envolver, no sentido mais profundo.	Observou-se uma certa resistência por parte da professora, ela confessou que não tinha nenhum hábito de leitura. Assim, as crianças se mostraram sem elo, tudo que elas falavam quanto as histórias eram sempre dos desenhos animados que veem na televisão, alguns, os pais contavam, parentes ou vizinhos.
<b>Escola 3:</b>	<b>Professores x alunos</b>
Essa escola possui um espaço inadequado para o fazer pedagógico, mas as crianças sabem o que querem se posicionam com clareza, não tem vergonha de falar o que sentem e percebe-se que demarcam aos seus direitos e sabem o que é certo e o não é. Cobrando inclusive, o posicionamento do outro colega, possuíam mais consciência da sua realidade e conseguiam operar segundo o princípio da sua realidade, com valores valiosos agindo com muita clareza e tranquilidade	Nesta a professora algumas vezes precisou improvisar ou replanear as atividades devido à falta de lugar e espaço para a prática pedagógica, mas, a vontade de fazer o melhor fez com eu as crianças compreendessem as mensagens e foram construindo significados cognitivos e as regras sociais. Ex. você não pode sair agora, deve esperar, porque não tocou o sino e a outra turma ainda está no pátio, o pátio é muito pequeno não cabe duas turmas.
<b>Escola 4:</b>	<b>Professores x alunos</b>
Nessa escola não foi possível perceber o envolvimento da professora, apesar de uma escola pequena, não havia o envolvimento afetivo proximidades dos corpos físicos, existia um distanciamento do físico e de afeto de alma, sentimento.	Percebeu-se a falta de envolvimento e de compromisso da Professora. Consequentemente as crianças se sentiam sem direção um tanto perdidas, sem chão, sem vínculo tanto para com a professora bem como para com a escola. Uma falta de sentimento de pertencimento.
<b>Escola 5:</b>	<b>Professores x alunos</b>
Essa escola tem um espaço físico muito bom, mas, tem em seu entorno uma comunidade envolvida com drogas, os pais e parentes dessas crianças estão, em sua maioria, envolvidas com drogas.	No entanto, o trabalho da professora é muito envolvente, ela trabalha com os contos de fadas, para oferecer as essas crianças um pouco de alento, mecanismo e defesa e escape desse mundo tão perverso. Ela explicou que já tinha tentado tudo, mais sem êxito, contudo, quando começou a trabalhar com os contos de fadas, com alguns meses começou a perceber os resultados positivos nas crianças.

**Fonte:** A própria pesquisa (2017-2018).

**Escola nº1:** Nesta escola observou-se que as crianças eram mais alegres e participativas, havia construção de valores entre os mesmos e atuante no dia a dia, a prática pedagógica fluía com muita clareza, numa aprendizagem libertadora, com muita espontaneidade e respeito. A expressividade era legitimada havendo interesse e envolvimento inclusive, emoções fluíam diante do depoimento e expressão do próximo.



**Escola nº2:** Nesta escola a maioria das crianças se mostraram um tanto apáticas, se animavam somente quando a professora por casualidade lembrava algumas histórias, fazendo assim, alusão aos personagens dos contos de fadas. Mas, como os alunos não conheciam os contos, não conseguiram mergulhar nem se envolver, num sentido mais profundo, devido à resistência da professora, pois, não desenvolvia o hábito de leitura, nem com contos de fada.

**Escola nº3:** Nesta escola o espaço é inadequado para o fazer pedagógico, mas as crianças sabem o que querem se posicionam com clareza, não tem vergonha de falar o que sentem e percebem direitos e deveres e sabem o que é certo e errado cobram inclusive o posicionamento dos outros colegas. Existe consciência da realidade operando conforme o princípio da sua realidade frente a valores valiosos. Contudo, a professora em alguns momentos precisou improvisar ou replanejar as atividades devido à falta de lugar e espaço para a prática pedagógica, mas, a vontade de fazer o melhor fez com os alunos compreendessem as mensagens e foram construindo deste modo, significados cognitivos, bem como, regras sociais de convivência. Ex. *“Você não pode sair agora! Deve esperar! Porque não tocou o sino e a outra turma ainda está no pátio! O pátio é muito pequeno não cabe duas turmas!”*

**Escola nº4:** Nesta escola se percebeu a falta de vínculo tanto para com a professora bem como para com a escola, não havia o envolvimento afetivo proximidade corpos físicos, existia um distanciamento do físico e de afeto de alma “sentimento”.

**Escola nº5:** Nesta escola o um espaço é adequado, mas, está entorno a comunidade envolvida com drogas, os pais e parentes dessas crianças estão, em sua maioria, envolvidas com drogas e crise social. No entanto, o trabalho da professora, muito envolvente, ela trabalha com os contos de fadas, oferecendo as essas crianças um pouco de alento, mecanismo de defesa de escape a realidade cruel que muitos vivem. A prof<sup>a</sup>. declara que os contos de fadas foi o que ajudou para a mudança de resultados positivos nas crianças.

Diante do contexto, pode-se identificar que os contos de fadas contribuem para a aprendizagem integral tornando assim, mais significativa, bem como, contribui para a aprendizagem social tornando-os operantes como autores da própria história. Em outros casos os contos de fadas são considerados um alento funcionando como uma válvula de escape a realidade cruel a qual vivem, como um alento a alma, neste caso, as crianças expressam seus medos, alegrias, bem como, suas angústias e frustrações.

Contudo, se percebe que alguns professores ainda não se deram conta de que podem colocar em prática uma didática de construção de novas “vidas” frente a uma aprendizagem mais significativas, a qual fortalece os vínculos afetivos fazendo com que a criança se apropriar dos valores mais essenciais para a vida coletiva social e, atuantes enquanto cidadãos de direitos e deveres.

#### 4.2.3 Observação: Objetivo Específico nº3

Neste tópico delinea-se o objetivo que consiste em: Especificar a relevância dos contos de fada na formação psicológica das crianças.

#### Quadro nº 3: Observação de Campo: Escola (1), (2), (3), (4), (5).

<b>Escola 1:</b>	<b>Professores x alunos</b>
Nessa escola 8 crianças choraram emocionadas com conto, a história as tocou profundamente, falaram e gesticularam deram exemplos de parentes e vizinhos que se comportava do jeito do lobo mal. Faziam maldade e batiam muito nos filhos. Cada um tinha uma história para contar.	A professora contou a história de uma forma tão especial que até precisou interromper a história para falar que se tratava apenas de uma história e que aqueles personagens não eram verdadeiros. Após a explicação de forma meiga e carinhosa da professora as crianças se acalmaram e pediram para ouvir o restante da história. Mesmo assim faziam carinho de muito triste com a maldade do lobo para com a vovó.
<b>Escola 2:</b>	<b>Professores x alunos</b>
As crianças não tinha laços com história, hábito de leitura e reflexão sobre a vida e sobre as dificuldades que enfrentam no dia a dia, a professora não tem a prática de ler para as crianças.	A professora usa muito o livro didático e atividades impressa, não estimula através da literatura infantil e leitura dos contos de fadas. As crianças são apáticas e sem opinião, apenas respondem o que perguntamos e com restrições, percebesse grande dificuldade de argumentação e travamento nas conversas e perguntas reflexivas.
<b>Escola 3:</b>	<b>Professores x alunos</b>
Nessa escola o espaço é muito pequeno, mas, estão sempre envolvidas com as atividades e realizando-as com satisfação.	Tanto a professora como as crianças são participativas e alegres. As crianças se posicionam, a professora interfere sempre que necessário. Observei também muito respeito entre os colegas e alunos professora
<b>Escola 4:</b>	<b>Professores x alunos</b>
Nessa escola a professora não tem o hábito de leitura, as crianças são bastante dispersas e desobedientes, percebe-se falta de compromisso por parte da professora.	Presenciei as crianças sem elos de responsabilidades, elas não querem assumir compromissos e tem preguiça de pensar e agir. São crianças vazias de argumentação e laços psicológicos.
<b>Escola 5:</b>	<b>Professores x alunos</b>
Essa escola apesar de ser uma escola que tem em seu entorno uma comunidade envolvida com muitas drogas e os pais e parentes estarem envolvidos no tráfico de drogas.	Nesta as crianças são muito estimuladas com contos de fadas, a professora usa em sua prática a pedagogia da afetividade. Observei que as crianças conseguem parar para ouvir e

	argumentar. Tem um comportamento mais disciplinado e coerente com cada situação.
--	--

**Fonte:** A própria pesquisa (2017-2018).

**Escola n°1:** Nessa se observou de vinte alunos oito alunos choraram emocionados com conto de fadas, a história lhes havia tocado profundamente, durante o debate os alunos falavam e gesticulavam, dando exemplos de parentes e avós que se comportavam igual ao lobo mal, fazendo maldade, batendo muito nos filhos. E assim sucessivamente cada um tinha uma história para contar. A forma com que professora contou a história “especial e envolvente” fez com que ela precisasse interromper a história para falar que se tratava apenas de uma história e que aqueles personagens não eram verdadeiros, assim conseguiu ler o restante da história. Mesmo assim faziam carinha de muito triste com a maldade do lobo para com a vovó.

**Escola n°2:** Nesta escola as crianças não haviam conseguido construir laços com os contos de fadas, não havia estímulo para a leitura, bem como, para as reflexões sobre as dificuldades diárias. A didática da professora ainda, muito tradicional muito presa ao livro didático e atividades impressas. Desta forma, as crianças se apresentavam um tanto apáticas, sem opinião, respondiam somente o eu lhes eram perguntados sem outra argumentação, percebido o travamento “bloqueio” durante os diálogos.

**Escola n°3:** Nesta escola o pequeno espaço físico não afetou, o envolvimento com as atividades e realizando-as com satisfação. Tanto a professora como as crianças havia envolvimento afetivo se mostravam alegres, neste caso, foi construído o “feedback” entre alunos e professora.

**Escola n°4:** Nesta escola a professora também não possuía o hábito de leitura, as crianças se apresentavam bastante dispersas e desobedientes, crianças com poucas argumentações faltavam-lhes uma proximidade mais afetiva. Percebeu-se também, a faltava compromisso por parte da professora.

**Escola n°5:** Esta escola apesar de ser uma escola com muitos problemas sócio afetivo cultural, muito tráfico de drogas. As crianças eram estimuladas por meio dos contos de fadas, a professora usava diariamente em sua prática a pedagogia para trabalhar a afetividade. Neste caso, as crianças conseguiam ouvir e argumentar, os alunos já demostram um comportamento mais disciplinado e coerente em cada situação.

Assim sendo, pode-se verificar que os contos de fadas quando usados como uma didática educativa mexe com as emoções, contribuindo para a formação integral, bem como, para o desenvolvimento psicológico das crianças. Se percebeu essa contribuição quando fizeram o comparativo da fantasia “lobo mau” para a realidade pessoas más, que batem, torturam, matam e outros mais.

Contudo, a didática diária de classe pode ser o divisor de águas tanto para construir laços afetivos de envolvimento, cumplicidade e confiança, para o comodismo, gerando crianças apáticas e desmotivadas a falta de uma proximidade afetiva pode levar ao o travamento “bloqueio” psicológico das crianças.

#### **4.2.4 Discussão dos resultados da Observação**

Diante das observações um aspecto importante que chamou a atenção foi que na maioria das escolas faltam material (livros de contos de fadas), algum espaço e em outras faltas de compromisso e ou ainda demonstraram claramente a insatisfação pelo novo no ambiente escolar (pesquisadores/prática) inclusive, o relato de práticas tradicionais e muito resistentes a tudo que faça sair do comodismo.

Verificou-se a necessidade de um trabalho mais efetivo quanto a didática usada (contos de fadas), a qual poderá servir como estratégia para as várias aprendizagens, pois, os mesmos podem trazer inúmeros benefícios os alunos em vários aspectos principalmente no; afetivo social faz com que aprendam a lidar melhor com as emoções, casos reais e ou traumáticos. No entanto, algumas professoras precisam se engajar neste trabalho para assumir novos desafios didáticos com os “contos de fadas”, outros vão muito aquém do desejado, tiram dinheiro do próprio salário para comprar livros.

Identificou-se que os contos de fadas além de descontrair os alunos favorecem contribuindo de forma significativa para a aprendizagem cognitiva tornando-a assim, mais prazeroso, bem como, constrói seres operantes como autores da própria história. Ainda, os contos de fadas são considerados um alento funcionam para as crianças como uma válvula de escape da realidade cruel a qual vivem, expressando assim, seus medos, alegrias, bem como, suas angústias e frustrações.

Entretanto, alguns professores ainda não se deram conta de que podem colocar em prática uma didática de construção de novas “vidas” fortalecendo os vínculos afetivos

fazendo com que a criança se apropriar dos valores mais essenciais para a vida coletiva social.

Diante do contexto, pode-se dizer que os contos de fadas contribuem para a aprendizagem cognitiva tornando-a mais significativa, bem como, contribui para a aprendizagem social tornando-os operantes como autores ou coautores da própria história.

Por fim, se percebeu que alguns professores ainda conseguem colocar em prática uma didática de construção coletiva frente a uma aprendizagem mais significativa, a qual pode fortalecer os vínculos afetivos fazendo com que a criança se aproprie dos valores mais essenciais para a vida coletiva social enquanto, cidadãos de direitos e deveres.

### **4.3 Análise entrevista com os professores**

A entrevista se deu junto aos professores regentes I de classe da Educação Infantil, o qual o entrevistador realiza su labor con base en una guía de preguntas específicas y se sujeta exclusivamente a ésta (el instrumento prescribe qué ítems se preguntarán y en qué orden)” Sampieri, et al. 2008 p.597).

Para melhor delinear as análises da Entrevista junto aos (05) professores da Educação Infantil, designamos da seguinte forma: (P1), (P2), (P3), (P4) e (P5) se articulou em volta dos objetivos Específicos que conduziram as argumentações: Verificar de que forma os contos de fadas favorecem o desenvolvimento cognitivo das crianças; Identificar os fatores dos quais os contos de fada contribuem para a construção e o fortalecimento da personalidade e dos valores sociais na criança; Especificar a relevância dos contos de fada na formação psicológica das crianças.

A entrevista foi gravada com um aparelho Celular e na sequencia foram transcritas em tabelas conforme o delinear dos objetivos específicos propostos.

#### **4.3.1 Primeiro objetivo específico: Entrevista**

Verificar de que forma os contos de fadas favorecem o desenvolvimento cognitivo das crianças, foram abordadas quatro questões.

1): Como você percebe os contos de fadas na aprendizagem dos alunos?

2): De que forma as histórias de contos de fada auxiliam no desenvolvimento cognitivo das crianças?

3): De que maneira e em que momento os contos de fada podem aumentar a percepção e a imaginação?

4): Em que se percebe o posicionamento das crianças frente as histórias de conto de fadas enquanto afirmação da personalidade?

#### Quadro nº4: Entrevista: Contos de fadas e o desenvolvimento cognitivo

Questões	1): Verificar de que forma os contos de fadas favorecem o Desenvolvimento cognitivo das crianças;
1): Como você percebe os contos de fadas na aprendizagem dos alunos?	P1: É uma ótima ferramenta pedagógica. P2: é uma maneira positiva de estimular a aprendizagem das crianças. P3: Percebo como um importante instrumento para despertar a leitura por prazer. P4: Importante pois, faz uma ponte entre a realidade a fantasia. P5: Percebo como oportunidade de adquirir o gosto de contar, de escutar histórias levando a criança a um mundo mágico em que não há lugar para incertezas e sim alegrias.
2): De que forma as histórias de contos de fada auxiliam no desenvolvimento cognitivo das crianças?	P1: Através da interação e participação. P2: Desenvolvendo a criatividade, valorizando a linguagem oral e escrita. P3: Auxiliam na imaginação e no universo do faz de conta. P4: A criança cria um mundo imaginário correlacionando a realidade fazendo questionamentos. P5: Escutar histórias contribui de forma significativa para o início da aprendizagem para eu no futuro a criança seja um bom leitor e ouvinte, ainda abrem espaço para que as crianças deixem fluir o imaginário despertem a curiosidade, mostrando um caminho absolutamente infinito de descobertas e de compreensão do mundo
3): De que maneira e em que momento os contos de fada podem aumentar a percepção e a imaginação?	P1: Quando faço a contação de histórias e faço os questionamentos a respeito. P2: A qualquer momento, através da contação e exploração dos contos de forma lúdica e dinâmica. P3: A partir da leitura dos contos em sala. P4: Vivenciada na escola em casa, com filmes, roda de conversa trazendo para a realidade. P5: O objetivo maior dos contos de fada é de aguçar o imaginário. Momento não de distrair as crianças, mas sim, desenvolver suas habilidades, levando-as a um mundo imaginário, do qual podem usar suas criatividade e serem o personagem que quiserem.
4): Em que se percebe o posicionamento das crianças frente as histórias de conto de fadas enquanto afirmação da personalidade?	P1: Quando são incentivados a resolver situações problemas relacionados ao conto e ao dia a dia. P2: De forma mais significativa a partir da socialização dos mesmos nos estudos dirigidos. P3: Quando as crianças contam e recontam os fatos acontecidos no conto. P4: quando a criança percebe o tempo e o espaço mostrado no conto. P5): No momento que prende a atenção da criança, despertando sua curiosidade, enriquecendo sua vida, estimulando sua imaginação. Trabalhar com contos de fadas para ajudar a desenvolver seu intelectual tornando mais clara suas emoções, ansiedades e aspirações. Reconhecer suas dificuldades, sugerir soluções para os problemas que as perturbam

Fonte: A própria investigação (2017-2018).

**Questão nº1:** Sobre a forma de que cada docente percebe os contos de fadas, dos cinco professores entrevistados (03) percebem os contos de fadas como instrumentos muito relevantes para o desenvolvimento cognitivo das crianças.

a): Como uma ótima ferramenta pedagógica;

- b): Como um importante instrumento para despertar a leitura por prazer;
- c): Como uma maneira positiva de estimular a aprendizagem das crianças;

No entanto, outros (02) professores percebem os contos de fadas como:

- d): Como uma ponte entre a realidade a fantasia;
- e): Como uma oportunidade de adquirir o gosto de contar e escutar histórias levando a criança a um mundo mágico.

**Questão nº2:** No que diz respeito a forma que os contos de fada auxiliam o desenvolvimento cognitivo (03) docentes relacionaram que os contos de fadas contribuem sim com o desenvolvimento cognitivo:

- a): Favorecendo a interação e participação;
- b): Desenvolvem a criatividade, valorizando a linguagem oral e escrita;
- c): Escutar histórias contribui muito para o início da aprendizagem para eu no futuro a criança seja um bom leitor e ouvinte, ainda abrem espaço para que as crianças deixem fluir o imaginário despertem a curiosidade, mostrando assim um caminho absolutamente infinito de descobertas e de compreensão do mundo.

Outros (02) professores se referem quanto a contribuição e auxílio:

- d): Quanto a imaginação, bem como, o universo do faz de conta;
- e): Criando um mundo imaginário correlacionando a realidade por meio de questionamentos.

**Questão nº3:** No que se referente ao momento que contos de fadas aumentarem a percepção e a imaginação da criança. (04) professores atribuíram ao momento de interação professor aluno de forma dinâmica e lúdica.

- 1º. Quando a contação de histórias e os questionamentos a respeito;
- 2º. A partir das leituras dos contos em sala;
- 3º. A qualquer momento a contação dos contos podem ser explorados de forma lúdica e dinâmica.
- 4º. O objetivo maior dos contos de fada é de aguçar o imaginário.
- 5º. Num momento especial não de distrair as crianças, mas sim, desenvolver suas habilidades, levando-as a um mundo imaginário, do qual podem usar suas criatividade e

serem o personagem que quiserem. Somente (01) professora atribuiu mais as vivências extra escola.

1): Vivenciada na escola em casa, com filmes, roda de conversa trazendo para a realidade.

**Questão nº4:** Quanto ao posicionamento das crianças frente aos contos de fadas enquanto afirmação da personalidade:

1º: Quando são incentivados a resolver situações problemas relacionados ao conto e ao dia a dia.

2º: A partir da socialização dos mesmos nos estudos dirigidos.

3º: Quando as crianças contam e recontam os fatos acontecidos no conto.

4º: Quando a criança percebe o tempo e o espaço mostrado no conto.

5º: No momento em que prende a atenção da criança, desperta sua curiosidade, enriquece sua vida, estimula sua imaginação.

Assim sendo, pode-se dizer que os contos de fadas aumentam a percepção e a capacidade cognitiva conduzindo as crianças a imaginação frente aos questionamentos a respeito da vida e do mundo o qual estão inseridos fazendo com que se posicionem diante destas situações partindo do imaginário ao mundo real indo desde a socialização da história, o recontar dos fatos imaginários, reais e ou vividos, assim, interagem, imaginando o mundo ideal para eles, construindo noções de tempo, espaço, modos de vida a si próprio e aos outros.

Contudo, pode-se dizer que os contos de fadas incentivam as crianças a enfrentarem e resolverem situações problemas do cotidiano, isso requer por parte deles um posicionamento crítico diante da realidade existente.

#### **4.3.1.1 Segundo objetivo específico: Entrevista**

Identificar os fatores dos quais os contos de fada contribuem para a construção e o fortalecimento da personalidade e dos valores sociais na criança. Se buscou respostas por meio dos seguintes questionamentos:

5): Como você percebe o posicionamento das crianças frente as histórias de contos de fada enquanto afirmação da personalidade?

6): Como você descreveria a interação social da criança frente aos contos de fada?



7): Como você percebe o envolvimento da criança enquanto formação de valores éticos para a vida?

8): Os fatores mais ponderantes que a criança costuma expressar no convívio social com os colegas?

#### Quadro nº5: Entrevista: Contos de fadas e o fortalecimento da personalidade

Questões	2): Identificar os fatores dos quais os contos de fada contribuem para a construção e o fortalecimento da personalidade e dos valores sociais.
5): Como você percebe o posicionamento das crianças frente as histórias de contos de fada enquanto afirmação da personalidade?	P1: Apresentam excelente participação e gostam muito de imitar os personagens. P2: As crianças entram no universo dos contos e vivenciam os mesmos como se fizessem parte do mesmo. P3: Em algumas situações, vemos que as crianças identificam os bons e os maus personagens. P4: Quando a criança passa a se comparar com alguns dos personagens ou porque se parece ou porque gostaria de ter aquela vida como uma fuga da realidade. P5: Enquanto se diverte a criança, o conto de fadas a esclarecer sobre si mesma e fortalece o desenvolvendo da sua personalidade. Oferecendo significado em diferentes níveis e enriquecer a existência da criança.
6): Como você descreveria a interação social da criança frente aos contos de fada?	P1: Um momento maravilhoso e cheio de encantos. P2: A criança se envolve com o ambiente e com história o que acontece, assim, a interação é atraente. P3: Acontece a partir do momento que a criança se imagina dentro do conto. P4): Não respondeu. P5): Os contos de fadas não falam só de amor, mas, de muitas situações que vivemos na realidade e isso incentiva uma reflexão sobre os desafios que temos que enfrentar no dia. Por isso, é muito importante que as crianças saibam que os contos de fadas falam o lúdico, do mágico, mas também, tratam de coisas reais. Daí a importância das rodas de conversa dentro da sala de aula.
7): Como você percebe o envolvimento da criança enquanto formação de valores éticos para a vida?	P1: Através dos contos de fada, podemos abordar questões sociais. P2: A criança se envolve com o ambiente e com o que acontece na história assim, a interação é atuante. P3): São importantes, pois as crianças começam a relacionar o bem e o mal. P4): Quando a criança se comporta de alguma forma e cita como exemplo algum conto, dizendo o que é certo e o que é errado. P5: No interior dos contos de fadas é possível encontrar valores que se referem ao acontecimento da vida, mesmo que ao analisarmos sua linguagem fantasiosa, possamos considera-la mistificadora. O envolvimento da criança se dá através de uma linguagem encantadora, construída apropriadamente para falar e mexer com o interior infantil.
8): Os fatores mais ponderantes que a criança costuma expressar no convívio social com os colegas?	P1: A partir da interação, desenvolve a oralidade e participação nas aulas. P2): A criança se diverte, inventa novas situações e novos personagens para a história contada. P3): Não respondeu. P4): não respondeu. P5): A criança como participante e atuante da sociedade aprenderá a enfrentar e aceitar sua condição desde que seus recursos interiores lhe permitam.

Fonte: A própria pesquisa (2017-2018).

**Questão nº5:** Em que se refere ao posicionamento das crianças enquanto firmamento da personalidade. Das respostas coletadas (02) professoras colocaram a relação aluno aos contos de fadas de modo ainda um tanto superficial. Dizendo que participam e gostam muito de imitar os personagens, entrando no universo dos contos vivem como se fossem parte do mesmo. No entanto, as outras (03) professoras disseram fica explícito na criança a

identificação junto aos bons e ou aos maus personagens e que quando a criança passa a se comparar com os personagens ou porque possuem semelhança ou porque gostaria de ter aquela vida como uma fuga da realidade. Os contos de fadas podem ainda, esclarecer sobre si mesma e fortalecendo o desenvolvendo da sua personalidade enriquecendo a existência da própria criança.

**Questão nº6:** Sobre os contos de fadas e a interação social. (04) professoras colocaram que a interação acontece quando: “A criança se coloca no conto tudo fica maravilhoso e cheio de encantos, se percebe o envolvimento numa interação muito atraente, uma vez que os contos de fadas não falam só de amor, mas, de muitas situações que vivemos na realidade e isso incentiva uma reflexão sobre os desafios que temos que enfrentar no dia. Por isso, é muito importante que as crianças saibam que os contos de fadas falam através do lúdico e do mágico, mas também, tratam de coisas reais, no entanto (01) professora nem quis se pronunciar a respeito.

**Questão nº7:** Quanto o envolvimento da criança e a formação de valores. (04) professoras colocaram que os contos de fada, pode-se abordar questões sociais, onde a criança passa a se relacionar frente ao bem e ao mal, vivencia exemplos de comportamento citando modelos do que é certo e ou errado, deste modo, a criança encontra valores que se referem aos acontecimentos da vida, mesmo que numa linguagem fantasiosa. (01) professora diz algo sem se aprofundar a questão atribuindo a responsabilidade a (criança) da interação social.

**Questão nº8:** Contos de fadas e fatores ponderantes no convívio social com os colegas. Obteve-se o seguinte resultado (03) professoras colocaram que vai desde a interação, o desenvolvimento da oralidade, participação nas aulas, inventa novas situações, novos enredos, se torna mais atuante na sociedade, consegue enfrentar e, ou aceitar sua condição. (02) professoras não responderam.

Assim sendo, pode-se dizer que os contos de fadas contribuem para que as crianças tomem posicionamento enquanto firmamento da personalidade entre o bem e o mal como fatores ponderantes de convívio social se colocam frente aos sentimentos bons ou aos sentimentos maus e anti sociais, uma vez que os contos de fadas não falam só de amor, mas, de muitas situações que vivemos na realidade e isso incentiva as crianças a uma reflexão sobre os desafios a enfrentar criando seus próprios modelos do que é certo e ou errado,

tornando-a mais atuante na sociedade, bem como, no enfrentamento e, ou aceitação de sua condição de vida.

Contudo, se percebeu, ainda que em número menor, porém, preocupante de professoras que desconsideram a importância e os benefícios dos contos de fadas, preferindo permanecerem no anonimato (omissas) frente a possibilidade de construir uma nova didática de interação.

#### 4.3.1.2 Terceiro objetivo específico: Entrevista

Especificar a relevância dos contos de fada na formação psicológica das crianças, e buscou respostas nos seguintes questionamentos.

9): Descreva algumas das contribuições dos contos de fada para a formação psicológica da criança?

10): Em quais situações que os contos de fada estimulam o desenvolvimento mental da criança?

11): De que forma você aborda os contos de fada para que esses estimulem a formação da psique dos alunos?

12): Qual a importância dos contos de fada para a construção afetiva entre os alunos?

#### Quadro nº6: Entrevista: Quanto a relevância dos contos de fada na formação psicológica.

Questões	3): Averiguar a relevância dos contos de fada na formação Psicológica das crianças
9): Descreva algumas das contribuições dos contos de fada para a formação psicológica da criança?	P1: Melhora a atenção, desenvolve a oralidade e a participação nas aulas. P2: É através dos contos que as crianças percebem a vida e o ambiente que o cercam. P3: O desenvolvimento da imaginação das crianças e o prazer pela leitura. P4: A aquisição dos valores, a verdade, o amor, o companheirismo, respeito, convívio familiar. P5: Entram na narrativa usando a oralidade, compartilham as sensações dos personagens ampliam o vocabulário, dá maior organização da identidade e no desenvolvimento de suas habilidades sociais, culturais e educativas.
10): Em quais situações que os contos de fada estimulam o desenvolvimento mental da criança?	P1: Quando são convidados a se tornarem personagens do conto. P2: Em qualquer situação, de forma dirigida ou espontânea. P3: No momento da leitura e deleite. P4: Quando ela cria, imagina, compara, faz, relações, usa os contos nas brincadeiras, conversas. P5: Quando a criança necessita entender o que se está passando dentro do seu eu inconsciente. Ela pode atingir essa compreensão e com isto a habilidade de lidar com as coisas. A criança adequa o conteúdo trabalhado inconsciente as fantasias conscientes.
11): De que forma você aborda os contos de fada para que esses	P1: Realizando a contação participativa e estimulando-os a se expressarem diante dos questionamentos. P2: De forma lúdica, utilizando materiais concretos diversos para maior valorização do conto infantil. P3: Faço a leitura em voz alta e depois converso sobre a história lida com as crianças. P4: Fazendo uma contação

estimulem a formação do psique dos alunos?	prazerosa, com livro bem ilustrado, filme, fantoches etc. Interpretar esse conto com roda de conversa, trazer o conto para a realidade comparando com a vida de cada um, deixar elas exponham seus pontos de vista, medos e anseios. P5: Os contos de fadas são de suma importância para a formação da personalidade da criança e no seu desenvolvimento no processo de socialização, já que eles têm a capacidade de levar a criança a perceber outras dimensões, a usar a imaginação e principalmente a se descobrir, se reconhecer como parte daquela história, onde ela pode ser qualquer um dos personagens, basta querer imaginar.
12): Qual a importância dos contos de fada para a construção afetiva entre os alunos?	P1: A partir da participação e interação, os alunos constroem a afetividade. P2: Construção dos valores humanos. P3: São importantes, pois, as crianças interagem com os personagens, delimitando os bons e os maus comportamentos. P4: Quando eles trazem os contos o que é significativo e relevante para o convívio diário com todos. P5: Os contos de fadas são de suma relevância para o desenvolvimento emocional e intelectual da criança pois, através desses contos, elas passam a propagar seus sentimentos, angústias, necessidades de resolverem seus conflitos. Isto em conformidade com a fase do desenvolvimento que estão vivenciando.

**Fonte:** A própria pesquisa (2017-2018).

**Questão nº 09:** Quanto as contribuições dos contos de fada para a formação psicológica. (03) professoras colocaram que, por meio dos contos de fadas que as crianças percebem a vida e o ambiente que a cercam, adquirem valores como a verdade, o amor, o companheirismo, respeito, convivência familiar, compartilhando as sensações dos personagens, organizam sua própria identidade, desenvolvem ainda, suas habilidades sociais, culturais e educativas. (02) professoras colocaram que melhora a atenção, desenvolve a oralidade, a participação nas aulas, a imaginação e o prazer pela leitura.

**Questão nº10:** Contos de fadas com situações estimulo o desenvolvimento mental. (05) professoras disseram que estimula quando se transformam em personagens do conto, em a situação, de forma dirigida ou espontânea, no momento da leitura e deleite, quando a criança cria, imagina, compara, faz, relações entre os contos nas brincadeiras, ainda o estímulo acontece quando a criança necessita entender o que se está passando dentro do seu eu inconsciente.

**Questão nº11:** Quanto a formação da psique dos alunos. (04) dizem que estimula a formação da psique quando as crianças conseguem se expressarem frente aos questionamentos, debates, roda de conversas, ao criarem regras de convivência, expondo seus medos e anseios, bem como, diante do processo de socialização (01) professora colocou a forma lúdica e concreta de se trabalhar a contação dos contos de fadas.

**Questão nº12:** Contos de fadas e a construção afetiva entre os alunos. (05) professoras disseram que os contos de fadas realmente favorecem a construção afetiva entre os alunos quando participam, interagem, construindo a afetividade e os valores humanos, ao

delimitar os bons e os maus comportamentos relevantes ao convívio diário, assim, expõem seus sentimentos, angustias, necessidades, resolvendo seus conflitos.

Assim sendo, se pode afirmar que os contos de fadas contribuem ativamente com a formação da psique das crianças, assim, vão adquirindo valores de sinceridade, amor, companheirismo, respeito, convivência familiar passando a organizar sua própria identidade, favorece ainda, as habilidades sociais, culturais e educativas ao expressarem-se frente as indagações, debates, roda de conversas, passam a construir regras de convivência, expondo seus medos e anseios diante do convívio diário, contudo, se apropriam dos bons sentimentos, conseguindo lidar melhor com as angustias para a resolução de conflitos.

#### **4.3,1.3 Discussão dos resultados das entrevistas**

Frente ao contexto analisado pode-se dizer que os contos de fadas aumentam a capacidade de percepção cognitiva conduzindo-as a imaginação elaborando questionamentos a respeito da vida e do mundo, indo desde a socialização da história de vida, fatos imaginários, reais e, ou vivenciados, construindo-se no tempo, no espaço e modos de vida iguais e, ou diferentes aos seus. Assim sendo, os contos de fadas incentivam as crianças a enfrentarem e resolverem situações problemas do cotidiano, tornando-os capazes de um posicionamento mais crítico diante da realidade existente.

Portanto, os contos de fadas contribuem, para a construção da criança enquanto firmamento da personalidade os quais passam a assumir papéis entre o bem e o mal como fatores preponderante ao convívio social, uma vez que os contos de fadas abordam o amor, mas, e muitas situações de tristezas das quais se vivencia na realidade, incentivando-as a uma reflexão, criando assim, seus próprios modelos de vida e conceitos de certo e ou errado e mais atuante na própria sociedade. Outro aspecto mesmo que a uma % menor, porém, preocupante de professoras regentes que desconsideram a importância e os benefícios dos contos de fadas, preferindo se manterem (omissas) frente a possibilidade de construção de um novo conhecimento “da arte de ensinar”.

Assim sendo, se pode afirmar que os contos de fadas contribuem ativamente para com a formação da psique das crianças, desde a construção de valores éticos essenciais a convivência social, escolar e, ou familiar se apropriando de uma identidade saudável, e com habilidades sociais, culturais e educativas ao se expressarem nos debates, roda de conversas,

vão construindo regras de convivência, expondo assim, seus medos e anseios diante do convívio diário, podendo lidar melhor com as próprias angustias, bem como, para a resolução de conflitos diários

#### 4.4 Análise dos questionários aplicados aos alunos

Para as análises dos questionários foram separadas por categorias de acordo com o objetivo específicos proposto, assim, um núcleo de sentido em evidencia, a partir dos temas que compõem uma comunicação, cuja presença ou frequência apresentam significados para o objetivo analítico em estudo, representando uma unidade de significativa que se desloca naturalmente do texto seguindo critérios correlacionados aos objetivos específicos como referência para as análises. Alvarenga (2013) coloca que esta fase de análise e de interpretação dos resultados se deve conectar com as teorias estudadas em consonância a luz do marco teórico.

As respostas dos 100 alunos foram tabuladas as respostas e quantificadas em porcentagem para melhor discussão dos resultados. Alvarenga (2013) se trata de explicar os dados coletados com resultados diante de uma explicação clara.

##### 4.4.1 Primeira Categoria: Desenvolvimento Cognitivo

Objetivo nº1, verificar de que forma os contos de fadas favorecem o desenvolvimento cognitivo das crianças.

**Tabela nº1:** Sobre o desenvolvimento cognitivo.

Questões	Nº. Alunos	Sim	Não	As vezes	Não sei
1) Os contos de fadas ajuda você a identificar personagens, letras e números?	100	95%	-	3%	2%
2) As histórias de contos de fada faz você imaginar ou reviver coisas além dos livros?	100	93%	-	2%	5%
3) Os contos de fada ajuda você a aprender coisas novas e diferentes?	100	90%	-	5%	5%
4) Os contos de fada ajuda você lembrar das coisas atividades da escola com mais facilidade?	100	97%	-	3%	2%

**Fonte:** A própria Pesquisa (2017-2018).

Conforme a Tabela nº1, **na questão nº1**, 95% dos alunos disseram que os contos de fadas ajudam sim, eles a conhecerem melhor os números, letras e entender interpretar a história, personagens bons e maus, fatos e modo de vida.

Radino (2003) coloca que ao mesmo tempo que os contos de fadas divertem eles ensinam, não um saber institucionalizado, mas uma sabedoria de vida eles ajudam as crianças a perceberem o mundo para uma construção simbólica desse mundo como um rico instrumento pedagógico que, além de ser prazeroso, auxilia no processo de simbolização.

**Na questão nº2**, 93% dos alunos colocaram que contos de fadas ajudam sim, eles a imaginarem e reviverem coisas que vão além dos livros, contribuindo com a imaginação.

(Egan, 2007) coloca que mito e a fantasia fazem parte da formação da pessoa humana, pois é através da simbologia que a pessoa representa e exprime seus pensamentos ainda, que ouvir histórias é um exercício para a imaginação, além do que, a habilidade de acompanhar o contexto estimula e desenvolve o modo narrativo da mente e sua capacidade de criar sentido e significado, ao perceber que as histórias têm diferentes momentos, desenvolvem ações sequenciais entre si, no qual as crianças podem dar vazão natural à organização de seus pensamentos, desenvolvendo e enriquecendo sua expressão verbal e escrita.

**Na questão nº3**, no que se refere a novas aprendizagens diferenciais 90% dos alunos disseram sim, que sempre aprendem coisas novas e diferentes com os contos de fadas.

Para Leontiev *et al.* (1991) as aquisições do desenvolvimento e das aptidões humanas não são simplesmente dadas aos homens nos fenômenos objetivos da cultura material e espiritual que os encarnam, mas, também são postas e impostas. Entretanto, para se apropriar destes resultados, para fazer deles aptidões, necessita ser instrumento de sua própria individualidade, a criança deve entrar em relação com os fenômenos do mundo circundante através dos adultos, em um processo de comunicação com eles, assim, a criança aprende a atividade adequada, em um sentido mais amplo, pela sua função, inserida no processo de educação.

**E, por fim questão nº4**, quanto os contos de fadas ajudarem, no sentido facilidade para lembrar as atividades que a professora passou, 97% disseram que com as histórias ajudam sim a aprender de forma mais fácil, também fica mais fácil para lembrar o que estudaram em cada história.

Assim sendo, os contos de fadas contribuem nos mais variados aspectos para o desenvolvimento, cognitivo: Esta aprendizagem vai desde os conteúdos que envolvem a

leitura, a escrita, os numerais, tempo, ação, modo de vida, história, sentimentos, além de favorecer a cada história elementos para uma nova aprendizagem, considerada muito significativa importante a eles. Nessa mesma perspectiva de pensamento, Radino (2003, p. 79) coloca que o saber da formação provém de uma forma própria de reflexão daqueles que se formam, pois, “a análise dos processos de formação, entendidos numa perspectiva de aprendizagem e mudança, não se pode fazer sem uma referência explícita ao modo como um adulto viveu as situações concretas do seu percurso educativo”.

#### 4.4.2 Segunda Categoria/ Fortalecimento da personalidade

Objetivo nº2, identificar os fatores dos quais os contos de fada contribuem para a construção e o fortalecimento da personalidade e dos valores sociais.

**Tabela nº2:** Contos de fadas e a contribuição para o fortalecimento da personalidade

Questões	Nº Alunos	Sim	Não	As vezes	Não sei
Respostas					
5). As histórias de contos de fada ajuda você ser uma pessoa melhor?	100	95%	1%	2%	2%
6). Gosta de ouvir e brincar com as histórias alegres?	100	98%	-	2%	-
7). A história de contos de fada ensina você a respeitar seus colegas?	100	94%	-	5%	1%
8). As histórias de contos de fada costuma ensinar você a viver melhor com as pessoas da família e da escola?	100	96%	-	2%	2%

Fonte: A própria Pesquisa (2017-2018).

Conforme Tabela, **questão nº5**, pode-se identificar que dos alunos pesquisados 95% disseram que os contos de fadas ajudam eles a serem pessoas melhores, contribuindo ainda, muito para isso, devido as comparações entre o bem e o mal das histórias.

Cabe completar com Cashdan (2000, p. 41) de que "embora o atrativo inicial de um conto de fada possa estar em sua capacidade de encantar e entreter, seu valor duradouro reside no poder de ajudar as crianças a lidar com os conflitos internos que elas enfrentam no

**Questão nº6**, 98% dos alunos colocaram que gostam muito de ouvir histórias de contos de fadas mas, preferem as histórias mais alegres.

Para Cashdan (2000) os contos de fadas são únicos em que tratar de uma predisposição de falha do eu que passa do "era uma vez", descobre-se que os contos de fada falam de



vaidade, gula, inveja, luxúria, hipocrisia, avareza ou preguiça os "sete pecados capitais da infância.

**Questão nº 7**, no que se refere a construção dos valores éticos sociais 94% dos alunos disseram que as histórias ensinam sim a respeitar porque durante a história se pode ver a maneira de que as pessoas falam se elas se gostam ou não com isso tudo se aprende.

Abrão (2007) coloca que a criança ao ingressar na educação infantil ganha relevo uma vez que está iniciando sua vida social ao mesmo tempo para a conviver com outras pessoas diferentes, algo naturalmente difícil, que pode ser facilitado pela didática dos contos de fadas”.

**Questão nº8**, nesta 96% dos alunos dizem que os contos de fadas ensinam sim, a viver melhor, de maneiras diferentes, tanto, com as pessoas da família como na escola.

Entretanto, é possível afirmar que os contos de fadas ajudam as crianças a serem uma pessoa melhor, contribuindo para a construção dos valores éticos sociais, bem como, ajudam a viver e conviver melhor tanto na escola como em família. Bettelheim (1980) diz que os contos de fadas favorecem ao desenvolvimento psíquico da criança, contribuindo para a sua formação, colaborando para o fortalecimento da sua personalidade melhorando o relacionamento familiar.

Radino (2003) enfatiza a extrema importância do uso dos contos de fadas/ fantasia no decorrer de seu desenvolvimento emocional de forma geral na educação infantil. Freud (1974) todos os sonhos/fantasias tem um significado e uma causa, e uma relação complexa entre ambos, que só poderiam ser descobertas através da associação livre, pois o que estava latente (oculto, a parte recalcada, ou inconsciente) seria a sua causa e, de alguma precisa vir à tona para trazer o que estava enterrado no inconsciente por meio da análise cuidadosa dos fragmentos que se encontravam na superfície, a técnica da associação livre e pode revelar as conexões ocultas entre ideias e imagens.

#### 4.4.3 Terceira Categoria/Relevância na formação psicológica

Objetivo nº3, especificar a relevância dos contos de fada na formação psicológica das crianças.

**Tabela nº3:** Contos de fadas e a relevância na formação psicológica.

Questões	Respostas	Nº Alunos	Sim	Não	As vezes	Não sei
----------	-----------	-----------	-----	-----	----------	---------

09). Os contos de fada ajuda você a ter bons pensamentos?	100	92%	-	2%	6%
10). Os contos de fada faz você entender que precisa mudar algum tipo de comportamento?	100	97%	1%	1%	1%
11). Você prefere as histórias de contos de fada que faz o bem as outras pessoas?	100	98%	1%	-	1%
12). As histórias ensinam você a gostar mais dos colegas a abraçar e brincar de forma saudável?	100	99%	-	1%	-

**Fonte:** A própria Pesquisa (2017-2018).

Conforme Tabela, a **questão nº9**, foi possível listar que 92% dos alunos dizem que os contos de fadas ajudam sim, a eles terem bons pensamentos e que as histórias ajudam porque o bem sempre vence no final.

Para Vygotsky (1984) os contos de fadas podem contribuir para a formação do caráter e superar as crises de frustração nessa etapa difícil, construindo um momento de manutenção do entendimento das crises como pontos negativos no desenvolvimento infantil, mostrando oposto e mesmo tempo que as crises configurarem em períodos de redução e extinção de conteúdos psíquicos para um significado positivo uma vez que despertam o desenvolvimento de novos conteúdos.

**Questão nº10**, 97% dos alunos disseram que os contos de fadas, ajudam eles sim, faz com que entendam que as vezes precisam mudar de comportamento, que faz eles perceberem comportamentos errados e que é necessário mudar.

Hillesheim e Guareschi (2006) os contos de fadas favorecem a construção da infância e do sujeito se dá a partir da literatura, neste período ocorre a junção da potencialidade de subjetivar da criança e assim, vão se construindo enquanto sujeitos em interagindo com o mundo que vive. Freud (1987, p. 57) diz que “a criança recalca de seu desejo monta sua defesa, estando sempre a exigir a perfeição do Ego, enquanto a função a auto-observação, da consciência e da manutenção de um ideal a ser atingido”.

**Questão nº11**, 98% dos alunos colocaram sim, quanto a preferência por histórias que narra as pessoas fazendo o bem as outras pessoas essas histórias ensinam muito segundo os alunos lhes ensinam como tratar as outras pessoas.

Jean Piaget (2003) como fundamental no constructo da criança, enquanto jogo simbólico, no sentido do *faz de conta*, com o predomínio da cultura assimilada, assim a criança fala sozinha porque o seu pensamento ainda não está organizado, só com o decorrer

deste período é que começa a se organizar, associando os acontecimentos com a linguagem na sua ação. Arioli (2007) pontua a influência que a criança recebe pelas condições sócio históricas, culturais, econômicas e políticas do local no qual nasceu e irá se desenvolver.

Bettelheim (2007) argumenta que para a criança aceitar essa diferenciação, que o auxilia ela a crescer como pessoa, construindo sua própria identidade, precisa encontrar na leitura uma definição para as situações que acontecem no cotidiano, através das trocas de papéis que são experimentadas e vividas por ela ao se imaginar no lugar da personagem da história.

E, **Questão nº12**, quanto histórias ensinam a perdoar 99% da crianças colocaram que ensinam sim, eles a perdoar, bem como, gostar mais dos colegas levar uma vida de forma mais saudável.

Assim sendo, pode-se afirmar que os contos de fadas ajudam a ter bons pensamentos fazer escolha entre o bem e o mal, também, que algumas vezes é preciso mudar de comportamento para ser uma pessoa melhor, por isso, prezam mais por essas histórias que ensinam a praticar o bem, a ter bons comportamentos e que também ensina perdoar.

Bettelheim (2007) afirma que a natureza cruel e arbitrária de muitas histórias é, na verdade uma reflexão intuitiva sobre a recuperação natural e necessária para as crianças, de várias fases de iniciação e desenvolvimento. Segundo suas palavras, os contos de fadas dirigem a criança para a descoberta de sua identidade e propiciam comunicação, sugerindo também as expectativas necessárias para desenvolver ainda mais seu caráter e construção de valores na sua formação.

#### **4.4.4 Discussão dos resultados dos questionários**

Os resultados foram fundamentados nos instrumentos da pesquisa, descrevendo-se de forma sequenciada a opinião dos investigados os dados da pesquisa, oriundos dos questionários, passarão pela triangulação de dados. Assim, a discussão dos resultados foi fundamentada nos estudos psicológicos e psicanalistas entre eles Sigmund Freud, Carl Gustav, Jung e Bruno Bettelheim.

Frente ao contexto, pode-se dizer que, os contos de fadas contribuem sim e, nos mais variados aspectos desde o:

Desenvolvimento, cognitivo que contribui desde os conteúdos que envolvem a leitura oral, a escrita, numerais, tempo, ação, modo de vida, história, sentimentos, sem contar que a cada história uma nova aprendizagem.

A formação da personalidade, para a aquisição de valores éticos sociais, bem como, ajudam a viver e conviver melhor tanto na escola como em família.

A formação psicológica, no enfrentamento das angústias, tristezas e traumas da infância.

Neste caso os contos de fadas para Freud (1987) seria uma espécie de hipnose onde a criança sairia em busca do seu eu ou, (mundo) por meio da imaginação, como igual aos sonhos, deste forma é possível buscar a gênese do problema, informações estas que não eram adquiridas ou penetradas em seu estado normal de consciência, dando-lhes subsídios para a formação da personalidade social.

Deste modo, pode-se afirmar que os contos de fadas ainda favorecem os bons pensamentos, na escolha entre o bem e o mal e para a mudança de comportamento, por isso, prezam mais por essas histórias que ensinam a praticar o bem e que ensinam a perdoar.

Desta forma, Bettelheim, no livro “*a psicanálise dos contos de fadas*” valorizando as relações dos contos de fadas com a vida emocional inconsciente, ressaltando assim, a importância dos contos no desenvolvimento psicológico das crianças, e compartilha com Freud a ideia de que os contos de fadas constituem uma linguagem simbólica dos conflitos, e as ansiedades infantis podem ser realizadas, portanto a criança pode adequar os seus conteúdos inconscientes as fantasias tendo a possibilidade de lidar com o mundo externo.

Assim sendo, a criança vai desenvolvendo novas habilidades podendo até realizar coisas que antes não conseguia. Embora faça parte o crescimento e a mudança de relações, para a criança causa um grande desapontamento podendo ser gravado, quando provocado pelos próprios pais. Neste caso, sentimento de frustração, desespero e decepção as vezes são experimentados de forma intensa, manifestando-se em explosões temperamentais, demonstrando que não conseguem lidar sozinhas com o problema.

Contudo, a contação dos contos de fadas é compreendida como recurso terapêutico psicanalítico, ao analisarem que o exercício de ouvir, dialogar a respeito, de ações, ideias, de um sentimento e dar expressão às imagens por intermédio de traços de desenhos é, sem dúvida, serve como um precioso recurso de reordenação e transformação dos fatos e dificuldades humanas e tornarem mais fácil quando conseguem lidar com suas angústias.

## 5. CONCLUSÃO

Esta conclusão está fundamentada quanto a relevância dos contos de fadas para o desenvolvimento integral das crianças como objetivo Geral buscou: *Analisar as relações dos contos de fadas enquanto influência na constituição psíquica, na identidade, nos valores sociais e do desenvolvimento emocional da personalidade dos alunos das 5 Escolas Municipais de Educação Infantil do Bairro San Martin Recife-PE*, como um instrumento de didático para a disseminação de novos saberes, nesta, complexa e árdua tarefa de identificar o problema a fim de transformá-lo em algo significativo exige múltiplas ações.

Assim sendo a investigação provocou impactos significativos para um final Feliz, essa é exatamente a mensagem que os contos de fadas transmitem à criança de formas variadas uma luta contra as graves dificuldades, muitas vezes inevitável, no entanto, se poderá buscar na didática escolar por meio dos contos de fadas suporte afetivo emocional para o desenvolvimento bio-psico-social. “E viveram felizes para sempre” assim sendo, é possível tornar menos doloroso o processo de construir-se enquanto processo cognitivo, afetivo-social e psicológico como verdadeiramente satisfatório e significativo.

Diante disso, descreveu-se a importância dos contos de fadas, os quais podem provocar uma nova visão do certo e do errado, bem como, dos valores éticos para o convívio social “influenciando” de maneira saudável a vida das crianças.

Para a eficácia dessas discussões, se fará o caminho inverso, volta à *problemática* que motivou o desenvolvimento dessa pesquisa quanto dos contos de fadas no processo educativo.

Contudo, evidenciou-se ao longo das discussões as quais poderão ser retratadas desde a introdução da pesquisa fazendo delineando os objetivos dos investigados. Assim sendo a pesquisa analisou uma população de (05) professoras regente I de cinco escolas do Bairro Martin e, (100) alunos sendo vinte de cada unidade escola. Para melhor discussão do resultado criou-se uma tabela para melhor descrever os resultados.

O primeiro objetivo buscou responder a problemática para saber a relevância dos contos de fadas na construção da personalidade infantil enquanto valor integrador de vínculos

afetivos dos alunos das 5 Escolas Municipais de Educação Infantil do bairro San Martin Recife-PE

**Tabela nº4:** Análise geral da triângulação dos resultados

Contos de fadas: Desenvolvimento cognitivo das crianças		
Observação de Campo	Entrevista professoras	Questionários alunos
Trazem inúmeros benefícios, principalmente nos aspectos afetivo cognitivo- social, quando conseguem lidar melhor com as variações emocionais e traumas a aprendizagem melhora.	Aumenta a percepção, a concentração e a capacidade cognitiva conduzindo as crianças a questionamentos frente a vida a qual estão inseridos.	Contribui para o desenvolvimento, cognitivo: Desde a aquisição de novos conteúdos que envolvem a leitura oral, escrita, numerais, tempo, ação, modo de vida, história, sentimentos, além de favorecer história de vida de cada aluno

**Fonte:** Própria pesquisa (2017-2018).

Deste modo, verificou-se a problemática, cuja realização possibilitou entender a relevância no processo educativo utilizando os contos de fadas, uma vez que os contos de fadas contribuem para o ensino aprendizagem, o desenvolvimento intelectual e cognitivo das crianças, proporcionando inúmeros benefícios, principalmente nos aspectos afetivo cognitivo-social, por meio dos contos as crianças aprendem a lidar melhor com as emoções e os traumas os quais favorecem a aprendizagem, no que compete a escola muitas ainda se mantém omissas quanto a literatura (histórias) de contos de fadas em suas práticas pedagógicas.

No entanto, algumas escolas encontram-se desatualizadas e professores ainda engessadas, na mesmice dos livros didáticos, caderno e lápis, seguem no trabalho tradicional, não conseguindo, envolver-se pelo novo, pela falta de compromisso, falta materiais didático, a escassez de livros infantis “contos de fadas”, No entanto, algumas professoras (P1), vai além do desejado, compra matérias e livros com seus próprios salário para trabalhar com os alunos.

Logo, se percebe um paradoxo entre a relevância dos contos de fadas quanto a necessidade de desenvolver inteligência afetiva psíquica racional, evidenciando-se um novo processo educativo. Contudo, muitas crianças ainda ficam à mercê de escolas anacrônicas sem o mínimo necessário para um trabalho descente e professores omissos e desmotivados para a prática pedagógica

Diante do *felizes para sempre...* na prática pedagógica deve ser significativa, diária, que aborde a magia, bem com a mágica da transformação que toma conta das crianças modificando o seu jeito de ser, agir e pensar, no contato efetivo com a literatura

infantil/contos de fadas, enquanto capazes, na aquisição da confiança à medida que conseguem criar a dualidade entre o mundo imaginário para o mundo real trabalhando as emoções através da fantasia e da ficção.

A luz desta vivência, a contação de histórias infantis é de suma relevância para a vida dos pequeninos, pois é, através dos contos que as crianças demonstram a realidade, rabiscando letras, números, representações emocionais, brincadeiras, e a própria história.

A qual busca nos contos de fadas a construção da personalidade infantil enquanto valor integrador de vínculos afetivos dos alunos das 5 Escolas Municipais de Educação Infantil do bairro San Martin.

O *segundo objetivo* buscou responder a problemática, bem como, os fatores dos quais os contos de fada contribuem para a construção e o fortalecimento da personalidade e dos valores sociais na criança.

**Tabela nº5:** Análise geral da triângulação dos resultados.

Contos de fadas: Contribuem para a construção e o fortalecimento da personalidade e dos valores		
Observação de Campo	Entrevista professoras	Questionários alunos
Contribui de forma significativa para a aprendizagem social tornando-os mais operantes como autores da própria história. Também são considerados um alento funcionando como uma válvula de escape a realidade cruel a qual muitos vivem, assim, expressam suas alegrias, medo, angústias e ou, frustrações.	Contribui para o firmamento da personalidade entre o bem e o mal como fatores determinantes de convívio social, ao se colocarem frente aos sentimentos bons ou aos sentimentos maus, uma vez que os contos de fadas não falam só de amor, mas, de muitas situações que vivem na realidade.	Contribui para a construção e para formação dos valores éticos sociais, bem como, ajudam a viver e conviver melhor tanto na escola como em família.

**Fonte:** Própria pesquisa (2017-2018).

De acordo com a síntese pode-se, identificar e entender a contribuição dos contos de fadas enquanto, formação da personalidade, bem com, a construção de valores sócio-afetivo-psíquico-cultural, uma vez que os contos de fadas auxiliam as crianças a se tornarem capazes de construir uma visão do que é certo e, ou errado, bem como, se formam alicerçados nos valores éticos, buscando um convívio social mais saudável. No que compete a omissão da literatura infantil no ambiente escolar, a falta de material didático (contos de fadas) e de próprio espaço para uma didática diferenciada é principal causa do comodismo pedagógico.

Assim sendo, os contos de fadas podem ser usados como estratégias para favorecer e fortalecer a formação da criança, enquanto indivíduo saudável, com subsídios para enfrentar seus conflitos, com maturidade. Neste sentido, a psicanálise, tem desmistificado a

inocência e a simplicidade do mundo da criança, uma vez, que descreve um mundo repleto de experiências, de amor, bem como, de ódio e destruição.

No entanto, a maior contribuição dos contos de fadas, se apresenta nos termos psíquicos emocionais que vão desde: a fantasia, válvula de escape, recuperação e consolo.

Os contos de fadas ainda, aliviam as pressões exercidas por esses problemas, favorecendo a recuperação, incutindo coragem na criança, mostrando-lhes que é possível encontrar saídas e finalmente os contos servem muitas vezes de consolo “final feliz”, uma possibilidade de conquista ou superação para a criança, devido a em linguagem acessível do real existente dentro dela alimentam a mente em crescimento com significados valiosos e múltiplos, eliminando conflitos, abrindo espaços para verdades, passam a visualizar outras verdades nesse conjunto de interações entre contos de fadas e vivências sociais.

Por esse motivo, as constantes reflexões, devem ser consideradas como forma de alimentar a consciência quando de uma prática pedagógica efetiva em sala de aula. Neste caso, a reflexão aqui leva-nos a entender, que se faz necessário os contos de fadas na prática pedagógica enquanto contribuição e firmamento dos futuros cidadãos de direito.

*O terceiro objetivo* buscou responder a problemática, bem com, especificar a relevância dos contos de fada na formação psicológica das crianças.

**Tabela nº6:** Análise geral da triangulação dos resultados

Contos de fadas: Relevância para a formação psicológica		
Observação de Campo	Entrevista professoras	Questionários alunos
Relevantes enquanto alento os contos funcionam como uma válvula de escape da realidade muitas vezes cruel, podendo extravasar seus medos, alegrias, angustias e frustrações.	A relevância se dá quanto ao firmamento da personalidade os quais passam exercer papéis entre o bem e o mal como fatores essenciais ao convívio social, uma vez que os contos de fadas abordam o amor, mas, também situações de tristezas das quais vivencia na real.	A importância se dá junto a construção dos bons pensamentos, na escolha entre o bem e o mal na mudança de comportamento, ensinam a praticar o bem e a perdoar.

**Fonte:** Própria pesquisa (2017-2018).

Diante da síntese se averiguou a problemática, cuja realização possibilitou entender a relevância dos contos de fadas para a formação psicológica, formação da personalidade bem com, dos valores psíquico-cultural, uma vez que os contos de fadas possuem grande relevância no processo de construção psíquica, elaboração racional entre o bem e o mal, bem como, para o posicionamento enquanto ser humano. No que compete a falta de práticas efetivas da literatura infantil contos de fadas um dos maiores agravantes: a falta de materiais,



outras a falta de espaço físico, mas, o mais preocupante é o fato dos professores se incomodarem com o novo preferindo a prática tradicional, desconsiderando a importância dos contos de fadas.

Deste modo, os contos de fadas, segundo a psicanálise, provocam motivações psicológicas, com significados emocionais, além da função do divertimento, imaginação e da linguagem simbólica do inconsciente que estão subjacentes. Assim, o conto de fadas quando utilizados de maneira consciente pode ajudar as crianças a resolverem suas angústias, seus conflitos de forma mais saudável e prazerosa encorajando-as à luta por valores amadurecidos e uma crença positiva na vida.

Entretanto, se verifica a existência de profissionais que ainda não conseguem em suas práticas pedagógicas trabalhar os contos de fadas em salas de aula e, até mesmo em ambiente familiar. Por outro lado, Profissionais, a quem consideram muito relevantes, estão engajados e vão além de sua prática para o desenvolvimento de uma prática significativa aos alunos.

No entanto, os contos de fadas envolvem no do *faz de conta*, levando a conseguir muitas vezes resolver questões, que na vida real, se considerada quase impossível de enfrentar, sentindo-se muitas vezes culpada diante das situações. Os contos de fadas estreitam a relação imaginária para a realidade fortalecendo-a de forma gradual, tornando-as mais fortes e obstinadas a superar, desde que seus atos agressivos muitas vezes dirigidos a um objeto no mundo real.

E por fim, se verifica a diminuição o sentimento de culpa, a pressão exaustiva do superego que é muito mais pesada sobre o ego fraco da criança. Deste modo os contos de fadas fortalecem o ego e assim, substituem os processos de repressão, e ou rejeição, para um relacionamento coletivo social mais ajustado, bem como, uma aprendizagem mais eficaz.

Neste sentido, os contos de fadas tem-se apresentado como uma alternativa relevante para uma prática significativa na Educação infantil no entanto, ainda, se vê alguns professores alimentando uma pedagogia tradicional cristalizada no (comodismo), produzindo um paradoxo entre o “inovar” e ou “omitir” este não mais tolerável para uma escola do século XXI escola que ainda se apresenta sucateada de recursos materiais e criatividade, vivendo uma pedagogia sustentada nos ranços didáticos de uma sociedade consumista e violenta da qual as crianças enquanto vítimas indefesas, insegura, com medo e muitas vezes sem norte para aliviar o seu sofrimento que a consome.

Assim sendo, pode-se dizer que as histórias (contos de fadas), são de grande relevância como prática efetiva na educação infantil, tem se mostrado de grande relevância para desmitificar as práticas pedagógicas desenvolvidas até então, no intuito de transformar

as práticas tradicionais para uma didática prazerosa envolvente, uma vez que os contos de fadas são primordiais para o desenvolvimento dos mais amplos aspectos da criança indo desde o (cognitivo, raciocional lógico e motor, psíquico e afetivo-emocional).

Pode-se, assim, considerar grande a importância dos contos de fadas para a vida emocional afetiva enquanto ideal e necessário para aproximar as crianças as histórias de magias para um conhecimento mais aprimorado de si próprios, alicerçado em significativos importantes para que as crianças possam entender melhor suas dificuldades, anseios, traumas, angustias e frustrações, aprimorando assim, a dualidade do imaginário para o mundo real no intuito de desenvolver e inteligência emocional de forma positiva para enfrentar o cotidiano do mundo real, e muitas vezes cruel de mais a esses pequeninos.

Deste modo, faz-se necessário imprimir uma nova visão com ações concretas voltadas para novas práticas pedagógicas e efetiva (histórias) para resgatar os contos de fadas como didática prazerosa, pois, os mesmos contribuem desde a formação da mente (psique) do caráter, da personalidade, do equilíbrio emocional-afetivo isto se dá devido ao contato com os personagens bons ou más transportam-se ao mundo da fantasia vivendo a vida dos personagens, sentido dores, sofrimentos e, ou se sentem capazes e poderosos conforme os reis e rainhas da história, julgando, condenando e, ou defendendo os personagens diante dos desfechos que nem sempre termina feliz.

Contudo, pode-se, considerar que os contos de fadas contribuem de forma significativa nos mais variados aspectos do desenvolvimento da criança desde o processo ensino aprendizagem, a formação da personalidade e o equilíbrio emocional, para a formação do caráter da criança, frente aos conflitos, ações e reações da fantasia a realidade.

Finalizando acredita-se que a pesquisa atingiu sua finalidade, reafirmando as hipóteses, respondendo os objetivos específicos e a problemática os quais foram o ponto de partida para o desenvolvimento e a conclusão desta investigação.

## 6. RECOMENDAÇÕES

Esta investigação também se preocupou em elencar a contribuição referentes aos contos de fadas diante dos novos saberes adquiridos. Deste modo, o objetivo de socializar entes saberes, em prol do fomento frente a contribuição dos contos de fadas na construção cognitiva, na formação social e o firmamento da personalidade psíquica dos alunos da educação infantil.

Dados estes que ficaram em evidência diante das distorções apresentadas pelos professores no âmbito se faz necessário entender a relevância dos contos de fadas diante, pois, estes contribuem, para a construção da criança enquanto firmamento da personalidade no assumir papéis entre o bem e o mal como fatores determinantes na vida, escola, familiar e ou coletiva social, uma vez que os contos de fadas abordam o amor, mas, e muitas situações de tristezas das quais as crianças vivenciam na prática diária.

No entanto, o aspecto mais preocupante de mudança se trata - se da questão da omissão da escola e de profissionais que desconsideram a importância e os benefícios dos contos de fadas, preferindo se manter a “*pedagogia de avestruz*” frente a possibilidade de construção de um novo conhecimento “da arte de ensinar”.

Primeiramente se solicita ao poder público, prefeito e Secretário de educação do Município de Recife/PE, da necessidade de se equipar as escolas com “literatura infantil” livros de “contos de fadas”. Formação continuada para que os profissionais possam desenvolver um ensino condizente a uma prática pedagógica a educação infantil. Uma vez que muitos profissionais retiram economias do seu salário para a compra de livros infantis para o trabalho diário. Outra questão tão importante quanto é para com o com espaço, pois muita escola se quer possui, nem mesmo condições seguras para que a prática pedagógica seja desenvolvida.

Também, se faz necessário formação continuadas para desmistificar junto aos profissionais “atitudes” da qual “omitir” pode ser útil, pelo contrário é negar desde cedo à oportunidade de uma educação plena é aniquilar a criança a própria sorte ou ao “acaso” por isso da necessidade de advogar por uma nova prática educativa a qual seja significativa para as crianças. Assegurando a efetividade dos contos de fadas no ambiente Educativo, para fortalecer os mais variados aspectos da aprendizagem: desde a formação cognitiva, a

contribuição para a formação da personalidade social, bem com, para a construção psíquica alicerçadas nos valores éticos sócias para a vivencia em sociedade.

É por esse motivo que consideramos pertinente que os profissionais introduzam em suas práticas pedagógicas a literatura infantil e o mesmo tempo possam dispor de informações que contribuam para o desenvolvimento da criança, estimulando-a a buscar diferentes caminhos para as resoluções de problemas.

Por fim, que o poder público adquira coleções de livros infantil para que estes possam ser distribuídas as escolas das quais uma vez que o salário de professor pode-se considerar inferior ao desejado e ainda, para trabalhar os professores precisam comprar o material usado junto aos alunos.

## REFERÊNCIAS

- Abramovich, F. (2005). *Literatura infantil: gostosuras e bobices*. São Paulo: Scipione, 2005.
- Abrão, J.L.F. (2001). *A história da psicanálise de crianças no Brasil*. São Paulo: Escuta.
- Abrão, K.K.P.T. (2009). *Contos de fadas e realidade psíquica. A importância da fantasia no desenvolvimento*. Revista de Psicologia da UNESP, v.8 n.1,129-30.
- Aguiar, V.T. (2001). *Era uma vez... na escola: formando educadores para formar leitores*. Belo Horizonte: Formato.
- Aiello V.T.M.J., Walkiria, C. y Ambrósio, F.F. (2017). *Um trabalho clínico-social: a oficina de histórias, fotos e lembranças do ser e fazer*. Recuperado de: [http://www.cefas.com.br/publicacoes/VIII\\_simposio.pdf](http://www.cefas.com.br/publicacoes/VIII_simposio.pdf).
- Alvarenga, E. M. (2013). *Metodología de la Investigación Cuantitativa y cualitativa; Normas técnicas de presentación de trabajos científicos*. 5ªed. Asunción: Py, 4ª Diseños.
- Almeida, M.P.B. y Freitas, A.C.M. (2011). *Contos de Fadas e a Construção da Identidade Infantil: entre o afeto e a experiência*. 16º Encontro Nacional da ABRAPSO: Universidade Federal de Pernambuco de 12 a 15 de novembro.
- Andersen, H.C. (2008). *O patinho feio*. São Paulo: Cia. das Letras.
- Andrade, M.M. (2006). *Introdução à metodologia do trabalho científico*. São Paulo: Atlas.
- Arán, M. (2010). *Psicanálise e feminismo*. Revista Cultura, v.3, p.133-150.
- Arcuri, I. (2004). *Arte terapia de corpo e alma*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Arioli, T.F. (2017). *O desenvolvimento infantil e a importância da brincadeira de papéis sociais para o desenvolvimento psíquico da criança a partir dos estudos de Elkonin e Leontiev*. Cadernos da Pedagogia, ano I, v.1 Janeiro/Julho.
- Assis, M. (2017). *Cinderela*. Recuperado de: <http://maylessis.wordpress.com/cinderela>.
- Aumont, J. (1995). *A imagem*. Campinas: Papyrus.
- Benjamin, W. (1994). *Obras Escolhidas: magia, técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense.
- Bettelheim, B. (2007). *A psicanálise dos contos de fadas*. São Paulo: Paz e Terra.

- Cabalos, N.M. y Mazaro, R.A. (2017). *Atividade lúdica como meio de desenvolvimento infantil*. Revista E Deportes, Buenos Aires; nº162, novembro de 2011. Recuperado de: <http://www.efdeportes.com/efd162/atividade-ludica-como-meio-de-desenvolvimento>.
- Cadermatori, L. (2010). *O que é literatura infantil*. São Paulo: Brasiliense.
- Cashdan, S. (2000). *Os sete pecados capitais nos contos de fadas: como os contos podem influenciar nossas vidas*. Rio de Janeiro: Campos.
- Chauí, M.S. (1984). *Repressão sexual: essa nossa (des)conhecida*. São Paulo: Brasiliense.
- Chauí, M.S. (2000). *Convite à filosofia*. São Paulo: Ática.
- Coelho, N.N. (2003). *O conto de fadas: símbolos, mitos, arquétipos*. São Paulo: DCL Difusão Cultural.
- Corso, D. y Corso, M. (2006). *Fadas no divã: psicanálise nas histórias infantis*. Porto Alegre: Artmed.
- Couto, M.J.B D'E. (2003). *Psicanálise e educação. A sedução e a tarefa de educar*. São Paulo: Avercamp.
- Cunha, D.D. y Silva, M. Anaile, A. (2001). *A Arte de contar histórias como recurso na terapia com crianças de 2 a 7 anos*. São Paulo: USP.
- Dias, C.R. y Archangelo, A., Luz, T. (2012). *A importância do brincar no ensino de 9 anos*. In: Anais I Seminário e II Encontro PIBD 14 e 15 maio/12. Campinas, São Paulo: UNICAMP.
- Dias, D.O. y Souza, F.D. (2008). *Os sapatinhos vermelhos em Hans Andersen e em Caio F. Abreu*. Revista Somanlu. Ano 8, n.1, jan./jun, p. 139-152.
- Dias, E.O. *A teoria do amadurecimento de D. Winnicott*. Rio de Janeiro: Imago, 2003.
- Demo, P. (2000). *A educação ao avesso*. São Paulo: Cortez.
- Dieckman, H. (1986). *Contos de fadas vividos*. São Paulo: Paulinas.
- Egan, K. (2007). *Por que a imaginação é importante na educação?* In: Fritzen, C; Cabral, G. Silva (orgs). *Infância, imaginação e educação em debate*. Campinas: Papyrus.
- Ferreira, A.B.H. (2010). *Novo dicionário da língua portuguesa do século XXI*. Campinas: Papyrus.
- Figueiredo, T.Á. (2017). *A Magia dos Contos de Fadas*. Recuperado de: <http://www.psicopedagogia.com.br>.

- Franco, S.G. (2017). *O brincar e a experiência analítica*. Rio de Janeiro, v.6, n.1, jun. Recuperado de: <http://www.scielo.br/scielo.php>.
- Franz, M.L.V. (1995). *O feminino nos contos de fadas*. Petrópolis: Vozes.
- Freire, P. (1982). *A importância do ato de ler (em três artigos que se completam)*. Autores Associados. São Paulo: Cortez.
- Freud, A. (1971). *O tratamento psicanalítico de Crianças*. Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1974). *Projeto para uma psicologia científica*. Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud [1895]. Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (2004). *A psicologia de grupo e a análise do ego*. Obras Completas de Sigmund Freud. São Paulo: Martin Claret.
- Graves, R.A. (2003). *Deusa branca: uma gramática histórica do mito poético*. Rio de Janeiro: Bertrand-Brasil.
- Gelder, D.V. (1986). *O mundo real das fadas*. São Paulo: Pensamento.
- Gomes, J.C.S. (2006). *Brincar: uma história de ontem e hoje*. [Monografia] Centro de Educação. Curso de Pedagogia. Campinas: UNICAMP.
- González, J. A.T., Fernandez, A. H. y Aranda, T J. C. (2011). *Manual para elaboração de teses de Mestrado e doutorado; O mais completo manual para investigação científica; Metodologia quantitativa, metodologia qualitativa, relatório de pesquisa*. Jáen, España 1ª Ed. Grafimar.
- González, J.A.T., Fernández, A.H. y Camargo, C.B. (2013). *Aspectos fundamentais da pesquisa científica*. España: DIEA.
- Goulart, C.M.T. (2003). *Histórias de crianças: as narrativas de crianças asmáticas no brincar*. *Revista Psicologia Reflexão e Crítica*. Rio de Janeiro: Imago.
- Guimarães, J. (2017). *Hans Cristian Andersen: vida e obra*. Recuperado de: <http://www.joseguimaraes.com/2012/06/hans-christian-andersen-vida-e-obra>.
- Gutfreind, C. (2004). *Contos e desenvolvimento psíquico*. *Viver Mente & Cérebro*. Petrópolis: Vozes.
- Gutfreind, C. (2003). O terapeuta e o lobo: A utilização do conto na psicoterapia da criança. São Paulo: Casa do psicólogo.
- Hillesheim, B; Guareschi, N. (2006). *Contos de fadas e infância*. *Revista Educação e Realidade*, 3(1), 107-126.
- Houaiss, A. (2009). *Dicionário da Língua Portuguesa*. São Paulo: Cultrix, 2009.

- Klein, M. (1997). *Psicanálise de crianças*. Rio de Janeiro: Imago.
- Lajolo, M. y Zilberman, R. (2003). *Literatura infantil brasileira histórias e histórias*. São Paulo: Ática.
- Lakatos, E.M. y Marconi, M. A. (2010). *Fundamentos da metodologia científica*. São Paulo: Atlas.
- Leontiev, A., Luria, A. y Vigotsky, L.S. (1991). *Psicologia e pedagogia: as bases psicológicas da aprendizagem e do desenvolvimento*. São Paulo: Moraes.
- Levy, D. (1995). *O papel da narrativa oral*. São Paulo: Espaço das Letras.
- Lins, S. (2017). *Afinal, o que é psicanálise?* Recuperado de: <http://www.webartigos.com/artigos/afinal-o-que-e-psicanalise>.
- Lopes, E.M.T. (Org.). (1998). *A psicanálise escuta a educação*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Lopes, E.M.T. y Galvão, A.M.O. (2001). *História da educação*. Rio de Janeiro: DP&A.
- Maia, A.C.B., Leite, L.P. y Maia, A.F. (2011). *O emprego da literatura na educação infantil: a investigação e intervenção com professores de pré-escola*. *Rev. Psicopedagogia*. São Paulo: v.28, n.86.
- Mariotto, R.M.M. (2003). *Atender, cuidar e prevenir: a creche, a educação e a psicanálise*. São Paulo: Rev. Estilos clínica.v.8 n.15.
- Martins, V.M.V.S.L. (2001). *A importância da literatura infantil no desenvolvimento cognitivo da criança*. São Paulo: Claridade.
- Mattar, R.R. (2007). *Os contos de fadas e suas implicações na infância*. [Monografia] Curso de Pedagogia. Faculdade de Ciências. Campos de Bauru. São Paulo: UNESP: Bauru.
- Medeiros, A. (2012). *Contos de Fadas e técnicas em arte terapia*. Rio de Janeiro: Wak editora.
- Mendonça, M.L.B. (2007). *A influência da contação de histórias na educação infantil*. [Monografia] Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia. Universidade Federal Rural de Pernambuco. Garanhuns.
- Mendonça, F.J.B. (1996). *Ensinar: do mal-entendido ao inesperado da transmissão*. 148 f. [Dissertação] Mestrado em Educação. Faculdade de Educação. Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte: UFNG.
- Merege, A.L. (2010). *Os contos de fadas: origens história e permanência no mundo moderno*. São Paulo: Claridade.
- Minayo, M.C.S. (2007). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes.



- Miliavaca, R.R. (2017). *A importância da literatura na educação infantil*. Recuperado de: [www.dombosco.fag.edu.br/coor/coopex/Trabalhos](http://www.dombosco.fag.edu.br/coor/coopex/Trabalhos).
- Mokrejs, E. (1987). *Psicanálise e educação. Arthur Ramos um episódio da história da educação no Brasil*. São Paulo, Rev. Fac Educ. n.13 p.91-104, jan./jun.
- Osborne, R. (2001). *Freud para principiantes*. Rio de Janeiro: Objetiva.
- Paolucci, K. (2005). *Aspectos da psicanálise dos contos de fadas*. São Paulo: Psicologia Brasil.
- Piaget, J. (2003). *A construção do real na criança*. São Paulo: Editora Ática.
- Pimentel, L.G. (1999). *Introdução à literatura infantil e juvenil*. São Paulo: Pioneira.
- Propp, V. (1984). *Morfologia do conto maravilhoso*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Rinaldi, D. (2002). *O desejo do psicanalista no campo da saúde mental problemas e impasses da inserção da psicanálise em um hospital universitário*. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos.
- Rodari, G. (2004). *Gramática da fantasia*. Lisboa: Caminho.
- Radino, G. (2003) *Oralidade, um estado de escritura*. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos. Psicol. estud. jul./dez., vol.6, n.2, p.73-79.
- Radino, G. (2003). *Contos de fadas e a realidade psíquica: a importância da fantasia no desenvolvimento*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Ramos, A. (1934). *Educação e psicanálise*. São Paulo: Cia. ed. Nacional.
- Ramos, A. (1947). *A criança problema*. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil.
- Sampieri, R. H., Collado, C. F., & Lucio, P. B. (2008). *Metodologia de pesquisa* (4ªed.) México: Mcgraw-Hill.
- Sanchez, D.B.S. (2017). *A psicologia histórico-cultural e a educação infantil*. *Revista Científica Eletrônica de Pedagogia*. n.3, janeiro 2004. Recuperado de: <http://www.revista.inf.br/pedagogia03/pages/artigos/artigo03.htm>.
- Santos, J.J. (2010). *Os três cisnes*. São Paulo: Melhoramentos.
- Santos, M.A. (1999). *A constituição do mundo psíquico na concepção winnicottiana: uma contribuição à clínica das psicoses*. Porto Alegre: Rev.Psicol. Reflex.Critica. v.12, n.3.
- Santos, L.M. (2017). *Psicanálise freudiana*. [Apostila]. Recuperado de: <http://www.cefetsp.br/edu/eso/filosofia/textosfreud2.html>.

- Scareli, G. y Andrade, E.C. Pires. (2017). *Lobos-Maus e Chapeuzinhos vermelhos em ilustrações para ver e ler*. Campinas/SP, v. 9, n. esp., p. 51-64, out. 2008 Recuperado de:  
<http://www.fae.unicamp.br/revista/index.php/etd/article/view/1590/1438>.
- Schmidt, E. (1994). *A função transicional dos contos infantis*. Belo Horizonte: Revista Reverso. v.38, p.17-20.
- Schneider, R.E.F. y Torossian, S.D. (2009). *Contos de fadas: de sua origem à clínica contemporânea*. Belo Horizonte: Psicologia em Revista. v.15, n.2, p.132-148.
- Schiavo, A.N. y Ribó, C.M.E. (2007). *Estimulando todos os sentidos de 0 a 6 anos*. In: Anais do 16º Congresso de Leitura do Brasil, Campinas UNICAMP. COLE. 10 a 13 de julho.
- Silva, A.F.F. y Santos, E.S.M. (2009). *A importância do brincar na educação infantil*. 36fls. [Monografia] Curso de Especialização. Decanato de Pesquisa e Pós-Graduação. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Mesquita: UFRRJ.
- Squire, C. (2003). *Mitos e lendas celtas: rei Artur, deuses britânicos, deuses gaélicos e toda a tradição dos druidas*. Rio de Janeiro: Nova Era.
- Tatar, M. (2004) *Contos de fadas*. Edição comentada e ilustrada. Rio de Janeiro: Zarzar.
- Terra, M.R. (2017). *O desenvolvimento humano na teoria de Piaget*. Recuperado de:  
<http://www.unicamp.br/iel/site/alunos/publicacoes/textos/d00005.htm>.
- Veludo, C.M.B. y Viana, T.C. (2017). *Parentalidade e o desenvolvimento psíquico na criança*. *Paidéia*. Ribeirão Preto: v.22, n.51. Recuperado de:  
<http://www.scielo.br/scielo.php>.
- Vieira, I.M.C. (2017). *O papel dos contos de fadas na construção do imaginário infantil*. n.38, 20mar. Secretaria de Educação Básica. Revista Criança, Brasília: MEC, Recuperado de: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf>.
- Venguer, L. (1986). *Temas de psicologia pré-escolar*. Havana: Pueblo y Educación.
- Vygotsky, L. (1979). *Pensamento e linguagem*. Lisboa: Antídoto.
- Vygotsky, L. (1984). *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes.
- Weller, W; Pfaff, N. (2010). *Metodologias da pesquisa qualitativa em educação teoria e prática*. São Paulo: Vozes.
- Willoughby, R. (2001). The Dungeon of Thyself: The Claustum as Pathological Container. *International Journal of Psycho-Analysis*, 82 (5), p. 917-932.
- Winnicott, D.W. (1975). *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago.
- Winnicott, D.W. (1977). *A criança e o seu mundo*. Rio de Janeiro: Zahar.

Ziberman, R. (2004). *Como e porque ler a literatura infantil brasileira*. Rio de Janeiro: Objetivo.

## **APÊNDICE**

**Apêndice A: Validação dos Instrumentos por expertos**

Curso: Doctorado en Ciencias de la Educación  
 Doutoranda: Elaine Ferreira Banja Fernandes  
 Orientador: Dr. Diosnel Cinturión  
 Universidad Autónoma de Asunción

**VALIDAÇÃO DA ENTREVISTA ABERTA  
 QUE SERÁ APLICADA AOS (PROFESSORES)**

Prezado Professor Dr. Dr<sup>a</sup>.

**RELEVÂNCIA DOS CONTOS DE FADAS NA CONSTRUÇÃO DA  
 PERSONALIDADE INFANTIL DE ALUNOS DE ESCOLAS MÚNICIPAIS DE  
 EDUCAÇÃO INFANTIL DO BAIRRO SAN MARTIN RECIFE-PE**

Este formulário destina-se à **validação** (Entrevista) **aos expertos** a qual após aprovado será utilizado para a coleta de dados junto aos sujeitos da pesquisa.

Assim sendo, solicito gentilmente a vossa análise para verificar se as questões estão bem formuladas e se em acordo com os objetivos com **coesão e clareza**.

Caso necessário sinta-se à vontade para sugerir, pontuar e fazer observações caso a questão por ventura suscitar dúvida poderá ser assinalada com (?) e observações se necessário.

Desde já agradeço gentilmente por contribuir com o desenvolvimento da minha pesquisa.

**Objetivo Geral:**

- Analisar as relações dos contos de fadas enquanto influência na constituição psíquica, na identidade, nos valores sociais e do desenvolvimento emocional da personalidade dos alunos das 5 Escolas Municipais de Educação Infantil do Bairro San Martin Recife-PE.

**Objetivo Específico nº1:**

- Verificar de que forma os contos de fadas favorecem o desenvolvimento cognitivo das crianças.

**Questões:**

1. Como você percebe os contos de fadas na aprendizagem dos alunos?
2. De que forma as histórias de contos de fada auxiliam no desenvolvimento cognitivo das crianças?
3. De que maneira e em que momento os contos de fada podem aumentar a percepção e a imaginação?
4. 4 Em que momento os contos de fada estimula o raciocínio lógico?

**Objetivo Específico nº2:**

- Identificar os fatores dos quais os contos de fada contribuem para a construção e o fortalecimento da personalidade e dos valores sociais.

**Questões:**

5. Como você percebe o posicionamento das crianças frente as histórias de contos de fada enquanto afirmação da personalidade?
6. Como você percebe o posicionamento das crianças frente as histórias de contos de fada enquanto afirmação da personalidade?
7. Como você descreveria a interação social da criança frente aos contos de fada?
8. Como você percebe o envolvimento da criança enquanto formação de valores éticos para a vida?

**Objetivo Específico nº3:**

- Especificar a relevância dos contos de fada na formação psicológica das crianças.

**Questões:**

9. Os fatores mais importantes que a criança costuma expressar no convívio social com os colegas?
10. Descreva algumas das contribuições dos contos de fada para a formação psicológica da criança?
11. Em quais situações que os contos de fada estimulam o desenvolvimento mental da criança?
12. Qual a importância dos contos de fada para a construção afetiva entre os alunos?

**DADOS DO AVALIADOR (A):**

Nome Completo: EDSON GUSMÃO

Formação: Psicologia

Instituição de Ensino: UEP (194)

Assinatura do Avaliador: [Assinatura]

Observações: Verificar se os gestos são consequentes entre as diferentes peças de performances.

**DADOS DO AVALIADOR:**

Nome Completo: Josiane Rodrigues

Formação: Mestrado em Educação, Aluna do Doutorado em Educação

Instituição de Ensino: UFMT/Cuiabá - PGE

Assinatura do Avaliador: [Assinatura]

Observações:

**DADOS DO AVALIADOR:**

Nome Completo: Margarida de Oliveira Lima  
 Formação: Doutora em Antropologia  
 Instituição de Ensino: \_\_\_\_\_

Assinatura do Avaliador: MOLima

Observações:  
 \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_

MOLima

**DADOS DO AVALIADOR:**

Nome Completo: Jarice Paula dos Santos  
 Formação: Doutora em Ciências da Educação  
 Instituição de Ensino: Universidade Americana

Assinatura do Avaliador: Jarice

Observações:  
 \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_

**DADOS DO AVALIADOR:**

Nome Completo: Edison Antônio de Souza  
 Formação: Doutor em História Social  
 Instituição de Ensino: UNEMAT

Assinatura do Avaliador: Edison

Observações:  
 \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_

**DADOS DO AVALIADOR:**

Nome Completo: Cláudia Regina Martins Mendes  
 Formação: Enfermeira - Doutora em Ciências da Saúde  
 Instituição de Ensino: FGE / FAPERV

Assinatura do Avaliador: Cláudia

OBSERVAÇÕES:  
Talvez se mantenha quieto por ser na aplicabilidade  
 \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_



Curso: Doctorado en Ciencias de la Educación  
Doutoranda: Elaine F. Banja Fernandes  
Orientador: Dr. Diosnel Centurión  
Universidad Autónoma de Asunción

**VALIDAÇÃO DO QUESTIONÁRIO  
(SUJEITOS ALUNOS = Idade 5 anos)**

**Prezado Professor Dr. Dr<sup>a</sup>.**

**RELEVÂNCIA DOS CONTOS DE FADAS NA CONSTRUÇÃO DA PERSONALIDADE  
INFANTIL DE ALUNOS DE ESCOLAS MUNICIPAIS DE EDUCAÇÃO INFANTIL  
DO BAIRRO SAN MARTIN RECIFE-PE**

Este Questionário destina-se à **validação dos expertos** o qual após aprovado será utilizado para a coleta de dados junto aos sujeitos da pesquisa (alunos da Ed. Infantil)

Assim sendo, solicito gentilmente a vossa análise para verificar se as questões estão bem formuladas e se em acordo com os objetivos pontuando com (S) para sim e (N) para não referente **coesão e clareza**. Se caso necessário e suscitar dúvida sinta-se à vontade para sugerir, pontuar e fazer observações quanto as questões.

Desde já agradeço gentilmente por contribuir com o desenvolvimento da minha pesquisa.

**Objetivo Geral:**

- Analisar as relações dos contos de fadas enquanto influência na constituição psíquica, na identidade, nos valores sociais e do desenvolvimento emocional da personalidade dos alunos das 5 Escolas Municipais de Educação Infantil do Bairro San Martin Recife-PE. Desde já agradeço gentilmente por contribuir com o desenvolvimento da minha pesquisa.

**Objetivo Específico nº1:**

- Verificar de que forma os contos de fadas favorecem o desenvolvimento cognitivo das crianças.

**Questões:**

1. Os contos de fadas ajudam você a identificar personagens, letras e números?
2. As histórias de contos de fadas fazem você imaginar ou viver coisas além dos livros?
3. Os contos de fadas ajudam você a aprender coisas novas e diferentes?
4. Os contos de fada ajuda você lembrar das atividades da escola com mais facilidade?



**Objetivo Específico nº2:**

- Identificar os fatores dos quais os contos de fada contribuem para a construção e o fortalecimento da personalidade e dos valores sociais.

**Questões:**

5. As histórias de contos de fada ajudam você ser uma pessoa melhor?
6. Você gosta de ser personagem das histórias de contos de fadas?
7. As histórias de contos de fadas ensinam você a respeitar seus colegas?
8. As histórias de contos de fada costuma ensinar você a viver melhor com as pessoas da família e da escola?

**Objetivo Específico nº3:**

- Especificar a relevância dos contos de fada na formação psicológica das crianças.

**Questões:**

9. Os contos de fada ajuda você a ter bons pensamentos?
10. Os contos de fada faz você entender que precisa mudar algum tipo de comportamento?
11. Você prefere as histórias de contos de fada que ensinam fazer o bem as pessoas?
12. Os contos de fadas ensinam você a perdoar, gostar mais dos colegas?

**DADOS DO AVALIADOR (A):**

Nome Completo: EDSON GUSTAFSSBERG

Formação: D

Instituição de Ensino: UEP (PA)

Assinatura do Avaliador: 

**Observações:**

Verificar se os testes são consistentes entre os diferentes níveis de desempenho.

**DADOS DO AVALIADOR:**

Nome Completo: Suziane Rodrigues

Formação: Mestrã em Educação, Aluna de Doutorado em Educação

Instituição de Ensino: UFMT/Cuiabá - PPGE

Assinatura do Avaliador: 

**Observações:**

DADOS DO AVALIADOR:

Nome Completo: Margarida de Oliveira Lima  
 Formação: Doutora em Antropologia  
 Instituição de Ensino: \_\_\_\_\_

Assinatura do Avaliador: MOLima

Observações: \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_

MOLima

DADOS DO AVALIADOR:

Nome Completo: Jarice Paula dos Santos  
 Formação: Doutora em Ciências da Educação  
 Instituição de Ensino: Universidade Americana

Assinatura do Avaliador: Jarice

Observações: \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_

DADOS DO AVALIADOR:

Nome Completo: ELISON ANTÔNIO DE SOUZA  
 Formação: DOCTOR EM HISTÓRIA SOCIAL  
 Instituição de Ensino: UNEMAT

Assinatura do Avaliador: Elison Souza

Observações: \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_

DADOS DO AVALIADOR:

Nome Completo: Elaine Figueiredo Matos Mendes  
 Formação: Enfermeira - Doutora em Ciências da Saúde  
 Instituição de Ensino: FaF / FAVERV

Assinatura do Avaliador: Elaine

OBSERVAÇÕES:

Talvez os relatos sejam pouco aplicáveis

**Apêndice B: (Observação – campo).**

<p><b>Título da pesquisa:</b> RELEVÂNCIA DOS CONTOS DE FADAS NA CONSTRUÇÃO DA PERSONALIDADE INFANTIL DE ALUNOS DE ESCOLAS MUNICIPAIS DE EDUCAÇÃO INFANTIL DO BAIRRO SAN MARTIN RECIFE-PE</p> <p><b>Objetivo Geral:</b> Analisar as relações dos contos de fadas enquanto influência na constituição psíquica, na identidade, nos valores sociais e do desenvolvimento emocional da personalidade dos alunos das 5 Escolas Municipais de Educação Infantil do Bairro San Martin Recife-PE.</p> <p><b>Pesquisadora:</b> Elaine Ferreira Banja Fernandes  <b>Orientador:</b> Prof. Dr. Diosnel Centurion</p> <p><b>Observação Realizada na data:</b> setembro a novembro de 2017.  <b>Local:</b> (05) Instituição de ensino do Bairro San Martin Recife-PE.  <b>Horários:</b> de aula, tanto matutino como no período vespertino.  <b>Participantes:</b> 05 unidades escolares: Os Envolvidos da pesquisa (05) professores e 100 alunos</p>	
<b>1º Objetivo específico</b>	<b>Observação = práticas = interação/Contos de fadas</b>
<p><i>Verificação da forma que os contos de fadas são trabalhados: Práticas com contos de fadas/ interação das crianças. Se os contos de fadas favorecem o desenvolvimento cognitivo das crianças Como e quando favorecem e quando não favorecem:</i></p> <p>Escola 1:  Escola 2:  Escola 3:  Escola 4:  Escola 5:</p>	
<b>2º Objetivo específico</b>	<b>Observação = práticas = interação/contos de fadas</b>
<p><i>Identificação de quais fatores ocorre a contribuição dos contos de fadas Como contribui para a construção e o fortalecimento da personalidade e dos valores sociais na criança</i></p> <p>Escola 1:  Escola 2:  Escola 3:  Escola 4:  Escola 5:</p>	
<b>3º Objetivo específico/Perguntas</b>	<b>Observação = práticas = interação/contos de fadas</b>
<p><i>Averiguação a relevância dos contos de fada. Se estes interferem na formação psicológica das crianças.</i></p> <p>Escola 1:  Escola 2:  Escola 3:  Escola 4:  Escola 5:</p>	

### Apêndice C: Entrevista aplicada a (05) professores Regentes I



Curso: Doctorado en Ciencias de la Educación  
Doutoranda: Elaine Ferreira Banja Fernandes  
Orientador: Dr. Diosnel Centurion  
Universidad Autónoma de Asunción

A ENTREVISTA = PROFESSORAS (GRAVADA)

#### RELEVÂNCIA DOS CONTOS DE FADAS NA CONSTRUÇÃO DA PERSONALIDADE INFANTIL DE ALUNOS DE ESCOLAS MUNICIPAIS DE EDUCAÇÃO INFANTIL DO BAIRRO SAN MARTIN RECIFE-PE

#### Objetivos Específicos:

- Verificar de que forma os contos de fadas favorecem o desenvolvimento cognitivo das crianças;
- Identificar os fatores dos quais os contos de fada contribuem para a construção e o fortalecimento da personalidade e dos valores sociais;
- Especificar a relevância dos contos de fada na formação psicológica das crianças.

#### Questões:

- 1.- Como você percebe os contos de fadas na aprendizagem dos alunos?
- 2.- De que forma as histórias de contos de fada auxiliam no desenvolvimento cognitivo das crianças?
- 3.- De que maneira e em que momento os contos de fada podem aumentar a percepção e a imaginação?
- 4.- Em que momento os contos de fada estimula o raciocínio lógico?
- 5.- Como você percebe o posicionamento das crianças frente as histórias de contos de fada enquanto formação da personalidade?
- 6.- Como você percebe o posicionamento das crianças frente as histórias de contos de fada enquanto formação da personalidade?
- 7.- Como você descreveria a interação social da criança frente aos contos de fada?
- 8.- Como você percebe o envolvimento da criança enquanto formação de valores éticos para a vida?
- 9.- Os fatores mais importantes que a criança costuma expressar no convívio social com os colegas?
- 10.- Descreva algumas das contribuições dos contos de fada para a formação psicológica da criança?
- 11.- Em quais situações que os contos de fada estimulam o desenvolvimento mental da criança?
- 12.- Qual a importância dos contos de fada para a construção afetiva entre os alunos?

**Apêndice D: Questionários aplicados a 100 alunos da Pré Escola**



Curso: Doctorado en Ciencias de la Educación  
 Doutoranda: Elaine F. Banja Fernandes  
 Orientador: Dr. Diosnel Centurion  
 Universidad Autónoma de Asunción

**QUESTIONÁRIOS**

**RELEVÂNCIA DOS CONTOS DE FADAS NA CONSTRUÇÃO DA PERSONALIDADE INFANTIL DE ALUNOS DE ESCOLAS MUNICIPAIS DE EDUCAÇÃO INFANTIL DO BAIRRO SAN MARTIN RECIFE-PE**

**Objetivos Específicos:**

- Verificar de que forma os contos de fadas favorecem o desenvolvimento cognitivo das crianças;
- Identificar os fatores dos quais os contos de fada contribuem para a construção e o fortalecimento da personalidade e dos valores sociais;
- Especificar a relevância dos contos de fada na formação psicológica das crianças.

1.- Os contos de fadas ajudam você a identificar Personagens, letras e números?

- ( ) Sim
- ( ) Não
- ( ) Às vezes
- ( ) Não sei responder

2.- As histórias de contos de fadas fazem você imaginar ou viver coisas além dos livros?

- ( ) Sim
- ( ) Não
- ( ) Às vezes
- ( ) Não sei responder

3.- Os contos de fadas ajudam você a aprender coisas novas e diferentes?

- ( ) Sim
- ( ) Não
- ( ) Às vezes
- ( ) Não sei responder

4.- Os contos de fada ajuda você lembrar das atividades da escola com mais facilidade?

- ( ) Sim
- ( ) Não
- ( ) Às vezes
- ( ) Não sei responder

5.- As histórias de contos de fada ajudam você ser uma pessoa melhor?

- ( ) Sim
- ( ) Não
- ( ) Às vezes
- ( ) Não sei responder

6.- Você gosta de ser personagem das histórias de contos de fadas?

- Sim
- Não
- Às vezes
- Não sei responder

7.- As histórias de contos de fadas ensinam você a respeitar seus colegas?

- Sim
- Não
- Às vezes
- Não sei responder

8.- As histórias de contos de fada costuma ensinar você a viver melhor com as pessoas da família e da escola?

- Sim
- Não
- Às vezes
- Não sei responder

9.- Os contos de fada ajuda você a ter bons pensamentos?

- Sim
- Não
- Às vezes
- Não sei responder

10.- Os contos de fada faz você entender que precisa mudar algum tipo de comportamento?

- Sim
- Não
- Às vezes
- Não sei responder

11.- Você prefere as histórias de contos de fada que ensinam fazer o bem as pessoas?

- Sim
- Não
- Às vezes
- Não sei responder

12.- Os contos de fadas ensinam você a perdoar, gostar mais dos colegas?

- Sim
- Não
- Às vezes
- Não sei responder



**Apêndice E: Teatro Chapeuzinho Vermelho alunos da Prof. Regente (P1):**



**Fonte:** A própria pesquisa de Campo Teatro: na (E1) com a (P1).

**Apêndice F: Plano de aula semanal da (P1).****Plano de aula: Segunda Feira:**

LEITURA: Conto de fadas: Chapeuzinho Vermelho

**Justificativa**

Trabalhando com os contos de fadas, os alunos constroem e reconstroem significados para as histórias e desenvolvem o prazer da leitura.

**OBJETIVO:**

- Despertar o prazer em ouvir histórias
- Estimular a criatividade e imaginação;
- Desenvolver a expressão oral e corporal;

**DESENVOLVIMENTO:**

\*Contar a história Chapeuzinho Vermelho

**Chapeuzinho Vermelho**

Era uma vez uma menina chamada Chapeuzinho Vermelho, que tinha esse apelido porque desde pequenina gostava de usar chapéus e capas desta cor.

Um dia, sua mãe pediu:

- Querida, sua avó está doente, por isso preparei aqueles doces que estão na cestinha. Você poderia levar à casa dela?
- Claro, mamãe. A casa da vovó é bem pertinho!
- Mas, tome muito cuidado. Não converse com estranhos, não diga para onde vai, nem pare para nada. Vá pela estrada do rio, pois ouvi dizer que tem um lobo muito mau na estrada da floresta, devorando quem passa por lá.
- Está bem, mamãe, vou pela estrada do rio, e faço tudo direitinho!

E assim foi. Ou quase, pois a menina foi juntando flores no cesto para a vovó, e se distraiu com as borboletas, saindo do caminho do rio, sem perceber.

Cantando e juntando flores, Chapeuzinho Vermelho nem reparou como o lobo estava perto...

Ela nunca tinha visto um lobo antes, menos ainda um lobo mau. Levou um susto quando ouviu:

- *Onde vai, linda menina?*
- Vou à casa da vovó, que mora na primeira casa bem depois da curva do rio. E você, quem é?

O lobo respondeu:

- *Sou um anjo da floresta, e estou aqui para proteger criancinhas como você.*



- Ah! Que bom! Minha mãe disse para não conversar com estranhos, e também disse que tem um lobo mau andando por aqui.

- *Que nada - respondeu o lobo - pode seguir tranquila, que vou na frente retirando todo perigo que houver no caminho. Sempre ajuda conversar com o anjo da floresta.*

- Muito obrigada, seu anjo. Assim, mamãe nem precisa saber que errei o caminho, sem querer.

E o lobo respondeu:

- *Este será nosso segredo para sempre...*

E saiu correndo na frente, rindo e pensando:

*(Aquele idiota não sabe de nada: vou deitar no lugar da vovozinha e comer todos os docinhos dela.*

*... Uhmmm! Que delícia!)*

Chegando à casa da vovó, o lobo bateu na porta:

- Vovó, sou eu, Chapeuzinho Vermelho!

- Pode entrar, minha netinha. Puxe o trinco, que a porta abre.

- *o lobo entrou e prendeu a vovozinha dentro do armário, depois o lobo colocou a roupa e os óculos da vovó e se deitou no lugar dela.*

Chegando à casa da vovó, Chapeuzinho bateu na porta:

- Vovó, sou eu, Chapeuzinho Vermelho!

- Pode entrar, minha netinha. Puxe o trinco, que a porta abre.

A menina pensou que a avó estivesse muito doente mesmo, para nem se levantar e abrir a porta. E falando com aquela voz tão estranha...

Chegou até a cama e viu que a vovó estava mesmo muito doente. Se não fosse a toquinha da vovó, os óculos da vovó, a colcha e a cama da vovó, ela pensaria que nem era a avó dela.

- Eu trouxe estas flores e os docinhos que a mamãe preparou. Quero que fique boa logo, vovó, e volte a ter sua voz de sempre.

- *Obrigada, minha netinha* (disse o lobo, disfarçando a voz de trovão).

Chapeuzinho não se conteve de curiosidade, e perguntou:

- Vovó, a senhora está tão diferente: por que esses olhos tão grandes?

- *É para te olhar melhor, minha netinha.*

- Mas, vovó, por que esse nariz tão grande?

- *É para te cheirar melhor, minha netinha.*

- Mas, vovó, por que essas mãos tão grandes?

- *São para te acariciar melhor, minha netinha.*

(A essa altura, o lobo já estava achando a brincadeira sem graça, querendo comer logo sua sobremesa. Aquela menina não parava de perguntar...)

- Mas, vovó, por que essa boca tão grande?

- ***Quer mesmo saber? É prá te comer!!!!***

- Uai! Socorro! É o lobo!

A menina saiu correndo e gritando, com o lobo correndo bem atrás dela, pertinho, quase conseguindo pegar.

Por sorte, um grupo de caçadores ia passando por ali bem na hora, e seus gritos chamaram sua atenção.

O caçador amarrou o lobo e libertou a vovozinha do armário.

.- Viva! Vovó!

E todos comemoraram a liberdade conquistada, até mesmo a vovó, que já não se lembrava mais de estar doente, caiu na farra.

O lobo mau já está preso. Agora tudo tem festa: posso caçar borboletas, posso brincar na floresta."

\*Após contar a história chapeuzinho Vermelho e conversar sobre as personagens da mesma. Deixar os alunos manusearem o livro e fazer o reconto (geralmente dois alunos faz o reconto após a história lida, uma vez que a turma tem 20 alunos).

### **Plano de aula Terça Feira:**

#### **Linguagem Musical e expressão corporal.**

#### **Cantigas de "Chapeuzinho Vermelho"**

*(Chapeuzinho)*

Pela estrada fora eu vou bem sozinha  
Levar esses doces para a vovozinha  
Ela mora longe e o caminho é deserto  
E o lobo mau passeia aqui por perto  
Mas à tardinha, ao sol poente  
Junto à mamãezinha dormirei contente (*Lobo Mau*)  
Eu sou o lobo mau, lobo mau, lobo mau  
Eu pego as criancinhas pra fazer mingau  
Hoje estou contente, vai haver festança  
Tenho um bom petisco para encher a minha pança

...

\*Cantar a música acompanhando a coreografia.

**Plano de aula Quarta Feira:**

**Explorando ambientes.**

**Vamos passear na floresta?**

Vamos passear na floresta  
Enquanto seu lobo não vem (bis refrão)

Tá pronto seu lobo  
Tá pronto seu lobo  
Estou tomando banho  
Seu lobo não pega ninguém  
Tá pronto seu lobo  
Tá pronto seu lobo  
Estou me enxugando  
Seu lobo não pega ninguém

Vamos passear na floresta  
Enquanto seu lobo não vem (bis refrão)

Tá pronto seu lobo  
Tá pronto seu lobo  
Estou vestindo as meias  
Seu lobo não pega ninguém

Tá pronto seu lobo  
Tá pronto seu lobo  
Estou vestindo a cueca  
Seu lobo não pega ninguém

Vamos passear na floresta  
Enquanto seu lobo não vem (bis refrão)

Tá pronto seu lobo  
Tá pronto seu lobo  
Estou vestindo a calça  
Seu lobo não pega ninguém

Tá pronto seu lobo  
Tá pronto seu lobo  
Estou vestindo a camisa  
Seu lobo não pega ninguém

Vamos passear na floresta  
Enquanto seu lobo não vem (bis refrão)

Tá pronto seu lobo  
Tá pronto seu lobo  
Estou calçando os sapatos  
Seu lobo não pega ninguém

Tá pronto seu lobo

Tá pronto seu lobo  
Estou colocando o cinto  
Seu lobo não pega ninguém

Vamos passear na floresta  
Enquanto seu lobo não vem (bis refrão)

Tá pronto seu lobo  
Tá pronto seu lobo  
Estou escovando os dentes  
Seu lobo não pega ninguém

Tá pronto seu lobo  
Tá pronto seu lobo  
Estou penteando o cabelo  
Seu lobo não pega ninguém

Vamos passear na floresta  
Enquanto seu lobo não vem (bis refrão)

Tá pronto seu lobo  
Tá pronto seu lobo  
Estou colocando a gravata  
Seu lobo não pega ninguém

Tá pronto seu lobo  
Tá pronto seu lobo  
Estou passando o perfume  
Seu lobo não pega ninguém

Tá pronto seu lobo  
Tá pronto seu lobo  
Agora eu já estou pronto  
Eu vou pegar alguém (todos correm do lobo).

Orientação:...

**Espaço:** Pátio

**Duração:** Até cinco crianças terem sido “lobos”. **REGRAS:** Sorteia-se uma criança para ser o “lobo”. Ela vai ficar fora da roda formada por todas as outras crianças. Uma das que estão na roda canta: “Vamos passear na floresta, enquanto seu lobo não vem. Tá pronto, seu lobo?” Aí o lobo responde: “Não, tô tomando banho” (ou fazendo qualquer outra coisa). Na quinta ou sexta vez que a pergunta for feita, o lobo responde que está pronto e aí sai correndo atrás

das crianças, que desmancham a roda e correm também. O lobo tenta pegar uma delas que vai virar o lobo a seguir. Não vale se deixar pegar de propósito, a ordem é dificultar as coisas para o lobo.

**Plano de aula Quinta Feira:**

**Faz de Conta - Teatro de Fantoques**

- \* Contar a história “Chapeuzinho Vermelho” utilizando fantoches de varetas.
- \* Deixar os alunos fazerem a fala das personagens com a ajuda da professora.

6ª Feira: Dramatização da história

\*No pátio, contar a história fazendo a dramatização da mesma, com os alunos caracterizados de acordo com as personagens.

# Dentro do cestinho da Chapeuzinho Vermelho colocar docinhos de verdade que serão degustados por todos, após o teatro.

- ✓ Avaliação: Avaliar através da observação e registro, verificando se os alunos participaram e interagiram no decorrer das atividades.

**Apêndice G: Atividades contextualizadas Contos de fada “A chapeuzinho Vermelho”**

Escola: \_\_\_\_\_  
 Nome: \_\_\_\_\_

LEIA AS PALAVRAS ABAIXO E PINTe SOMENTE AS QUE APARECEM NA HISTÓRIA DA CHAPEUZINHO VERMELHO:

ANÃO	VOVÓ	RAINHA
SAPO	LOBO	PORQUINHOS
DOCE	GIGANTE	MAÇÃ



Armário do Professor

Escola: \_\_\_\_\_  
 Nome: \_\_\_\_\_

RECORTE E COLE A HISTÓRIA NA ORDEM CORRETA EM SEU CADERNO:

O LOBO MAU VIU A MENINA E LOGO DESCOBRIU QUE ELA IA À CASA DA VOVÓ.
CHAPEUZINHO VERMELHO CHEGOU A CASA DA VOVÓ.
O LOBO MAU CHEGOU PRIMEIRO E DEVOROU A VOVOZINHA.
O LOBO MAU DEITOU NA CAMA E SE VESTIU COM AS ROUPAS DA VOVÓ PARA ENGANAR CHAPEUZINHO, MAS ELA PERCEBEU LOGO QUE NÃO ERA SUA AVÓ DEITADA NA CAMA.
CHAPEUZINHO E A VOVÓ SE ABRAÇARAM FELIZES.
CHAPEUZINHO VERMELHO RESOLVEU SEGUIR O CAMINHO DA FLORESTA.
O CAÇADOR OUVIU GRITOS E ENTROU NA CASA DA VOVÓ, APONTOU A ARMA PARA O LOBO MAU E TIROU A VOVÓ DA BARRIGA DELE.
ERA UMA VEZ, UMA MEIGA E DOCE MENINA QUE MORAVA PERTO DO BOSQUE. A MÃE DE CHAPEUZINHO VERMELHO PEDIU À MENINA PARA LEVAR DOCES À CASA DA VOVÓ.
CHAPEUZINHO VERMELHO GRITOU E SAIU CORRENDO.

PINTe OS PERSONAGENS DA HISTÓRIA E DECORE O SEU TEXTO:



Armário do Professor

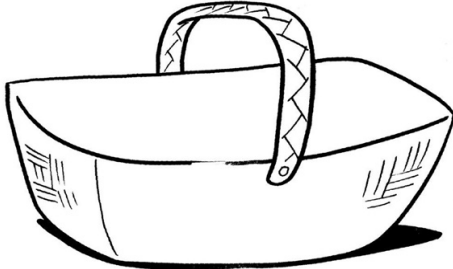
Fonte: A própria pesquisa: Atividade desenvolvidas pela (P1).

Escola: \_\_\_\_\_  
 Nome: \_\_\_\_\_

- O QUE A MÃE DE CHAPEUZINHO VERMELHO LHE DISSE ANTES DE SAIR DE CASA?
  - QUE CONVERSASSE COM ESTRANHOS.
  - QUE NÃO CONVERSASSE COM ESTRANHOS.
- CHAPEUZINHO VERMELHO OBEDECEU À SUA MÃE?
  - SIM, PORQUE ELA NÃO CONVERSOU COM UM ESTRANHO.
  - NÃO, PORQUE ELA CONVERSOU COM O LOBO MAU, QUE ELA NÃO CONHECIA.

**A CESTA DA VOVÓ**

CHAPEUZINHO VERMELHO LEVOU ALIMENTOS PARA VOVÓ DENTRO DA CESTA. E VOCÊ, O QUE VAI LEVAR PARA SUA VOVÓ DENTRO DA CESTA?



Armário do Professor

Fonte: A própria pesquisa: Atividade desenvolvidas pela (P1)



**Apêndice H: Imagens de “Contos de fadas” descritos na pesquisa.**

Figura nº 1:



Fonte: [www.google.images.com](http://www.google.images.com).

Figura nº2:



Figura nº 3:



Fonte: [www.google.images.com](http://www.google.images.com).

Figura nº 4:

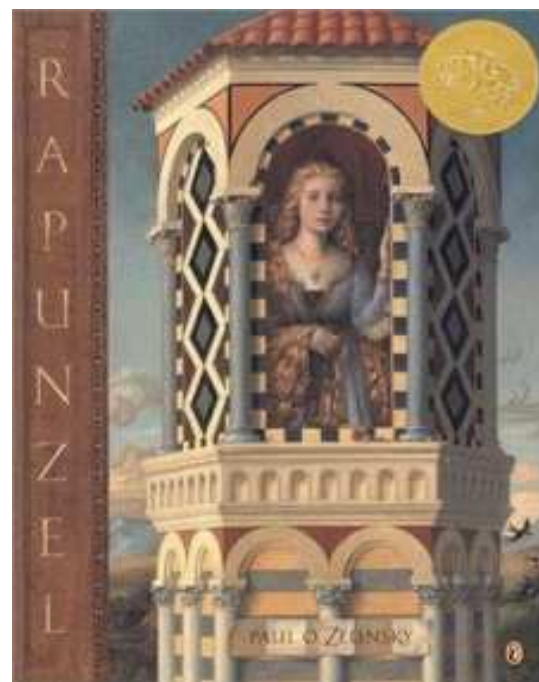


Figura nº 5:



Fonte: [www.google.images.com.br](http://www.google.images.com.br).

Figura nº 6:



Figura nº 7:



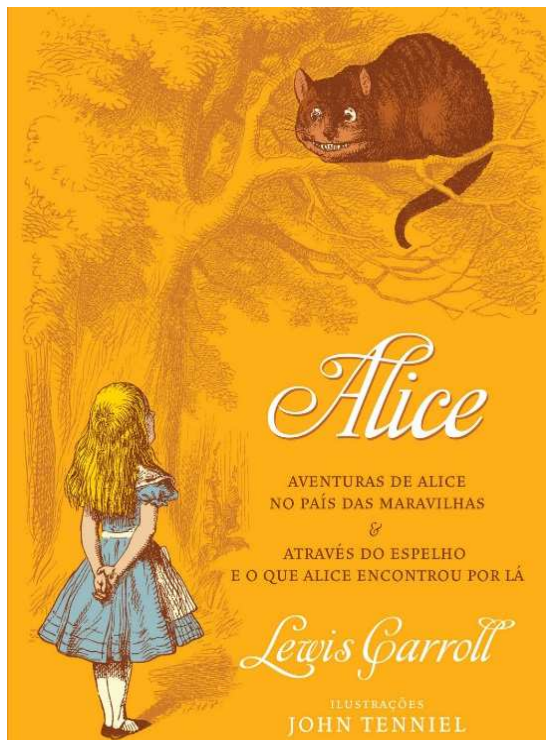
Fonte: [www.google.imagesn.com.br](http://www.google.imagesn.com.br)

Figura nº 8:





Figura nº 9:



Fonte: [www.google.imagesn.com.br](http://www.google.imagesn.com.br)

Figura nº 10:

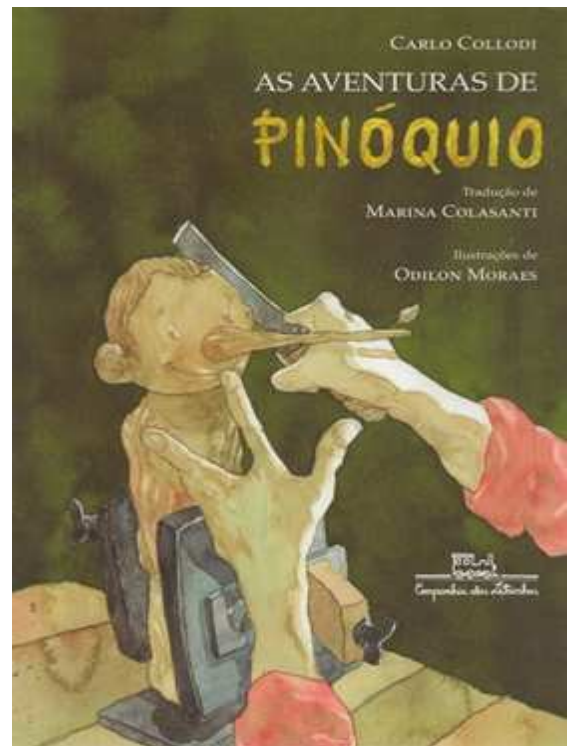


Figura nº 10:



Fonte: [www.google.com.br/url?](http://www.google.com.br/url?)

Figura nº 11:



Figura nº 12:



Figura nº 13



Fonte: [www.google.imagens.com.br](http://www.google.imagens.com.br)

Figura nº 14:



Fonte: [www.google.imagens.com.br](http://www.google.imagens.com.br)

## **Apêndice I: Descrição e análise do Conto na visão psíquica da Bela Adormecida**

### **Uma análise da (P1).**

#### **1. Introdução**

Há muito tempo os mitos e os contos de fadas estão presentes no imaginário do homem e desempenham um papel singular nas sociedades. Estas histórias sobrevivem ao longo dos anos, pois, contêm símbolos universais que provém do inconsciente coletivo, que é *“a parte da psique que retém e transmite a herança psicológica comum da humanidade.”* Mitos e histórias fantásticas acompanhados ou não de ritos ajudam o ser humano a lidar com problemas emocionais e pessoais que povoam sua psique, assim como a realizar difíceis passagens e segundo Hendersen: *“alguns símbolos relacionam-se com a infância e a transição para adolescência, outros com a maturidade, e outros ainda com a experiência da velhice, quando o homem está se preparando para sua morte inevitável.”* Isso acontece pois os mitos e os ritos possuem, para a psicologia analítica, um elo muito forte com os símbolos do inconsciente.

Os contos de fadas tem igualmente a função de lidar com dramas existenciais, dramas psicológicos inconscientes. Segundo Bruno Bettelheim: *“enquanto diverte a criança, o conto de fadas a esclarece sobre si própria e favorece o desenvolvimento de sua personalidade.”*, isso se dá porque a partir dos contos de fadas é possível ter contato com os sentimentos mais profundos de forma menos ameaçadora, a criança consegue simbolizar aqueles sentimentos. Como por exemplo, o medo de uma mãe que se torna ameaçadora pode ser facilmente visto na figura da bruxa má, da madrasta, isso acontece porque *“embora a mãe seja na maioria das vezes a protetora dadivosa, ela pode se transformar na cruel madrasta se for má a ponto de negar ao menino algo que ele deseja.”*, com isso a criança pode manter sua imagem da mãe boa “a salvo”.

O conto de fadas da Bela Adormecida está enraizado há muitos anos na cultura ocidental e segundo Marie-Louise von Franz isso se dá porque *“ele reflete uma estrutura psicológica humana de base e portanto universal (...) ele exprime um processo comum a todos os seres humanos.”* Podemos perceber que os personagens heroicos, exceto os heróis trágicos, não possuem uma subjetividade muito grande, apenas executam tarefas e passam por etapas, logo se trata de *“um modelo impessoal (...) são imagens de processos arquetípicos, aos quais falta o modelo humano, a vida real, individual e objetiva.”* O herói ou a heroína são sempre seres humanos mas que são de uma forma ou de outra especiais. A



imagem arquetípica do herói funciona de forma a “*suprir as carências “existenciais” da comunidade ou do sujeito. Nos grandes momentos de crises e transformações culturais ou individuais, o arquétipo do herói é ativado para oferecer a comunidade ou ao homem um modelo ideal de comportamento frente a dificuldades.*”

## 2. A Bela Adormecida

O conto da Bela Adormecida trata da temática do desaparecimento de uma filha, sendo levada assim para longe de sua mãe. O nascimento da princesa acontece já em situações anormais e adversas. Uma rã (em algumas versões, um peixe) é que comunica a uma rainha que não conseguia engravidar que finalmente sua tão desejada gravidez irá se concretizar. Sobre esta rã e este anúncio miraculoso a autora Marie-Louise von Franz diz: “*O aspecto irracional do nascimento do Herói ou da Heroína é uma prova de que não se trata de seres humanos, e sim de conteúdos psíquicos.*” Mas ainda, além de ter o nascimento previsto por uma rã este ainda foi acompanhado por uma maldição lançada por uma fada má. No caso da Bela Adormecida, houve também um grande período de esterilidade pois há muito tempo a rainha desejava ter um filho e não conseguia. As condições do nascimento complicado vão fazer com que os pais (na versão dos estúdios Disney) entreguem a princesa para que as fadas a cuidem, logo esses pais vão abandonar a filha.

A maldição é lançada sobre a criança quando uma das fadas deixa de ser convidada, isso ocorre em algumas versões porque há talheres e pratos de prata insuficientes (irmãos Grimm) ou porque ela está reclusa em uma montanha há muitos anos (Perrault e possivelmente dos estúdios Disney). Pode-se notar uma tentativa de exclusão de algo que sempre retorna e então causa estragos ainda maiores, neste sentido trata-se de uma alusão a ideia de sombra da psicologia analítica, que deve ser integrada ao ego e que se deixada “de fora” ela se torna imensa, ameaçadora e devastadora. Para Henderson deve-se “*entrar em contato com o seu poder destrutivo (...) para que o ego triunfe, precisa antes subjugar e assimilar a sombra.*” Já para a autora Marie-Louise von Franz o tema da deusa esquecida refere-se a “*mulher ignorada que não suporta a situação*” e isso em nível arquetípico estaria ligado a um comportamento psicológico natural, que neste caso seria uma face do feminino, que está sendo negligenciado e esquecido.

A ideia de uma fada má é semelhante a ideia de uma madrasta já citada anteriormente. Após ser agraciada com presentes das fadas boas, figuras maternas boas, a criança recebe uma maldição da fada má, que seria o lado terrível do arquétipo da Grande Mãe. Pode-se

pensar na princesa como sendo também uma projeção humana desta fada má, a fada em si é o instinto puro, esse feminino indomável e a princesa é aquela que vai integrar este feminino e canaliza-lo.

A maldição lançada sobre a princesa é a de que ao completar 15 anos (16 anos em algumas versões) ela picará o dedo no fuso de uma roca e morrerá. Para atenuar este destino a última boa fada, que ainda não havia dado seu presente, a encanta para não morrer e sim dormir um sono de 100 anos até que um beijo doce a despertará. Diante deste destino os pais da princesa mandam queimar todas as rocas existentes no reino, esse ato pode ser visto como uma tentativa vã dos pais de evitar que a filha entre em contato com a sexualidade e assim evitar também este crescimento da filha. Para Bruno Bettelheim a tentativa de evitar a maldição está profundamente ligada ao desejo de não crescimento dos filhos pois para ele a maldição da fada má simboliza a menstruação, o “sangramento fatal”, que a menina tem uma vez chegada a puberdade.

Na versão dos estúdios Disney, a criança é entregue aos cuidados das três boas fadas para que a crie escondida na floresta, no Chalé do Lenhador, para que depois de passado o tempo da maldição esta retorne ao palácio. Nesta altura podemos identificar outra etapa do herói proposta por Campbell (apud FERNANDES), “a educação iniciativa”, onde o herói ou heroína no caso é abandonado por seus pais verdadeiros e é criado por pais adotivos que são o oposto dos pais verdadeiros. No caso da princesa que crescerá em meio ao luxo e um tanto quanto mimada pela mãe, por ser uma filha única e muito deseja, ela crescerá então em meio a floresta em um chalé simples e bastante próxima da natureza. Segundo Isabela Fernandes: “*a educação iniciativa possui as características simbólicas de um rito sagrado.*” E isto se deve ao fato de que prepara o herói para a aventura.

Apesar de todos os esforços para afastar da princesa a maldição, esta se concretiza mesmo assim, mostrando serem inúteis os esforços dos pais para evitar este encontro com o amadurecimento, mais cedo ou mais tarde essa princesa terá de morrer. Em algumas versões a princesa está andando sozinha pelo palácio e em outras (estúdios Disney) ela é hipnotizada, mas em ambas ela encontra um quartinho com uma chave na fechadura onde há uma velha senhora fiando. Segundo Bettelheim: “*um quartinho trancado costuma representar, nos sonhos, os órgãos sexuais femininos; girar uma chave na fechadura com frequência simboliza a cópula.*” É importante ressaltar o fato de que a princesa está sozinha neste momento quando sua maldição se cumpre e “*a ausência temporária de ambos os pais quando este fato ocorre simboliza a incapacidade de todos os pais de protegerem a criança*

*das várias crises de crescimento pelas quais todos os seres humanos tem de passar.*” Por mais que os pais tentem não podem evitar que a fatídica “morte” aconteça.

Aqui há uma ideia de um sono com simbolização de morte, um sono de longos 100 anos. Podemos dizer então que há da princesa, sua descida ao reino dos mortos para então renascer. Esse sono de 100 anos é uma morte simbólica que a princesa precisa passar para retornar então com uma maturidade interior alcançada. Esta morte simbólica simboliza a morte de um estado anterior infantil, é o sacrifício do “velho eu” para que possa então permitir um crescimento e um amadurecimento. *“a morte simbólica representa o despedaçamento de estágios ultrapassados do indivíduo, a superação dos desejos regressivos e dos medos que dominam o sujeito na sua passagem para o mundo adulto.”* Essa descida a morte também pode estar relacionado com a entrada em contato com o masculino inconsciente, chamado pela psicologia analítica de *ânimus*.

Quando a princesa adormece, o castelo também adormece junto e é tomado por espinhos. O despertar da princesa ocorre a partir do beijo do príncipe/ rei porém em algumas versões ele só ocorre depois de passado o período de 100 anos previstos na profecia havendo antes vários príncipes que ficaram presos e mortos nos espinhos por tentar adentrar o castelo antes do prazo determinado. Segundo Bettelheim isso significa que o despertar sexual antes do tempo de maturação terminado (simbolizado pelo sono) pode ser extremamente destrutivo. E também a autora Marie-Louise von Franz segue nesta linha ressaltando que em situações que dependem do princípio feminino o tempo é essencial e que nada deve tentar prolongar ou reduzir este tempo. O beijo do príncipe simboliza tanto o despertar sexual quanto a integração do *ânimus* por parte da princesa e assim o fim de seu processo de individuação e de sua maturação.

Mas já em relação ao príncipe em algumas versões o “final feliz” terá de ser retardado por mais algum tempo. Segundo Henderson a missão de salvar uma donzela em perigo simboliza a missão do homem de integrar sua *ânima*, feminino existente dentro da psique masculina. Na visão da psicóloga Marie-Louise von Franz o príncipe ainda não está amadurecido o suficiente em sua afetividade e virilidade para poder assumir um casamento. Em palavras da mesma: *“Ele é incapaz de afirmar-se diante do pai (...) é uma atitude de adolescente ainda enrolado nos Complexos parentais, e parece que precisa enfrentar o fogo dos combates para tornar-se enfim um homem capaz de viver feliz no casamento.”* Em todos as versões do conto o príncipe consegue superar suas dificuldades e ambos vivem felizes para sempre. Tanto o príncipe quanto a princesa neste conto passam pelo Processo de

Individuação em que cada um, de sua forma, consegue cumpri-lo e vencer as dificuldades. A mulher de forma um tanto mais passiva, feminina, sua longa morte. O príncipe mais heroico e ativo, porém igualmente complicada e enredada passagem, onde tem de enfrentar seus pais e assumir seu casamento.

**Referências:**

BETTELHEIM, Bruno, A Psicanálise dos Contos de Fadas. São Paulo, Editora Paz e Terra, 2010.

CAMPBELL, J., O Herói de Mil Faces, 1988, p. 59-101 In: FERNANDES, I. A Imagem Mítica do Herói.

FERNANDES, Isabela, A Imagem Mítica do Herói

FRANZ, Marie-Louise, O Feminino nos Contos de Fadas. Petrópolis, Editora Vozes, 2010.

HENDERSON, Joseph L., “Os Mitos Antigos e o Homem Moderno”, In: Jung et alli, O Homem e seus Símbolos. Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 2011.